



JOANNEIDA,
ou
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
POEMA EPICO.

ONS. 165. E. 2

AC 111 1113

STATE OF NEW YORK

IN SENATE
JANUARY 11, 1910

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE
DE PORTUGAL
DEFENDIDA
PELO
SENHOR REY D. JOAÕ I.
POEMA EPICO
OFFERECIDO
AO SERENISSIMO SENHOR,
D. JOZÉ
PRINCIPE DO BRAZIL
POR
JOZÉ' CORREA
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO
MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MA-
GESTADE FIDELISSIMA.



COIMBRA:
Na Real Officina da Univerfidade,
Anno de M. DCC. LXXXII.
Com licença da Real Mæza Cenforia.



DEDICATORIA.

SERENISSIMO

SENHOR

S E eu tenho a honra de
illustrar a frente do meu Poema
com o respeitavel nome de V. A.,
naõ

naõ peſſoamente a impulsos da mi-
nha vaidosa gloria; mas tambem
a beneficio da generosa benigni-
dade de V. A. Eu o faço porque
V. A. se dignou de o permittir
assim; mas nem V. A. deveria
escuzar-se de conceder-me esta
graça, nem eu poderia impedir-
me de pertendella, sendo o as-
sumpto da minha Epopéa a Li-
berdade de Portugal, e o Heróe
della o Senhor Rey D. João I.
gloriosissimo Progenitor de V. A.

A clara fama deste grande De-
fensor da Patria interessa muito
particularmente a V. A., pois que
da immortalidade della procede
huma

DEDICATORIA. vii

tuma grande parte do magestoso esplendor, que adorna a Real Pessoa de V. A., e que V. A. deve recolher a fructo principal dos illustres trabalhos daquelle Augusto Principe, que se propoz por fim da sua grande, e admiravel acção, a conservação da Corôa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, sem a qual, este não seria já mais digno de receber em si a V. A.; e eu, que tive a ousadia de santar esta grande acção, seria indigno atê de intentar a empreza, se tivesse tão baixo espirito, que podesse escolher, para authorizalla, algum

viii DEDICATORIA.

algum Mecenas, em quem não
circulasse o mesmo sangue da meu
Heróe.

A paixão pelas virtudes heroi-
cas, e o zelo da gloria nacional
forão quem unicamente me ani-
máraõ a este empenho; e os sen-
timentos, que partem destes prin-
cipios, não se desmentem ja mais
com huma lizonja vil, ou hum
sacrificio indecente. Eu offereço
a V. A. o que lhe pertense, e que
só pode pertencer particulam-
te a V. A., que são as glorias da
sua propria Caza: se ellas per-
dem alguma coisa em serem can-
tadas por mim, he só por falta
de

de talentos, e não de defejos.
Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos, e á minha Patria; e se os fructos não corresponderaõ ás diligencias, seria falta de fortuna, ou talvez culpa da minha inutilidade; mas ainda convencido desta, eu pretendendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo, que rendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias) eu devêra agora referir as excelsas virtudes; mas deixo de o fazer pelo receyo de não poder accommodar tão grande assumpto em tão pequena obra,

X DEDICATORIA,

*e pela esperança de poder ainda
hum dia cantallas mais digna-
mente. Em tanto guarde Deos
a Real Pessoa de V. A. por mui-
tos, e felicissimos annos. Coim-
bra 30 de Julho de 1781.*

Jozé Correa de Mello e Britto d' Alvim Pinto.

ADVERTENCIA.

EU não pretendo escrever hum Prologo para desculpar os defeitos do meu Poema, e menos ainda para fazer oſtentação das regras, e dos exemplos, que ſeguei na composição delle: os doutos ſabem bellamente eſtes exemplos, e eſtas regras, e pela lição do Poema he, que haõ de julgar ſe eu os obſervei, ou não; e os que os ignoraõ, não entenderiaõ o que lhes diſſeſſe ſobre o uſo delles.

O meu intento he ſõmente dar huma ſatisfação ao publico de me haver occupado em fazer verſos. Tal he a fatalidade dos tempos, que he preciso desculpar em hum, aquellas meſmas acçoens, que em outro ſerviraõ para adquirir muita gloria.

O nome de Poeta, que fez immortal a fama dos Homeros, e dos Virgilios, faz hoje vergonha a engenhos de bem inferior ordem. Coroavam-ſe algum dia os Petrarcas no Capitolio; falta hoje pouco para ſerem apedrejados nas ruas os que ſe applicaõ á Poefia.

Não ſei ſe he deſgraça da meſma arte, que tem cahido em deſcredito, ou ſe he caſtigo

stigo do abuso , que della fazem alguns dos seus Professores. He certo , que muitos se servem della para fins insignificantes , e talvez nocivos ; mas isto prova , somente a corrupção dos homens.

O ladraão , e o Viajante se costumão servir das mesmas armas ; mas este leva nellas o seu soccorro , e aquelle os instrumentos para os seus insultos. O sacco da mesma flor , que faz o mel tirado pela abelha , he veneno extrahido pela aranha.

Affim os dons das Musas , que pôdem ser inuteis , e talvez perniciosos , dispensados a genios leves , e coraçõens corrompidos , que se aproveitem delles para lisonjear a ociosidade , ou para adular o vicio , serãõ sempre interessantes , e proveitosos cada vez , que se unirem a hum espirito solido , e hum coração honrado , que os applique ao seu verdadeiro destino , que he celebrar a virtude , immortalisar as accoens illustres , ministrar exemplos aos Principes , e documentos aos Póvos.

Os sabios conhecem perfeitamente esta differença entre Poetas , e Verfejadores ; mas os sabios são o numero menor dos homens , e o resto delles presiste em considerar indistinctamente a Poesia , como huma

occu-



mo outras esperanças; que não pareciaõ en-
taõ mal fundadas.

A minha primeira vocação para o ser-
viço militar durava todã via; e sabendo
que deviaõ formar-se algumas Companhias
de Cavallaria para servir no Algarve, apromp-
tadas á custa dos proprios Capitaens, me ofe-
fereci dos primeiros, e nem assim fui despa-
chado, promettendo-se-me com tudo ou-
tra Companhia para huma das Provincias
do-Norte deste Reyno; graça porque che-
guei a beijar a mão ao Senhor Rey D. Jozé,
que Deos haja, e que da mesma sorte não
teve effeito, assim como tambem o não te-
ve outro offercimento; que fiz a S. Mage-
stade pelo mesmo apontado Ministro de ir ter-
vir em qualidade de voluntario na guerra,
que naquelle tempo ardia na Alemanha, e
para que nada mais pedis; que huma carta
de recommendação de S. Magestade.

Em fim no movimento da guerra de
1761 eu trabalhei pbr ser empregado, e me
offereci a fornecer duas Companhias de Ca-
vallaria, huma para mim, e outra para meu
Irmão, que servia Cadete, e nem entãõ fui
attendido, sendo obrigado a cedet da Com-
panhia, com que pretendia servir; para que
se verificasse a de meu Irmão.

Reti-

ADVERTENCIA. xv

Retirei-me a huma quinta, não sei se cansado, se desgostoso de pertençaens; mas o meu genio inimigo do ocio, pedia alguma occupação para as muitas horas, que me sobejavao naquella especie de solidão. Os livros me offereciã a mais prompta, e a mais agradavel, supposto o habitõ de ler, em que me achava delde os mais tenros annos; mas eu queria sómente ler para entreter-me. Li de novo os Poetas, que já tinha lido, e li todos os de que tive alguma noticia.

A doçura das Musas me interessou outra vez no seu culto, que nunca tinha de todo abandonado, e eu não podia impedir-me de fazer alguns versos; mas desejei, que o assumpto delles podesse ser serio.

Procurei na historia de Portugal huma acção digna da Epopèa, e tal me pareceo a do Senhor Rey D. João I. Trabalhei por mata-la, e quiz o meu zêlo tirar da minha mesma ociosidade algum fructo, de que podesse offerecer hum pequeno tributo à fama da minha Patria. Conheço, que vale pouco o que lhe dou; mas talvez vale menos ainda o que ella me tem dado, senão metermos em conta o premio dos trabalhos dos meus antepassados.

De qualquer sorte eu me lisonjarei sem-

xvi

ADVERTENCIA:

sempre muito de a servir, e terêi huma grande satisfação se o meu tal, qual trabalho merecer o agrado dos meus Compatriotas, desenganados de que não foi culpa minha, o que pôde parece. -des ociosidade.

JOAN.

JOANNEIDA,
OU
A LIBERDADE;
CANTO I.

ARGUMENTO.



PROPOEM-SE cantar a Liberdade de Portugal, e a gloriosa acção do Senhor Rey Dom João I. Invoca-se a protecção da Mãe de Deos, e se implora a benignidade do Augustissimo Principe do Brazil. Expoem-se o estado em que se via o reyno pelo falecimento do Senhor Rey D. Fernando; d'avidas sobre a

A

Luc.

A R G U M E N T O .

sucessão ; scisma do governo ; desordens do povo , e insolencias de Castella . Da-se contra do cerco de Lisboa , achando-se o Heróe dentro da cidade : acçoens valorozas do mesmo Heróe , e de outros cavalleiros . Entra no Tejo a armada Castelhana ; accrescenta-se o risco , e afflicção dos sitiados ; affusta-se o povo , e toda a cidade teme as consequencias de hum bloqueio completo por mar , e por terra . O Heróe anima a todos , e chama os principaes dos sitiados a conselho ; mas nada se resolve . Em tanto no celeste congresso , o Genio tutelar de Portugal implora a misericordia do supremo Deos , que benignamente o attende , lhe segura as felicidades dos Portuguezes , lhe declara os futuros successos , e lhe ordena , que desca á terra , que anime o Heróe , e lhe vaticine algumas das glorias dos que devem ser seus descendentes ; mas tudo de baixo de tal disfarce , que não seja conhecido o auncio celeste , e que o seu vaticinio possa merecer huma confiança pia ; mas não huma certeza infallivel , que tiraria o merecimento ao valor do Heróe . Disfarça-se o Genio na figura de Fr. João das Barrocas Ermitão conhecido , e respeitado pela sua virtude . Descreve-se o Ermitão ; retira-se com elle o Heróe particularmente , e lhe pede roque a Deos pelo

pelo reyno, no grave perigo, em que se acha. O disfarçado Genio lhe inspira buma grande confiança, lembrando-lhe as promessas de Deos feitas ao primeiro Rey de Portugal, lhe dá esperanças do bom successo daquella empresa, e de vir elle mesmo a ser Rey com feliz descendencia, que lhe declara, fallando em profecia de todos os Reys de Portugal, depois do Heróe até o Senhor Rey D. Jozé I. Animado o Heróe com este vaticinio se despede do Genio, acode á muralha, donde vê vir fugindo alguns dos seus obrigados da multidão dos Castelhanos. Sabe a soccorre-los, executa varias acçoens valorosas, restabelece o valor na sua gente, e prosegue a defender a cidade com maior constancia.

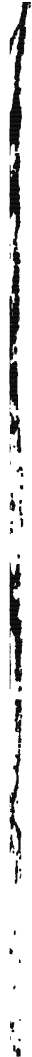
MEMORANDUM

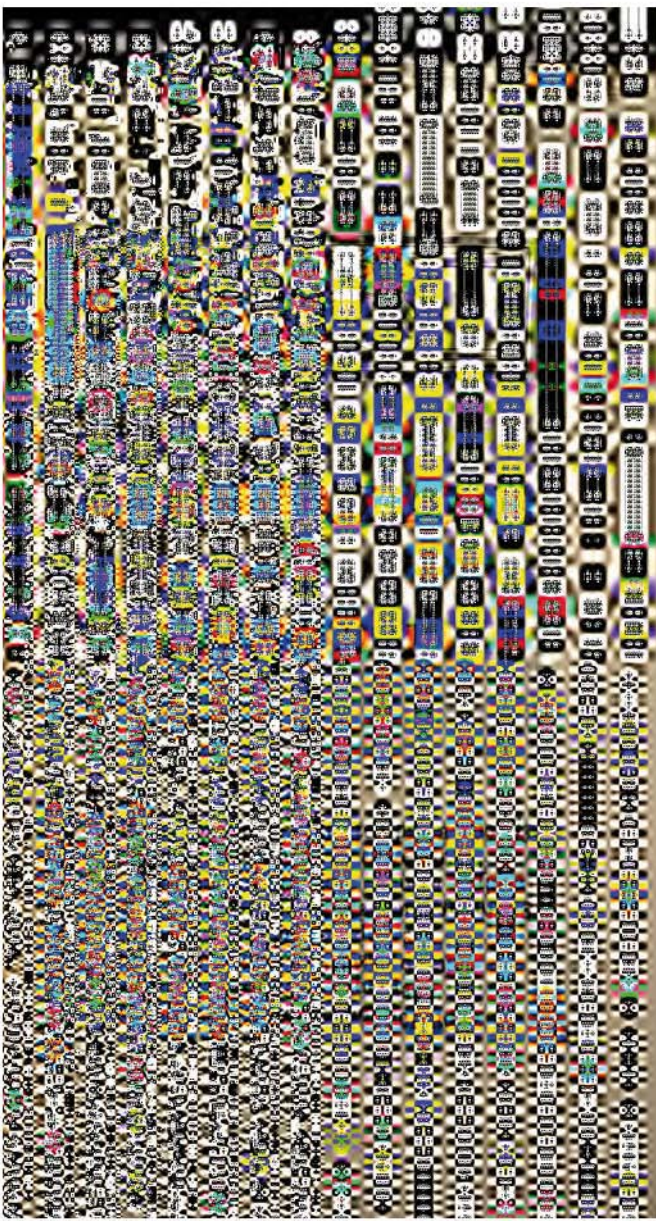
TO : SAC, [illegible]

FROM : [illegible]

SUBJECT: [illegible]

[illegible text follows]





II.

Do constante Varaõ, que á Lusã terra,
 Deu a mãõ liberal do Ceo clemente
 Para seu Defensor na dura guerra,
 Para Pay, no cuidado providente;
 O caso canto, se he que o peito encerra,
 Nos impulsos do genio impaciente,
 Taõ grande força, taõ brilhante alento,
 Que se atreva a cumprir taõ alto intento.

III.

Sacrosanta Maria, Virgem pura,
 Cofre da graça, fonte da sciencia,
 Em cujas perfeições, na summa altura,
 Parece se empenhou a Omnipotencia;
 Vós Senhora, de quem a mais segura
 Protecção goza a Lusã independencia,
 Dai com vosso favor ao meu engenho
 Auxilio, para taõ sublime empenho.

IV.

Vós me inspiras as causas soberanas
 De taõ grandes successos, taõ famosos,
 Cõmque o valor das armas Lusitanas
 Logrou da liberdade os fins ditosos:
 Declarai-me os motivos das tiranias
 Revoluções, dos odios furiosos,
 E fazei, que nas vozes do meu plectro,
 Se eternize a virtude em doce metro.

CANTO. L. 7

V.

E vós, Príncipe Augusto, em quem confia
O seu mais firme amparo a Lusã gloria,
Com quem nossa fé pura hoje alivia
Dos passados Monarcas a memoria:
Vós, de quem Portugal espera hum dia,
Nome mais claro, fama mais notoria,
Dignai-vos de me ouvir benigno, em quanto
Naõ dais materia a mais sublime canto.

VI.

Gemia Portugal em desventura,
Sem governo, e sem Rey: Morto Fernando:
Naõ deixára no reyno a forte dura
Successor verdadeiro ao regio mandó:
O zelo, a ambição, odio, e ternura
Se andavaõ mutuamente embaraçando,
E entre as vozes da honra, e da cobicia
Se perdia igualmente a da justiça.

VII.

Cada qual ser juiz da regia herança
Presumia atrevido, e sem respeito,
E frustrada das leys a segurança,
A propria inclinação era o direito:
Huns move do interesse a vit lembrança,
Outros do patrio amor o doce effeito,
E na triste disputa, o povo insano
Formava a confusão, o horror, o damno.
A vin-

VIII.

A vingança, a cobiça, o desacato
 Discorriaõ sem freio livremente;
 Igualmente sentia o fero trato
 A vida do culpado, e do innocente:
 Tudo devasta o horrído aparato
 Da furia nacional indignamente;
 O sacerdote, as virgens, os altares
 Nada escapa das iras populares.

IX.

Por outra parte as armas Castellhanas
 Na raiva ardente da vingança accensas
 Abrazaõ todo o reyno em deshumanas
 Impiedades, insultos, e crueldades,
 Tiram-se as vidas com acçoens tiranas,
 Sacrificam-se as honras ás torpezas,
 E até os simulacros mais sagrados
 Saõ com despreso infame injuriados.

X.

Crescia a confusãõ, crecchia o susto
 No scisma do governo desgraçado;
 Aquelle approva, o que este chama injusto;
 O que este segue, o outro chama errado:
 Todos tem o seu voto por mais justo,
 E sendo o reyno em sangue já banhado,
 Ninguem sabe de certo em tal perigo,
 Quem seja o proprio Rey, quem o inimigo.

CANTO I.

9

XI.

João, de Portugal Defensor forte
Por emprego, por honra, e por affecto,
A quem os riscos da inconstante forte
Já mais mudar poderão de projecto;
Entre tanta ruina, e tanta morte,
Impávido sustem, com firme aspecto,
Nos hombros da constante heroicidade,
As reliquias da antiga liberdade.

XII.

Qual o bravo leão, que vê cercados
Os outeiros de armados caçadores,
Os ouvidos feridos, e atoados
De alaridos, ruidos, e clamores:
A pesar dos insultos declarados,
A pesar das imagens dos horrores,
Descobre a frente altiva, e sem receio
Já mais altera o placido passeio.

XIII.

Tal o varão constante os horrores
Ameaças, e riscos observando,
No poder dos contrarios orgulhosos,
E desordem do povo miserando,
A pesar dos perigos espantosos,
A pesar do trabalho mais infando,
Já mais altera o firme pensamento
De sustentar do trono o luzimenso.

Via

XX.

De diversas insignias adornados
 Diversos estandartes se divizaõ,
 Quaes ferozes leões mostraõ pintados,
 Quaes dourados castellos simbolizaõ.
 Alli vaõ huns de cruzeis matizaõs,
 Outros, que de roeas se matizaõ,
 E entre tantas divisaõs Castelhanas,
 Vaõ tambem tremulando as Lusitanas.

XXI.

Tambem as nobres Quinas Portuguezas
 Se vem luzir no campo dos contrarios,
 Que do seisma fatal as incertezas
 Fazem na mesma gente effeitos varios.
 Oh dor! oh pafmo! oh feras naturezas!
 Que nos riscos da patria necessarios
 Sejaõ seus mesmos filhos inimigos.
 Instrumento cruel dos seus castigos.

XXII.

Mas ja com furia horrivel vem marchando
 Do campo Castelhana huma partida,
 Na arrogancia das vozes publicando
 A soberba, que ao genio traz unida;
 A's portas se encaminha, que tomando
 A fama de Agostinho esclarecida,
 Do seu nome conservaõ na memoria
 Segura proteccaõ, defenza, e gloria.

Def.

XXIII.

Destas portas os Castros têm a guarda,
 Dos grandes Vasconcellos assistidos,
 A cada qual parece já que tarda
 A furia dos contrarios atrevidos:
 E porque talvez vem, que os acobarda
 O respeito dos muros defendidos,
 Delles se apartaõ com galhardo alento
 A domar-lhe no campo o atrevimento.

XXIV.

Já das lanças erueis as hãstas leves
 Saltando pelos ares vaõ rugindo,
 Das espadas os golpes saõ taõ breves,
 Que hum dos outros parecem vir partindo.
 Quaes no frio Janeiro as brancas neves
 Em continuo chuveiro estaõ cahindo,
 Taes das Lusas espadas fulminantes
 Chover parecem golpes incessantes.

XXV.

Cobre-se a terra de cortadas pãças
 De escudos, elmos, peitos, e lorigas,
 Nas carnes defarmadas, mais impressas
 Se vem da ira as barbaras fadigas;
 Das hervas mais crescidas, mais espessas
 Inunda o fangue as folhas, e as espigas;
 Armas, plumas, cavallos, cavalleiros
 Todos saõ na raiã çompanheiros.

Cede

XXVI.

Cede a turba Hiberina á furia ardente
 Dos Portuguezes valorosos braços ,
 Abatida a arrogancia torpemente ,
 Vai mudando em lamento os ameaços :
 Alguns da vida os fios tristemente
 Cortados perdem nos primeiros passos ;
 Os que podem fugir , já sem concerto
 Procuraõ salvação no campo aberto.

XXVII.

Cada qual do caminho se aproveita ,
 Que prompto lhe ministra o medo triste ;
 Ninguem dos capitaens a voz respeita ,
 Nos mesmos capitaens o fusto insiste :
 He geral a defordem da desfeita ,
 Arelhano sómente ainda resiste ;
 Mas se evita a vergonha da fugida ;
 A liberdade chora alli perdida.

XXVIII.

Era Arelhano illustre cavalleiro ,
 Nas tropas Hespanhollas respeitado ,
 Arrogante de génio , mas guerreiro ,
 Nas palestras de Marte exercitado ;
 Valente se mostrára no primeiro
 Impulso do combate arrebatado ,
 Mas Diogo , que Esteves se appellida ,
 Lhe fez render as armas pela vida.

Recor

XXIX.

Recohem-se á cidade os valorosos
Defensores das portas, sem ruina;
Mas da parte do mar, com horrorosos
Alaridos, a gente se amotina;
Lançam todos os olhos cuidadosos
A' corrente do Tejo cristalina,
E de inimigas velas vem coberto
O rio todo com cruel concerto.

XXX.

Qual na brava silveira entrincheirado
O matador de Adonis dekemido,
Que de caens, e monteiros vê cercado
Todo o espaço do monte conhecido;
Dos clamores das gentes alterado,
Dos ladros dos sabujos confundido,
Em roda observa todo o abrigo occulto;
E em toda a parte nota o mesmo insulto.

XXXI.

Taes os valentes Lusos entre os muros
Cercados do poder de toda Hespanha,
Notando estaõ com olhos mais seguros
O tumulto fatal da gente estranha;
Ouvem do tambor rouco os ecos duros,
Que o clamor das trombetas acompanha,
Acodem á muralha, e em toda a parte
Vem presente o furor do irado Marte.

Por

16 A LIBERDADE.

XXXII.

Por mar, por terra as armas Castelhanas
Ameaçã ruínas, e castigos,
O povo se horroriza das tiranas
Repetidas imagens dos perigos:
Já não temem sómente as deshumanas
Consequencias dos golpes inimigos;
As ideas da fome, e da miseria
Lhe dão para o temor maior materia.

XXXIII.

Naõ era ainda a falta de alimentos
Sensível neste tempo, porque havia
Na cidade bastantes mantimentos
Para a gente cercada; mas fazia
Despertar taõ funestos pensamentos
O bloqueio completo, em que se via
Por mar, e terra a gente miseravel
Rodeada de força insuperavel.

XXXIV.

Anima o Heróe o povo, e com cuidado;
A conselho convoca os companheiros,
A quem expoem, com gesto socegado,
Toda a força dos riscos verdadeiros:
Pondera na cidade o triste estado,
De hum longo cerco os damnos mostra inteiros,
E pede a todos, que com zelo puro,
Discorraõ no remedio mais seguro.

Cada

CANTO I 17

XXXV.

Cada qual no remedio disceorria ,
Segundo o proprio genio lhe inspirava ;
Hum foccorros estranhos pertendia ,
Outro concertos vaons premeditava :
Algum , que do furor só se regia ,
Huma acção decisiva aconselhava ,
E perdidas as horas na disputa ,
Se dissolve a assemblea irresoluta.

XXXVI.

Em tanto , lá no Olympo luminoso ,
Onde quiz a suprema Omnipotencia
Edificar hum trono magestoso ,
Posto que immensa seja por essencia ;
Onde assistem , com culto obsequioso ,
Os ministros da summa Providencia ,
Promptos para cumprir a toda a hora ,
As ordens do Senhor , que o mundo adora.

XXXVII.

Este Senhor Supremo , Omnipotente ,
Grande Deos , Infinito , Inexplicavel ,
Terrivel , Forte , Sabio , providente ,
Bom , Benigno , Fiel , Piedoso , Amavel ;
A cujo summo arbitrio esta presente
Quanto alcança do tempo o curso instavel ,
Desde o solto luzente os olhos puros
Inclinou de Lisboa aos tristes muros.

B

Vio-os

XXXVIII.

Vio-os todos cercados de inimigos,
 Que a sua perdição soberbos jurão;
 Vio por dentro misérias, e perigos,
 Que a ruína fatal mais lhe asseguraõ:
 Conhecia a justiça dos castigos,
 Que as feas culpas da nação apuraõ;
 Mas movido da dor de tantos damnos,
 Já compassivo olhava os Lusitanos.

XXXIX.

O Genio tutelar da Lusa terra,
 Que vio propicio ao rogo o Deos piedoso,
 Animado do zêlo, que se encerra
 No sacro ministerio cuidadoso,
 Depois que o tanto susto em fim desterra,
 Que lhe motiva o Numen magestoso,
 Desta sorte lhe falla reverente
 Postado aos pés do trono refulgente.

XL.

Eterno Deos, a cujo acêno treme
 O ceo, a terra, o mar, e o mesmo inferno,
 Cujó sagrado nome adora, e teme
 Todo o Orbe em respeito sempiterno,
 Bem vês, Senhor, o como afflicto geme
 O povo, que entregaste ao meu governo,
 Se he teu gosto tal vez, que se destrua,
 O teu justo designio se conclua:

Mas

CANTO I.

49

XLI.

Mas se acaso, Senhor, os seus peccados
 Não tem frustrado as altas esperanças,
 Que na ordem dos seus illustres factos
 Lhe prescreveste de immortaes bonanças;
 Se acaso neste povo executados
 Não de ser com ditosas seguranças
 Os prodigios illustres, que em Ourique
 Aseguraste ao suocessor de Henrique?

XLII.

Se não de ser deste sangue descendente
 Os que o teu santo nome respeitavel
 Não de levar a climas differentes
 Com zelo do teu culto incomparavel,
 Se os paizes occultos ás mais gentes
 Não de calcar com fama inimitavel,
 Para serem ditosos instrumentos
 Dos teus pios, e justos documentos?

XLIII.

Se ha de ser este reyno o teu Imperio,
 Separado do resto das Hespanhas,
 E por prova da fé deste misterio
 Lhe fizeste obrar tantas façanhas?
 Se o pezo facudir do jugo Hiberio
 Lhe ordenaste na face das campanhas,
 Como agora, Senhor, em tanto damno
 Lhe falta o teu socorro soberano?

B 2

Ah!

XLIV.

Ah! não permita a tua providencia
 Deixar tantos prodigios mal logrados ;
 Se tu es immutavel per essencia ,
 Não podem teus designios ser mudados.
 Promessas são da tua omnipotencia
 Desta gente os progressos sublimados ,
 Ampare já , Senhor , teu braço forte
 Os que destinas a tão alta sorte.

XLV.

Ouvio o Pay Supremo o rogo attento
 Do sacro Paraninfo cuidadoso ,
 E com vulto sereno , que o tormento
 Do mesmo abismo convertera em gozo ,
 Enchendo os Ceos de novo luzimento
 Na alegria do gesto magestoso
 Lhe responde benigno , e focogado
 Com patentes finaes de novo agrado.

XLVI.

Não temas , não dos teus a forte dura ;
 Provas são do valor essas fadigas ,
 Com que a Lusã naçaõ a gloria apura
 Da fama illustre das acçoens antigas ,
 Os mimos indultos da ventura
 Não lhe offendem as armas inimigas ;
 Immutaveis estão ao reyno unidos
 Os fados , que lhe foraõ promettidos.

CANTO DE A B

XLVII.

E porque melhor vejas se propicio
Attendo aos teus amados Lusitanos,
Vê, lhe diz, effe livro, onde o exercicio
Lerás das gentes dos vindouros annos;
Nisto lhe abre, com alto beneficio,
O livro sacrosanto dos arcanos,
Onde em letras de luz se vem impressos
Dos incertos futuros os successos.

XLVIII.

Vê, diz, e agora parte diligente
A esforçar o Varão, que o povo alenta;
Dissipa-lhe o cuidado, e cautamente
Da victoria a esperanza lhe acrescenta,
Dos futuros successos juntamente
Hum breve vaticinio lhe apresenta;
Mas de sorte, que possa esta esperanza
Dar-lhe alentos, não dar-lhe segurança.

XLIX.

Que se o valor humano for seguro
Do contingente risco dos successos,
Na ditosa certeza do futuro,
Pouco podem valer os seus progressos.
Anime o Defensor o peito puro,
Os favores do Ceo conheça expressos;
Mas o nuncio celeste não conheça,
Porque se alente, e não se desvança.

Disse;

L.

Disse, e sem mais demora o Génio parte,
 E com vôo feliz á terra desce,
 Que do estrondo fatal do irado Marte,
 Parece, que se abála, ou que estremece;
 Alli melhor Protheu, com melhor arte,
 Mudada a fôrma, as luzes escurece,
 E em observancia da divina norma
 No vulto de Barrocas se transforma.

LI.

Era Barrocas hum varão famofo
 Em Virtudes, no reino conhecido,
 Que habitando de hum ermo o mais fragoso,
 Era na corte com assombro ouvido.
 Poucas vezes largava o sitio umbroso,
 Onde passava os annos escondido;
 E se vinha á cidade, era constante
 Ser para avizo a todos importante.

LII.

De hum grossô, è roto manto mal talhado
 Os penitentes membros abrigava,
 Da barba intonsa o pelo dilatado
 Ametade dos peitos lhe bordava:
 Curvado o corpo, o rosto descarnado
 De veneraveis cans a fronte ornava;
 Hum bordão, humas contas, hum livrinho
 Era todo o seu moveel, todo o alicho.

LIII.

Esta mesma figura o Genio adopta
 O mesmo tom de voz , o mesmo estilo ;
 O mesmo inculco adorno alli se nota ;
 Ninguem póde do proprio distinguillo :
 Concorre o povo em confuzão devota
 A ver Barrocas , a tratallo , e ouvillo ,
 E entre applauso , esperanças , e embaraço
 O levaõ de Joã ao alto paço.

LIV.

Era pio o Heroe : recebe affavel
 Nos braços o fingido Anacoreta ,
 E humilhado á virtude respeitavel
 Lhe beija a pobre manga da roupeta ;
 Mas depois que no agrado incomparavel
 A publica attenção julgou completa ,
 O conduz com suave , e breve giro
 Ao mais occulto , interior retiro.

LV.

Alli com pia fé do peito afflicto
 Lhe communica todos os cuidados ;
 Em que fluctua o coração invicto ,
 Na funesta oppressão dos sitiados
 Supplica-lhe , que alcance do infinito
 Poder de Deos com rogos porfiados
 Soccorro a tantos damnos ; se são certas
 As promessas a Affonso descubertas.

LVI.

As promessas de Deos são infallíveis,
 Lhe diz o sacro Genio disfarçado;
 Mas na esfera confusa dos possíveis
 Nada alcança o juizo limitado;
 Talvez nos mais funestos, mais horríveis
 Successos, que lamenta o nosso enfado,
 Fabrica a mão de Deos Omnipotente
 A gloria mais feliz, mais permanente.

LVII.

Não te affustem os feros ameaços
 Da guerra dura, da miseria triste;
 No desprezo dos grandes embaraços
 O valor verdadeiro só consiste:
 A palavra de Deos te anima os passos;
 No teu projecto firmemente insiste,
 E verás o rigor mudado em gloria,
 Premiado o trabalho na victoria.

LVIII.

Verás o mesmo Rey, que agora a lança
 Brandindo está feroz para a conquista,
 Buscar do proprio folio a segurança
 Nos mesmos laços da alliança mista:
 Duas irmans, que da paterna herança
 O cuidado trará de Hespanha á vista,
 Verás huma da tua escolha abono,
 Outra firmeza do contrario trono,

Famo-

N
S
P
D
F
N
P
H

CANTO I.

25

LIX.

Famosa descendencia te assegura
Este illustre Hymeneu, que o Ceo prepara ;
Se não he illusão da idéa escura
O que julgo favor da luz mais clara ;
Europa toda vejo, com fé pura,
O joelho dobrar á prole chára ;
Mas deixando os estranhos principados,
Dos Lusos só direi os mais chegados.

LX.

Hum constante Duarte o Ceo destina
A succeder no trono restaurado,
Que com raras virtudes illumina
A breve afflicta esfera do reinado ;
Frustrar-lhe alguns projectos determina
Talvez a força do immutavel fado ;
Mas por premio das grandes qualidades,
Lhe dará fama illustre nas idades.

LXI.

Nem menos conhecidos nas historias
Seraõ dos quatro irmaõs os nomes claros ;
Pedro, Joaõ, e Henrique nas memorias
Dos successos de Marte mais preclaros,
Fernando, se não já nestas victorias,
Nos triunfos da fé não menos raros ;
Pois das breves caducas esperanças
Há de formar eternas seguranças.

Acaba-

LXVIII.

Mas não será só de ouro a copia rara,
 O mais illustre dom da mão suprema
 Nas prendas dos vassallos lhe prepara
 A summa providencia a gloria extrema;
 Heróes de toda a classe a Lizia clara
 Então produzirá, que em nobre emblema
 As virtudes dos Gregos, e Romanos
 Não de mostrar nos peitos Lusitanos.

LXIX.

Outro novo Jason, outros famosos
 Argonautas espera aquella idade,
 Outros Manlios não menos gloriosos,
 Fabricios, Scipiæens de mais bondade,
 Nem sómente nas armas preciosos
 Estes tempos feraõ, na suavidade
 Hum Homero teraõ, que cante a brados
As armas, e os varoens assignalados.

LXX.

Outro Joaõ do reino a redea dura
 Regerá felizmente, e no cuidado
 Do culto pio, da sciencia pura
 Será com justa causa acreditado;
 Protegendo das letras a cultura,
 Não vivirá das armas descuidado,
 E por seus capitaens fará patente
 O seu nome na Asia, e Libia ardente;

Este

LXXI.

Este verá do filho as esperanças
Em flor cortadas; mas o neto egregio
O trono ha de occupar, e as conhaças
Da Lúia animará no vulto regio;
Se a virtude podesse as seguranças
Aos seus alumnos dar por privilegio,
Sebastianó, no templo da memoria
Lograria de todos a victoria.

LXXII.

Mas nem sempre a fortuna favorece
As illustres virtudes, nos castigos
Talvez a mão de Deos se reconhece
Opprimir mais pezada os mais amigos;
Não porque menos justa nunca cesse
De premiar os bons; mas nos perigos
Purifica, talvez com mais cuidado,
Os que destina a mais brilhante estado.

LXXIII.

Aqui hum pouco o Genio suspendido
A narraçãõ cortou, e hum breve espaço
Os olhos para o ceo havendo erguido
Parecia sentir forte embaraço;
Joãõ lhe insta com rogo repetido,
Que dos presagios não altere o passo;
Porque o peito constante tem disposto
A soffrer igualmente a pena, e o gosto.

LXXIV.

Não intentes , o Genio entã responde,
 Ouvir dos teus a mais fatal ruina ,
 Que em distancia confusa o tempo esconde
 A' justa dor , que o sangue te destina ;
 Mas se o valor no peito corresponde
 A' constancia , que o gesto te domina ,
 Onve , e verás com quanta congruencia
 Observa o tempo as leys da Providencia.

LXXV.

Decimo sexto Rey da Lusa terra
 Sebastião será ; na fatal conta
 Quanto funesto risco o fado encerra ,
 De Ourique o vaticinio claro aponta ,
 A Libia ardente vejo em triste guerra ,
 A' Lizia preparar eterna afronta ,
 E a próle Regia alli attenuada ,
 A palavra de Deos executada .

LXXVI.

Perde-se hum grande Rey , e quasi extinto
 Do grande Affonso a Lusa descendencia ,
 Mais a magoa da perda se requinta
 No imminente receio da violencia ,
 E bem que o sacro emprego mal confinta ,
 Que Henrique próle espere com decencia ,
 No trono fará ver equivocada
 A purpura real com a sagrada.

Este

LXXVII.

Este será da Lusá varonia
 A ultima reliquia, e brevemente
 Na triste servidão da tirania
 Gernerá Portugal affictamente:
 Doze lustros suppressa a Monarchia
 O jugo soffrerá da Hiberia gente,
 E sobre os altos peitos Lusitanos
 Reinarão tres Filippes Castelhanos.

LXXVIII.

Mas o tempo virá, que satisfeita
 A justiça Divina, o alto indulto
 Da primeira promessa a Affonso feita
 Cumprido mostrará com firme vulto;
 Os olhos outra vez na prole eleita
 Porá o Deos supremo, e o regio culto
 Restituído á Lusitana gente
 Será com fama eterna illustremente.

LXXIX.

Outro Joaõ da Lusá liberdade
 Restaurador será, que de Bragança
 No sangue illustre a regia Magestade
 Conservará de Affonso sem mudança:
 Este do trono a antiga dignidade
 Renovará com rara confiança,
 E será o seu nome respeitoso
 Conhecido no mundo por ditoso.

Affon-

LXXX.

Affonso, e Pedro successivamente
 O trono occupará, ambos famosos,
 Hum nas victorias da Hiberina gente,
 Outro nos dons da paz sempre formosos;
 Felices ambos, se a discordia ardente
 Lhe não manchar os peitos generosos;
 Porém sempre felices no destino
 De confundir a furia do Hiberino.

LXXXI.

Outra vez de Joab o nome egregio
 O solio adornará de illustre gloria,
 Que nas prendas reaes, no vulto regio
 Será eterno emprego da memoria;
 Este o Ceo com distincto privilegio,
 Guarda para esplendor da Lusã historia,
 E no seu tempo, as artes, e sciencias
 Animará, com altas influencias.

LXXXII.

Os aureos fructos de huma paz formosa
 Encherá de abundancia aquella idade,
 E á sombra da opulencia delectosa
 A industria crescerá com liberdade;
 Cultivada a fereza bellicosa
 Nos dictames civis da humanidade,
 Fará luzir na gente Lusitana
 O valor, e a policia da Romana.

Famo-

LXXXIII.

Famosos Templos, nobres edificios,
Equipagens pompofas, moveis raros
Seraõ naquelles feculos propicios
Do gofto da Naçaõ effeitos claros:
Das campinas os mefmos frontefpicios
Menos rudes feraõ; pois nos preclaros
Cuidados da feliz agricultura
Trocarã os espinhos em verdura.

LXXXIV.

No mefmo tempo a fabia providencia
Do grande Rey, no culto da justiça,
No respeito das leys, na reverencia
Dos fagrados myfterios mais fubmiffa,
Nos premios da virtude, e da sciencia;
Nos castigos da fraude, e da cobiça
Mais illuftre fará, mais preciofa
Aquella idade fempore venturofa.

LXXXV.

Nem das armas a fama efclarecida
Defprezada será do Rey potente,
A soberba Othomana confundida
Verá o mar Eggeo por fua gente:
Corfû vingada, Italia foccorrida
Seraõ padroens da gloria permanente;
Que logrará o nome respeitavel,
Ou na paz, ou na guerra, fempore amavel.

A LIBERDADE.

LXXXVI.

Jozé do Patrio Trono o augusto, assento
Illustrará de novos esplendores,
Fabricando no Regio pensamento,
Para o Luso governo, as leys melhores,
A Policia civil, o Regimento
Das gentes militares, os maiores
Projectos do Commercio, e da Cultura
Seraõ do seu cuidado empreza pura.

LXXXVII.

Novas fabricas, novos exercicios
Da nacional industria aquella idade
Logrará nos augustos beneficios
Da Regia providente authoridade;
Da lan, da seda os varios artificios,
Dos bornidos metaes a claridade,
Do barro, e da madeira os nobres usos
Seraõ vulgares nos dominios Lufos.

LXXXVIII.

Famofas, opulentas companhias
Pela mão do governo reguladas
Mostraraõ do commercio as primazias
Dos seculos antigos ignoradas,
Do ocio, e da avareza as vans porfias
Seraõ a fim mais util destinadas;
E facudindo jugos encobertos
Provaraõ do negocio os lucros certos.

Neste

LXXXIX.

Neste tempo outra vez a paz serena
 Perturbada será na Lusã terra,
 E mudado o exercicio, o Ceo ordena,
 Que se deixe a lavoura pela guerra,
 O desuso fará mais grave a pena,
 Que na furia inimiga o susto encerra;
 Mas será breve o termo do castigo
 Conhecido sómente no perigo.

XC.

Extincta a guerra, novas providencias
 Dará Jozé á patria segurança,
 Prevenindo o rigor das contingencias
 Desde o seyo suave da bonança:
 Rico Erario com promptas diligencias
 Formará contra os riscos da mudança,
 E nas praças, nas armas, e na gente
 A força augmentará o Rey prudente.

XCI.

O Ceo lhe nega o gosto appetecido
 De próle varonil, mas bem segura
 A memoria do tronco esclarecido
 Na Filha illustre, e pio Irmao se apura:
 Neste Conсорcio felizmente unido
 O sangue Portuguez em liga pura
 Novas luzes prepara ao trono regio
 Nos primores do fructo mais egregio.

XCII.

Larga materia resta á Lusã gloria
 Nos successos futuros; mas bastante
 Tens ouvido de mim para a victoria
 De hum timido receio vacilante:
 Aníma o peito, e guarda na memoria
 Do certo vaticinio a luz brilhante,
 E na fé de taõ altas esperanças
 Não te acobarde o fusto das mudanças.

XCIII.

Deos te destina para o trono Lusõ;
 Por altas permissõens da Providencia;
 O juizo dos homens he confuso
 Para ver as razõens da Omnipotencia.
 Não te creias injustamente intruso
 Na distincção da Regia preminencia;
 Deos he Senhor dos Reynos; repartillos
 Elle só pôde, pôde dividillos.

XCIV.

Do grande Affonso nõta o caso raro,
 Exemplo encontrarás desta verdade,
 O Ceptro lhe negava o mundo avaro,
 Deos lho deu com suprema authoridade:
 Filhos tinha Saul, em quem bem claro
 Era o direito á Regia Dignidade;
 Mas na mente Divina era primeiro
 David estranho. ou Josapheth herdeiro.

Quar-

XCV.

Quando a ordem dos Ceos se não conhece ;
Faz a justiça humana regra certa ;
A quem deve ceder todo o interesse ,
Com submissão fiel , e descoberta ,
Que se esta ley geral se preverteffe ,
Teria as traiçoens a porta aberta ;
Mas quando Deos declara o seu intento ,
Ha de ser cego o nosso rendimento .

XCVI.

Elle te fará ver distinctamente
Do seu deignio as puras influencias ,
Não só no ardor da Lusitana gente ,
Mas em prodigios de altas evidencias ;
Antes que o Reyno , em fórma competente ;
Te offereça do Solio as preminencias ,
Acclamado serás Rey Lusitano
Pela voz da innocencia em culto ufano .

XCVII.

Então o Luso Ceptro sem receio
Aceitar poderás : agora aprende
A saber merecello ; pois por meio
Dos trabalhos a gloria se pertende .
Disse , e deixando o Heróe de assombros cheio
Das cousas , que ainda bem não comprehende ,
Delle se aparta , dando-lhe a certeza
De encommendar a Deos aquella empreza .

Anti-

XCVIII.

Animado ficou de hum novo alento
 O valoroso Heróe ; no seu semblante,
 Se diviza com claro luzimento
 De huma firme constancia a luz brilhante ;
 Infunde o seu aspecto atrevimento
 No peito mais mortal , mais vacilante,
 E dos olhos parece , que fulmina
 Ardentes raios de huma luz Divina.

XCIX.

Neste estado apparece aos companheiros ;
 Com elles corre sobre os altos muros ,
 Influindo nos animos guerreiros
 Novo espirito , alentos mais seguros.
 Fugindo vinhaõ varios cavalleiros
 Do Castelhana ferro aos golpes duros ;
 Mas do claro Varaõ basta a prezença
 Para animar os Lusos á defença.

C.

Elle accode com prompta providencia
 A suspender as furias inimigas ,
 E renova com brava diligencia
 A perdida constancia das amigas :
 Elle inspira nos seus a competencia ,
 Desprezando trabalhos , e fadigas ;
 Elle busca os contrarios mais famosos ,
 Que intimida com golpes furiosos.

A's

CI.

A's suas mãs perdeu a triste vida
O valente Pantoja, o bom Guevára;
Com Lozada arrogante; e mal ferida
A cabeça, de hum golpe, não repara
Em fugir Espinoza; nem duvida
Gusmão fazer o mesmo, a quem tocára
Igual forte no damno, recebendo
No belicozo braço hum golpe horrendo.

CII.

Affim cheio de gloria, e de esperança
Se recolhe á cidade, affim alenta
Dos cercados varoens a confiança,
Do consternado povo a dor violenta;
Affim guarda com firme segurança
Os confiados muros, onde ostenta
Cada dia com zêlo duplicado
Mais valor, mais prudencia, e mais cuidado.

FIM DO CANTO I.

CC

10/10/10

10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

A LIBERDADE

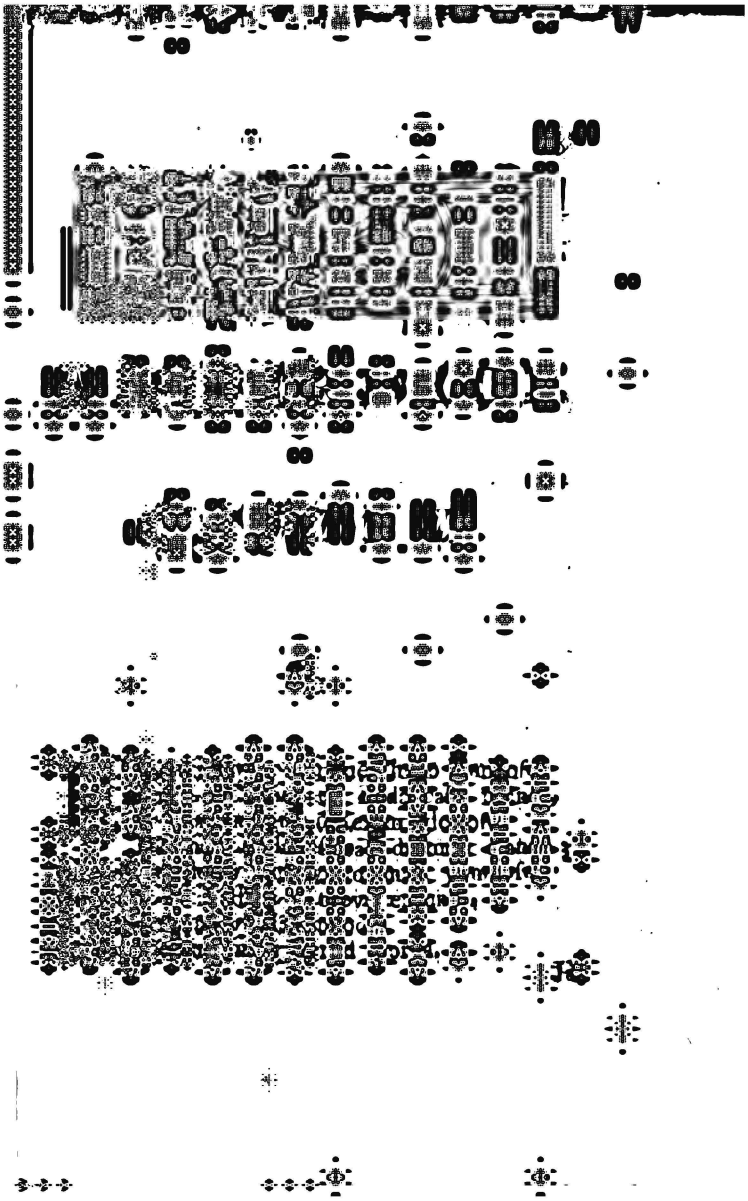
CANTO II.

ARGUMENTO.



DEPOIS de tres mezes de cerco, sem que os sitiados desmaiassẽm do primeiro ardor, principiavaõ os Capitaens Castelhanos a cançar-se desta guerra; e o mesmo Rey desgostoso do pequeno progresso das suas armas, da notoria aversãõ dos Portuguezes, da inconstancia da Rainha sua Sogra, e de alguns acontecimentos, que a vulgar credulidade julgava presagios funestos, e affustado das brilhantes acçoens do Defensor de Portugal, principiava a affrouxar nas suas iras, e já cogitava de algumas propostas suaves para se tratar a paz; quando no Inferno o Principe das Trevas indignado contra os Portuguezes por antigos aggravos, e receozo das promessas feitas ao Senhor Rey D. Affonso Henriques, pertende

de fazer continuar a guerra , e arruinar o Trono de Portugal. Prática de Luzbel aos génios infernaes ; duridas de Asmodeo ao projecto de favorecer aos Castelhanos , sendo Christaons , resposta de Luzbel. Vaõ com effeito as Furias infernaes fazer todo o mal possível aos Portuguezes , e huma dellas em sonhos , incita o Rey Castelhana a proseguir a guerra com maior fervor. Chama-se Rey a Conselho de Guerra , expondo o sonho ; pareceres do Conde de Barcellos , e de outros Capitaens , voto de Vallasco ; resolução da Rey. Ataca-se huma partida de Portuguezes , que se acha fóra da Cidade , que cede com effeito ao maior numero , e se retira aos muros ; mas o Defensor os obriga a voltar aos inimigos , que se lizonjeavaõ de tomar a Cidade. Atéa-se novamente a contenda , que dura todo o dia , e a noite aparta , e não decide a disputa.



II.

Já tres vezes a filha de Latona
 Mostrado tinha á terra o vulto inteiro;
 E outras tantas do ardor, que a luz lhe abona,
 Occultára o reflexo lisongeiro,
 Depois que a furia horrivel de Belona
 Intimava á Cidade o som guerreiro,
 Sem que no espaço de tão largos dias
 Desmaiassem as Lusos ousadias.

III.

Rebatidos das forças Lusitanas;
 E da sorte contraria fatigados,
 Os capitães das armas Castelhanas
 Os peitos já mostravaõ quebrantados;
 Do mesmo Rey as iras inhumanas,
 Os primeiros impulsos, e cuidados
 De vingança, mais brandos pareciaõ,
 Ou nas sombras do fulto se escondiaõ.

IV.

Elle via dos Lusos a firmeza
 Cada vez mais constante, o zêlo puro
 Da liberdade, e gloria Portugueza
 Cada dia mais vivo, e mais seguro;
 Elle via o valor, e fortaleza,
 A prudente conduta, e braço duro
 Do grande Defensor acreditar-se
 Nos successos, crescer, e confirmar-se.

CANTO II.

V.

O desprezo da morte, que ostentava
Nas continuas fortidas, que fazia
O Valoroso Heróe, a furia brava
Dos seus golpes, o susto, que infundia
O seu nome, o respeito, que lograva
No poço Portuguez, tudo abatia
O primeiro fervor do Rey tirano,
Que já temia o ferro Lusitano.

VI.

A deserção, que via tristemente
Grassar no seu partido, o delamparo
De muitos, de quem foi primeiramente
Acompanhado no projecto avaro,
Das Provincias o estillo inconsequente
A fatal averção, ou odio claro
Da Nação nos temores mal segura
Tudo suas idéas desfigura.

VII.

A mesma sógra, a mesma, que fizera
Tantas queixas da gente Lusitana,
Que incitára, apressára, e promovera
Os progressos da tropa Castelhana,
A mesma, que aruina pertendera
Do Defensor, que a culpa mais tirana
Lhe imputava, e pedia o seu castigo,
O tratava de injusto, e de inimigo.

VIII.

Esta mesma, depois arrependida
 Do primeiro projecto, e desgostosa
 Da conduta do genro, ou dissuadida
 Da justiça da filha duvidosa,
 Com patentes insultos offendida
 De hum desterro, e prizaõ injuriosa,
 A liberdade patria desejava,
 E já do Defensor o nome honrava.

IX.

O Ceo mesmo, parece que empenhado
 Em favor dos altivos pensamentos
 Da gente Portugueza, o Rey turbado
 Com presagios affusta, com portentos:
 No conceito do povo alvoroçado
 Tem mais lugar aquelles sentimentos;
 Mas no peito de hum Rey talvez assiste
 Hum coraçãõ vulgar, hum genio triste.

X.

He fama nas memorias conservada
 Dos antigos annaes, com fé constante,
 Da tradiçãõ das gentes abonada,
 Entre os ecos do tempo mais distante,
 Que intentando na fôrma praticada
 Pelos Lusos, em caso semelhante,
 Acclamar-se a Raynha de Castella,
 Com publico pregaõ, por mais cautella.

No

XI.

No tempo, em que o ministro a passo brando
 Por entre o povo vario se encaminha,
 E grita alegremente a voz foltando,
Portugal, Portugal pela Raynha,
 Huma tenra menina, levantando
 A cabeça no berço alli visinha,
Portugal, Portugal, diz duas vezes,
Pelo Rey D. Joaõ dos Portuguezes.

XII.

E sendo em varias villas, e cidades;
 Que o dominio de Hespanha consentiaõ;
 Praticadas iguaes formalidades
 Pelos que feu direito defendiaõ,
 A pesar das cruezs feveridades,
 Que os mais vivos temores infundiaõ
 Huma velha cadauca, hum pegureiro
 Bastava a sublevar hum povo inteiro.

XIII.

Mas sobre tudo o caso mais notavel
 Do fanatico povo no conceito,
 De vaons presagios sempre infaciavel;
 A cegas illusoens sempre sujeito,
 Foi hum successo nada reparavel,
 De causas naturaes notorio effeito,
 A quem deu só do tempo a circumstancia
 Apparente figura de importancia.

Man-

A LIBERDADE!

XIV.

Mandára confundir o Rey tirano
Na bandeira real, por mais cautella;
As insignias do trono Lusitano
Entre as armas antigas de Castella,
De hum, e de outro brazaõ o pezo ufano
A Mendõça çonfia, e se desveilla.
Em fazer com formal solemidade
Ostentaçaõ da nova dignidade.

XV.

Mas apenas Mendõça rodeado
De Hespanhões, e de alguns dos Portuguezes,
Sobre hum bruto soberbo, que gerado
Foi no centro dos campos Cordovezes,
Principia a marchar acompanhado
De lifonjas festivas, e cortezes,
Quando hum triste accidente desconcerta
Da cerimonia a pompa descoberta.

XVI.

Hum turbilhaõ de vento impetuoso
Com subito furor se precipita
Sobre o grave congresso numerozo,
Onde as forças tiranas exercita;
Todo o concurso, o vento furioso
Descompoem, desconcerta, impelle, e agita;
Mas na regia bandeira tremolante
Fez impulso maior, mais fulminante.

XVII.

O braço Portuguez, ou mal seguro
 No lugar destinado, ou combatido
 Dos Ministros cruéis de Eólo escuro,
 Com impulso mais forte, ou repetido,
 Agitado o pendaço de hum golpe duro,
 Foi das armas de Hespanha dividido,
 Deixando na bandeira o lugar vago,
 Sem que em si recebesse algum estrago.

XVIII.

E proseguindo as feras influencias
 Da desordem fatal deste accidente,
 Apesar das mais promptas providencias,
 Do zelo mais fiel, mais competente,
 Apesar do trabalho, e diligencias
 De Mendôça já triste, e descontente,
 O seu mesmo cavallo desbocado
 Fugio, correo, cahio precipitado.

XIX.

Destes, e de outros casos semelhantes
 No conceito do vulgo portentosos,
 E no enleio dos peitos vacillantes
 Sempre nocivos, sempre perigosos,
 Combatidos do Réy os arrogantes
 Projectados intentos orgulhosos
 Já não mostravaõ tanta confiança;
 Já descobriaõ menos segurança.

D

Pe-

XX.

Pelo contrario o coração robusto
 Do claro Defensor inalteravel,
 Em quem não tem poder fadiga, ou susto,
 Inflamado de zêlo incomparavel,
 Nas promessas seguro do Céu justo,
 Cada vez com firmeza mais notavel,
 Mais constante, mais forte se ostentava,
 E dos Lusos os peitos animava.

XXI.

Cada dia no campo dos contrarios
 Mil estragos fazia, mil castigos,
 Sendo seus golpes sempre extraordinarios
 O mais vivo terror dos inimigos,
 O mesmo Rey tirano insultos varios,
 Varios sustos soffreo, varios perigos,
 E na sua presença o Varaõ forte
 Muitos seus entregou á fera morte.

XXII.

A seus olhos perdeu a doce vida
 Grifalva, com Giron, a quem levára
 A's maons do Defensor a fê devida,
 Que em defença do Rey os empenhára;
 Porque vendo no estrago enfurecida
 Do potente Varaõ a dextra clara,
 Por salvar o Monarcha recebêraõ
 Duros golpes, que as frentes lhes fendêraõ.

Nef-

XXIII.

Neste estado das armas Castellhanas
 Os primeiros furores moderados,
 Já da prudencia idéas mais humanas
 Occupavaõ do Principe os cuidados ;
 Quando lá nas cavernas mais tiranas
 Da esfera opaca em termos indignados ;
 O Monarcha das sombras furioso
 Amotinava o reyno tenebroso.

XXIV.

Ouvido havia, que do fado eterno
 Destinada se achava a Lusa gente ,
 Para vencer as sugestoens do Inferno ,
 No coração da mesma Libia ardente ,
 Que extenderia o zêlo sempiterno
 A's mais remotas partes do Oriente ,
 E que em todos os climas o seu braço
 Cortaria do Abismo o torpe laço.

XXV.

Temendo taes successos , e lembrado
 Das antigas injurias , que soffrêra ,
 Quando o filho de Henrique aquelle estado
 Com celestes braçoens ennobrecêra ,
 E dedicando a Christo altar sagrado ,
 As aras de Mafôma escurecêra ,
 Com voz horrenda as margens do Cocito
 Abalava nos eccos deste grito.

XXVI.

He possível, dizia, que tão pouco
 Zele a Curia Tartarea o seu dominio,
 Que no detargo de hum descanço louco
 Veja crescer dos Lusos o desígnio?
 Ignora, repetia o brado rouco,
 Ignora por ventura o Vaticinio,
 Que promette ao valor destes mortaes
 A ruina dos cultos infernaes?

XXVII.

Quando espera evitar o triste damno,
 Que ameaça do Abismo a Monarchia,
 Se na torpe illusão de hum cego engano
 Despreza agora aquella profecia;
 Quer ver primeiro o braço Lusitano
 Profanar o Alcoraõ, a idolatria,
 Vencer os Mouros, dominar as gentes,
 E fazer do Evangelho as leys patentes?

XXVIII.

Quer ver primeiro as Quinas Portuguezas
 Tremolar sobre as costas Mauritanas,
 Render do Malabar as fortalezas,
 Opprimir as Potencias Indianas?
 Espera ver primeiro as estranhezas
 Do mundo occulto, expostas ás tiranas
 Conquistas destes feros inimigos,
 A quem domar não pôdem os perigos?

XXIX.

Se tanto espera a torpe paciência
 Dos genios infernaes, em que assegura
 A esperança do Abismo á presistência
 Do dominio, que affecta a sombra escura?
 Se não pôde na mesma decadência
 Contrastar o valor da Lizia dura,
 Como espera depois em outro estado
 Impedir-lhe os progressos do seu fado?

XXX.

Mas que digo não pôde? Não são estes
 Aquelles mesmos genios orgulhosos,
 Que a pesar dos Espiritos celestes
 Perturbáráo os reynos luminosos?
 Não fois vós proprios, os que já quizestes
 Ao mesmo Deos, com zêlos furiosos,
 Disputar igualdades na grandezza,
 No poder, no valôr, na fortaleza?

XXXI.

Pois como agora soffrereis, que usanas
 Dôs míseros mortaes as ouzadias
 Tanto cresçaõ, que em maquinaz infanas
 Ameacem do Averno as regalias?
 Cedereis vós ás pertencôens humanas?
 Vós, que ás mesmas celestes Jerarquias
 Rezististes com fúrias arrogantes,
 Quanto mais infelices, mais constantes?

Ah!

XXXII.

Ah ! não se perca aquelle nóbre alento ,
 Que nos fez emprender acçoens tão raras ;
 Se o fado ordena o nosso abatimento,
 O nosso ardor lhe frustre as leys avaras :
 Não julgue dos mortaes o pensamento
 Indignas do seu culto as nossas aras ,
 Vendo a nossa arrogancia assim sujeita
 Dos ímpios fados á medida estreita.

XXXIII.

Se o destino fatal dos Lusitanos
 Ameaça do Abismo a decadencia ,
 Na fobia prevençãõ dos tristes damnos
 Consiste a melhor parte da prudencia :
 Dissipem-se presagios tão tiranos ,
 Em quanto fusto saõ , não evidencia ,
 Que depois de sentir o golpe duro ,
 Tarde vêm o remedio , e mal seguro.

XXXIV.

Os Lusitanos hoje reduzidos
 Estaõ á mais fatal calamidade ,
 Sem governo , sem Rey , já desunidos
 No ponto essencial da auctoridade ,
 Alguns , que mais constantes , e atrevidos
 Intentãõ sustentar a liberdade ,
 Em Lisboa cercados mal resistem
 Aos Hiberinos , que no cerco infitem.

Agora . S.

XXXV.

Agora , mais que nunca , a nossa furia
 Tem lugar de opprimir estes mostaes ,
 No seu funesto estrago a nossa injuria
 Recompense as vinganças mais fataes ;
 Evite o zêlo da Tartaria Curia
 O motivo dos sustos infernaes ,
 E vingando passadas insolencias ,
 Acautele do fado as contingencias .

XXXVI.

Anime o nosso ardor as mal seguras
 Confianças das Tropas Hibetinas ,
 Facilite-lhe os meynos das mais duras
 Emprezas , das acçoens mais peregrinas ;
 Ministre-lhe as idéas das escuras
 Traçoens para instrumento das ruinas ,
 E ou por força das armas , ou do engano
 Se lhe sujeite o Ceptro Lusitano .

XXXVII.

Em quazto assim fallava o furioso :
 Imperador das sombras indigestas ,
 Hum confuso ruido pavoroso ,
 Que assustava as abobedas funestas ,
 Alterava o congresso tenebroso
 Com torpe som , com inflexoens molestas ,
 Athé que socegada a triste sala ,
 Se levantava a smoden , e assim lhe falla .

XXXVIII.

Não cuides não ; Luzbel , que só tu zelas
 As ativas emprezas deste Estado ,
 Ou que só tu no risco te desvelas ,
 Que lhe ameaça a ley do duro fado :
 Iguaes são em nós todos as cautelas ;
 Igual he o interesse do cuidado ;
 E se pôde no empenho haver excessão ,
 Em mim tem mais lugar neste congressão .

XXXIX.

Eu fui por não suprema largos annos
 Ligado sobre as terras do Oriente ,
 E na lembrança dos passados damnos
 Cresce o motivo do temor presente :
 Eu sei quanto devemos os tyranos
 Vaticinios temer da Lusa gente ;
 Mas o fustro cruel , que me consome ,
 Não vem do seu valor , ou do seu nome .

XL.

Dos auxilios do Céu , que lhe assegura
 A Ley , que seguem com zeloso rito ,
 Temo os effeitos , cuja força dura
 Mal pôde contrastar todo o Cocito :
 A razaõ de Christãos he quem apura
 Todo o ódio fatal , com que me irrita ;
 E de todo o Christão da mesma sorte ,
 Desejo a perdição , o damno , a morte .

XLI.

Se o Trono Lusitano conquistado
 Fosse por gente de diversa feita,
 Seria todo o Abisimo interessado
 Em ver a Liza a outra ley sujeita;
 Mas sendo o Rey de Hespanha entronisado
 Igualmente christaõ, de que aproveita
 Esta mudança, se dá mesmo modo
 Há de ficar christaõ o reyno todo.

XLII.

Que razão de interesse, ou de esperança
 Nos pôde unir ás gentes Hiberinas?
 Temos mais certa a sua confiança?
 Saõ menos parciaes das leys Divinas?
 Taõ depressa te fogem da lembrança
 Os passados estragos, e ruinas?
 Acaço os Hespanhoes no teu conceito
 Menos christaõs agora se tem feito?

XLIII.

Eu, responde Luzbet, eu aborreço
 Igualmente Hespanhoes, e Lusitanos;
 Mas estes temo mais, porque conheço;
 Que nos podem causar maiores danos:
 Elles saõ abonados, com excesso,
 Pelo Chêfe dos Nomes soberanos;
 Elles tem a promessa das emprezas,
 Que assustaõ deste Abisimo as fortalezas.

Este

CANTO II.

59

XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorosos
Soldados do presidio, a quem desperta
O rumor dos tambores clamorosos,
Dos inimigos na noticia certa,
A's armas correm todos cuidadosos,
Cada qual já na maõ o ferro aperta,
E cada qual pretende ser primeiro
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

XLVIII.

Taes os genios do Abismo enfurcidos
Do Principe infernal pelos clamores,
Correndo vaõ em chusma confundidos,
Toda a funesta estancia dos horrores;
Atróã todo o Averno com bramidos,
Com desordens, ruidos, e terrores,
Athé que franqueada a porta escura,
Sobre a terra se avança a tropa impura.

XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem presente
O grande caso foi, conta o progresso
Daquella expedição, mostra patente
Toda a serie fatal deste successo,
Declara dos mortaes, e juntamente
Dos immortaes furores o processo;
Porque entre nós apenas das victórias
Existem mal distinctas as memorias.

E...

XLIV.

Este risco funesto he que pertendo
 Evitar na ruina, que preparo
 Ao Luso Imperio, com que fique sendo
 Frustrada a intençãõ do fado avaro;
 Pois se os Lusos Monarchas do tremendo
 Vaticinio, instrumento haõ de ser claro,
 Extincta a Monarchia Lusitana
 Inutil fica a predicçãõ tirana.

XLV.

Ide, O'! meus companheiros, igualmente
 Companheiros na peza, e nos projectos,
 Ide, e nesses mortaes, tiranamente
 Fulminai os estragos mais completos;
 Parte aníme o valôr da Hiberia gente,
 Parte defuna os Lusos nos affectos;
 E na civil discordia, e guerra dura
 Padeça a Liza perdiçãõ segura.

XLVI.

Diffe, e naõ bem de todo articuladas
 Estas vozes seriaõ, quando em furia
 As potencias do Averno amotinadas
 Se atropelavaõ na Tartaria Curia;
 De maligno furor arrebatadas
 Qualquer demora julgaõ grave injuria,
 E cada qual nas mostras da fereza
 Parece ser auctor da triste empreza.

XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorosos
Soldados do presidio, a quem desperta
O rumor dos tambores clamorosos,
Dos inimigos na noticia certa,
A's armas correm todos cuidadosos,
Cada qual já na mão o ferro aperta,
E cada qual pretende ser primeiro
Nas nobres provas do valor guerreiro.

XLVIII.

Taes os genios do Abismo enfurcidos
Do Principe infernal pelos clamores,
Correndo vaõ em chusina confundidos,
Toda a funesta estancia dos horrores;
Atróaõ todo o Averno com bramidos,
Com desordens, ruidos, e terrores,
Athé que franqueada a porta escura,
Sobre a terra se avança a tropa impura.

XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem presente
O grande caso foi, conta o progresso
Daquelle expedição, mostra patente
Toda a serie fatal deste successo,
Declara dos mortaes, e juntamente
Dos immortaes furores o processo;
Porque entre nós apenas das victorias
Existem mal distinctas as memorias.

Qua

Era

L.

Era o meio da noite ; a sombra espessa
 Cobria toda a face do Emisferio ,
 E Morfeo nas lisonjas , que professa
 Dilatava na terra o doce Imperio ;
 Dormia o Rey Hiberio ; mas impressa
 Na triste idéa a dor do vituperio
 Das suas armas ; nem no mesmo somno
 Podia ter de algum socego abono.

LI.

Mil confusas imagens fatigavaõ
 Do bellicoso Rey a fantasia,
 E com vans illusões lhe motivavaõ
 Ora torpe pavôr , ora ousadia ;
 Mas quando mais frequentes se mostravaõ,
 Os varios sonhos na mortal porfia ,
 Huma das Furias do tirano Averno
 Se lhe apresenta ao sentido interno.

LII.

Do vulto se reveste de Fernando ,
 Defunto Rey da Lusitana terra ,
 Nas razoes da alliança auctorizando
 O falso zêlo , que o portento encerra ;
 E com gesto feroz , como accusando
 Os frouxos passos da cançada guerra ,
 Com a maõ lhe estremece o corpo todo ,
 E lhe falla depois por este modo.

Desper-

LIII.

Desperta, descuidado Rey, desperta
Do letargo fatal, que te sepulta,
Não queiras de huma injuria descoberta
Soffrer a mancha, que o teu susto avulta;
Senhor es de este Estado; a pena certa
Não dilates ao reyno, que te insulta;
Córte hum golpe valente os ferros laços,
Que a teu direito servem de embaraços.

LIV.

Acordou de pavor estremecido
O enganado Rey; mas brevemente,
Julgando-se do Céu favorecido,
O susto troca em presumpção valente:
Da cama salta, e logo enfurecido
As armas busca, corre diligente
A chamar os soldados, e no aspecto
Traz impresso o furor da infame Alecto.

LV.

Em tanto das estrellas se apagava
A sinitilante luz, e no Oriente
Já da Aurora o fulgor annunciava
A chegada do Sol resplandecente:
A conselho de guerra se tocava
Na regia tenda, aonde promptamente
O Rey o caso expoem, e furioso
Jura seguir o aviso rigoroso.

LVI.

A voz de Rey nos Capitaens accende
 O bellicoso ardor, e nos soldados
 A noticia, que a todos já se estende
 Do portento fatal os faz onfados ;
 Cada qual instrumento ser pertende
 Do supremo destino, e em taes cuidados
 Cresce de fórte o cego fanatismo,
 Que bem abona as intençoens do Abismo.

LVII.

E não só na vulgar credulidade
 Reina a superstição, já na grandeza
 Se devisa a pezar da auctoridade
 A propensão da fragil natureza ;
 Mil senhores, da fórte a variedade
 Já desprezaõ do sonho na firmeza,
 E tal há, que na fé daquelle aviso
 Qualquer demora julga prejuizo.

LVIII.

Hum destes he o Conde de Barcellos
 Illustre Cavalleiro Lusitano,
 A quem de hum falso zêlo, vaons desvelos
 Tinhaõ levado ao campo Castelhana ;
 Era Irmaõ da Raynha, e parallellos
 Fazendo do dever, com torpe engano,
 Antepoz dos parentes a amizade
 A' patria natural fidelidade.

Este

CANTO II. 63

LIX.

Este pois, dos direitos de Castella
Acerrimo fauctor, agora entende
Abonada dos Céos a causa della
Nos avisos, que o sonho dar pertende;
E tanto neste empenho se desvela
A favor do seu voto, que defende
Ser delicto de grave qualidade,
Dilatar o castigo da cidade.

LX.

Outros muitos aquelle empenho duro
Abonavaõ do Conde, ou porque fosse
Igual nelles o mesmo engano escuro,
Ou por effeito da lisonja doce;
Mas, ou fosse sincero, ou menos puro;
O voto destes faz, que tanto engrosse
Aquella opiniaõ, que no conselho,
Só se atreve a impugna-la hum sabio velho.

LXI.

Valasco, o velho illustre se appellida,
Que o contrario sentir defende ousado;
Porque prefere a gloria esclarecida
A qualquer pensamento interessado,
E vendo no conselho introduzida
A fatal illusaõ, e confirmado
O engano do Rey pelos Ministros,
Com pareceres leves, ou sinistros.

Largan-

LXII.

Largando o nobre assento, que lograva
 No militar congresso, a beneficio
 Dos illustres empregos, que occupava,
 Ou da paz, ou da guerra no exercicio;
 De joelhos ao Rey se apresentava,
 E mostrando de dôr não leve indicio,
 Principia a dizer-lhe desta sorte
 Com animo fiel, constante, e forte.

LXIII.

Antes, Senhor, que a nobre liberdade
 Da minha fé te offenda, aqui prostrado
 A teus pés, da fatal temeridade
 Eu mesmo a pena espero, e peço ousado;
 Mas nunca o Ceo permita, que a verdade
 Dissimule o meu peito, ou que enganado
 De huma lisonja vil, queira servir-te
 Pelos meios indignos de illudir-te.

LIV.

Os sonhos, meu Monarcha, não são mais;
 Que huma breve illusão da fantasia,
 Que crê sentir presentes, e reaes
 Chiméras, que ella mesma inventa, e cria
 E se houve alguns, que os termos naturaes
 Excederaõ, talvez já mais feria
 Sem misterio maior, e não devemos
 Crer desta classe, quantos sonhos temos.

Mas

CANTO II.

LXV.

Mas ainda que julgemos o teu sonho
D'outra esfera, Senhor, dos ordinarios ;
Nem por isso os effeitos lhe supponho
Infalliveis, ou meenos temerarios ;
Pois do Céu igualmente, e do medonho
Centro dos fingimentos vaons, e varios
Pode ser triste engano, ou santo aviso
Em favor nosso, ou nosso prejuizo.

LXVI.

Quem sabe se a suprema Providencia
Abona a nossa causa com tal zelo,
Que devámos á sua Omnipotencia
Hum taó distincto, e singular desvelo ;
Ou se irritada a sua paciencia
Do nosso orgulho vaó, para abatelo
Permitta, que com falsas illusoens
Se confundaó as nossas ambiçoens.

LXVII.

Ninguem, Senhor, com certa segurança
Póde affirmar a causa deste effeito ;
E nesta confusaó, qual esperança
Póde tirar de hum sonho o teu consêito ?
Crê-me, meu Rey, a cêga confiança
Náo he valor ; que o nobre ardor do peito
Náo procede de hum erro temerario,
Mas de hum constante esforço extraordinario.

E

So-

LXVIII.

Sobre os firmes principios da prudencia
 Não de fundar-se as nobres ousadias,
 E nos eccos da propria consciencia
 Se há de escurar a voz das profecias;
 Se aquella nos clamores da innocencia
 Abona a causa das promessas pias,
 Podemos justamente acredita-las,
 Animar-nos com ellas, espera-las.

LXIX.

Mas se acafo, Senhor, nossos projectos
 Não tem por base a força da justiça,
 Se são nascidos de mortaes affectos
 D'ambição, d'interesse, ou de cobiça;
 Devem nossos discursos circunspectos
 Mais temer, que esperar, com fé submissa,
 Que o Céu he sempre justo, e não premeia:
 Com seguranças injusta feia.

LXX.

Não duvido, Senhor, que justamente
 Pertendes o dominio deste Estado;
 O direito do sangue claramente
 Socega nesta parte o meu cuidado:
 Estes meios porém, de que impaciente
 Se ferve o teu valor precipitado,
 Não sei se são da mesma forte puros,
 Inculpaveis, decentes, e seguros.

Tu

CANTO II.

67

LXXI.

Tu bem sabes, Senhor, e muitas vezes
 Eu to tenho lembrado, que juraste
 De não entrar nos Reynos Portuguezes
 Com maõ armada, como agora entraste;
 E por mais, que a lisonja nos cortezes
 Applausos, encareça o bem, que obraste,
 Temo, Senhor, que o Céo mal satisfeito,
 Não figa das lisonjas o conceito.

LXXII.

Mas seja como for, em toda a guerra
 He sempre incerto o fim, e só seguro
 O trabalho, a despesa, e quanto encerra
 O triste nome de perigo duro;
 E sendo facil, se a razão não erra,
 Evitar tanto mal, e com mais puro
 Arbitrio, conseguir o teu intento,
 Creio, que debes pondera-lo attento.

LXXIII.

Os Portuguezes mais apaixonados,
 Pelos foros da patria liberdade,
 Não disputaõ, Senhor, os bemfundados
 Direitos, que te assistem na verdade;
 Duvidaõ só, na fé dos seus tractados,
 Conferir-te a suprema auctoridade;
 Porque julgaõ não ser completo ainda
 O tempo, e condições da tua vinda.

LXXIV.

Anima o povo nestes sentimentos
 O Grao Mestre de Aviz, que se appellida
 Defensor da Nação, e pensamentos
 Tem certamente de ambição crescida,
 Mas a mesma ambição, que os seus intentos
 Encaminha á grandeza appetecida,
 Póde servir, se acaso a lisonjeas,
 De meio facil para o fim, que idéas.

LXXV.

Comette-lhe, Senhor, benignamente
 O governo da Lusá Monarchia,
 Com condição, que em forma competente
 Te jure o Reyno a fé, que te devia;
 Pois satisfeita assim completamente
 A queixa da Nação, sem mais porfia,
 Elle póde ficar grande na terra,
 Tu Senhor della sem rumor de guerra.

LXXVI.

Mais quizera dizer o velho illustre;
 Mas não lho soffre o Rey enfurecido,
 Que julga tal arbitrio ser deslustre
 Do decóro do Solio esclarecido;
 Calar o manda, e porque não se frustre
 Dos outros Capitaens o ardor luzido,
 O conselho despede, ao campo passa,
 Iras fulmina, estragos ameaça.

Haviaõ

LXXVII.

Haviaõ neste tempo os fitiados
 Lançado da Cidade huma partida
 De poucos Cavalleiros, mas ufados
 A desprezar a morte embravecida;
 E sendo pelo Rey examinados
 Do alto, que Olivete se appellada,
 A elles grita, a elles, que traidores
 Se atrevem deste modo a seus Senhores.

LXXVIII.

Qual na dura montanha o vigilante
 Pastor, que avista os lobos furiosos,
 Grita, corre, e se vê no mesmo instante
 Seguido dos rafeiros cuidadosos:
 Tal no campo Hiberjino, ao arrogante
 Braço do Rey açodem valorosos
 Os Principes, os Grandes, os Privados,
 Os Capitaens, os Guardas, os Soldados,

LXXIX.

Valasco aqui primeiro se apresenta
 Ao lado do seu Rey com brío forte,
 E no semblante alegre representa
 Dominar o rigor da dura forte;
 Elle anima os soldados, elle alenta
 Os Capitaens a desprezar a morte;
 Porque têm, ou no campo, ou no conselho
 Valor de moço, discreção de velho.



A LIBERDADE.

LXXX.

O Conde de Barcellos acompanha
Vaiasco no valor, senão nó acerto,
E quer mostrar agora na campanha
Abonado o seu voto por experto:
Outros muitos Varoens da clara Hespanha
Promptos se ostentaõ já no campo aberto;
E cada qual na gloria deste dia
Pertende disputar a primazia.

LXXXI.

Em tanto o campo todo visitava
Occulta a Furia do funesto Averno;
E nos peitos vulgares inspirava
Cruéis impulsos de rancôr eterno;
Mas vendo, que a marchar já se tocava,
Tomando de hum Trombeta o vulto externo,
Ella faz o final, e o som tirano
O Luso affusta, anima o Castelhano.

LXXXII.

Difunde-se o furor do génio impuro
Por todo o arraial alvoraçado,
Desce o Rey furioso o monte duro,
Corre ao combate intrepido o soldado;
Nãõ menos, que escalar o Luzo muro
Promette cada qual com voto irado,
E já sobre os despõjos da Cidade
Se lifonjea a militar vaidade.

Denfa

CANTO II.

71

LXXXIII.

Densa nuvem de pó caliginoso
Precede á marcha da soberba tropa ;
Dos gritos o tuido pavoroso
O monte attoa , na Cidade topa ;
Alterna o som das armas bellicoso
O estrepito do bruto , que galopa ,
E corresponde em competencia horrenda
O som mais fero a vista mais tremenda.

LXXXIV.

Firme esperava tantos ameaços
A pequena partida Lusitana ,
Que rompendo do muro os embataços ;
Insultava a braveza Castellhana ;
Mas bem , que a força dos robustos braços
Algum tempo dilata a furia infana ;
Em fim a multidão impetuosa
Atropella a constancia vigorosa.

LXXXV.

Cede o Luto valor ao peso horrendo
De tantas armas , tantos inimigos ,
E já com triste affombro vai perdendo
O nobre orgulho dos trofeos antigos :
Insta o Rey furioso , encarecendo
Ora premios aos seus , ora castigos ;
E nos exemplos de hum ardor bém raro
Lhe dá o documento mais preclaro.

A LIBERDADE;

LXXXVI.

A presença do Rey faz mais usana
A gente militar, a quem no peito
Da trombeta infernal a voz tirana
Augmenta do furor o cego effeito;
Já não resiste a gente Lusitana,
Já perde de invencivel o conceito,
Já desampara o campo, já se abriga
A' sombra forte da muralha amiga.

LXXXVII.

Já são pelo exercito arrogante
Mil alegres clamores de victoria;
Valasco oufado clama *avante avante*;
Que he nossa a Praça, nossa toda a gloria;
Avante, avante, clama triunfante
O Conde de Barcellos, *que a notoria*
Assistencia dos Céos já me franqueia
A propria casa, que julguei albeia.

LXXXVIII.

Em tanto de huma torre da Cidade
Observava Joaõ todo o conflicto,
E na fé da constante heroicidade
Enchia de esperança o peito invicto;
Mas vendo já com tanta claridade
Dos Lusitanos o desmayo afflicto,
Da torre desce, corre a soccorrelas
Taõ oufado, que a Marte dera zélos.

Chega

LXXXIX.

Chega ás portas, aonde a vergenhosa
 Desordem vê dos seus mais descoberta,
 Buscando cada qual com pavorosa
 Fugida salvação na porta aberta:
 Em vão quer animalos; na medrosa
 Confusão a ouvir ninguem acerta,
 Nada vale o exemplo, nada as vozes,
 Cada vez vem fugindo mais velozes.

XC.

Em generosas iras abraçado
 O coração do Heróe chama exala,
 Parece cada acção hum rayo irado,
 Cada voz hum trovão, que horrendo estala:
 Elle só resistir pertende ousado
 A'quella multidão, que a terra abala;
 Mas com tal desacordo os seus fugião,
 Que as mesmas largas portas impedião.

XCI.

Promessas, ameaços, e castigos
 Inutil tudo he, de balde grita,
 De balde os brios lhes recorda antigos;
 De balde contra o seu temor se irrita.
 Quer sahir, mas o zêlo dos amigos
 Os ardentes projectos lhe limita,
 Mostrando, que não pôde expôr ousado
 Huma vida, de quem depende o Estado.

Suspen-

XCII.

Suspende-se ; mas vendo , que prestite
 A desordem fatal na Lusa gente ;
 De quem todo o cuidado só consistite
 No refugio das portas indecente ;
 Com semblante feróz , com gesto triste ;
 Repellido os primeiros vivamente ,
Vós fereis bons , lbe grita sem vontade ,
Que o mesmo visco vos dará bondade.

XCIII.

Isto dizendo com feróz semblante ,
 A' dura porta applica a maõ robusta ;
 Que com ruido horrendo , e dissonante ;
 Ao costumado fecho em fim se ajusta :
 Tremeo parte do muro vacillante
 Ao impulso fatal da dextra angusta ,
 E ficáraõ no campo os Lusitanos
 Contra todo o poder dos Castelhanos.

XCIV.

He talvez nos extremos do perigo
 Algum soccorro a falta de esperança ;
 Menos temem os Lusos o inimigo ,
 Frustrada da muralha a segurança :
 Já revestidos do valor antigo ,
 Aguardaõ vigorosos sem mudança ;
 Dos Hespanhoes as forças formidaveis ;
 Que antes tinhaõ julgado incontrastaveis.

Perci-

XCV.

Pereira, que a partida governava;
 Cavalleiro de espirito arrogante
 A quem contra vontade atropellava
 A confusãõ da turba vacillante,
 Vendo agora, que a gente se mostrava
 Já menos pavorosa, ou mais constante,
Volta, volta, lhe grita com vez solta,
 E sobre os Hespanhoes ousado volta.

XCVI.

Recobraõ neste tempo os Lusitanos
 O Marcial alento já perdido,
 Ferozes tornaõ sobre os Castelhanos
 A deshonra a vingar de haver fugido;
 Mas naõ menos ardentes os Hispanos
 Seguros já na fé de haver vencido,
 Instãõ com furia, ferem com violencia,
 Julgando que obraõ já sem resistencia.

XCVII.

Vinha na frente do esquadraõ contrario
 De Santiago o Mestre esclarecido,
 Cavalleiro gentil, mas temerario,
 De forças naõ vulgares presumido:
 Gritando vinha com desprezo vario
 Injurias miõ; mas quando mais subido
 Na vangloria se mostra, estaõ Pereira
 De hum golpe o fez sedar pela taceira.

Em

XCVIII.

Em defença do Mestre hum *Cavalleiro*
 Da mesma insignia corre valoroso ;
 Mas foi-lhe só na forte *companheiro*
 Ferido de outro golpe furioso ;
 Segundo vai , e vai tambem *terceiro*
 Acrescentar o caso lastimoso ,
 Que Pereira feroz não se dilata ,
 Cada golpe , que dá , ou rende , ou *mata* ;

XCIX.

Nem menos cobiçosos de vingança
 Se mostraõ varios outros Portuguezes ;
 Alli corre Pavêdo sem tardança ,
 Martins alli se illustra muitas vezes :
 Rompendo Almeida vai com *segurança*
 Cabeças , peitos , murrioens , e arnezes ;
 Mas são tantos no campo os *Castelhanos* ,
 Que não sentem da falta os graves *damnos*.

C.

Atêa-se outra vez a chama viva
 Do fogo Marcial naquelle instante ;
 Qual das cinzas renasce mais activa
 A faísca talvez pouco importante :
 Aníma ao Luso a raiva vingativa ;
 O poder ao Hespanhol faz arrogante ;
 E cada qual ardendo em ira pura ,
 Ou vencer , ou morrer alli procura.

Contar

CI.

Contar daquelle dia os casos varios ;
Os encontros crueis , os golpes fortes ;
Os estragos fataes , os temerarios
Excessos da vingança , as duras mortes ;
Os effeitos da raiva extraordinarios
Executados por diversas fortes ,
Só tu Musa , que tudo tens presente,
Poderias fazelo dignamente.

CII.

Tocava o Sol já quasi desmayado
Os liquidos cristaes de Thetis fria ;
E das sombras do monte levantado
A vifinha campanha se cobria ;
Acabava-se o termo assignalado
Ao brilhante esplendor do claro dia ;
E durava no campo infatigavel
A furia de matar infaciavel.

CIII.

Naõ cançãõ de ferir os fortes braços ;
Naõ cessãõ de irritar-se os odios duros ;
A fera raiva alenta os membros lassos ,
Sustenta a ira os peitos mal seguros :
Cada vez da porfia os tristes laços
Nos bravos coraçõens se vêm mais puros ;
E só a noite escura , que os divide ,
Aparta , e naõ decide a dura lide.



A LIBERDADE.

CIV.

A noite escura em fim, o termo assigna
Da contenda fatal, e porfiada,
Sem que alguma das partes seja digna
De cantar a victoria desejada:
Providencia da sorte foi benigna,
Faltar a luz, que a ser mais dilatada,
Faltaria talvez nos dois partidos
Quem fossem vencedores, quem vencidos.

FIM DO CANTO II.

A LIBERDADE.

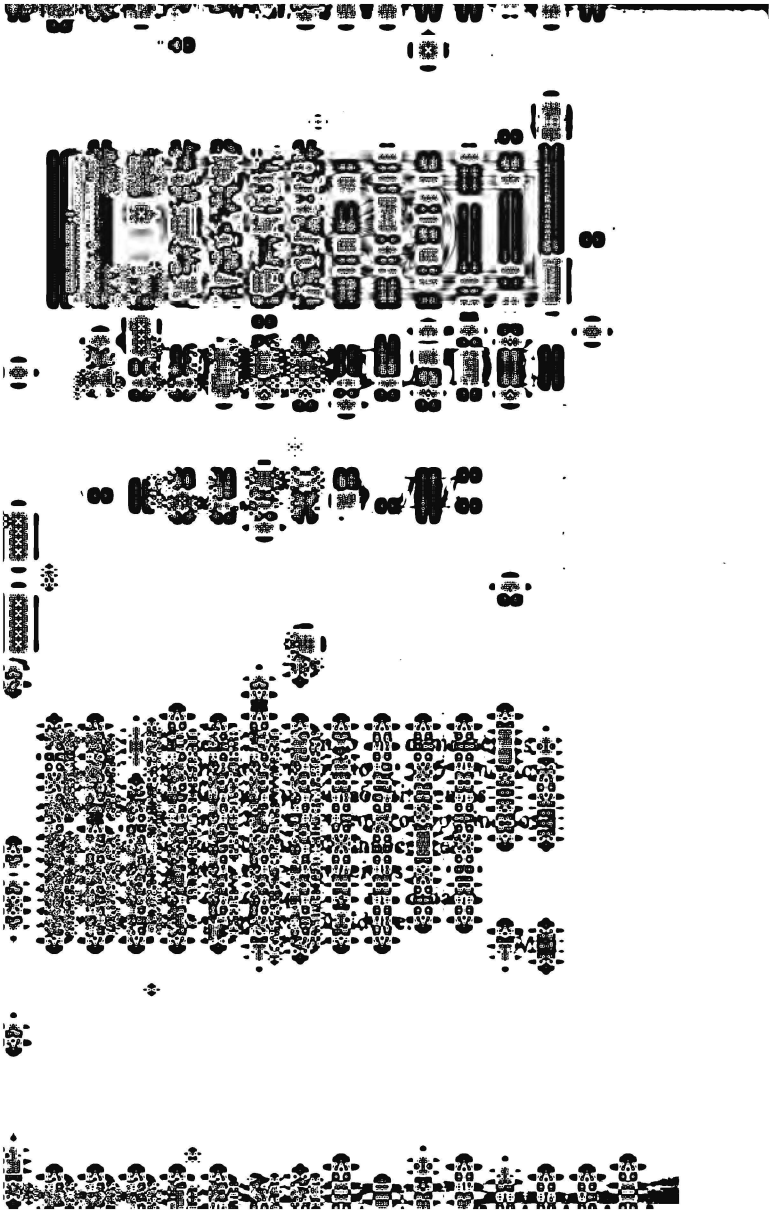
CANTO III.

ARGUMENTO.



RETIRADOS do campo os combatentes, procuraõ algum descanso no socego do somno; mas o Heróe, a quem inquietã mais vixos desvêllos, occupa a noite nos cuidados da defensão do Reyno, e sobre este ponto confere largamente com Monferro Cavalleiro Inglez, de quem faz muita confidencia; e depois de tratarem ambos do soccorro, que esperavaõ de Inglaterra, e de outras disposçoens militares, se divertiaõ em tratar de outras noticias curiosas, e por esta occasiaõ pede Monferro ao Defensor, que lhe dê alguma idea da Historia de Portugal. Conta o Heróe os principios da porvoaçã deste paiz, e as diver-
sas

fas gentes, que a elle vierão, ou commerciar, ou conquistar: falla dos Fenicios, dos Carthaginezes, e dos Romanos, e na guerra destes refere a gloria de Viriato, e de outros varoens Lusitanos: falla tambem de algumas Heroínas Portuguezas, e conta o tragico successo da infeliz Osmia. Profegue a historia de Portugal até o tempo de Augusto, e depois deste, havendo pouca materia para os fastos militares, falla o Heróe da mudança da Religião. Conta a introdução do Christianismo, a constancia de alguns Martyres Portuguezes desde Nero até Constantino, e a pureza do culto até Honorio. Refere a invasão dos Barbaros no tempo deste Imperador. Falla dos Hunos; dos Silingos, dos Suevos e dos Godos, que ultimamente se fizeram Senhores das Hespanhas. Trata dos amores de El Rey D. Rodrigo com Florinda filha do Conde Julião; das injurias feitas a esta Dama por aquelle Principe, da entrada deste na famosa Torre de Toledo, e da tradição dos portentos, que alli vio. Relata a perfida vingança do Conde, e a introdução dos Moavros na Hespanha, batalha de Guadalete, perda de El Rey D. Rodrigo, e total ruina do Imperio dos Godos.



II.

Mas o grande Joaõ, que o nobre peito
Com mais altos cuidados occupava,
E dos riscos da patria no conceito,
Entre mil pensamentos fluctuava,
Naõ sentia do sômnio o brando effeito,
Nem seu suave alivio aproveitava,
Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,
Mais agudos desvelos o feriaõ.

III.

Mandára no principio desta guerra,
Por cautella maior, mais segurança,
Revalidar no reyno de Inglaterra
A nobre fé da antiga confiança;
Mas postoque alcançou naquella terra
Renovar huma sólida aliança,
Naõ tinha produzido este Tractado
O soccorro de gentes desejado.

IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros
Passado tinhaõ desta parte os mares,
Em qualidade mais de aventureiros,
Do que em fórma de tropas regulares;
Mas destes mefmos poucos companheiros
Lograva distincçoens particulares,
Hum delles, que Monferro se appellida
Cavalleiro de fama esclarecida.

Com

CANTO III

83

V.

Com este largamente conferido
Tinha Joã da noite a melhor parte ;
Ora sobre o soccorro appetecido ,
Ora sobre questoes do irado Marte ;
E depois quasi já de haver medido
O termo , com que a noite se reparte ;
Por divertir occupaçoens tão serias
Tratava6 variamente outras materias.

VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes ;
Das acçoens mais illustres dos passados ;
Dos varios usos das Naçoens presentes ,
Estranhas leys , costumes encontrados ,
Do traje , e lingua de diversas gentes ;
Dos modos de viver mais apartados ,
E de outras cousas taes , de que a noticia
Serve aos ouvidos cultos de delicia.

VII.

Era experto Monferro , e viajára
Largos paizes desde a tenra idade ;
Onde varios estylos observára ,
Ouvira relaçoens da antiguidade ;
E depois que de algumas informára
Ao nobre Defensor com claridade ,
Eu desejo , lhe diz , se vos não pesa ,
Que me informeis da Historia Portugueza.

VIII.

Mas quizera , se o tempo o permittisse ;
 Os principios saber da gente Lusã ;
 Qual antiga Nação a' produzisse ,
 Se he propria do paiz , se foi intrusa ,
 Se na fórte das armas foi felice ,
 Que Reys tem tido , os Capitaens , que accusa ;
 Os grandes casos , e as facçoens de espanto ,
 Se póde em breve historia caber tanto .

IX.

Eu contarei , o Defensor responde ,
 De tudo brevemente alguma parte ,
 Bem que a minha instrucção não corresponda
 Aos desejos , que tenho de agradar-te :
 Muita luz das historias se me esconde ,
 Pois mais , que ás Musas , servi sempre a Marte ,
 Mas do pouco , que fei como soldado ,
 Te farei hum compendio abreviado .

X.

Os principios de todos os Estados
 Saõ cobertos de fabulas grosseiras ,
 Que a distancia dos annos dilatados
 Desfigura as noticias verdadeiras ;
 Taes saõ no meu conceito os celebrados
 Principios deste Reyno , em que as primeiras
 Illuçoens dos antigos confundiraõ
 Os successos , com sonhos , que fingiraõ .

Anti-

.XI..

Antiga tradiçãõ nos assegura ;
Que Tubal , de Noé notorio neto
Deu á nossa Naçãõ origem pura ,
De quem guarda Setuval o epitêto ;
Mas nos longes do tempo he taõ escura
Aquella fama , que ainda o mesmo affecto
Da gloria nacional naõ sei se obriga
A defender noticia taõ antiga.

XII.

Da mesma sorte deixo na incerteza
Da fé devida , alguns Heróes fãmosos ,
De quem se diz , que a terra Portugueza
Foi theatro de empenhos gloriosos ;
Taes saõ os Geryoens , tal julgo a empreza
Dos Osiris , dos Hercules zelosos ,
Por mais , que se acreditem na porfia
Dos Ozorios , da Torre , e da Geria.

XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos
Os Monarchas merecem nacionaes ,
Os Iberos , os Brigos , os Hispanos ,
Os Tagos , os Sicoros , e outros taes ;
Mas aquellas verdades , ou enganos
A toda a Hespanha vem a ser geraes ;
E o tempo breve apenas me consente
As memorias contar da minha gente.

Em

XIV.

Em Luso, ou Lusias filho, ou companheiro,
 Do fabuloso Deos da antiga Niza,
 Pertendem mil memorias, que o primeiro
 Nome dos Lusos claro se diviza:
 Constante tradiçãõ no Reyno inteiro
 Desta noticia a fama immortaliza;
 Mas com tudo naõ sei se este conceito
 He só da analogia hum puço effeito.

XV.

Foi grande a confusãõ daquella idade,
 Saõ poucos, ou nenhuns os monumentos,
 Em que possaõ firmar-se da verdade
 Seguramente os nobres fundamentos;
 E quanto mais remota antiguidade,
 Nos convida com raros documentos,
 Tanto mais duvidosa se descobre
 Da primitiva gente a origem nobre.

XVI.

O que tenho por certo he que os Fenicios,
 Povos bem conhecidos nas historias,
 Buscando do commercio os beneficios,
 Estas praias fizeraõ mais notorias;
 Nellas gentes, costumes, e edificios
 Deixáraõ por Padroens de eternas glorias,
 E do fructo talvez, que alli acháraõ
 O nome da Provincia fabricáraõ.

Estes

XVII.

Estes das letras fabios inventores,
 E naõ menos nas armas instruidos,
 Foraõ talvez os nobres precursores
 Dos Lusitanos Capitaens luzidos;
 Mas sendo nos projectos domadores
 Pelas Punicas gentes succedidos,
 Estas foraõ, depois, com proprio damno,
 Quem fez mais claro o nome Lusitano.

XVIII.

Porque depois de haver, por varias vezes,
 Provado com seu risco, o braço forte,
 O peito firme, os brios Portuguezes,
 As duras armas, o valente córte,
 Souberaõ conseguir com seus cortezes
 Tratamentos, ganhalos de tal fórte,
 Que nas guerras fataes, que entaõ tratáraõ
 Sempre os Lusos fijs os ajudáraõ.

XIX.

Já nas terras visinhas de Carthago;
 Já na fertil Trinacria, e na ruina
 Dos vassallos de Venus, cujo estrago
 Horror da falsa Deusa se imagina;
 Já nos riscos do mar incerto, e vago,
 Que frequentava a gente peregrina,
 Foraõ sempre os pendoens Carthaginezes
 Sustentados dos braços Portuguezes.

Mas

XX.

Mas onde com mais risco , e maior gloria
 Se fez illustre o povo Lusitano
 Foi na guerra cruel , com que a memoria
 Lhe eterniza a lembrança do Romano ,
 D'essa gente feliz na larga historia ,
 Se repete com dor do proprio damno ,
 Desde a Punica guerra athé Augusto ,
 O nome Portuguez com pasmo , e susto.

XXI.

Pelos mesmos contrarios confessada
 Nos Romanos annaes se vê patente
 A destreza fatal da Lusa espada ,
 O generoso ardor da nossa gente ;
 Alli da mesma inveja acreditada
 A fama Portugueza illustremente ,
 Se publica nos Templos, nas offertas
 Não menos , que em ruinas descobertas.

XXII.

Alli tremula maõ involuntaria
 De Jaspe não , porém de proprio susto
 Deixou formada a estatua extraordinaria
 Do Luso Viriato Heróe augusto ;
 A mesma infamia da traição contraria
 A grandeza lhe avulta ao nobre busto ,
 Cujá base se adorna com Popillio,
 Unimano , Pompeo , Plaucio , e Servillio.

De

XXIII.

De outros muitos Varoens daquella idade ;
Que a soberba abatéraõ dos Romanos ,
Se eterniza a memoria na igualdade ;
Dos respeitoos da patria soberanos ;
Ella se honra da nobre dignidade ,
Que deu aos Cefaroens , aos Apimanos ;
E pois o bastaõ Luso o fez notorio ,
Ella se honra da gloria de Sertorio .

XXIV.

Mas naõ só dos Varoens na fama clara
Se honra a Lusã provincia bellicosa ,
No sexo de belleza lhe prepara
Novas glorias a estrella venturosa ;
Naõ foi huma só vez , que a sóрте rara
Fez a graça das Damas animosa ;
Mas pois muitos o tempo naõ consente ,
Dois casos destes contarei sómente .

XXV.

No tempo , que o segundo Viriato ;
Nome sempre fatal aos inimigos ,
Por castigar de Galba o infame trato ;
Se vingava de Roma nos amigos ;
E augmentando com bellico aparato
A nobre gloria dos tropheos antigos ,
Derrotado o Pretor da Lusã terra ,
Levava ás outras o furor da guerra .

XXVI.

Os Romanos, que sempre procuravaõ
 A vingança dos damnos padecidos,
 E no fusto fomite disfarçavaõ
 Os impulsos dos odios concebidos;
 Insultados os povos, que se achavaõ
 Na ausencia do Varaõ mal defendidos,
 Devastando no campo os dons de Ceres,
 Levaraõ varios homens, e mulheres.

XXVII.

O medo fez guardar com mais cuidado
 Os homens fortes em prisoens seguras,
 Fiando o debil sexo delicado
 Do simples laço de humas cordas duras:
 Assim da noite o espaço dilatado
 Passáraõ todos entre magoas puras,
 Tendo as Damas com tudo alli dispostas
 As maons ligadas sobre as tenras costas.

XXVIII.

Huma noite, que o vinho, e a confiança
 De haver sahido os termos Lusitanos,
 Com brando somno, e torpe segurança
 Todo o campo occupava dos Romanos,
 As maltratadas Damas, que a lembrança
 Despertava cruel de tantos damnos,
 E volvendo na idéa mil projectos,
 Formavaõ mil arbitrios incompletos.

XXIX.

Vendo a fraca prisaõ, que as maõs mimõsas
 Mais opprime na dor, que na firmeza,
 E fõmente nas voltas cautelõsas
 Se assegura da força, e da destreza;
 Resolvêraõ com furias generõsas
 Cortar daquellas cordas a dureza
 Com as armas nativas, que do agrado
 Costumaõ ser indicio, e naõ do enfado.

XXX.

De huma só na prisaõ as mais ensayaõ
 Da boca bella os claros instrumentos,
 Resiste o laço vil, mas naõ desfayaõ
 Das Matronas os nobres pensamentos;
 Repete-se a porfia athé que cayaõ
 Reduzidos a aresta os ligamentos;
 Perde os laços aquella, e já liberta,
 Por sua maõ as outras desaperta.

XXXI.

Passaõ logo taõ fortes, como bellas
 A's prisoens dos maridos, e parentes,
 E taõ ditõsas saõ, que os sentinellas
 Achaõ todos dispersos, e dormentes:
 Alegres entre excessos, e cautellas
 Soltando vaõ dos ferros as correntes,
 E ao mesino tempo as armas dos Romanos.
 Entregando nas maõs dos Lusitanos.

Del-

XXXII.

Dellas munidos os varoens robustos
 Sobre os contrarios correm furiosos ;
 Que do torpe descuido os premios justos
 No proprio ferro provaõ temerosos :
 A morte, a confusã, o horror, os sustos
 Fructo saõ dos desprezos orgulhosos ;
 Morrem huns, fogem outros ; outros gritaõ ;
 Mas todos no pavôr se precipitaõ.

XXXIII.

Cresce o susto Romano no recato
 Da ignorada interpreza das captivas ;
 Pois julgaõ sobre tí de Viriato
 Toda a força das armas vingativas :
 Confirma aquella idéa o estrondo ingrato
 Das Lusitanas vozes offensivas ,
 Que soltaõ neste tempo os Portuguezes
 Em gritos repetidos muitas vezes.

XXXIV.

Da noite as sombras o terror lhe augmentaõ ;
 Mas nam a luz do dia os desfengana ,
 Que as Damas arrogantes representaõ
 Hum bom corpo de gente Lusitana.
 Com bellicoso adorno alli se ostentaõ
 De duro ferro armadas á Romana ,
 E ficaõ neste estado em modos varios
 Duas vezes temiveis aos contrarios.

Del-

XXXV.

Delles os mais por força do destino
 Acabáráo a vida ás maons dos Lufos ;
 Foge o resto com cégo defatino ,
 Não menos derrotados , que confusos ;
 Deixando o campo cheio de ouro fino ,
 De despojos soberbos , e profusos ,
 De que adornada a gente Portugueza
 Os trophéos fabricou daquella empreza.

XXXVI.

Ella foi propriamente hum raro effeito
 Do nobre arrojo das valentes Damas ,
 A quem da liberdade o amor perfeito
 Enchia o coração de illustres chamas :
 Ella póde , se a caso o meu conceito
 Se atreve a comparar antigas famas ,
 Eternizar-lhe a gloria de Heroínas ,
 Mais do que ás Gregas , mais do que ás Latinas.

XXXVII.

Mas não só na ambição da liberdade
 Se illustráráo as Damas Lusitanas ,
 Que se negaó ás Clelias igualdade ,
 Não invejaó Lucrecias ás Romanas :
 De Osmia a triste tragedia em qualidade
 Semelhante á de Roma , e nas tiranas
 Circunstancias maior abona o excessso ,
 Que faz áquelle caso este successo.

Era

XXXVIII.

Era Osmia da Lusa gentileza
 Maravilha fatal , prodigio raro ,
 Em quem se unia aos dotes da belleza
 O dom sublime de hum esgenho claro ;
 E apurando as lisonjas da riqueza
 Nos esmaltes do sangue mais preclaro
 Tinha sido ditoso precipicio
 De mil almas em doce sacrificio.

XXXIX.

Hum nobre Luso em fim , ou mais ditoso ,
 Ou mais digno talvez , que os mais amantes ,
 Soube alcançar o termo glorioso
 Dos votos da Nação mais relevantes :
 A mão de Osmia , com gosto ambicioso
 Entre applausos lograva triunfantes ,
 Quando hum dia os Romanos de repente
 Hum , e outro captivaõ tristemente.

XL.

Teve por fórte a Dama malograda
 Ficar presa de hum nobre Cavalleiro ,
 Que notando a belleza delicada ,
 Ficou della não menos prisioneiro :
 Osmia arrasta as cadeas indignada ,
 Elle tem por suave o captiveiro ;
 Mas não he mais feliz neste combate ,
 Que nos ferros de amor não há resgate.

Lara

XLI.

Largo tempo abrasado em chama nobre
 Geme o peito Romano mudamente ;
 Perde o fusto depois , depois descobre
 Os effeitos de amor já livremente :
 Não lhe fica fineza , que não obre ,
 Projecto algum não há , que não intente ;
 Porém de Ofmia o decóro he tão perfeito
 Que até no vencedor impõem respeito.

XLII.

O mais difficil bem mais se appetitee ,
 Irrita-se a paixão na resistencia ,
 Já do antigo respeito amor se esquece ;
 Já despreza os clamores da decencia ,
 De Ofmia o recato nos excessos cresce ;
 Mas he do vencedor tanta a impaciencia ,
 Que houve de ter por fim ao seu dominio
 A sorte de Lucrecia com Tarquinio.

XLIII.

Sentio a nobre Dama a sua injuria ,
 Quanto deve sentir hum peito honrado ;
 Ver-se victima torpe da luxuria
 A's maos de hum cégo ardor sacrificado ;
 De huma justa vingança a nobre furia
 Lhe occupa o coração desesperado ;
 Mas não quer , que se arrisque , na incerteza
 De hum golpe intempetivo , a nobre empresa.
 Com

XLIV.

Com cautella disfarça a dor activa ;
 Que o peito lhe devóra em magoa pura ;
 Finge agora a paixã já menos viva ,
 Inculca a condiçã já menos dura ;
 Já parece aos suspiros compassiva ,
 Já da voz não se affusta da ternura ;
 E tanto encobre em fim o seu projecto ;
 Que a mesma indignaçã parece affecto .

XLV.

De apparencias tão doces enganado
 Se applaude o vencedor do seu successo ;
 Acreditando o vaõ prazer de amado ,
 Como effeito feliz do ousado excessõ ;
 Julga de Osmia o rigor em fim domado ;
 Já não teme das iras o progresso ;
 Já seguro de amor lhe facilita
 Mil meios a vingança , que medita ;

XLVI.

Aos doces mimos de Morfêo fendido
 Huma noite se achava o cégo amante ;
 Mitigando nas tregõas do sentido
 Os desvelos do affecto vigilante ;
 Quando de Osmia o furor mal reprimido
 Nos mentidos disfarces do semblante ,
 Rompendo da cautella o fero engano ,
 Lhe destina o castigo mais tirano .

XLVII.

A' garganta infeliz, que o sômnio opprime ;
 Do proprio ferro o fio agudo applica ;
 Affusta a falta de uso a maô sublime ;
 Mas da injuria a lembrança a fortifica :
 Levanta em fim a espada, o golpe imprime
 No atrevido offensor, que á fé dedica,
 E com forças, que a gloria lhe prepara,
 A cabeça do corpo lhe separa.

XLVIII.

Com ella em huma maô, em outra a espada ;
 Fumante ainda da cruenta empreza,
 Busca o Esposo infeliz, a quem prostrada,
 Quer declarar o caso com pureza :
 Principia ; porém a voz gelada
 De horror lhe fica na garganta preza,
 Que não acha o pudor palavras dignas
 Para expôr circumstancias tão malignas.

XLIX.

Disse o que pôde ; diz o mais o pranto ;
 Mas não perde no pranto o nobre alento ;
 Que se o pejo lhe causa á voz elpanto,
 Não lhe impede o valôr ao pensamento :
 Quebrada a fé do laço sacrosanto,
 Não se emenda o defar no sentimento ;
 Osmia sabe, que a morte só dezata
 Os grilhoens de huma infamia; ella se mata.

G

Tal

L.

Tal foi de Osmia a tragedia, e taõ valente
 He na Lusa Naçaõ o amor da gloria,
 Que naõ teme da morte a horrenda frente,
 Por fazer a virtude mais nõtoria.
 Mil provas deste affecto illustremente
 Miniftra ao pensamento a antiga historia;
 Mas naõ sofre do tempo a brevidade
 Casos narrar de igual heroicidade.

LI.

A's noticias geraes do Estado todo
 Voltarei outra vez, bem que de Augusto
 Atõ a introducçaõ do Imperio Godo
 Pouco assumpto deixou o tempo injusto;
 Mas se a fama nos rouba desse modo
 Das nobres glorias do valõr robusto;
 Outras glorias naõ menos singulares
 Nos prepara a mudança dos Altares.

LII.

Chegára em fim o tempo venturoso
 Nos sacrosantos Livros indicado;
 A' esperanza dos justos precioso,
 E dos Santos Profetas suspirado,
 Em que á terra abatido o Deos piedoso
 Devia ser o Mundo resgatado;
 E já desde os confins da Palestina
 Se espalhava ás Naçoens a luz Divina.

Mas

CANTO III. 99

LIII.

Mas nas trevas da cega idolatria,
Que as Províncias Romanas occupava,
Mal distincto o fulgor da fé luzia
Entre os erros grosseiros, que encontrava;
Já por largo paiz se difundia,
Mas toda-via o rito se occultava;
Porque as aras das falsas Divindades
Se armavaõ do poder das Magestades.

LIV.

Portugal, cuja forte em tudo rara,
He fer nos sacros cultos extremo,
E com puros affectos adoptára
Da Ley nova o fervor religioso,
No zêlo santo da Doutrina clara
Se mostrava ás mais gentes vantajoso;
E por esta razaõ com mais porfia
Era objecto da cega tyrania.

LV.

Bebido tinha nas mais puras fontes
Os Dogmas principaes da Christandade,
Quando apenas da Igreja os Orifontes
Se illustravaõ dos rayos da verdade:
Quem trouxe a Ley da Graça aos Lufos montes
Nãõ he facil dizer com claridade;
Pois he na tradiçaõ problema vago
Ser Saõ Pedro, Saõ Paulo, ou Santiago.

LVI.

Mas, ou todos, ou hum foi certamente
 Do Collegio de Christo respeitavel
 O Mestre, ou Meftres, que entre a Lufa gente
 Ensináraſ seu Santo nome amavel;
 E com fructo taſ prompto, e taſ parente,
 Que abraſado de hum zêlo incomparavel,
 Já no tempo de Nero, com fé pia,
 Por Christo o Luſo fangue ſe vertia.

LVII.

Mil palmas de martyrio a Luſa terra
 Produzio felizmente aquelles annos,
 Cuja fama immortal a historia encerra
 Para eterna vergonha dos Tyranos.
 Naquelle dos Chriſtaons primeira guerra;
 Indelevel injuria dos Romanos,
 Se distinguem os nomes de Cicilio,
 Pedro, Eufrazio, Torcato, e de Baſilio.

LVIII.

Nem menos entre os Luſos precioſa
 A lembrança de Mancio ſe conserva;
 Mancio, cuja doutrina fez ditosa
 A Cidade, que honrou a antiga Cervaſ
 Allí patente á inveja eſcrupuloſa
 A columna fatal inda ſe obſerva,
 Onde Mancio com fangue rubricára
 A verdade do Dogma, que enſinára,

LIX.

O mesmo nobre empenho representa
Celerina Matrona Lusitana,
Secundino, Donato, e mais de oitenta
Companheiros, Victor, e mais Susana;
O mesmo as nove Irmãos, de quem se ostenta
Braga patria feliz, bem que tyrana,
Donde fugindo todas se assegura
Serem victimas santas da fé pura.

LX.

Por ella illustremente em tempos varios;
Outros muitos Varoens, muitas Donzellas
Dos despojos da vida voluntarios
Adornáraõ na Lisboa as almas bellas;
A Historia secular, os Breviarios,
Os Altares, os Templos, as Capellas
Abonaõ, sem cessar em toda a idade
A constancia da Lusa Christandade.

LXI.

Empreza digna de mais alto canto
Seria repetir distinctamente
As açcoens, que o fervor de hum zêlo santo
Fez obrár ao valor da Lusa gente:
A' mesma voz da fama assombro, e espanto
Póde ser este assumpto eternamente,
E da mesma materia a dignidade
Me nega de a tratar a liberdade.

He

LXII.

Hé notoria no Mundo a tyrania,
 Que os primeiros tres seculos da Igreja
 Maquinou aos Christaos a idolatria,
 A avareza, a ambição, o odio, a inveja;
 Ella foi tão geral, tanta a portia
 Dos martyrios, que a furia vil manêja,
 Que não teve a virtude outro destino
 Desde Nero cruel a Constantino.

LXIII.

Este grande Monarcha, a quem propicio
 Por alta permissão da Providencia,
 O Ceo-guardava o summo beneficio,
 De apurar dos altares a decencia;
 Auctorizando o Santo Sacrificio,
 Com justa Ley, com pura reverencia
 Suspendeo dos martyrios a torrente,
 Rendendo a Christo o culto competente.

LXIV.

Elle foi geralmente praticado
 Nas Provincias de Roma tributarias,
 E nos Lusos limites celebrado
 Com finezas de zelo extraordinarias;
 E bem que alguma vez fosse infamado
 Algum particular de acçoens contrarias,
 Foi sempre em Portugal pura, e constante
 A Ley da graça o culto dominante.

Nem

LXV.

Nem dos mesmos Monarchas a cegueira
 Pôde apagar a fé da Lusã gente,
 Por mais, que a Ley desprezem verdadeira
 Juliano, Constandio, e mais Valente;
 Sempre firme a Nação contra a grosseira
 Idolatria, contra a vil semente
 Das heresias, foi do zélo empório
 Do grande Constantino até Honorio.

LXVI.

No tempo deste froxo, e mal fervido
 Imperador por forte, ou por enganoso,
 Sendo o Imperio Romano acomettido
 Pelas armas dos Godos, dos Alanos,
 Suevos, e Selingos, e partido
 Em retalhos por mãos destes tyranos,
 Foi a Lusã Provincia mal guardada,
 Destas barbaras gentes assolada.

LXVII.

Os Suevos, e Alãos vencedores
 Dos Romanos nas terras Portuguezas,
 Foraõ logo entre si competidores
 No dominio das Lusas fortalezas:
 Daqui novas questoens, novos horrores,
 Novas perseguiçoens, novas cruezas
 Vem á Religiaõ, ao Estado, á gente,
 Á honra, e á vida miseravelmente.

LXVIII.

O theatro da guerra he quem padece
 Sempre o damno maior da mesma guerra ;
 Ou só nelle deveras se conhece
 Todo o mal , que este açoute em si encerra ;
 E bem , que o uso deste horror podesse
 Menos fulto causar na Lusa terra ,
 Era agora tão forte este castigo ,
 Que faria esquecer qualquer antigo ;

LXIX.

Pois sendo nestes Gétas conhecida ;
 Tyrana a condiçã , céga a braveza ;
 Grosseira a criaçã , barbara a vida ,
 Natural o rigor , propria a fereza ,
 No nome de inimigo enfurecida
 A dura propensã da natureza ,
 Pareciã mais feras indomaveis ,
 Do que homens racionaes , e sociaveis ;

LXX.

Hydropica ambiçã de sangue humano
 Era affecto vulgar na fera gente ,
 Sendo objecto igualmente ao golpe infano
 O varã forte , e o timido innocente ;
 Tudo affôla indistincto o ardor tyrano ;
 Mas de tantos estragos na torrente
 Fazia mais horror a barbaria
 Dos costumes , que a mesma tyrania ;

LXXI.

A policia Romana introduzida
Nos estílos, nos moveis, no sustento ;
Foi na Lusa Nação substituída
De hum barbaro, feroz procedimento ;
Desterrado o bom gosto, a luz perdida
Das sciencias, das artes, do ornamento,
Destruía igualmente a furia bruta
O Palacio, o Jardim, a fonte, a gruta.

LXXII.

O respeito dos Templos profanado,
Os sagrados Ministros perseguidos,
O santo Dogma de erros maculado,
Os Divinos Misterios confundidos,
O moral das açoes prevaricado,
Os principios geraes desconhecidos,
Nenhuma applicação, nenhum estudo,
Tudo em fim era horror, desgraça tudo;

LXXIII.

Resplandiano fôra o Rey primeiro,
Que os Alanos guiára á terra Lusa,
De quem Atáces foi filho, ou herdeiro
No governo cruel da gente intrusa:
Era Atáces mancebo, era guerreiro
De esfera não vulgar, bem que confusa;
Por falta de instrucção; mas valoroso
Insançavel, robusto, e ambicioso.

Este

LXXIV.

Este depois de haver com mão pêsada
 Domado Portuguezes, e Romanos
 Na Provincia, que fora em forte dada
 A's tiranas emprezas dos Alanos,
 Movido de ambição desordenada
 De estender os limites soberanos,
 Contra os mesmos Suevos seus amigos
 Convertia das armas os castigos.

LXXV.

Com presteza fatal, com mão potente
 Sobre a antiga Collimbria em fim dispára
 Toda a furia da raiva impaciente,
 Que a guerra ordena, que o rigor prepara;
 Arrazada a Cidade inteiramente,
 Résta apenas do nome a fama rara;
 Mas tão pouco distincta, que só deixa
 Ver, que fora Collimbria, onde he Condeixa.

LXXVI.

Das cinzas quentes deste estrago duro
 Nova Fenis Coimbra se levanta,
 Onde o barbaro Rey para o futuro
 Por padrao da victoria os seus transplanta;
 Mas no mesmo esplendor do novo muro
 Segundo Pharaó ao mundo espanta,
 Atáces fero, que a pensoens vulgares
 Sujeitava os Ministros dos altares.

LXXVII.

Allí se via com affombro, e susto,
 Entre a plebe grosseira equivocado,
 O Sacerdote santo, o Bispo justo,
 Aos mais duros serviços condemnado:
 A gróssa barra, o alvião robusto,
 A pavióla, o cesto, e o mal lavrado
 Braço do cabrestante era o exercicio
 Da mão usada ao Santo Sacrificio.

LXXVIII.

Em quanto desta forte entre infolencias,
 Crescia de Coimbra o muro altivo,
 Igualmente manchado de indecencias,
 Que illustrado de adorno defensivo,
 Os Suevos movidos das violencias,
 A que as tropas de Atáces dão motivo,
 Desde as praias do Lima vem correndo
 A castigar estrago tão horrendo.

LXXIX.

Mas temendo igualmente os dois partidos
 O successo fatal de huma batalha,
 Ou de antigos affectos commovidos,
 Que a politica voz astuta espalha,
 Dos impulsos das iras esquecidos;
 Cada qual pela doce paz trabalha,
 E termina-se os tristes embaraços
 No fim ditoso de suaves laços.

Do

LXXX.

Do Rey Suevo Hermenerico a filha
 Cindafunda, Princeza respeitavel,
 Em quem no summo grão se ostenta, e brilha
 A virtude, e belleza incomparavel,
 Foi de Atáces o premio, a que se humilha
 Tanto a sua soberba incontrastavel,
 Que trocada a braveza em rendimento,
 Fez de hum barbaro amor hum culto attento;

LXXXI

Da força illustre deste affecto claro
 Tira a nova Coimbra o timbre augusto;
 Que Atáces lhe entregou no objecto charo
 Representado em marmore robusto,
 Allí dura, apesar do tempo avaro,
 Da famosa Princeza, o nobre busto
 Entre huma serpe, e hum leão metido;
 Que insignias são do Pay, e do Marido,

LXXXII.

Pouco tempo durou da paz serena
 O desejado fructo entre os Alanos;
 Que huma liga fatal o odio ordena
 Entre Vandalos, Godos, e Romanos;
 Estas Naçoens, a quem causara pena
 Ver unidos os Reys dos Lusitanos,
 Dos progressos de Atáces temerosas
 Em seu damno conjurão furiosas,

LXXXIII.

Junto a Mérida, entã Corte luzida ;
 De que hoje resta apeñas a memoria ,
 A confusos vestígios reduzida
 A soberba fatal da antiga gloria ,
 Acaba em fim de Ataces a temida
 Anibiçãõ, com desgraça taõ notoria ;
 Que perdida a batalha inteiramente ,
 Perde Estados, e vida juntamente.

LXXXIV.

Alli extincta a gloria dos Alanos ;
 Dos Suevos renasce a Monarchia ,
 Cujõ termo em dominios soberanos
 Pouco ávante do Douro se estendia ;
 Mas vendo agora os póvos Lusitanos
 Sena governo formal, sem Rey, sem guia ;
 Com industrias de agrados, e amizades ,
 Se faziaõ senhores das cidades.

LXXXV.

Brevemente com mutuas alianças
 Suevo, e Luso sangue se mistura ;
 Firmando o parentesco as seguranças
 Da mais bella uniaõ, da fé mais pura ;
 E crescem tanto as nobres confianças
 Nos penhores fieis, que se figura
 Huma naçaõ sómente, o povo vario ,
 Que tantas vezes fora já contrario.

1770 A LIBERDADE.

LXXXVI.

Largo tempo logrou Hermenerico
O domínio geral da Lusã terra,
De quem foi successor, no Trono rico
Rechilla, Rey feliz em paz, e guerra;
Deste o filho Rechiario, e Theodorico
Rey dos Godos de lá da Alpina ferra,
Sendo em laços estreitos aliados,
Se fizeram contrarios declarados.

LXXXVII.

Porque Sendo o Rey Godo, dos Romanos
Aliado fiel, constante amigo,
De quem agora o Rey dos Lusitanos
Se mostrava implacavel inimigo,
Pretendendo evitar da guerra os damnos,
De que conhece bem todo o perigo,
A Rechiario, com prudente intento
Quiz desviar daquelle pensamento.

LXXXVIII.

Mas este, que aspirava ao Trono augusto
De toda Hespanha, e julga ser inveja
A causa principal daquelle susto,
Que não crê, que de amor sincero seja,
Lhe responde soberbo, altivo, injusto,
Que os proprios riscos mais attento veja;
Porque a guerra, que Hespanha agora sente,
Lhe irá fazer em França brevemente.

Passa

LXXXIX.

Passa o Godo indignado da resposta
 Da grande ferra as duras eminencias,
 Onde a triste Pyrene a vida exposta
 Vio dos brutos ás feras inclemencias;
 E achando Hespanha ainda mal disposta,
 Vaõ cedendo ao furor as rezistencias,
 Athé que em fim, vencido Rechiario
 Deixa a vida nas maõs de seu contrario.

XC.

Com elle espira o sangue respeitavel
 Dos Monarchas Suevos taõ temidos,
 Abatendo-se o Ceptro inestimavel
 A fugeiçã dos Godos atrevidos;
 E bem que largos annos perduravel
 Fosse o nome de Rey entre os vencidos,
 Eraõ Reys dependentes, de algum modo,
 Do dominio geral do Imperio Godo.

XCI.

Athé que em fim no tempo em que reynava
 Leovigildo cruel, e ambicioso,
 Cujo genio feroz naõ respeitava
 Nem justiça, nem termo generoso;
 Taõ tirano por fim, que executava
 No proprio filho o odio furioso,
 Perdido totalmente o nome Regio,
 Ficou simples Provincia o Reino egregio.

XCII.

Como tal confundida entre os estados
 Da vasta altiva Goda Monarchia,
 Seguiu a Lusã gente os varios fados,
 Que a sorte áquelle Imperio repartia;
 Athé que em fim os vicios descarados,
 Com que o Trono Real se invilecia
 Desafiando os Céos para o castigo,
 O conseguirão no infeliz Rodrigo.

XCIII.

Este infausto Monarcha, a quem guardava
 O destino fatal para escarmento
 Das defordens, que o Reino lamentava
 De hum dominio cruel, torpe, e violento;
 Completando a medida, que esperava
 Da Justiça Divina o sofrimento,
 Foi o ultimo Rey da gente Goda
 Ruina universal de Hespanha toda,

XCIV.

Era Rodrigo illustre descendente
 Do sangue Godo mais esclarecido;
 Antes de Rey, affavel, bom, valente;
 Depois froxo, soberbo, e defabrido;
 No governo do Reyno negligente,
 Em passatempos vaons só divertido,
 Ao Conde Juliaõ com liberdade
 Confiava o poder da Magestade,

XCV.

Tinha o Conde huma filha , a quem dotára
 De huma gentil figura a natureza,
 Que brilhava à pezar da forte avara ,
 Entre aceyos , agradós , e viyeza ,
 Maravilha da Corte , inveja rara
 Do juizo , da graça , e da belleza ;
 Era Florinda , em fim de todo modo
 O prodigio maior do Imperio Godo.

XCVI.

Vio Rodrigo este affombro , e namorado ;
 Que era dividá amor a tal aspecto ,
 Lhe tributa nas aras do cuidado ,
 Continuas oblaçoens de puro affecto ;
 Mas sendo o culto ardente despresado ;
 Da altiva indignaçã do doce objecto ;
 Lhe confagra com voto mais rendido
 Fé de Esposo , palavra de Marido.

XCVII.

Já propicia Florinda ao rogo amante
 Aceitava benigna em cultos varios ,
 Os obsequios do Principe arrogante ;
 E os parabens dos Povos tributarios ;
 Quando a forte invejosa , ou vacillante
 Por costume , nos bens extraordinarios ;
 Fez conduzir á Corte de Rodrigo
 Egilona , de amor novo perigo.

XCVIII.

Era estranha Egilona, e mal tratada
 No mar de huma tormenta furiosa,
 Tinha sido das ondas arrojada
 Sobre as costas de Hespanha bellicosa;
 E sendo logo ao Rey apresentada,
 Bem q̃e adora a Florinda por formosa,
 Foi a nova belleza mais bem quista,
 Senaõ já por maior, por menos vista.

XCIX.

Perde Florinda em fim por hum acaso
 A maõ do Rey, e o Trono promettido,
 Que Egilona só deve ao triste caso
 De hum naufragio nas ondas padecido;
 Foi aquelle navio o triste vaso
 De Pandóra, na Hespanha introduzido,
 Donde foraõ sahindo os males todos
 Para estrago geral dos nobres Godos.

C.

Porque a bella Florinda injurlada,
 Descompostos do Conde os pensamentos;
 Nem podem supportar a dor pesada,
 Nem querem sujeitar-se a sofrimentos;
 Florinda ativa, ou menos disfarçada,
 Naõ dissimula os tristes sentimentos;
 Mas o Conde de enganos mestre antigo
 Jura a perda do Rey com rosto amigo.

CI.

Era o Conde Politico famoso,
 Nas intrigas das Cortes instruido,
 Vingativo por genio, e ambicioso,
 Mas por arte agradavel, e sofrido;
 Sem fé, sem probidade, impetuoso,
 Nas paixöens, nos projectos desmedido,
 Implacavel nas iras, avarento,
 Suspeitoso, cruel, sanguinolento.

CII.

Era do Rey valido, e de maneira,
 Que eclipsada do affecto a Magestade;
 Passava o valimento a ser cegueira,
 Passava a sujeição a humanidade;
 Pois abusando o Conde da ligeira
 Inclinação do Rey á ociosidade,
 Deixando-lhe sómente o nome Regio,
 Lhe usurpava o poder, e o privilegio.

CIII.

Os beneficios, as mercês, as graças
 Pelo arbitrio do Conde se faziao,
 Os castigos, as penas, as desgraças
 Do seu gosto sómente dependiao;
 O governo das Armas, e das Praças
 Pelo seu parecer se commettiao;
 E finalmente o Rey do seu cuidado
 Fiava a direcção de todo o Estado.

CIV.

Deste mesmo favor, desta privança
 Faz o perfido Cónde injusto meyo,
 Para lograr mais promptos da vingança
 Os fins, que occulta no mentido feyo;
 Porque enchendo de vil desconfiança
 O animo Real com torpe, e feyo
 Fingimento de zêlo, o precipita
 Na ruina fatal, que premedita.

CV.

Faz-lhe crer, que os vassallos respeitôfos
 Lhe são pouco fieis, e mal sofridos,
 E que os Povos ferozes, e orgulhosos
 Podem ser facilmente commovidos:
 Que he preciso evitar com cuidadosos
 Artificios perigos tão subidos;
 E que o meyo melhor para evita-los,
 He desarmar Cidades, e vassallos.

CVI.

Persuade-se o Rey do triste engano,
 Porque crê cegamente o falso amigo,
 E manda desarmar em proprio damno,
 Todo o Reyno, sobpena de castigo:
 Depoem a gente Goda o ferro ufano,
 Das praças se arruina o muro antigo,
 E fica o Estado exposto ao risco duro,
 Quando o Rey se imagina mais seguro.

Funda-

CVII.

Fundamentado assim o vil projecto,
 Se offerece a Rodrigo o Conde astuto
 Como effeito fiel de hum puro affecto ;
 A conseguir dos Mouros maior fructo ;
 Porque sabendo , que o primeiro objecto
 Dos cuidados do Rey são Sisebuto ,
 E Evan seu irmão refugiados
 Entre os Mouros , e delles estimados.

CVIII.

Lhe aconselha , que mande huma embaixada
 A' Corte Mauritana , e que faria
 Elle perfido Conde esta jornada ,
 Que de outro Embaixador pouco confia ;
 E pondo em praxe a idéa refinada ,
 Parte o traidor infame á Barbaria ,
 Mais que a tratar dos fins , que astuto affecta ,
 A dispor a vingança , que projecta.

CIX.

Entre tanto Rodrigo ambicioso
 Dos thesouros , que a fama publicava ,
 Encerrar de huma Torre o vão famoso
 Que occulto ha muitos annos se guardava ,
 Onde o susto do povo temeroso
 Mil prestigios de encanto imaginava ,
 E de largas idades se dizia
 Ser funesto presagio se se abria.

Despre-

CX.

Despresando rumores populares,
 Que imagina illusoens do vulgo inculto ;
 E que na fé de idéas regulares
 Fazem sempre pequeno, ou nenhum vulto ;
 Quebranta os varios ferros tutelares,
 Que faõ das portas, mais que guarda, insulto
 Em rafaõ dos horrores, que authorisaõ
 Nesse meõmo recato, que eternisaõ.

CXI.

Examina da Torre o centro escuro ;
 Mas nella naõ vê mais, que hum côfre breve,
 Que guardado com fecho bem seguro,
 Tosco á vista parece, ao tacto leve ;
 Excita o novo objecto ardor mais puro,
 Que a romper o mysterio em fim se atreve ;
 Mas patente o motivo do segredo,
 Quanto fora alvorôço, he susto, e medo.

CXII.

Porque dentro do côfre está dobrado
 Sómente hum triste véo, que apenas toca,
 Quando hnm corpo de tropas vê pintado,
 Que no traje com Mouros se equivoca ;
 A postura a fereza, e gesto irado
 Tudo á guerra parece, que provoca ;
 Mas o risco mais claro annunciava
 Hum letreiro, que assim se decifrava.

No,

CXIII,

No momento fatal, que for aberta
 Desta Torre vedada a porta inculta,
 E por maons imprudentes descoberta
 For a pintura, que este cofre occulta,
 A conquista de Hespanha inteira, e certa
 A gente aqui notada se faculta;
 Tema qualquer, que o vea tocar ofada,
 Que nelle está seu risco retratado.

CXIV.

Affustado Rodrigo, e vacilante
 Treme de horror á vista do protento,
 E nas palidas cores do semblante
 Mal disfarça o pavor do pensamento;
 Mas na fé dos prodigios inconsistente,
 No silencio sepulta o sentimento;
 E sabindo das portas mal seguras,
 As carrega de novas fechaduras.

CXV.

Crê, que basta a cautela do segredo
 A frustrar os horrores do ameaço;
 E com rogos, promessas, susto, e medo
 Affigura das vozes o embaraço;
 Mas não pôde evitar o cego enredo
 O decreto cruel do fado escaço,
 Que o Trono augusto em fim se precipita
 Desde o tempo, que a Torre se visita.

Tal

CXVI.

Tal he a tradiçãõ de Hespanha inteira
 Nos mais ferios escriptos abonada,
 Se huma noticia tal por verdadeira
 Põde ser de algum modo auctorisada;
 Livre á luz da rafaõ fique a carreira
 Nos exames de se tãõ dilatada,
 Que eu seguindo da historia o cêgo instincto,
 Vou contando o que li, naõ o que finto.

CXVII.

Entre tanto na Corte de Rodrigo,
 Com emprego de Dama da Raynhã,
 Assistia Florinda, em quem o antigo
 Amor do Rey fataes raizes tinha;
 E mal firme a rafaõ contra o perigo,
 Das subtis impressõens da luz visinha,
 Novamente inflamado o Regio peito,
 Da mais cêga paixãõ padece o effeito.

CXVIII.

Arde Rodrigo em chãmas indecentes
 Mais activas talvez, por mais impuras,
 Que he costume de affectos imprudentes
 Por culpaveis mostrar forças mais duras;
 Saõ agora mais bellas, mais valentes
 Da deixada Florinda as graças puras;
 E exaltada nas aras do desejo,
 Quanto fora desprezo, he já cortejo.

Tem

CXIX.

Tem por graves os laços preciosos ;
 Que dos proprios affectos fabricára,
 E suspira com votos vergonhosos
 Pelas mesmas cadéas, que quebrára ;
 Contemplada com olhos cubiçosos
 Aquella luz, que ha pouco reprovára ;
 Céga agora o discúrsio, abraça a idéa,
 Sem mais outra rafaõ, que ser aheá.

CXX.

Mas conserva Florinda na memoria
 Viva a dor do despeço intoleravel ;
 E não lhe sofre o amor da propria gloria,
 Ser de Rodrigo ás ancias favoravel ;
 Nas vinganças de offensa taõ notoria
 Passa a ser o rigor ira implacavel,
 E quanto mais amante o Rey parece,
 Tanto mais de Florinda o desdem cresce.

CXXI.

Affistencias, obsequios, gentilezas,
 Lisonjas, attenções, mimos, agrados,
 Desvelos, votos, cultos, e finezas,
 Rogos, suspiros, ancias, e cuidados,
 Tudo emprega Rodrigo com destreza;
 De amante experto em riscos namorados ;
 Mas a tudo resiste a Dama altiva
 Naquelle tempo mais que Dafne esquiva.

Cresce

CXXII.

Cresce a cega paixão na resistencia,
 Efeito natural do amor tirano,
 Que imitando dos rayos a violencia,
 Nas durezas se emprega mais ufano:
 Frustrada fta brandura a diligencia,
 Da força se aproveita o Rey infano;
 E qual outro Tarquinio furioso,
 Perde o Ceptro com crime vergonhoso.

CXXIII.

Porque a nova Lucrecia injuriada,
 Não menos, que a Romana, mal sofrida,
 Nem medita vingança mais calada,
 Nem quer satisfação menos luzida.
 Ao Pay intima em carta abreviada
 A noticia da afronta padecida,
 E lhe pede com rogo impaciente
 O castigo de acção tão insolente.

CXXIV.

Recebe o Conde a carta, e vêm voando
 Desde a Africa adusta até Tolledo,
 Onde espera de caso tão nefando
 Informar-se melhor, com mais segredo;
 E discursos malignos atalhando
 Com finas illusões de astuto enredo,
 Publica concluida a diligencia,
 Que fazia precisa a sua ausencia.

CXXV.

Ao mesmo Rey engana desta forte,
 A quem rende por zelo a brevidade,
 E occultando no peito a pena forte,
 Affecta a mais feliz tranquillidade;
 Mas depois, que da Filha, e da Conforte
 Se informa bem da triste novidade,
 Largando a redea toda a ira cega,
 Ao mais duro furor em fim se entrega.

CXXVI.

Pequeno sacrificio lhe parece
 A vingança cruel, que premedita,
 E na sua soberba não conhece
 Limites a ambição, que o peito incita;
 Na cega idéa mil projectos tece,
 Em mil furias de horror se precipita;
 E jura, que Florinda em dôr tamanha
 Outra Helena ha de ser da triste Hespanha.

CXXVII,

Diffimula, com tudo, cauteloso
 A dôr feroz, que o peito lhe devora;
 E nos cultos do Rey mais cuidadoso,
 Ou mais attento se desvela agora;
 Athé que conseguido o fim damnoso
 Da torpe adulação, que a honra ignora,
 Passa segunda vez de Africa os mares,
 Governador das Praças Militares.

Como

CXXVIII.

Como penhor fiel da fé devida,
 Deixa o perfido Conde com cautela;
 A pesar da faldade enternecida,
 No serviço do Paço a Filha' bella;
 Mas seguido da Espoza mal sofrida,
 Que não menos nas iras se desvela,
 Parte emfim' a buscar com triste engano;
 A vingança no ferro Mauritano.

CXXIX.

Facilita-lhe a fera visfinhança
 Os duros meyos da traição, que intenta,
 E de Muça, na antiga confiança,
 Os mais certos soccorros fundamenta:
 Deste fia o segredo da vingança,
 Os agravos do Rey lhe representa,
 E lhe jura com torpe rebeldia,
 Sujeitar-lhe de Hespanha a Monarchia.

CXXX.

Era Muça dos Mouros Commandante,
 Não menos que valente, industrioso,
 Nos combates intrepido, arrogante,
 Nos contratos prudente, e cauteloso,
 E nos riscos presentes vacilante,
 A' proposta se affecta duvidoso;
 Mas o Conde com fortes argumentos
 Lhe desvaneece os dubios pensamentos.

CXXXI.

Faz-lhe ver com rasoens bem ponderadas,
 E por desgraça certas, e patentes,
 Que haõ de ser facilmente executadas
 As empresas, que nota de imprudentes;
 Que as Cidades estaõ desmanteladas,
 Os soldados sem armas competentes,
 Desgostosa a Naçaõ, queixosa a Corte,
 Malquistos o Rey, e maõ de toda a forte.

CXXXII.

Que no Reyno tem grande quantidade
 De parentes, amigos, e vassallos
 Que estaõ promptos a toda a novidade
 Com soldados, com armas, e cavalllos;
 Que os portos tem seguros na amizade
 De sujeitos dispostos a entrega-los;
 E que qualquer projecto bem medido
 Lograria o successo pertendido.

CXXXIII.

Persuadido em fim o Mouro astuto
 Destas rasoens, e de outras semelhantes,
 De que vê claramente o nobre fructo,
 Que podem dar empresas taõ brilhantes,
 Lhe promete animoso, e resolutos
 Ministrar-lhe soccorros abundantes,
 Com que possa não só vingar aggravos,
 Mas claramente fulminar estragos.

Certo

CXXXIV.

Certo já do soccorro desejado,
 Passa o Conde com tope providencia
 A dispor a perfidia do Tractado,
 Dos amigos na cega complacencia;
 Mas na mesma cegueira acautelado,
 Não se esquece da própria dependencia;
 E dos riscos da Filha receoso,
 A faz fahir do Paço ruinoso.

CXXXV.

Finge, que a Mãe ferida mortalmente
 De agudo mal, com triste fantasia,
 Quer ao menos na morte ter presente
 Da chara Filha a doce companhia;
 E com cores de empenho tão decente,
 Avivada da luz de que seria
 Pouca a demora, em fim do Rey consegue;
 Que a formosa Florinda se lhe entregue.

CXXXVI.

Livre já de attençoens, de susto isento
 O perfido, traidor, infame Conde
 Tira a mascara vil do fingimento,
 Com que as torpes accoens ao Mundo esconde;
 E descoberto o feyo pensamento,
 Que tão mal a seu fangue corresponde,
 Sobre a Patria de Mouros rodeado
 Apparece inimigo declarado.

Mortes,

CXXXVII.

Mortes , roubos , estragos , e infolências
 Vai o monstro feroz executando ,
 Primeiro , que do Rey as negligencias
 Acreditem delicto taõ nefando :
 Parecem-lhe illusõens as evidências
 De crime taõ atroz , taõ execrándo ;
 E quando em fim conhece a vil mudança ,
 He mais tempo de dor , que de vingança .

CXXXVIII.

Porque os Mouros depois de haver corrido
 Grande parte de Hespanha sem disputa ,
 E por varias Provincias commettido
 Mil insultos etueis com furia bruta ;
 Satisfeitos do fructo conseguido ,
 Para os portos do mar com marcha astuta ;
 De luzidos despojos carregados
 Já voltavaõ com passos apressados .

CXXXIX.

Quando Rodrigo ainda mal despertido
 Do letargo fatal em que vivia ,
 A taõ barbara afronta , e mal taõ certo
 Froxamente o reparo prevenia :
 Hum debil , mal armado , e nada experto
 Exercito lhe oppoem , em quem se via
 Mais que a força do Rey auctorifada ,
 A miseria do Reyno retratada .

Pois

CXL.

Pois sendo breve o numero da gente,
 Era menos, que a gente, o provimento,
 Faltando á triste Tropa juntamente
 Armas, ordem, vestido, e mantimento:
 Eraõ pedras da rua indignamente,
 As vergonhosas forças do armamento,
 E similhante em tudo era a ruina
 No vestido, na paga, e disciplina.

CXLI.

E sendo sem trabalho destruida
 Pelas armas do Conde aquella gente,
 E na sua ruina confundida
 Toda a força de hum Reyno tão potente;
 Deixando toda a Hespanha estremecida;
 Se recolhe o traidor impunemente,
 Sem que achasse na Goda negligencia
 Senão castigo, ao menos resistencia:

CXLII:

Animados os féros Africanos
 Do primeiro successo, e cubiçosos
 De mais altas empresas, que os tiranos
 Exercicios de roubos vergonhosos,
 A' Libia voltaõ de maiores damnos
 A prevenir os meyo orgulhosos,
 E dissipada a idéa do perigo,
 He já nobre alvoroço o fulto antigo.

CXLIII.

Já de Muça prudente a vassa idéa
 Nos cuidados do Conde não descança;
 Já da cega ambição a paixão feya,
 Mais projectos lhe inspira, que vingança;
 Já da gloria immortal se lisonjeia
 De huma nobre conquista, e na esperança
 De huma nova fortuna alvorçados,
 Todos os Mouros quèrem ser soldados.

CXLIV.

Entretanto Ródrigo estremeçido
 Dos tristes éccos do primeiro susto,
 E dos gritos dos povos commovido
 A buscar providencia ao damno injusto,
 Já da cega torpeza arrependido,
 Com que havia manchado o Trono augusto,
 Se dispunha com passos diligentes
 A precaver os riscos eminentes.

CXLV.

Gentè manda alistar, tomar cavallos;
 Reparar fortalezas, e muralhas,
 Levantar esquadroens, e doutrina-los
 Na sciencia terrivel das batalhas;
 Ferros manda fundir, e prepara-los
 Nos ardentes ensayos das fornalhas,
 Forjar Lanças, Espadas, Capacetes;
 Arnezes, Sayas, Grévas, Braceletes.

I

Capi:

CXLVI.

Capitaens manda vir a toda a pressa
 Dos presidios da Gallia bellicosa,
 Chama á Nobresa, os povos interessa
 Na defesa da Patria gloriosa;
 Conselheiros concova, o risco expressa,
 Dinheiros pede em copia numerosa,
 E por todos os modos se prepara
 Contra o golpe cruel da forte avara.

CXLVII.

Igual no reyno todo a providencia
 Se manifesta em nobres exercicios;
 Que se fôra contagio a negligencia,
 Saõ agora geraes os bons officios;
 Qual da guerra se instrue na sciencia,
 Qual das Praças se applica aos beneficios,
 Qual acode á muralha, qual á mina,
 Qual a outros empregos se destina.

CXLVIII.

Mas em quanto nos nobres apparatus
 De huma guerra futura, mas distante,
 Se occupava dos Godos mais cordatos
 Toda a força do zêlo vigilante,
 Pelas Portas Herculeas os ornatos
 Vem surgindo da Lua fulminante,
 Com que o torpe Mafoma faz famosas
 As bandeiras de Agar sempre horrorosas.

Vinte

CANTO III, 1

CXLIX,

Vinte vezes dez mil peões armados,
Com mil vezes quarenta cavalleiros
Forão logo nas Prayas vomitados
Do vasto seyo dos Baixéis guerreiros;
Do famoso Tarif allí guiados,
Que já fora Mandante dos primeiros,
E do perfido Conde, a quem se unia
Nova copia de infames cada dia,

CL.

Junto ao Calpe famoso, antiga méta
Dos triumphos illustres do Thebano,
Que a tradiçã dos Gregos indiscreta
Aqui suppõe ao mar dar passo ufano,
Se alója o Mouro adusto em paz quieta,
Sem que alguém se lhe opponha a tanto dano
Porque o triste Rodrigo não pensava,
Que tão prompta a perfidia o procurava,

CLI.

Mas já certo do proximo perigo
Parte em fim de Toledo, e vai buscando
De Guadalète o campo, onde o inimigo
Vinha as torpes bandeiras tremulando:
Alli disposto o Ceo para o castigo
Do cégo Rey, do povo miserando
Tinha o triste theatro, e allí se assenta
Hum, e outro arraial com agia attenta.

3.

A LIBERDADE

CLII.

Dois dias se observáraõ mutuamente
Os dois campos oppostos ; mas chegada
Era a hora fatal , que a Goda gente
Devia ter dos fados castigada :
Investiraõ-se em fim tyranamente
Huns , e outros , e foi taõ porfiada
A raiya dura , que a questaõ guerreira
Durou huma semana toda inteira.

CLIII.

Mas inclinou-se em fim ao Mouro adusto
Da brilhante victoria o vulto altivo,
E no campo Christaõ o triste susto
Foi descobrindo o gesto pensativo
Cede á força do fado o brio angusto
Dós nobres Godos , cede o genio esquivo ;
O valõr , a constancia , e finalmente
Cede tudo a favor da bruta gente.

CLIV.

Rodrigo foge , o Reyno se fugeita
Ao barbaro poder ; e nas Hespanhas
Inunda de Mafoma a torpe ceita
As Cidades , as Villas , as Campanhas ;
Assim acaba a gloria mais perfeita.
Das humanas grandezas , e façanhas ;
Hum só golpe bastou para castigo
Da soberba do reyno , e de Rodrigo.

Elle

CANTO III.

133

CLV.

Elle soube emendar a triste forte ;
Buscando na desgraça a penitencia,
E na antiga Vizeu com santa morte
Pôz fim ditoso á larga paciencia ;
Mas o Estado infeliz do golpe forte
Restaurar-se não pôde, e na indecencia
De hum captiveiro infame envolto todo ;
Para sempre perdêo o nome Godo.

FIM DO CANTO III.

88

THE COURT

1911

IN SENATE
JANUARY 11, 1911
REPORT
OF THE
COMMISSIONERS OF THE
LAND OFFICE
IN RESPONSE TO A
RESOLUTION PASSED
BY THE SENATE
MAY 1, 1909

ALBANY: J. B. LIPPINCOTT COMPANY, 1911.

A LIBERDADE

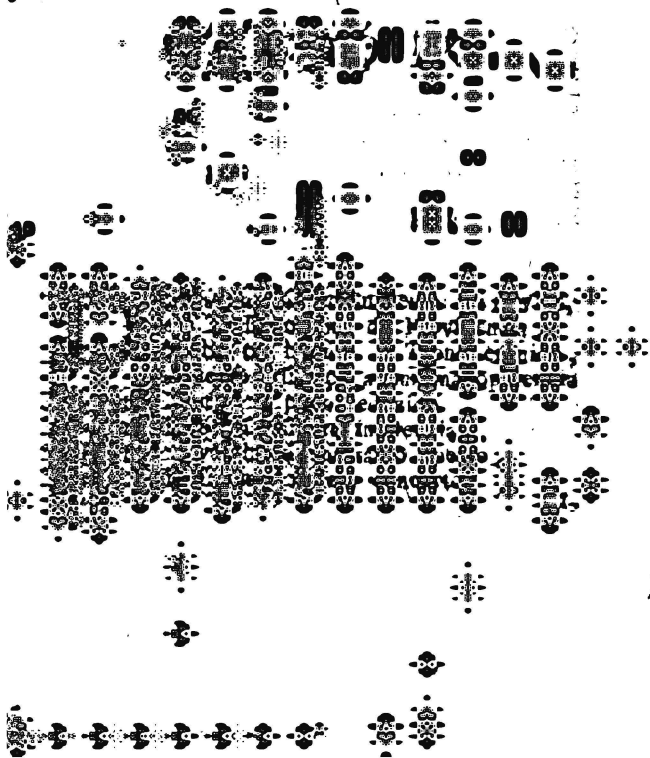
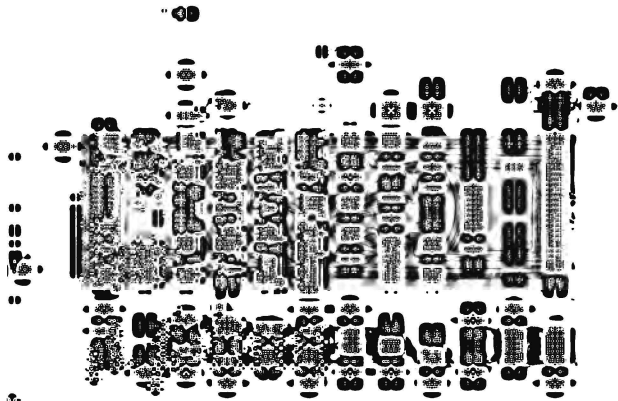
CANTO IV.

ARGUMENTO.



ESTRUIDO o Imperio dos Go-
dos, se retirão muitos destes pe-
lo mar a Paizes desconhecidos,
e outros se embrenhaõ pelas mon-
tanhas mais asperas, atbẽ, que
juntos bastantes nas serras das
Asturias, elegem por Principe a D. Pelayo,
que ganhando algumas terras aos Mouros,
se acclama Rey de Leaõ. Os seus Successores
continuaõ a conquistar, e ElRey D. Fernan-
do o Grande, Senhor ja de tres Estados, os
reparte por tres filhos, e faz D. Garcia Rey
dos Portuguezes, a quem succede D. Affonso
conhecido por Imperador. No tempo deste vem
servir ds Hespanhas varios Principes, e en-
tre estes o Grande Henrique de Borgonha, a
quem o Rey dá huma filha em casamento, e
ent dote as terras conquistadas em Portugal,
e as

e as que podesse conquistar. Succede-lhe seu filho o Senhor Rey D. Affonso I, a quem Christo Senhor Nosso apparece, e dá a Investidura do Reyno de Portugal. Prosegue-se a historia dos Reys até o Senhor D. Fernando. Casa este Principe com a Senhora D. Leonor, que pertende arruinar os Principes da Casa Real. Tragico successo da Senhora D. Maria Telles. Casamento da Princesa filha do Senhor Rey D. Fernando. Morte deste Principe, e origem da guerra. Pertende auzentar-se o Heros, e o povo de Lisboa o embarça, pedindo o seu amparo, e nomeando-o Defensor do Reyno. Entra em Portugal El Rey de Castilla, a quem a Rainha pertende entregar o governo, e elle a manda prender em hum Conuento. Atêa-se a guerra, e se fórma o cerco de Lisboa, que o Defensor pessoalmente sustenta, e manda Nuno Alvares Pereira defender as Provincias.



II.

Alguns a triste vida confiando
 Ao arbitrio das ondas inconstantes,
 Quaes de Troya no caso miserando
 Os amigos de Eneas trepidantes,
 Por incognitos mares navegando,
 A paizes passáraõ taõ distantes,
 Que naõ pôde athé agora com certeza
 Saber-se o certo fim daquella empreza.

III.

Outros na mesma patria desterrados
 Pelos montes, e penhas cavernosas
 Do barbaro furor refugiados,
 Se occultavaõ nas brenhas horrorosas;
 Athé que sendo muitos congregados
 Das Asturias nas terras pavorosas,
 Foi D. Pelayo delles escolhido
 Para cabeça ser deste partido.

IV.

Era Pelayo Principe valente
 Respeitado na Corte em tempo antigo,
 Do Regio sangue claro descendente,
 Primo, e sobrinho do infeliz Rodrigo's
 Era bravo na guerra, era prudente
 No conselho, constante no perigo,
 Popular, liberal, benigno, e justo,
 Activo, sobrio, agil, e robusto.

Este

V.

Este foi o Noé do povo Gódo,
 Na ruina geral daquella gente,
 A quem o Céu benigno deste modo
 Patriarcha fez deste continente:
 Delle procede o Regio sangue todo,
 Que restaurou de Hespanha a perda ingente,
 E nelle mesmo teve logo effeito
 Da reivindicacão o sab' direito.

VI.

Porque ganhando aos Mouros muitas terras,
 E chegando a formar hum novo Estado,
 Já deixado o pavor das toscas ferras,
 Póde ser de Leão Rey acclamado;
 E com largos trabalhos, duras guerras,
 Grande perigo, e tempo dilatado,
 Foi libertando de oppressão tamanha
 Hum breve porção da antiga Hespanha.

VII.

Da mesma sorte os Reys seus successores,
 Qual mais, qual menos foraõ recobrandó
 Da escravidão dos barbaros horrores
 As prouincias, e povo miserando;
 Athé que entre mais altos esplendores
 De hum triplicado Ceptro, o Graõ Fernando,
 Entre os filhos partindo a Monarchia;
 Fez Rey da Lusã gente a D. Garcia.

Viveo

VIII.

Viveo pouco Garcia , e succedido
 Foi de Affonso Monarcha valoroso ,
 Em quem segunda vez se vio unido
 Dos tres Ceptros o peso glorioso :
 Este foi nas Hespanhas conhecido
 Por alto Imperador , Rey poderoso
 E de varias Naçoens Principes varios
 A servi-lo passáraõ voluntarios.

IX.

Entre os mais conhecidos nas historias ;
 Henrique , o Grande Henrique he celebrado ;
 Cuja fama adornou de immortaes glorias
 A fundaçãõ do Portuguez Estado :
 Este fez nossas armas mais notorias ,
 Nosso nome maior , mais levantado ,
 E foi em fim o tronco da grandeza
 Da Regia , Augusta Casa Portugueza.

X.

Era Henrique do sangue descendente
 Dos Reys de França por direita linha ;
 Digno fructo do ramo florescente ,
 Que o nobre Estado de Borgonha tinha ;
 Era moço gentil , era valente ,
 E a seus altos projectos naõ convinha
 O lugar , que lhe dera a forte avaza
 De filho quarto na familia clara.

A fama

XI.

A fama illustre das acçoens brilhantes,
Com que a guerra de Hespanha ennobrecia ;
Athé mesmo nas Cortes mais distantes,
De outros Principes taes a valentia ,
Lhe incitou os desejos arrogantes
A vir provar com elles a ousadia ;
E deixandô da patria o doce agrado,
A's Hespanhas passou a fer soldado.

XII.

Aqui servio por dilatados annos ;
Em diversos empregos sempre honrosos ,
Sendo dos Mouros infalveis damnos
Todos os seus progressos bellicosos ;
Athé que em fim logrando mais ufanos
Galardoens dos trabalhos gloriosos ,
Teve a filha de Affonso por consorte,
Por dote Portugal , o mais por forte.

XIII.

Porque a parte maior do Estado augusto ,
Que o Rey por este ajuste lhe cedia ,
Na dura escravidão do Mouro adusto ,
Em torpes ferros infeliz gemia ;
E a não ser providencia do Céu justo ,
A fundação da Lusá Monarchia ,
Podéra , mais que a graça ser perigo
Hum dote nos dominios do inimigo.

Mas

XIV.

Mas Henrique, que os riscos estimava,
 Com que os grandes Heróes se fazem claros,
 E no dote cedido contemplava
 Incentivos de gloria mais preclaros,
 Novas expediçoens já meditava
 Do Sagrado Hymeneu entre os preparos;
 E passando das nupcias ás victorias,
 Fez as suas conquistas mais notorias.

XV.

Desde o Porto, cabeça entã do Estado;
 A que deza feliz novo appellido,
 Ennobrecendo em Portugal mudado
 De Lusitania o nome esclarecido,
 Sahio Henrique a demandar ousado
 Os direitos do dote promettido;
 E foi taõ venturoso na disputa,
 Que ganhou grande parte á gente bruta.

XVI.

Toda a fertil Provincia, que se estende
 Por entre o Douro, e Minho, e grande parte
 Da Beira, e Traz os montes, já se rende
 A's armas duras deste novo Marte:
 Já do Tejo o poder lhe não suspende
 Os triunfos, que a sorte lhe reparte,
 E Lisboa com Cintra já domadas
 As portas lhe tributaõ franqueadas.

Outras

XVII.

Outras muitas Cidades, e lugares
 Foraõ do feu valor troféo preclaro ;
 Em que a fama das honras militares
 Se conserva a pesar do tempo avaro ;
 E sem contar accoens particulares ,
 Que deve Portugal ao feu amparo ,
 Só das grandes, que a historia lhe repete
 Chega o numero illustre a dezefete.

XVIII.

Mas naõ só das Hespanhas no destricto ,
 Entre os barbaros Mouros orgulhosos
 Foi temido de Henrique o braço invicto ,
 Sua espada, seus golpes furiosos ;
 Pois da santa Cidade no conflicto
 Vio Siaõ seus alentos generosos ,
 Assistindo naquella illustre empreza
 Com soccorro de gente Portugueza.

XIX.

Digno filho de Henrique, e mais oufado
 Affonso lhe succede, a beneficio
 De cujas altas prendas empenhado
 Se mostrou claramente o Céu propicio ;
 Pois naõ só das victorias no cuidado ;
 Mas dos mesmos milagres no exercicio
 Se vio a maõ de Deos distincta, e clara
 Fabricar deste Heróe a gloria rara.

He

XX.

He tradiçãõ geral, fama constante
 Abonada de antigos monumentos,
 Que nascera imperfeito o tenro Infante
 Frustrados dos dois pés os movimentos;
 E que o zêlo de hum Ayo vigilante
 Para romper os duros ligamentos,
 Consequira da summa Omnipotencia
 Hum prodigio de publica evidencia.

XXI.

Mas onde se mostrou mais claramente
 Da protecçãõ Divina o summo amparo,
 Foi no campo de Ourique onde patente
 Se fez o mesmo Deos por modo raro:
 Era Affonso da terra entãõ Regente,
 Que fora dada em dote ao Pay preclaro;
 E se dizia Principe, ou Infante
 Daquelle Estado ainda vacilante.

XXII.

Tinha sido mil vezes insultado
 Do visinho poder do Mouro adusto,
 E tinha com fortuna libertado
 Diversos povos do dominio injusto;
 Mas achava-se agora ameaçado
 De novos riscos de mais alto susto;
 Porque em seu damno cinco Reys unidos
 Se armáraõ contra os Lusos atrevidos.

Todos

XXIII.

Todos juntos em corpo poderoso
Se ostentavaõ de Ourique na campina ;
Projectando com animo orgulho
Ao nome Portuguez total ruina ;
E mais tyrano o genio furioso
Nas ventagens, que o numero lhe ensina ;
Com soberbos, e barbaros clamores
Inculcavaõ o gesto entre os horrores.

XXIV.

Era taõ grande a copia dos contrarios,
Que athé nos mesmos peitos mais valentes,
Bem usados a casos temerarios
Faziaõ fusto riscos taõ patentes ;
Toda a gente de Affonso em modos varios,
Se achava consternada, e nos presentes
Effeitos do pavor, e da tristeza,
Se contava perdida aquella empreza.

XXV.

A vil murmuraçãõ principiava
A dominar nos peitos alterados,
E do torpe veneno, que exalava
Crescia o triste horror entre os soldados :
Por cega obstinaçãõ se reputava
O querer combater ; pois bem contados
Os inimigos, eraõ tantas vezes
Cem Meuros, quantas huma os Portuguezes.

K

Mas

XXVI.

Mas Affonso, que as nobres confianças
 Demais altos principios deduzia,
 E tinha posto as suas esperanças
 Naquelle cujo culto defendia,
 Firmando na fé pura as seguranças
 Do terrivel empenho, em que se via;
 Com devoto fervor, com zêlo raro
 Se animava dos Céos no certo appar.

XXVII.

Huma noite já quando a luz serena,
 Das brilhantes estrellas declinava,
 E na doce inacção, que o somno ordena,
 Grande parte da gente descansava;
 Fatigado tambem da larga pena
 Affonso a focegar principiava;
 Quando a rogos de hum velho venerando
 Foi despertado do socêgo brando.

XXVIII.

O' tu, lhe diz o velho, a quem destina
 O Céu Supremo a nobres exercicios,
 Mortal feliz, em quem a mão Divina
 Quer derramar immensos beneficios,
 Não temas, não estragos, ou ruina;
 Não te affustem do risco vaons indicios,
 Que nos olhos de Deos Omnipotente
 He grato o teu empenho, he innocente.

Vence-

XXIX.

Vencerás certamente, e sempre honrado
 O teu nome será na larga historia;
 Pois se mostra o Senhor interessado
 Na feliz duração da tua gloria;
 Elle tem sobre ti determinado,
 E sobre a tua próle mais notoria
 Pôr os olhos da sua compaixão
 Athé decima sexta geração.

XXX.

Atenuada então a próle augusta
 Será, por altos fins da Providencia;
 Mas nessa mesma atenuada ajusta
 Feliz Epoca a Summa Omnipotencia;
 E porque a multidão da gente adusta
 Não turbe do teu zelo a diligencia,
 O mesmo Deos pertende confortar-te;
 E com altos favores animar-te.

XXXI.

Elle manda, que estejas prevenido
 Para fahir do Campo áquella hora;
 Que no meu Oratorio for ouvido
 O som da campã, que precede á Aurora:
 Disse o santo Varaõ, e despedido
 De Affonso, parte, que submisso adora
 A bondade ineffavel; que lhe ordena
 Taõ grande alivio em taõ grande pena.

XXXII.

Já da noite sombria o manto escuro
 Menos denso cobria os altos montes ;
 E da luzida estrella o fulgor puro
 Já mais claros fazia os Horizontes ;
 Porém inda nas sombras mal seguro
 Não faltava Titã da luz as fontes ,
 Quando Affonso do termo assignalado
 Pela voz do metal foi avisado.

XXXIII.

De zêlo santo , de valor brilhante
 Inflamado o Heróe parte ancioso ;
 Mas do proprio arrayal pouco distante
 O suspende hum signal prodigioso ;
 Da parte Oriental naquelle instante
 Descer observa hum rayo luminoso ;
 E pondo nelle os olhos com receyo ,
 Vê , que huma grande Cruz lhe occupa o meyo.

XXXIV.

Repara mais attento , e claramente
 Na mesma Cruz , que tinha divisado ,
 O Salvador do Mundo vê pendente ,
 De Celestes Ministros rodeado ;
 Prostra-se Affonso humilde , e reverente
 Na presença do Deos humanifado ,
 E adorando submisso a Divindade ,
 Lhe falla em fim com esta liberdade.

Que

XXXV.

Que fim, Senhor, que causa vos obriga
A prodigio tão grande em meu proveito?
Por ventura quereis da fé antiga
Accrescentar em mim o puro effeito?
Em mim, Senhor? A quem no seyo abriga
A vossa Igreja, a que nasci sujeito?
Apparecei, Senhor, aos infieis,
Que não sabem quem sois, quanto podeis.

XXXVI.

Não presumas, responde o Deos piedoso;
Que augmentar tua fé foi meu cuidado;
Confortar-te no caso duvidoso,
He effeito feliz do meu agrado:
Confia, Affonso, em mim, serás ditoso,
Não só neste combate receado;
Mas em quantas batalhas, e perigos
Te moverem da Cruz os inimigos.

XXXVII.

Acharás tua gente alegre, e forte
Para a guerra presente, e persuadido
Serás della a provar do risco a forte;
Com titulo de Rey sempre applaudido;
Não duvides toma-lo, e não te importe
Qualquer receyo vob, mal entendido,
Que eu sou só quem os Reyno s edifica,
Quem os abate, quem os multiplica.

Eu

XXXVIII.

Eu quero em ti, e tua descendencia
 Para mim construir hum novo Imperio,
 Donde seja o meu Nome com decencia
 Levado á gente estranha em culto serio;
 E porque se conserve na evidencia
 O principio feliz deste mysterio
 Tomarás por insignia o preço unido,
 Com que eu comprei o Mundo, e fui vendido.

XXXIX.

Disse, e dos olhos do Varão ditoso
 Desapparece qual brilhante rayo,
 Que nas noites do Estio caloroso
 Por entre as nuvens faz da luz ensayo;
 Rende as graças Affonso fervoroso,
 E já seguro do mortal desmayo
 Da sua gente, volta para a tenda
 A dispor os preparos da contenda.

XL.

Vinha a nitida Aurora afugentando
 As estrellas da vista dos mortaes,
 De purpureos reflexos matizando
 Perfeçtiyas brilhantes de cristaes,
 Quando a gente de Affonso despertando
 Animada de alentos Marciaes,
 A' barraca do Rey corre atrevida
 A pedir-lhe a batalha antes temida.

Mas

XLI.

Mas primeiro, lhe diz, que os ferros duros :
 Nessa turba infiel hoje empreguemos,
 Todos juntos, Senhor, com votos puros
 Huma graça de vós só pertendemos ;
 Que permittais, que em vosso amor seguros
 Por nosso Rey, aqui vos acclamemos,
 E que adornado deste nome agora
 Nos leveis ao combate sem demóra.

XLII.

Respeita Affonso a Summa Divindade
 Nos effeitos da sua providencia,
 E se rende submisso á dignidade,
 Que recebe da mão da Omnipotencia ;
 Rey se deixa chamar, e na igualdade
 Das vozes da geral benevolencia,
 Outra vez reconhece a mão Divina,
 Que tão altos favores lhe destina.

XLIII.

Tal foi do nosso Reyno a investidura,
 Tal o primeiro Rey, que em fim guiado
 Pela mão do Senhor, com fé segura,
 Sobre os contrarios corre confiado ;
 E bem, que a multidão da gente impura
 Algum tempo resiste ; em fim frustrado
 Do poder Mauritano o torpe excesso,
 Servio só para gloria do successo.

Igual-

XLIV.

Igualmente de gloria revestidas
 As armas deste Rey por largos annos ;
 Forão sempre com palmas repetidas
 Terror geral dos feros Mauritanos ;
 Não podem ser a conta reduzidas
 As batalhas , que deu ; mas sem enganos
 Se sabe , que são tantas as victorias ,
 Quantas suas empresas bem notorias.

XLV.

Lisboa , Santarem , Palmella , Almada ;
 Elvas , Evora , Béja com Trancofo ,
 Mafra , Cintra , e Alenquer da sua espada
 São pequeno troféo defectuoso ;
 Pois nos longes da fama já gastada
 Das injurias do tempo ambicioso ,
 Inda o vulto lhe adorna em nobres vistas
 Mais copioso esmalte de conquistas.

XLVI.

Mas não só das conquistas no processo
 Se fez do grande Affonso a fama clara ;
 Pois de santas virtudes no progresso
 Outra gloria alcançou , não menos rara ;
 Do seu zelo piedoso o nobre excessão
 Conservado a pesar da forte avára ,
 Entre outras fundações fazem patente
 Santa Cruz , Alcobaça , e Sam Vicente.

XLVII.

Alli o tempo todo, que restava
 Dos cuidados do Reyno indispensaveis ;
 O devoto Varas com Deos gastava
 Em desvelos de obsequio infaciaveis :
 Alli com zêlo santo se empregava
 Em actos de humildade incomparaveis ;
 Observando com pia reverencia
 O mais puro rigor da penitencia.

XLVIII.

Affim ditosamente repartida
 Em cuidados de gloria, e de piedade
 Por todo o modo foi de Affonso a vida
 Hum modelo feliz de Heroicidade :
 Foi sua morte á vida parecida ;
 E passando a gozar da eternidade,
 Em Coimbra seu corpo existe inteiro
 De Santa Cruz guardado no Mosteiro.

XLIX.

Sancho filho de Affonso, ao Pay succede
 Naõ sómente no Trono, mas na gloria ;
 Pois a sorte benigna lhe concede
 Multiplicadas palmas de victoria ;
 Mas o lustre maior de que procede
 Ser eterno dos nossos na memoria,
 Foi o zêlo feliz do seu governo
 Nas providencias do reparo interno.

L.

Os desertos incultos fabricados ,
 Povoadas as Villas destruidas ,
 Outros povos de novo edificados ,
 As antigas Cidades guarnecidas ,
 Os cultores dos campos animados ,
 As fadigas humildes protegidas
 Saõ eternos padroens , em que sustenta
 As memorias de Sancho a fama attenta ,

LI.

De Sancho successor , e filho augusto
 Foi Affonso segundo , a cuja espada
 A soberba cruel do Mouro adusto
 Cedee , mais de huma vez , defanimada :
 Permanente , a pesar do tempo injusto ,
 Vive a sua memoria eternizada ,
 Com abono immortal de illustres provas
 Em Alcacere , em Moura , e Torres novas.

LII.

Pela falta de Affonso , o Trono altivo
 Outro Sancho occupou , Principe brando ,
 A quem o povo indocil , sem motivo ,
 Substituiu o Irmaõ no Regio mando ;
 Mas foi feliz o crime , se nocivo
 Naõ fosse a honra exemplo taõ nefando ,
 Pois de Affonso terceiro o nome egregio
 Foi adorno immortal do Solio Regio.

Ede

LIII.

Este foi o primeiro, em cuja frente
Se vio com largas palmas adornado,
Duplicado Diadema permanente,
De Castellos, e Quinas matizado,
Unindo a Portugal constantemente
Dos Algarves o Reyno conquistado;
Elle em fim conseguiu nas suas terras
Render os Mouros, acabar as guerras.

LIV.

Succedeo-lhe Diniz Principe egregia
De relevantes prendas assistido,
Em cujas maons florente o Ceptro Regio
Brotou mil fructos de valor subido;
Logrou de Ray da patria o privilegio
Por diversos motivos conseguido;
Pois foi ao mesmo tempo recto, affavel,
Liberal, cuidadoso, e respeitavel.

LV.

Das sciencias, das leys, da agricultura
Zelozo Protector, Mestre elegante,
Elle fez succeder á guerra dura
Da policia civil a luz brilhante;
Elle mesmo das Musas a doçura
Accommodou á lingua dissonante,
E foi Auctor da Rima Portuguesa,
Que praticou com graça, e com destreza.

Affonso

LVI.

Affonso quarto, de Diniz herdeiro
 Foi no Trono Real, por sua morte,
 Conhecido por bravo, e justiceiro,
 Porém de animo illustre, e peito forte:
 Este, sendo do Genro companheiro
 Contra o Mouro poder, com alta forte,
 Nas memoraveis margens do Saládo
 Deixou feu claro nome eternizado.

LVII.

Fora sempre feliz a sua gloria
 Na lembrança de acção taõ bem lograda,
 Senaõ manchasse as palmas da victoria
 Com severo rigor na paz dourada;
 Mas deslustra-lhe os cultos da memoria
 O triste horror da furia envenenada,
 Com'que fez da belleza, e da innocencia
 Escandaloso objecto da violencia.

LVIII.

Era naquelle tempo esmalte claro
 Dos adornos da Corte Portugueza,
 Ignez, a bella Ignez, prodigio raro
 De virtudes, de prendas, e belleza,
 Que ajustando, a pesar do fado avaro,
 As graças da figura ás da viveza,
 Do Successor do Reyno glorioso
 Era doce prisaõ, laço gostoso.

Mas

LIX.

Mas o Pay, que severo, e recatado
 Taõ suaves cadêas abomina,
 De conselhos perversos incitado,
 Em quem a torpe inveja só domina,
 Por castigo do Filho namorado,
 Tirar Iguez do Mundo determina;
 E pelas mesmas maons da inveja infame
 Faz, que o sangue innocente se derrame.

LX.

Enganou-se porém no seu conceito
 Dos Ministros crueis a confiança;
 Pois do Principe illustre o claro peitô
 Naõ sofre injuria tanta sem vingança,
 Antes mais irritado o duro effeito
 Dos repetidos golpes da lembrança,
 Sobre o Trono subindo, brevemente
 Lhe fez sentir a pena competente.

LXI.

Este foi o famoso Pedro augustô,
 Rey naõ menos activo, do que amante;
 Observador das leys, severo, e justo;
 Mas de graças naõ menos abundante;
 Foi dos vicios terror, dos crimes fustô;
 Mas da virtude amparo taõ constante,
 Que chamava perdido aquelle dia,
 Em que alguma mercê naõ dispèndia.

Deste

LXII.

Deste o ser recebi, deste a memoria
 Em meus cultos será sempre applaudida;
 E já luz immortal da sua gloria
 Será sombra fiel a minha vida;
 Não será, se eu puder, a sua historia
 Pela minha fraqueza desmentida;
 Mas eu que digo! Sábe Deos se a sorte
 Me permite imitar Varão tão forte.

LXIII.

Sucedeo-lhe Fernando no governo,
 Principe bom, mas leve, e descuidado;
 De presença gentil, de peito terno,
 Mas inconstante, e mal aconselhado;
 Appetitoso do dominio externo,
 Nunca contente do seu proprio estado,
 Liberal sem medida, impetuoso
 Nas paixoes, nos projectos orgulhoso.

LXIV.

Perdõe a natureza, se offendidos
 Os respeitos de Irmao, culpo a Fernando;
 Mas dos seus desconcertos são nascidos
 Os estragos do Reyno miserando;
 Elles foram no tempo já sentidos
 Daquelle triste Rey; porém cobrando
 Novas forças o mal, por sua morte,
 Na cega confusão se fez mais forte.

Tinha

LXV.

Tinha sido Fernando despojado
 Já com duas Princezas sem effeito ;
 Frustrando sempre a fé do nó sagrado
 A leveza fatal do seu conceito ;
 Quando de hum torpe amor desordenado,
 Sem defença rendido o brando peito,
 Usurpou para Esposa, indignamente,
 A legitima Esposa de hum parente.

LXVI.

Daqui teve principio a desventura,
 Daqui toda a desordem foi nascida ;
 Que sempre foi pensão da formosura
 Ser de estragos fataes causa luzida ;
 Porque a nova Raynha, em quem seapura
 O rigor da perfidia mais crescida ;
 Receando do fado as contingencias,
 Quiz fazer das ruinas providencias.

LXVII.

Pareceo-lhe, que os grandes orgulhosos
 Mostravaõ pouco gosto em seus cortejos ;
 E que os filhos de Pedro perigosos
 Podiaõ ser, talvez, a seus desejos ;
 E cogitando meyo horrorosos,
 Para perder qualquer, mais que sobejos,
 Pelo Infante Diniz principiando
 A ruina do Irmaõ foi meditando.

Merece

LXVIII.

Merece a compaixão deste successo
 Mais distincta attenção na sua historia ;
 E por isso talvez no seu progresso
 Darei mais largas vélas á memoria ;
 Mas não recées, não ; que algum excessso
 Desfigure tragedia tão notoria ;
 Porque as côres sómente da verdade
 A farão lastimosa a toda a idade.

LXIX.

Tinha sido Diniz já desterrado ;
 Por disputar obsequios á Raynha ;
 E daquelle successo horrorizado
 Aprendido a teme-la o Reyno tinha ;
 De todos o seu culto era observado ,
 Talvez mais, do que a todos nos convinha ;
 Mas João de Diniz Irmao inteiro ,
 Era nestes obsequios o primeiro.

LXX.

Affectava a Raynha astutamente ,
 Estimar rendimentos tão brilhantes ;
 E no perfido vulto indignamente
 Lhe mostrava os agrados mais constantes ;
 Mas tendo projectado , infelizmente ,
 A precisa ruina dos Infantes ,
 Abusando da mesma complacencia ,
 Fez servir para estrago a confidencia.

Era

LXXI.

Era Irmã da Raynha outra belleza
De não menos agrado, e mais candura ;
A cujas prendas, com gentil fineza,
Votava o claro Infante a fé mais pura ;
E julgando com triste subtileza
Tirar do amor os meyoys da ventura,
Lhe déra as maons de Esposo na esperança
De alcançar da Raynha a confiança.

LXXII.

Mas aquella, que os laços mais sagrados
Da fé, da natureza, e da amizade
Reputava sómente yaons cuidados
De huma timida, vil simplicidade,
Abufando dos mesmos predicados ;
Em que a ley da afeiçãõ funda a verdade ;
Da ruina da Irmã com torpe objecto
Fez a baze cruel do seu projecto.

LXXIII.

Pois mostrando estimar do nobre Infante
Agora mais que nunca as claras prendas ;
E cobrindo do zêlo mais brilhante
As idéas do odio mais horrendas,
De pranto vil o perfido semblante
Banhado todo, em vozes estupendas,
Lhe verte em fim hum dia nos ouvidos
O veneno cruel destes gemidos.

L

Ah !

LXXIV.

Ah ! quanto , Illustre Infante , ah ! quanto custa
 Ser fiel na amizade ; e quem podera ,
 Sem faltar ao dever da fé mais justa ,
 Disfarçar da verdade a voz severa :
 Eu temo parecer ao Mundo injusta ;
 Mas eu sou vossa amiga , eu sou sincera ,
 E não devo por fulto , ou por engano ,
 Occultar-vos mais tempo hum defengano.

LXXV.

Minha Irmã não conhece a honra illustre ,
 Que de ser vossa Esposa lhe resulta ,
 E com termo infiel , com vil deslustre ,
 Da fé sagrada as fantás leys insulta ;
 O Mundo falla , temo , que se frustre
 Algum disfarce , com que o crime occulta ;
 E não quero , que possa parecer-vos ,
 Que eu concorro tambem para offender-vos.

LXXVI.

Bem sei , que neste aviso , insulto ingrata
 As leys mais puras do amor fraterno ;
 Mas a tão grande excessó me arrebatá
 A triste força de hum horror interno ;
 Pois se a pena do crime se dilata ,
 Se fará no rumor da fama eterno ;
 E ficará das gentes na memoria ,
 Manchada a vossa honra , e a minha gloria.

Eu

LXXVII.

Eu sinto a vossa dôr ; mas talvez seja
 Providencia do Céu esta desgraça ,
 De cuja execução precisa esteja
 Dependente do Reyno a forte escaça ;
 Pois talvez a pesar da torpe inveja ,
 A Portugueza gloria assim renasça
 Do seu proprio esplendor , que amortecido
 Se via quasi a cinzas reduzido.

LXXVIII.

Vós fabeis , que eu não tenho de Fernando
 Mais do que huma só Filha , a quem destina
 O cuidado do Rey o Regio mando ;
 No consento do povo , que domina ;
 E que dentro da Patria não achando
 Casamento decente , determina
 Dar-lhe hum Principe estranho por Esposo ;
 Projecto a Portugal sempre odioso.

LXXIX.

Mas pois agora a forte vos faculta
 Os meyo de romper o laço indigno ;
 Que os empenhos sómente difficulta ,
 De que o vosso valôr vos faz tão digno ;
 Quebrada a vil prisão , que vos insulta ;
 A' Princeza aspiraí ; que o Rey benigno
 Nada deseja tanto , e deste modo
 Ficará satisfeito o Reyno todo.

LXXX.

Disse, e cada palavra acompanhada
 De huma enchente de perolas fingidas;
 Parecia por força articulada
 Dos impulsos das magoas mais sentidas;
 E com tantos suspiros abonada
 A torpeza das culpas repetidas
 Era capaz de obrar o seu effeito
 No mais prudente, mais discreto peito.

LXXXI.

Ouvia o triste Infante, entre cuidados;
 A cruel relação da sua afronta,
 E não menos os meyoos indicados
 A subir sobre o Troão em paz mais prompta;
 Mas recordava os nobres predicados
 Da chara Esposa, cuja fama aponta
 Tantas provas de amor, de honra, e verdade,
 Que mal pôde suppôr-lhe falsidade.

LXXXII.

Da dôr, e da ambição o cego effeito
 Lhe inspirava projectos horrorosos;
 Mas não menos a fé no terno peito
 Lhe ministrava impulsos generosos;
 Ora triunfa amor no seu conceito,
 Ora a força dos eccos aleivosos;
 Mas em fim pôde mais, do que a virtude;
 A vingança, e ambição, que o peito illude.
 Preci-

LXXXIII.

Precipitado, cego, e sem reparo
 Parte logo a Coimbra o triste Infante;
 Onde a scena fatal o fado avaro
 Para a tragedia armava mais tocante;
 Alli da se mais pura, e exemplo raro;
 Entre applausos do povo circunstante.
 Existia a bellissima Maria,
 Em virtudes mais clara cada dia.

LXXXIV.

Alli do charo Esposo o nome amado,
 Sem cessar, repetia ardentemente,
 E com doçes memorias o cuidado
 Divertia da ausencia, honestamente;
 Alli o tempo em obras occupado
 De virtudes Reaes, de amor decente,
 Os momentos, que a Deos não consagrava,
 Nas lembranças do Esposo os empregava.

LXXXV.

Huma noite, que a força da ternura
 Mais cruel lhe fazia a larga ausencia,
 Ou do risco imminente a sombra escura
 Lhe inspirava presagios de violencia,
 Ferido o coração de dor mais pura,
 Por occultar estragos da impaciencia,
 Do leito a solidão buscou mais cedo,
 Para poder chorar com mais segredo.

Alli

LXXXVI.

Alli só dos seus males afflida ,
 Dos seus sustos, das suas faudades,
 E de occultos horrores commovida,
 Que lhe arguiaõ tristes novidades,
 Soltando a redea toda á dor crecida,
 Para dar-se da queixa ás liberdades,
 Estas vozes dirige magoada,
 De hum retrato do Esposo á vista amada.

LXXXVII.

He possivel talvez, querido Esposo,
 Que te esqueças de mim! Tu que fazias
 As delicias do tempo mais gostoso,
 Das doces horas só, que me assistias!
 He possivel, que seja mais forçoso,
 No teu peito fiel, por tantos dias,
 Hum pequeno negocio, que te prende
 Do que a nobre paixão, que em ti se accende.

LXXXVIII.

He possivel, que a força da fineza,
 Que tanto póde em mim, tanto me obriga;
 Obre em ti com taõ pouca fortaleza,
 Que arrancar-te da Côrte não consiga?
 Acaço vive em ti menos accesa
 A chama nobre da paixão antiga?
 Ou te parece em fim menos decente
 A prisão, que beijavas reverente?

Eu

LXXXIX.

Eu não mereço menos por ser tua ;
Antes prezo tão alta qualidade ,
Que a ventura feliz me perpetua
De gozar teu amor com liberdade ;
Pois como pôde ser ; que em ti destrua
O nó da fé os laços da vontade ?
E se alhêa podia merecer-te ,
Como por tua poderei perder-te ?

XC.

Eu sou a mesma sempre , o mesmo peito ;
O mesmo coração , o mesmo gosto
Acharás sempre em mim , preciso effeito
De hum dever por affecto , e fé imposto ;
Pois se em mim vive eterno amor perfeito ;
Como posso suppôr em ti desgosto ?
Mas ah ! que pôde ser , que o mesmo tracto
Com excessos de amor te faça ingrato.

CXI.

Ingrato disse ; e foi a vez primeira ,
Que lhe deu este nome ; mas o Fado
A fez por mal de todos verdadeira ,
Na prompta execuçaõ do golpe irado ;
Pois a penas o som da voz ligeira
Ferira brandamente o ár delgado ,
Quando á porta se mostra do apofento ,
Do cego Infante o vulto turculento.

En-

CXII.

Entre fusta, e prazer sobrefaltada,
 Querido Esposo, diz; mas não profegue;
 Porque logo nas vozes atalhada,
 Se vio ás maons cruéis da raiva entregue;
 De dois barbaros golpes traspassada,
 Nem poder ser ouvida em fim confegue,
 E cahindo do leito efmorecida,
 De hum suspiro exalou a triste vida.

CXIII.

Foi geral desta morte o sentimento,
 Geral o triste horror do golpe indigno,
 Geral a indignaçã contra o violento,
 Vil proceder do Principe maligno;
 Mas aquelle, que o cêgo pensamento
 Occupava no credito benigno,
 Que esperava lograr por esta empreza,
 No sublime Conforcio da Princeza,

CXIV.

Desprezando com barbara ousadia
 Os clamores da propria consciencia,
 Outra vez para a Côte os passos guia
 A tractar deste empenho a consequencia;
 Mas onde em fim julgava, que acharia
 Auxilio certo, encontra a rezistencia;
 Porque a Raynha em lagrimas banhada,
 Se affectava do caso exasperada.

XCV.

Conheceo porém tarde o torpe engano ,
 O desgraçado Infante , e perseguido
 Pela mesma , que origem foi do damno ;
 Obrigado a fugir , se vio perdido ;
 Pois entrando no Reyno Castelhano ,
 Alli entre prisoens geme opprimido ,
 Com que o Rey inimigo em proprio abono
 Lhe impede os passos para o patrio Trono.

XCVI.

Mas em tanto , que errante , e fugitivo
 Entre sustos , pagava o triste Infante
 O castigo do erro vingativo ,
 E da cega ambição pena bastante ;
 A Raynha tomando por motivo
 Interesses do Trono vacilante ,
 Com ElRey de Castella em firme laço
 A Princeza ajuntou , sem embaraço.

CXVII.

Era o fim principal do seu projecto
 Fazer o seu poder mais respeitado ,
 Pela morte do Rey , de cujo affecto
 Bem via ser sómente derivado ;
 Mas cobrindo com termo circumspecto
 Os seus intentos de razoens de Estado ;
 Dispoz em fim a fórma deste ajuste ,
 De forte , que a Nação se não affuste.

Ajustou.

XCVIII.

Ajustou-se, que o dote da Princeza
 Seria agora o mesmo, em que já fôrã
 Aboçada outra Infanta Portugueza,
 Que tambem de Castella foi Senhora;
 Que logratia as terras, e riqueza
 Da Raynha de Hespanha antecessora,
 E que faltando filhos a Fernando,
 Herdasse em Portugal o Regio mando.

XCIX.

Porém, que em todo caso, separado
 Este Reyno seria, e dividido
 Do dominio Hespanhol, auctorizado
 Por proprio Rey, só nelle obedecido;
 Que este seria o fructo fazonado
 Deste novo Conforcio produzido;
 E que os filhos nascidos da Princeza
 Se criassem na Corte Portugueza.

C.

Que faltando Fernando antes, que o neto
 Por si reger podesse a Lusã gente,
 O governo do Reyno entã completo
 Gozaria a Raynha livremente;
 E que em falta daquella, o seu discreto
 Arbitrio poderia finalmente
 Nomear nacionaes Governadores,
 Dos Tractados fieis executores.

Que

CANTO IV. 171

CI.

Que os empregos Civis, e Militares
Dos Nacionaes s6mente verdadeiros
Seria6 pertenc6ens particulares,
Com perpetua exclusa6 dos Estrangeiros;
E que na priva66o destes lugares,
Se reputassem sempre forasteiros
Os mesmos Portuguezes, que a Castella
Servira6 contra a Patria em damno della.

CII.

Que os foros, isen66oens, e liberdades;
Ou por leys, ou costume auctorizadas;
Seria6 sem mudan6a, ou novidades,
Em toda sua for6a conservadas,
Que os privilegios, terras, e Cidades,
Que algum Rey Portuguez tivesse dadas,
Igualmente seria6 permanentes
Na Raynha, e Vassallos dependentes.

CIII.

Estes fora6, se bem recorde agora,
Os principaes artigos de hum Tractado,
Que os Reys ambos jurara6 sem demora;
Sobre o Corpo de Christo consagrado;
Mas que foi apesar da f6, que implora,
Por Castella ta6 mal executado,
Que das suas crueis faltas perjuras
Procedem todas nossas desventuras.

Pois

CIV.

Pois apenás da Parca o golpe avaro
 De Fernando cortou o triste alento,
 Quando a cega ambição por modo claro;
 O véo rasgou do torpe fingimento;
 E quebrantadas, com desprezo raro,
 As leys da honra, e a fé do juramento,
 Servio só de pretexto á tyrania
 O mais sagrado laço da harmonia.

CV.

Ficára, pela falta de Fernando,
 Conforme do Tractado a providencia,
 A Raynha Viuva governando
 O Reyno, com total independencia;
 E dos mesmos contractos observando
 As condiçoens tocantes á Regencia,
 Esperava, que o Céu lhe concedesse
 Num neto, a quem o Reyno obedecesse.

CVI.

Mas o Rey de Castella, em cujo peito
 Para sua ruina, e nossos damnos,
 Fazia da ambição o cego effeito
 Revolver pensamentos mais tyranos,
 Accusando por falta de respeito,
 Esta justa ifenção dos Lusitanos,
 Com as armas na mão, na Lusa terra
 Se ostentou promptamente, em tom de guerra.

Attus.

CVII.

Affustou justamente este projecto
Huma Nação, que adora a liberdade;
E da mesma Raynha o terao affecto
Se horrorifou daquella novidade;
Acodio-fe á defença, e foi completo
O geral alvoroço em toda a idade,
Homens, mulheres, velhos, e meninos
Todos buscaõ das armas os destinos.

CVIII.

Eu fui naquella empreza nomeado
Para guardar algumas das Fronteiras;
E com ordens precisas obrigado
A rebater as armas estrangeiras;
E affim outros tambem, a que o cuidado
Da Raynha deu mostras verdadeiras,
De querer defender a todo o custo,
O paiz natural, de hum jugo injusto.

CIX.

Mas durbu pouco tempo a chama pura
Do patrio amor, no peito da Raynha,
Em quem vivia sempre mal segura
A firmeza da fé, que lhe convinha;
Porque logo o rigor da sorte dura,
Que a nossa divindade jurado tinha,
Lhe ministrou motivos de pesares
Nacidos de razoens particulares.

Del-

CX.

Delles queixosa ; com tyrano intento ;
 De vingar-se sómente dezejosa ,
 Sacrificando tudo ao sentimento ,
 Se retirou da Côrte , desgostosa ;
 E seguida de hum grande ajuntamento
 De parentes , e gente officiosa ,
 Se passou de Alenquer á Fortaleza ,
 Praça sua , se bem que Portugueza.

CXI.

Allí crescendo mais a força activa
 Da dura raiva , em odio dos culpados
 Na sua indignação sempre mais viva ;
 A pesar dos perdoens folicitados ,
 Confundindo na furia vingativa
 Todo o resto dos Lusos desgraçados ;
 Ella mesma incitava o Genro injusto
 A tomar Portugal a todo o custo.

CXII.

Mas não fora precisa aquella instancia ;
 Supposto que gostosa , ao Rey tyrano ,
 Que a pesar já da mesma repugnancia ,
 Entrára pela Beira , em nosso damno :
 Cresceo com tudo agora de arrogancia
 Mayor ardor no peito Castelhana ,
 E passando da Beira á Estremadura ,
 Da Sogra a companhia em fim procura.

Eu

CXIII.

Eu entãõ, sobre quem mais claramente
 Fulminava a Raynha os seus enfados,
 E que já do feu odio antigamente,
 Tinha provado effeitos portiados,
 Aconfelhado de hum temor prudente
 A precaver successos mais pefados,
 Deixar determinava a patria terra,
 E passar ao serviço de Inglaterra.

CXIV.

Mas apenas no povo de Lisboa
 Se ouviu algum rumor do meu intento,
 Quando a parte mayor da gente boa
 Se me ajuntou á porta do apoento;
 E com vozes, que a dor fõmente entoã
 Nos impulsos de hum vivo sentimento,
 Me pediaõ, que houvesse de leva-los,
 Ou naõ quizesse assim defampara-los.

CXV.

Commoveo-me, confesso, aquelle aspecto,
 Commoveo-me a ternura desta genre;
 E supposto que firme em meu projecto,
 Me sentia abalar, internamente,
 Concorria da Patria o proprio affecto
 A fazer este empenho mais valente;
 Mas a força do risco, em que me via,
 Mudar de opiniaõ já naõ soffria.

Des.

CXVI.

Desci a consola-los magoado
 De não poder ser mais agradecido ;
 Nos effeitos supprindo de hum agraddo
 As faltas do remedio appetecido ;
 Mas dos braços de todos rodeado ;
 A penas fui por elles recebido ;
 Me vi mais opprimido da ternura
 Entre lagrimas , rogos , e brandura.

CXVII.

Fiz-lhe ver do meu risco a contingencia ;
 O poder da Raynha , e Rey contrario ,
 A mal fundada dor da minha ausencia ,
 Os perigos de hum caso temerario ,
 De huma guerra civil a consequencia ,
 A inconsistancia do vulgo sempre vario ;
 Mas a tudo sómente era reposta ,
 Que em mim toda a esperanza estava posta.

CXVIII.

Crescia o meu pesar ; mas não podia
 Convencer-se a razão do sentimento ;
 Porque a toda a ternura resistia
 Do meu risco o fatal conhecimento ;
 Porém quando mais firme parecia
 Na prompta execuçaõ do meu intento ;
 Entaõ Goes Cavalleiro illustre ; e forte
 Principia a fallar-me desta sorte.

CXIX.

Se não basta, Senhor, o desamparo
 Deste povo infeliz, que afflicto chora;
 A mover vosso espirito preclaro
 A' nobre compaixão, que vos implora;
 Se he inutil o rogo, e sem reparo
 Deixais huma Nação, que vos adora
 Ao menos permiti, que o nosso affecto
 Pondere sem paizão vosso projecto.

CXX.

Supponhamos talvez, que de Inglaterra
 No serviço fazeis grandes progressos,
 E que a sorte feliz em paz, e guerra
 Vos concede os mais prosperos successos:
 Porventura esperais naquella terra,
 Depois de mil fadigas, mil excessos,
 Alcançar algum premio mais formoso,
 Do que hoje recusais escrupuloso?

CXXI.

Quando fereis Senhor de huma Cidade
 Porquem deva Lisboa ser trocada?
 Ou donde encontrareis mais lealdade
 Do que por vós agora he desprezada?
 Pois se aqui tendes certa a dignidade,
 O poder, e grandeza desejada;
 Porque razão deveis deixar agora
 O que haveis de estimar em outra hora?

178 A LIBERDADE.

CXXII.

E se a gloria sómente he quem vos chama
A's illustres fadigas de Mavotte,
E de hum nome immortal a nobre fama
Vos convida a buscar mais alta fórte,
Onde póde da guerra a clara chama
Luzir mais gloriosa, arder mais forte,
Do que nas diffençoens, com que hoje affusta
Ao valor Portuguez a fórte injusta.

CXXIII.

Pois se a favor da patria liberdade,
Da ternura, e da fé da propria gente,
Podeis benigno, em nossa utilidade
Ostentar o valor taõ dignamente,
Que razaõ, que receyo, ou que impiedade
Vos separa de nós tyranamente?
Ah! Senhor, se saõ fortes vossos sustos,
Naõ saõ nossos receyos menos justos.

CXXIV.

Nós todos estimamos nossas vidas;
Mas estimamos mais a Patria amada;
Por cuja liberdade bem perdidas
Seraõ, se assim o quer a forte irada;
E se em nós taes finezas saõ devidas,
De vós mais alta empreza era esperada,
Pois nós somos patricios simplesmente,
Vós Principe, e patricio juntamente.

Nós

CXXV.

Nós devemos ferver ; a vós tocava
 Sustentar os direitos deste Estado ,
 Que dos vossos alentos confiava
 A direcção de empenho tão honrado :
 Em vós da Regia prole contemplava
 Hum resto precioso , em quem guardado
 Julgava ter o reyno , em toda a idade ,
 Hum seguro penhor da liberdade.

CXXVI.

Nós não tememos os cruéis effeitos
 Dos Castelhanos feros ameaços ,
 Não nos turba o receyo os nobres peitos,
 Nem nos prende o temor os fortes braços ;
 O que faz vacillar nossos conceitos ,
 O motivo dos nossos embaraços ,
 A falta he só de hum Principe benigno ,
 Que dos nossos respeitos seja digno.

CXXVII.

O vosso augusto Irmao , a quem devido
 Este reyno seria , sem disputa ,
 Entre indignas prisoes geme opprimido
 Da tyrana ambição cautela afiuta ,
 E na falta do Principe impedido ,
 Esperava esta gente resoluta
 Achar em vós hum Defensor valente ,
 Que amparasse a Nação illustremente.

CXXVIII.

Naõ malogreis, Senhor, nossa esperança ;
Nem recuseis taõ nobre qualidade,
Que a pesar da ambiçaõ, e da vingança,
Vos fará immortal em toda a idade ;
Fiai de nós a vossa segurança,
Patrocinaí a nossa liberdade ;
E nos riscos da Patria naõ se creia,
Que buscaís por temor a terra alheia ;

CXXIX.

Se o Principe quebrar os duros laços ;
Vossa gloria será salvar-lhe o Trono ;
Pois fereis a pesar dos embaraços,
Da Patria Defensor, do Rey Patrono ;
E se o fado cruel lhe impede os passos,
Trabalhareis, Senhor, em nosso abono :
E de qualquer maneira a fé devida
Achareis sempre em nós por toda a vida ;

CXXX.

Ponderai bem agora a differença
De servir em paiz desconhecido,
Ou de servir da Patria na defenza ;
Dos vossos nacionaes obedecido :
Lá será sempre incerta a recompensa,
Aqui tendes o premio conseguido
No respeito de todos, na ternura,
Na constante amizade, na fé pura.

Nós.

CXXXI.

Nós todos vos amamos , nós não temos
Interesses dos vossos separados ;
Pois os mesmos estragos , que têmemos ,
Sab por vosso respeito originados.
Por vós , Senhor , por vosso amor nos vemos
A tão duros empenhos obrigados ,
Agora vêde bem se em taes perigos
Nos deixareis nas maons dos inimigos

CXXXII.

Não disse mais ; porém o triste aspecto ;
Os soluços de todos , a ternura
De algumas expressões do fino affecto ,
E mil outros signaes da fè mais pura
Fizeraõ tal mudança em meu projecto ,
Que vencida a prudencia da brandura ,
Lhe respondi por fim , que eu me rendia
A seus rogos , e nelles consentia.

CXXXIII.

Convocou-se a Nobreza , os Magistrados ,
O Clero , e todo o Povo da Cidade ,
Porque fossem por todos approvados
Pensamentos daquella qualidade ,
E por votos geraes auctorizados
Os projectos da nossa liberdade ,
Defensor deste Reyno me acclamaraõ ,
E servir-me fieis todos juraraõ.

CXXXIV.

Entre tanto a Raynha , em quem ardia
 Da vingança cruel o fogo activo ,
 E na vinda do Genro presumia
 Satisfazer o genio vingativo ;
 Passando a Santarem , dalli fazia
 Avultar das discordias o motivo ,
 E com vivas instancias apressava
 As armas Castellhanas , que implorava.

CXXXV.

Chegou em fim o Rey , foi recebido
 Com lagrimas cruéis , queixas tyranas ,
 E com rogos infames impellido
 A's vinganças mais duras , mais infanas ,
 Mas aquelle , que tinha no sentido
 Mais altivas emprezas , mais ufanas ,
 Conhecendo da Sogra a crueldade ,
 A converteo em propria utilidade.

CXXXVI.

Fez-lhe crer , que seria necessario
 Transferir-lhe os direitos da Regencia ,
 Para mais livremente o povo vario
 Reprimir no castigo da infolencia ;
 E querendo por modo extraordinario
 Tirar toda a razaõ de competencia ,
 Apenas conseguiu o seu intento ,
 A prendeo na clausura de hum convento.

Fez-

CANTO IV.

183

CXXXVI.

Fez-se logo sentir por toda a parte
O ruído das armas estrangeiras,
E deposite o rébuço, o duro Marte
Se defatou nas iras mais grosseiras:
Por todo o Portugal o Rey reparte
Soldados, armas, capitães, bandeiras;
Mas a força maior da sua armada
Sobre a triste Lisboa foi mandada.

CXXXVIII.

Era grande o poder, e se augmentava
Das nossas mesmas cegas competências;
Pois parte da Nação facilitava
Dos contrários as duras infolências;
Entre irmãos, pays, e filhos se ostentava
A discordia com varias apparencias,
Se hum a Patria constante defendia,
Outro a torpe ambição favorecia.

CXXXIX.

Huma Praça seguia o meu partido,
Outra as portas abria ao Rey tyrano,
Aqui era o meu nome obedecido,
Acolá se acclamava o Castelhana,
Hum lugar resistia, outro opprimido
Lamentava da guerra o triste damno;
E cada qual pedia instantemente
Assistencia maior de armas, e gente.

Eu

CXL.

Eu não podia em tantos embaraços ;
 A todos afluír, era forçoso
 Servir-me do valór de alheios braços ;
 No soccorro do Reyno lastimoso ;
 Prendia-me a razaõ com fortes laços
 De Lisboa no risco pavoroso ;
 E não era prudencia em tanto aperto ;
 Confiar o poder a peito incerto.

CXLI.

Só Nuno, o grande Nuno, em meu conceito
 Era capaz de tanto : o seu cuidado,
 A fé nobre, o valór daquelle peito
 Era no Reyno todo acreditado ;
 Deste fiz eleição, do seu respeito
 O soccorro fiei de todo o Estado,
 E partidas as forças da Corõa,
 Elle anima as Provincias, eu Lisboa.

CXLII.

Nuno tem derrotado em campo aberto
 Os inimigos por diversas vezes,
 E de lotros, e palmas já coberto,
 Faz respeitar os brios Portuguezes ;
 Eu tenho sustentado em duro aperto
 Hum assedio cruel de quatro mezes ;
 E não creio ter tido maior damno,
 Do que tem recebido o Rey tyrano.

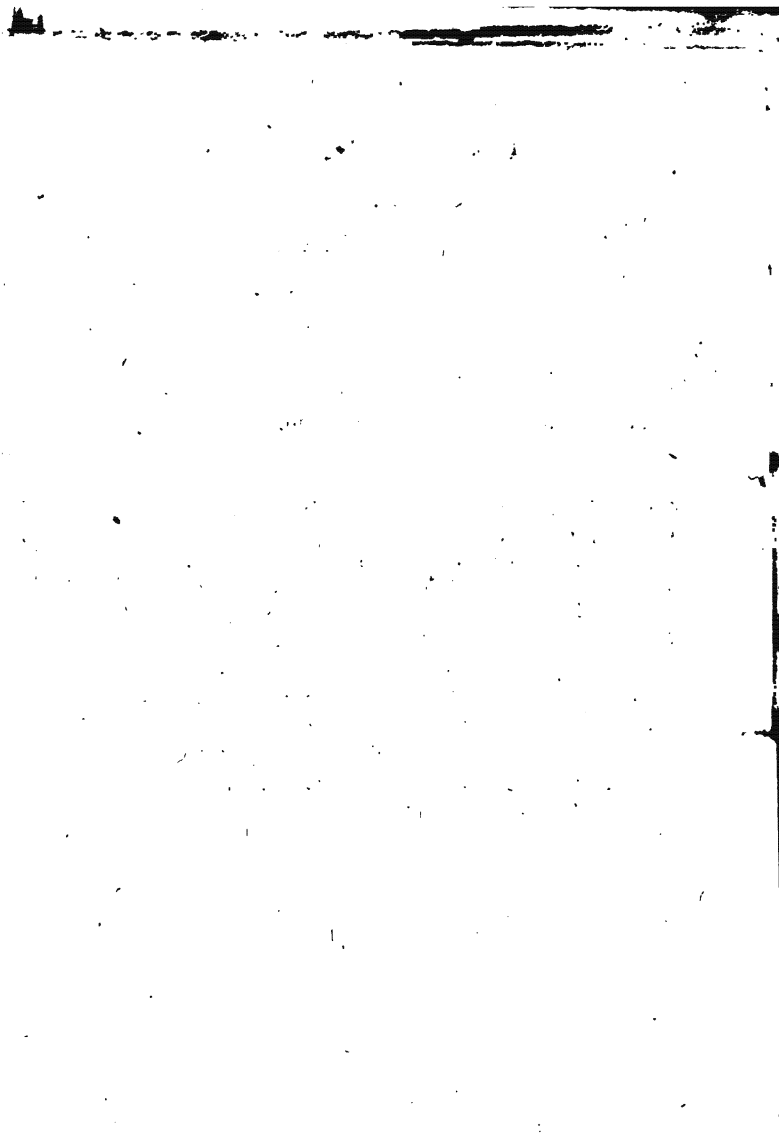
CXLIII.

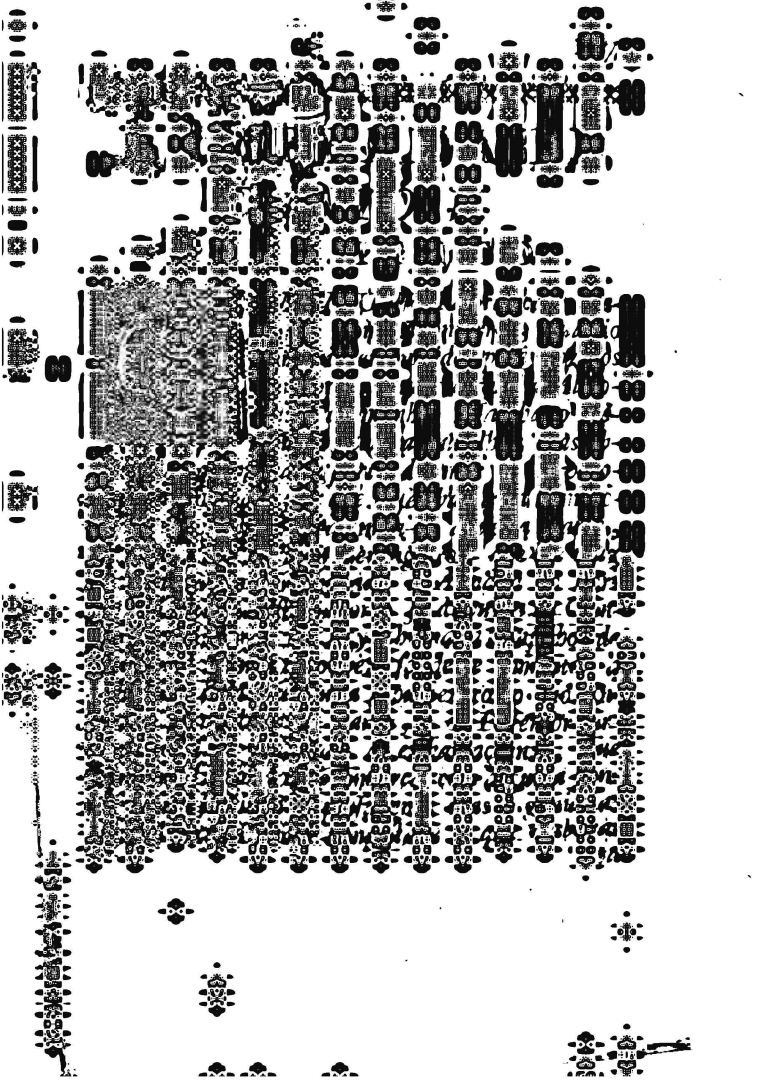
Se o Ceo irado a gloria Portugueza
Esfurecer de todo determina,
Mal pôde dos mortaes a fortaleza
Impedir dos seus golpes a ruina;
Mas se nossa razaõ, nossa firmeza
Merece a protecçã da mã Divina,
Nã ferã desta vez o Lusõ Trõno
Profanado dos pés de intrusõ dõno.

CXLIV.

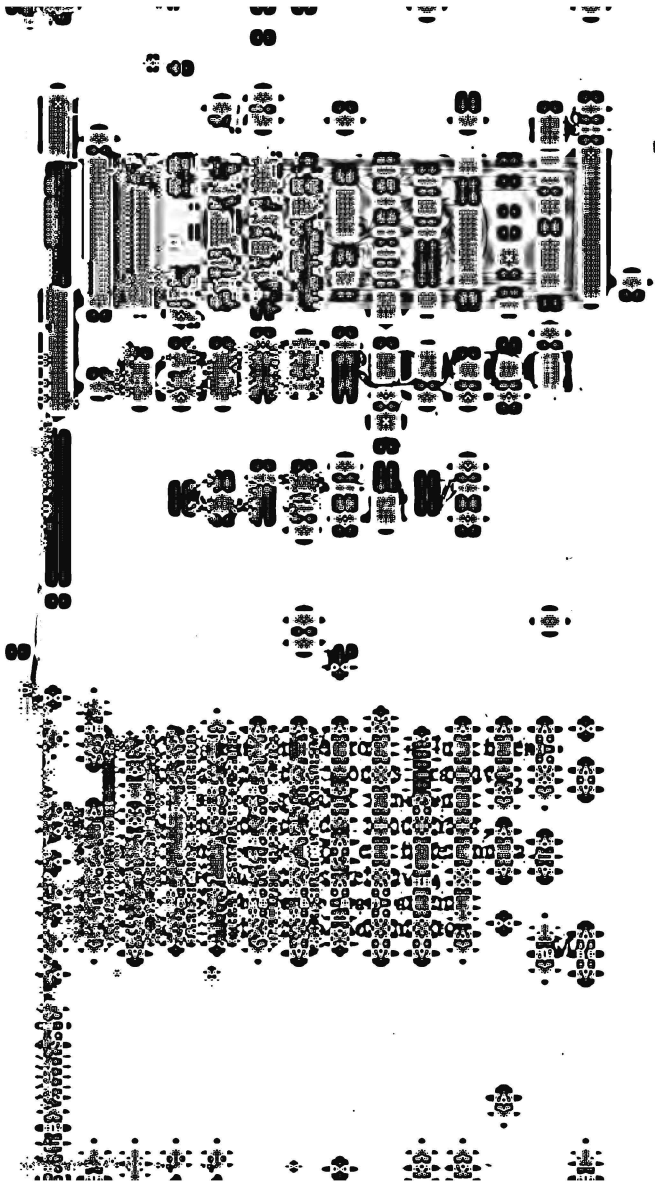
Se o charo Irmaõ os ferros aleivosos
Quebrar poder em nosso beneficio,
O Ceptro empunharã, serã ditosos
Os projectados fins do meu officio;
E se a força dos fados rigorosos
Nã consente successo taõ propicio,
Defendida a Naçaõ, livre Lisbõa,
Disporã do governo, e da Corõa.

FIM DO CANTO IV.





ta as embarcações do Defensor, e leva algumas da Armada do Porto ás mãos dos inimigos, e arruinaria tudo, se o Genio Tutellár dos Portuguezes não viesse affugentar a Furia, e socegar os ventos. Com este auxilio se salva facilmente a Armada, a excepção de tres Náus; das quaes o Rey manda; que lhe levem hum dos prisioneiros de mais conta, e foi Vasco Leitão. Repreheção do Rey a Vasco, e resposta deste. Indigna-se mais vivamente o Rey, e se pertende a aproveitar até dos meyos mais infames. Traição de D. Pedro de Castro, e máo successo della. Novo projecto do Genio infernal, que se disfarça na figura de hum Engenheiro, que estava preso na Cidade, e suppondo-se fugido, vai dar alguns avisos ao Rey; e põem a Cidade no mais rigoroso bloquêio, a que se segue a mais cruel fome. Providencias tomadas sobre este ponto, e inutilidade dellas: desmayo do porto, desesperação da Tropa, e afflicção do Defensor. Chama este a Conselho de Guerra, e propõem morrer com as armas na mão em defesa da liberdade; mas o Genio Tutellar de Portugal se queixa ao Deos Supremo, das insolencias das Furias infernaes, e impiedade dos Castelhanos, e Deos os manda ferir com pestes, pelo que se levanta o cerco.



II.

Mas do rouco tambor o forte brado
 Fez suspender a doce conferencia,
 E dos riscos presentes o cuidado
 Os chamava a mais dura deligencia :
 O trabalho das armas costumado,
 O desvélo da nobre resistencia,
 Succedeo ás noticias, ás historias
 Dos Lusos fastos, das antigas glorias.

III.

Para a forte muralha encaminhava
 O Defensor illustre os nobres passos,
 E com altas idéas se occupava
 No remedio de tantos embaraços :
 Quando vio, que do mar desembacarva
 Da Gente militar quasi nos braços
 Hum Varaõ, a que o povo recebia
 Com signaes excessivos de alegria.

IV.

Quem seja não conhece ; porque a gente
 Lhe impede a vista no concurso vario,
 Adianta-se a ver, mas brevemente
 Se lhe permite o gosto necessario ;
 Porque o Varaõ rompendo deligente
 O tumulto do povo extraordinario,
 A seus pés se apresenta, e desta forte
 Principia a fallar-lhe attento, e forte.

Eu

V.

Eu, Senhor, sou do Porto: aquella terra,
Naõ menos, que Lisboa, vos estima,
E nos casos presentes desta guerra
Naõ menor ambiçaõ seu povo anima;
Igual amor da patria em nós se encerra,
Igualmente o seu risco nos lastima,
E da vil servidaõ o pensamento
Naõ nos faz meaos dõr, menos tormento.

VI.

Ruy Pereira, Senhor, por ordem vossa
Nos convidou à honra desta empreza,
Em que unir-se a Naçaõ quanto mais possa
Deve a favor da gloria Portugueza:
Se vós sois Defensor, a causa he nossa,
E servir-vos naõ he grande fineza;
Mas, ou grande, ou pequena, he sem disputa,
Voluntaria, sincera, e resoluta.

VII.

Os Navios, os bens, as proprias vidas
E quanto he nosso, em fim tudo disposto
A servir-vos está: de vós regidas
Nossas forças seraõ com muito gosto;
Já na bõca do Tejo prevenidas
Trinta vélas estáõ, em cujo posto
Vossas ordens esperaõ dezejosas
De servir-vos fieis, e valorosas.

VIII.

E Pereyra sabendo, que eu devia
 Ter a honra, Senhor, de protestar-vos
 A fé da minha patria, e pertendia
 Este pequeno obsequio anticipar-vos,
 Confiando de mim, que eu poderia
 Tambem dos seus projectos informar-vos;
 Consentio, que tomasse a liberdade
 De introduzir-me occulto na Cidade.

IX.

Hontem quando da noite a sombra escura
 Mais densa as apparencias occultava,
 E dos varios objectos a figura
 Mais facilmente a vista equivocava,
 Sacrificando a vida mal segura
 A's instancias da fé, que me animava,
 Atravessei sem susto dos perigos
 Por entre as mesmas Náus dos inimigos.

X.

E frustrando cautelas, e cuidados
 Dos contrações, que o rio tem coberto;
 Ora com largos giros simulados,
 Ora occulto nas sombras de mais perto,
 Huns deixando na vista equivocados,
 Outros no som da voz mal descoberto,
 Pude em fim, sem ser delles conhecido,
 Tocar da praya o termo apetecido.

XI.

Mas pois a forte amiga me concede
 Chegar aos vossos pés, Príncipe augusto;
 E taõ ditosamente emfim succede
 Ao perigo o prazer, a gloria ao iusto,
 Dos negocios, que trago o peso pede,
 Que prompto vos informe; assim he justo;
 Que em lugar mais occulto, e socegado
 Possa, Senhor, de vós ser escutado.

XII.

Approva o Defensor o fabio intento
 Do fiel mensageiro, a quem benigno
 Agradece taõ nobre atrevimento,
 De hum peito Portuguez projecto digno;
 E por frustrar qualquer vil pensamento
 De algum espia, algum traidor maligno,
 O retira com sigo para o Paço,
 Onde fós se entretém sem embarço.

XIII.

Mas em tanto no campo Castellano;
 Onde a fama mais livre discorria,
 Porque o poder do Principe tyrano
 A maiores distancias se estendia,
 Já do novo soccorro Lusitano
 A noticia patente se fazia,
 E com todo o cuidado se tractava
 De embarçar-lhe os fins, que projectava.

N

Que

XIV.

Que se dêve atacar a Armada Lusã;
 Antes que toque o pôrto da Cidade,
 He geral parecer, que não recusa
 Official de alguma auctoridade;
 Mas se ha de ser no mar, ou quando inclusa
 Já no rio se vir, a variedade
 Faz dos votos, que em varia competência,
 Interpretaõ das armas a sciencia.

XV.

Huns dizem, que será mais vantajoso
 Pelejar no mar largo; porque sendo
 O poder Hespanhol mais copioso
 Mais espaço de frente fica tendo;
 E que dentro do rio embaraçoso,
 Deste excesso vaiêr-se não podendo,
 Perde o corpo da Armada Castelhana
 A vantagem, que faz á Lusitana.

XVI.

Outros dizem, que estando guarnecidas
 As fronteiras do rio de hum dos lados
 Pelas Tropãs de Hespanha, e defendidas
 De outra parte com Praças, e Soldados;
 Podem melhor ás Náus ser soccorridas
 Em quaesquer lauces mal affortunados,
 Combatendo no rio, e desta forte
 Este lugar abonaõ por mais forte.

XVII.

Foi o voto primeiro do Almirante ;
 E varios Capitaens do seu partido ,
 A quem de Marte o espirito arrogante
 Incitava a' combate mais luzido ;
 Mas o voto segundo mais constante
 Aceitaco logrou , e foi seguido
 Pelo Rey , que julgou razo prudente
 O poder foccorrer a sua gente.

XVIII.

Derao-se as ordens , apromptou-se a Armada,
 Escolheo-se o lugar mais adequado ,
 Para , se acafo fosse derrotada ;
 Ter lugar o foccorro meditado :
 A tudo assiste o Rey com desvelada ,
 Com prudente attenco , e no cuidado
 Das sabias prevençoens , que assim repete ,
 Huma certa victoria se promete.

XIX.

Mas naõ menos na gente Portugueza
 Mostrava a prevenço os seus effeitos ,
 Dispondo-se a favor da mesma empreza
 Por sua parte os meyoos mais perfectos ;
 Ajudada do estudo a natureza
 Ministrava de todos nos conceitos ,
 Para salvar as vidas opprimidas ,
 As mais seguras , mais ficis medidas.

XX.

Resolveo-se, que a Armada Lusitana
 Entrasse sem demora, e que evitasse
 Quanto possível fosse a Castelhana,
 Por mais que esta a combate a provocasse;
 E que sendo atacada a Capitana,
 Ou qualquer outra Náu, não perturbasse
 Este accidente a ordem das mais véias,
 Inda mesmo no risco de perde-las.

XXI.

Que trabalhasse a toda a diligencia
 Por conseguir do pórtio a liberdade;
 Porque nelle acharia providencia
 De soccorro de toda a qualidade;
 E que augmentada a força na assistencia
 Dos Navios, e gente da Cidade,
 Provasssem todos juntos os perigos,
 Voltando sobre as Náus dos inimigos.

XXII.

Com este aviso parte o mensageiro
 Outra vez para a Armada, e nos cuidados
 Se occupa o Defensor de dar inteiro
 Cumprimento aos preparos meditados;
 Elle quer fer nos riscos o primeiro;
 Elle intenta os trabalhos mais pesados,
 E faz com seu exemplo toda a gente
 Zelosa, firme, forte, e diligente.

Ar-

XXIII.

Armaõ-se as Náus, que havia, armaõ-se as fustas ;
 As mesmas barcas se dispõem á guerra,
 Fazem-se promptas, fracas, ou robustas
 Quantas embarcaçoens o porto encerra ;
 Geme o Tejo debaixo das adustas
 Maons dos duros remeiros, trême a terra
 Com o peso das armas, e soldados,
 Que concorrem á praya alvoroçados.

XXIV.

Todos desejaõ ter parte na gloria ;
 De abater os orgulhos inimigos,
 E quando seja incerta huma victoria ;
 Todos querem ter parte nos perigos :
 O mesmo Defensor, bem que a notoria
 Afflicçaõ da Cidade, e dos amigos
 O pertenda impedir, em fim se embarca
 Desprezando o rigor da dura Parca.

XXV.

Mas o Genio tyrano, que domina
 As trevas do Cocito, e que aborrece
 A Lusã gente, irado determina
 Impedir-lhe o successo, que appetee ;
 Sobre a face do Tejo crystalina
 Rodeado de horrores apparece,
 As agoas turba, offusca a luz serena,
 Commove os ares, tudo desordena.

XXVI.

Vinha surgindo a Armada auxiliadora
 Já no meyo do rio, e alvoroçados
 Com a luz da esperança enganadora
 Se apartavaõ da praya os sitiados;
 Quando o Genio cruel, a quem devora
 Hum desejo immortal de ver frustrados
 Tantos preparos, com impulso horrendo
 Agita os ventos sobre o mar tremendo.

XXVII.

Pela bôca da barra os precipita
 Sobre as miseras Náus, em quem perverte
 A ordem necessaria; e facilita
 O combate ás contrarias; depois verte
 Toda a força das furias, que vomita
 Sobre as Náus da Cidade, Armada inerte
 Na sciencia dos ventos, quanto forte
 Em desprezar o risco, o ferro, a morte.

XXVIII.

De balde a força dos robustos braços
 Quer lutar contra o vento, o reyno duro
 Cede á força das ondas; já pedaços
 He o páu, que foi mastro; hum Palinuro
 O leme não regêra; os fortes laços
 Das cordas quebraõ; foge mal seguro
 Cada vaso, seguindo cegamente
 O destino das agoas inclemente.

Hum

XXIX.

Hum volta sobre a praya , outro apartado
 A corrente do Tejo vai rompendo ,
 Tal se encontra na aréa já varado ,
 Tal vai de Santarém as torres vendo ;
 A Náu grande , em que entãõ era embarçada
 O Defensor , fuster-se naõ podendo ,
 Sobre a terra varou ; mas felizmente
 Salvou-se o Defensor , salvou-se a gente.

XXX.

Em tanto a Capitania a quem regia
 Ruy Pereyra , Varaõ de grande alento ,
 Que por mais volumosa , mais soffria
 Os estragos crueis do fero vento ;
 Desordenado o rumo , que seguia
 Impellida do Genio turbulento ,
 Entre as Náus inimigas foi levada ,
 E logo por tres dellas afferrada ,

XXXI.

Naõ desfmayá Pereyra , e largo espaço
 Com forças desiguaes firme resiste ;
 Mas cança de ferir o forte braço ,
 Bem que o valór constante naõ desiste ;
 Cançado morre de matar : escaço
 Foi com este Varaõ o fado triste ,
 Que se as forças no corpo iguaes lhe deira
 A's do valór , taõ cedo naõ morrêra.

Rca.

XXXII.

Rende-se a Nau , e tem igual successo
 Outras duas da Armada Lusitana ,
 A quem da tempestade o raro excessõ
 Levou ás maõs da gente Castelhana :
 Continuava a Furia o seu progresso ,
 E seria a derrota mais tyrana ,
 Se o Genio Tutelar da Lusa terra
 Não fizesse cessar taõ torpe guerra.

XXXIII.

Mas vendo o Sacro Genio do brilhante
 Assento crystalino , que occupava
 No luminoso Olympo , a Armada errante ;
 O mar turbado , o rio , que voltava
 Outra vez para traz , que fulminante
 A torpe Furia as Náus precipitava
 Na mais triste ruina , e que nos ventos
 Inspirava a seu gosto os movimentos.

XXXIV.

Com mais rapido vôo , do que o rayo
 A nuvem rasga , sobre o Tejo desce ,
 E fazendo de luz alegre ensayo ,
 Sobre os hombros dos ventos apparece :
 Quanto nestes foi ira , he já desmayo ,
 Cessa o furor , que as aguas intumece ,
 Desapparece a Furia com presteza ,
 Que a sombra foge á luz por natureza.

Tudo

XXXV.

Tudo muda de face ; a Armada Lusã
 Segue alegre o seu rumo , a dos contrarios
 Já não oufa segui-la , era confusa
 Inda entã a victória , e cafos varios
 Se viaõ nas tres Náus , que a fama accusa ;
 Largo tempo de empenhos temerarios ;
 Mas renderã-se em fim , já quando a Armada
 Se achava toda livre , e retirada.

XXXVI.

Manda o Rey Castelhana , que escolhido
 Entre os presos das Náus , algum soldado
 De maior distincãõ fosse trazido
 Logo á sua presença , e executado
 O mandato Real , foi conduzido
 Para ser do Monarcha examinado ,
 Vasco, Leitaõ , em quem a fama pinta
 O valor , e nobreza mais distincta.

XXXVII.

Estava-lhe fazendo attentamente
 O Rey varias perguntas ; quando passa
 Por accaço a Raynha , e ofudamente
 Vasco de lhe fallar pertende a graça :
 A seus pés chega , e logo reverente
 A mãõ lhe beija , que a fortuna escaça
 Não tem poder para fazer grosseiro
 Hum bẽm criado , e nobre Cavalleiro.

Mas

XXXVIII.

Mas indignou-se o Rey deste cortejo,
 Que devêra louvar; porque imagina,
 Que este obsequio não nasce do desejo;
 Mas do susto fômente da ruina:
 Vós sois, lhe diz, indigno, aquelle bêjo
 He hum bêjo de Judas, que me enclina
 A cortar-vos os beiços, com que ousado
 Profanais o decoro mais sagrado.

XXXIX.

Fingis dar á Raynha os justos cultos,
 Que lhe deveis por vossa Soberana,
 E não tendes vergonha dos insultos,
 Com que a vossa cegueira a fé profana;
 Seguis armado as vozes dos tumultos,
 E julgais, que hum cortejo nos engana;
 Hum Vassalho, que offende a lealdade,
 Insulta quando incensa a Magestade.

XL.

Não he isso, responde o Varão forte,
 O que entre nós se entende: a fé sagrada
 Nos liga firmemente; e sempre a morte
 Accesa encontra em nós a chama honrada:
 A Raynha devemos desta forte
 Respeitar por quem he, que a Lusa espada
 Não offende as Senhoras; mas attenta
 Os direitos da patria só sustenta.

Vós

XLI.

Vós, Senhor, vos privastes do direito
 De dominar nos Lusos, quebrantando,
 Os sollemnes Tractados, sem respeito
 A' vossa mesma fé, precipitando
 O tempo estipulado; e no conceito
 De humna facil conquista, atropelando
 Com as armas na mão, como inimigo,
 Os privilegios de hum paiz amigo.

XLII.

Vós nos fazeis a guerra, nós sómente
 Defendemos a propria liberdade
 A vossa pertençaó faz innocente
 A nossa natural fidelidade;
 Em nós esta constancia propriamente
 Não he orgulho, he só necessidade
 De defender a patria, que opprimida
 Se vê de armas estranhas invadida.

XLIII.

Se o ser fiel á patria, ser constante
 Na fé dos juramentos he delicto?
 Réo sou, Senhor, de crime tão brilhante,
 Nem desculpar-me delle sollicito;
 Mas se he virtude a fé, se o ser amante
 Da patria não he culpa, e nisto imitto
 Os Varoens mais illustres, certamente
 Vós mesmo me honrareis por innocente.

. Ouvia

XLIV.

Ouvia o Rey com gesto furioso
 As vozes de Leitaõ ; mas não podia
 Desmentir o caracter luminoso
 Da verdade , que nellas conhecia :
 A Valasco procura impetuoso ,
 O que destes discursos entendia ;
 Aquillo mesmo , diz o nobre velho ;
 Vos temos nós exposto no Conselho.

XLV.

Na verdade , Senhor , os Portuguezes
 Tem alguma desculpa : os seus Tractados ;
 Como dito vos tenho muitas vezes ,
 Foraõ por nós sem causa quebrantados :
 Vós tendes Conselheiros mais cortezes ,
 Que abonã esta acção : estes letrados
 Responderãõ , Senhor , com mais clareza
 A's instancias da gente Portugueza.

XLVI.

Indignou-se o Monarcha da resposta ;
 Como já do discurso se indignára ;
 Porque a verdade livremente exposta ,
 Offende do respeito a ley avara :
 Não se convence já , só se desgosta
 Da força da razaõ , que desprezára ;
 Silencio impõem ás vozes de Valasco ,
 E manda retirar o nobre Valco.

Em

XLVII.

Em prisões rigorosas determina,
Que preso fique, e firmemente jura
Abater da Cidade na ruína
A soberba fatal da Nação dura;
Mais apertado sítio lhe destina,
Novas tropas convoca, a força apura
De todo o seu poder, e nas violências
Se vale, até das mesmas indecências.

XLVIII.

Com promessas intenta lisongeiras
Comprar a fé de alguns dos sitiados,
Em quem do brio as chamas verdadeiras
Os fulgores mostravaõ mais cançados:
Tal julgou, a pesar de acções guerreiras;
A Dom Pedro de Castro, e praticados
Os infames ajustes da maldade,
Se pacteou a entrega da Cidade.

XLIX.

Commandava Dom Pedro por desgraça
Huma parte dos muros, e podia
Com qualquer illusão, com qualquer traça;
A perfidia cumprir, que promettia;
Nada os torpes intentos embaraça,
Ajustou-se o lugar, a hora, o dia,
Disposeraõ-se os mezos necessarios,
Que nunca faltaõ mezos a falsarios.

Assen-

L.

Assentou-se , que a noite gloriosa
 Do faustissimo dia , que nos cultos
 Se illustra da Assumpção prodigiosa,
 Da que de Mãe, e Virgem goza indultos,
 Fosse o termo prefixo á cavillosa
 Execução de intentos tão occultos,
 E que o sitio seria adonde accefa
 Fosse huma luz farol da torpe empreza.

LI.

Que munidos de escadas os soldados
 Vießem demandar os tristes muros
 Com preciso silencio , que escalados
 Facilmente seriaõ ; pois seguros
 Lhos teria Dom Pedro desarmados,
 Ou postada nos sitios mais escuros
 Alguma gente sua , que instruida
 Estaria do caso , e prevenida.

LII.

Era complice em crime tão nefando
 Joaõ Lourenço da Cunha , que já fora
 Da Raynhã viuva de Fernando
 Algum dia Marido , e que a traidora
 Acção sentio tão pouco , que adornando
 Da mesma injuria a frente soffredora ,
 Era a pesar da solida nobreza,
 Escandalo da gloria Portugueza.

Este

LIII.

Este deu a Ruy Freire algum indício
 Das traiçoens maquinadas, e seria
 Providencia talvez do Ceo propício,
 Para frustrar a infame aleivosia:
 Porque o claro Varão, que o torpe vicio
 Da perfidia aborrece, e que devia
 Ao nobre Defensor antigo affecto,
 Lhe foi logo dar parte do projecto.

LIV.

Tinha sido por Cunha revelado
 O dia, o sitio, e senha da interpresa;
 E no tempo prescripto examinado,
 Se achou deserto o muro, a luz accesa;
 Acautelou-se logo com cuidado
 O lugar suspeito, e sendo presa
 A gente de Dom Pedro sem ruido,
 Foi o mesmo Dom Pedro surprehendido.

LV.

Chega a gente de Hespanha confiada
 Nas traidoras promessas, esperando
 A muralha encontrar desoccupada,
 Ou guarnecida de hum presidio brando;
 O sitio busca, e quando mal guiada
 Da falsa luz o muro vai tocando,
 Os Lusos ferros vê descer brilhantes
 Sobre as tristes cabeças vacillantes.

Humis

LVI.

Huma chuva de tiros de arremeço,
 Hum diluvio de ferro furioso
 Foi da torpe perfidia o justo preço,
 Foi o fructo do engano vergonhoso,
 As escadas servirão de tropeço,
 De embaraço os petrechos; lastimoso
 Escarmento de idéas fementidas,
 Que quasi sempre são mal succedidas;

LVII.

Sentio o Rey contrario vivamente
 Aquelle máo successo, e mais irado;
 Na conquista se obstina impaciente
 De hum valor tão activo, e porfiado;
 Mas não menos a raiva infaustamente
 Incita o Genio horrivel, que frustrado
 Tinha visto o desvelo, com que os ventos
 Convocára a favor dos seus intentos.

LVIII.

Mil idéas na mente revolvía
 De vingança cruel, estragos varios,
 Varios modos de guerra discorria,
 Para perder os Lusos temerarios;
 Abater-lhe os alentos não podia,
 Que são dotes do fado extraordinarios;
 Mas por meyo de astucias meditava
 Maquinar-lhe a ruina; que intentava.

LIX.

Das cavernas funestas, em que habita,
 Triste esfera de angustias, e de horrores;
 Sáhe a Furia cruel, e se habilita
 Para soffrer do Sol os resplendores,
 As negras azas' ferozmente agita
 Por entre nuvens de infernaes vapores,
 Sobre os ares se eleva, e de mais perto
 Observa da Cidade o triste aperto.

LX.

Vio os duros estragos, que soffria
 O miseravel povo, mas que ousado,
 Os rigores da morte preferia
 A' vil escravidão, vio, que abraçado
 De hum generoso ardor, não desistia
 Da constancia primeira, e que indignado
 Das mesmas vexações, só receava
 A fome, que a sentir principiava.

LXI.

Vio quanto aquelle susto era prudente
 Na falta já sensível de alimentos;
 Pois a pesar de hum zêlo providente,
 Eraõ quasi no fim os mantimentos,
 Conheço, que seria brevemente
 A ruina geral, se os provimentos
 Não entrassem de fóra, e deste aviso;
 Que se aproveite o Rey julga preciso.

210 A LIBERDADE

LXII.

De humano vultô finge as apparencias,
A voz, e o gesto imita de Artimáde,
E mentindo suppostas negligencias,
Se publica fugido da Cidade:
Era Artimáde hum velho, que as sciencias
Cultivava com rara habilidade,
E que feguindo o Rey, como Engenheiro,
Fora feito dos Lusos prisioneiro.

LXIII.

Como tal foi no campo recebido;
Festejado por todos, e levado
A' presença do Rey, que prevenido
Fora logo do caso inopinado;
Delle pertende o Rey ser instruido
Com clareza maior, e perguntado
Em diversas materias, tudo explica
Com rasoens, que a prudencia justifica.

LXIV.

Mas notando, que o genio vingativo
Do Rey feroz mais ira respirava,
Que maduro conselho; e que por vivo;
Das cautelas talvez se descuidava;
Do seu zêlo tomando por motivo
A noticia completa, que affectava
Do estado da Cidade, astuto pede
Licença de fallar, que o Rey concede.

Logo

LXV.

Logo o perfido gesto acaminando
 As cautelosas vozes, que medita,
 Assim vai o veneno derramando
 Nos duvidos, que o Rey lhe facilita:
 Vós, Senhor, bem sabeis, que o genio brando
 O meu vicio não he, nem me habilita
 Para conselhos froxos; mas a gloria
 He quasi sempre o fructo da victoria.

LXVI.

O valor he louvavel; mas prudente
 Deve ser o valor; que de outra forte
 Não he virtude, he vicio, que desmente
 O caracter feliz do Varão forte:
 Desprezar pela gloria illustremente
 A despeza, o trabalho, o risco, a morte,
 He empenho de Heróes; mas sem proveito,
 Não merece a braveza tal conceito.

LXVII.

Vós, Senhor, abraçado em chama pura
 De bellicoso ardor, contra a Cidade
 Fulminais ha seis mezes guerra dura
 Com trabalhos de toja a qualidade:
 Mas tão poucas vantagens nos procura
 Esta nossa portia, que a verdade
 Nos obriga a dizer, que os Portuguezes
 Nada tem afroxado em tantos mezes.

LXVIII.

He grande a guarniçaõ , naõ desfalece
 Na repetida furia dos assaltos ,
 Nem a morte de poucos enfraquece
 A multidaõ , que borda os muros altos :
 Se a Cidade algum damno affim padece ;
 Todo o damno confiste em sobrefaltos ,
 E naõ póde render-se desta sorte
 Huma Naçaõ feroz , hum povo forte.

LXIX.

Mas póde ser , Senhor , que se configa
 Aquelle mesmo fim bem facilmente ,
 Sem desconto de risco , ou de fadiga
 A favor de outro meyo mais prudente ;
 Neste assedio sómente se profiga
 Com precisa exacçaõ , e brevemente
 Se verá quanto mais , que a guerra dura
 He funesta á Cidade a fome pura.

LXX.

Eu , Senhor , a pesar do triste estado
 De captivo , e de preso , em que gemia ;
 Tenho bem fixamente calculado
 O poder de hum paiz , que descobria ;
 Sei , que he grande o presidio , que animado
 A morrer pela patria parecia ;
 Mas-fei tambem , que a falta de alimentos
 Lhe affusta fortemente os pensamentos.

Elles

LXXI.

Elles tem varias vezes conseguido ;
 Com injuria das armas de Castella ;
 Provimto de fóra, introduzido
 Pelo Tejo, de noite, com cautela ;
 Mas se o nosso cuidado prevenido
 Em guardar este passo se desvela,
 Precifamente a fome na Cidade
 Se ha de sentir com muita brevidade;

LXXII.

Eu fei, que já com menos abundancia
 Se reparte o preciso mantimento,
 Que o governo com cauta vigilancia
 Faz dispender do povo no sustento:
 Sei que apenas com grande repugnancia ;
 Se concede bem pouco ; em que argumento
 Huma falta geral, ou já presente,
 Ou que está pelo menos imminente.

LXXIII.

Ella será de todo inevitavel ;
 Se o soccorro, Senhor, se lhe embarça ;
 Diligencia a meu ver taõ praticavel,
 Que de possivel a ser facil passa ;
 Este arbitrio se observe, e responsavel
 Eu ferei da fortuna, ou da desgraça
 Desta empreza ; porém com tal contracto ;
 Que ha de ser o cuidado o mais exacto.

Diffe

LXXIV.

Disse, e logo de todos approvado
 Foi o seu parecer, logo applaudido
 Pelo mesmo Monarcha interessado
 Na esperança, que havia concebido;
 Logo manda, que seja executado
 O projecto fatal, logo escolhido
 Para ser director daquelle empresa.
 Foi o perfido author desta desgraça.

LXXV.

Elle as guardas dispoem, elle vigia
 Sobre a sua exacção, elle acautela
 Os passos todos, elle desconfia
 De qualquer movimento, elle atropela
 As diligencias todas, que podia
 Intentar o presidio, e se desvela
 Tanto neste cuidado, que frustrada
 Lhe faz toda a esperança imaginada.

LXXVI.

Affim se vio logrado brevemente
 O tyrano projecto, e na Cidade
 Se fez logo sentir amargamente
 Da triste fome a torpe atrocidade
 A mesma copia da cercada gente
 Apreffava a geral calamidade
 E foi precisa a dura providencia
 De recusar de alguma a subsistencia.

Expul-

LXXVII.

Expulsou-se dos muros com effeito ;
 Alguma gente inutil , foi forçoso
 Matar as bestas , e tirar proveito
 Das suas carnes , fez-se industrioso
 Paõ de varias materias , em defeito
 Do paõ commum , e nada fructuoso
 Põde ser muito tempo ; porque a fome
 Tudo devora em fim , tudo consume.

LXXVIII

Já sem rebuço , a pálida indigencia
 Se descobre patente ; já se escuta,
 A pesar dos esforços da paciencia ,
 O clamor da miseria ; já reputa
 Impossivel o povo a providencia ,
 E do mesmo governo a mente astuta ,
 Já não pôde occultar , por mais que faça ;
 Os horrorosos golpes da desgraça ,

LXXIX.

Viaõ-se os innocentes desmayados ,
 Entre os braços das Máys inutilmente
 Inda presos aos peitos já privados
 Do suco natural conveniente ;
 Viaõ-se os tristes velhos encoitados
 Nas paredes das casas froxamente
 Respirar , sem mover-se intropecidos
 Da fraqueza , a que estavaõ reduzidos .

Viaõ-

216 A LIBERDADE:

LXXX.

Viað-se já prostrados, macilentos;
E sem forças os mesmos mais robustos,
A quem da morte os tristes pensamentos
Já mais no coração causaraõ lustos;
E supposto, que os nobres soffrimentos,
A pesar dos estragos mais injustos,
Os fizessem constantes, bem se via
Já no rosto de todos a agonia.

LXXXI.

Convoca o Defensor os mais prezados,
Mais illustres varoens, de quem confia
Os segredos mais puros, mais guardados,
Em obsequio da fé que lhes devia;
E mandando, que todos socegados;
Attenção lhe prestassem, pois queria
Ouvir depois a todos, desta sorte
Principia a fallar o Varão forte:

LXXXII.

Vós, Senhores, sabeis o triste aperto;
Em que todos nos vemos, a pobreza;
Em que geme a Cidade, o desconcerto;
Em que o povo fluctúa, na incerteza
Do sustento preciso, o pouco acerto
Dos arbitrios fundados na destreza
De occultas diligencias, nem preciso
Vos he nesta materia mais aviso.

LXXXIII.

Se algum de vós , em tanta desventura
Algun meyo discorre praticavel ,
Com que possa a Cidade mal segura
Por mais tempo fazer-se defensavel ,
Cada qual , a favor da chama pura ,
Que em nós accende o zêlo mais louvavel ,
O seu voto declare , e se profiga
Nos nobres meyos da constancia antiga.

LXXXIV.

Mas se em tanta desgraça já não resta
Esperança de algum soccorro humano ,
E na luz da razão se manifesta
Inevitavel o presente damno ,
Menos triste será , menos funesta
Nos apertos de hum risco tão tyrano ,
Huma morte por armas gloriosa ,
Do que em froxa inaccão injuriosa.

LXXXV.

Antes que a torpe fome inteiramente
Nos precipite em languidos desmayos ,
E se faça a ruina mais patente
Da fraqueza nos ultimos ensayos ,
Procuremos ao menos dignamente
Vender as vidas , e nos claros rayos
Da gloriosa chama das vinganças
Abrazemos as nossas esperanças.

118 A LIBERDADE

LXXXVI.

Hum só recurso tem os desgraçados
Nos extremos maiores, que consiste
Em poder., de huma vez, desesperados
Arriscar sem reparo a vida triste,
E se o rigor cruel dos duros fados,
A que poder humano não resiste,
Precisa faz a perda da Cidade,
Perca-se a vida, com a liberdade.

LXXXVII.

Decida de huma vez o ferro agudo
A disputa cruel, dicte a fortuna
A sentença fatal, perca-se tudo,
Ou tudo se restaure; huma opportuna
Temeridade he gloria; o nobre estudo
De hum arrôjo feliz foi a columna,
Com que Cesar susteve diligente
O seu poder já quasi decadente.

LXXXVIII.

Provemos o que póde a força dura
Da desesperaçãõ; rompa-se o laço
De huma triste cautela mal segura,
Que já agora só serve de embaraço;
Ou vencer, ou morrer com gloria pura
Seja em sim permittido ao Luso braço;
Com as armas na mão se acabe a guerra,
Ou se morra, ou se salve a patria terra.

Este

LXXXIX.

Este o meu parecer; agora diga
 Cada qual o que o zêlo fervoroso
 Lhe dictar a favor da gloria antiga
 Do nome Portuguez sempre famoso;
 Que, ou na guarda dos muros se profiga,
 Ou se approve projecto mais lustroso,
 Eu farei o primeiro em qualquer parte,
 Que a frente insulte do soberbo Marte.

XC.

Disse, e todo o congresso alvoroçado
 Applaudiu o seu voto; e resolvido
 Foi por todos, que fosse executado
 Sem demora projecto tão luzido;
 Mas havendo depois bem ponderado
 O poder dos contrarios tão crescido,
 Houve quem discorrea ser opportuno
 Dar aviso do caso ao grande Nuno.

XCI.

Era Nuno da gente Portugueza
 Esperança segunda, e guarnecia
 De Alemtejo a Provincia onde a dureza
 De seus golpes Hespanha já temia;
 E podendo-se achar na dura empresa
 Affilido das armas, que regia,
 Na diversão das forças Castelhanas
 Faria grande apparo ás Lusitanas.

Logo

XCII.

Logo toda a Assemblêa acordemente
 Este arbitrio adoptou com tanto excesso ;
 Que já d'elle reputa dependente
 Do primeiro projecto o bom successo ;
 Mas notando, que o tempo competente
 A demora do aviso em seu progresso
 A Cidade arriscava á contingencia
 De faltar-lhe de todo a subsistencia;

XCIII.

Segunda vez se ordena, que expulsada
 Fosse logo dos muros opprimidos
 Toda a gente de inutil accusada,
 Ou menos propria a riscos taõ subidos ;
 Mas apenas das portas separada
 Era a triste porçaõ dos expellidos,
 Quando se vio gemer em duros laços
 Entregue á furia de inimigos braços.

XCIV.

Naõ fez grande impressaõ este accidente
 No constante presidio ; porque a sorte
 Dos primeiros expulsos lhe desmente
 Todo o risco, que affusta o peito forte ;
 Tinha sido levada aquella gente
 Entre ameaços de prisãõ, ou morte
 A' presença do Rey, mas despedida
 Foi toda livre, toda soccorrida.

Igual

XCV.

Igual successo agora se esperava ;
Porém não foi assim , porque Artimade ;
Ou o genio feroz , que se occultava
No seu perfido vulto , a liberdade
Affectando do zêlo , que inculcava
No commettido assedio da Cidade ,
Dos expulsos se entrega , e lhe destina
A mais infame , mais cruel ruina.

XCVI.

Manda , que fossem todos açontados
Defronte das muralhas , que o sustento
Defendido lhe fosse , e que levados
Junto das portas neste abatimento ,
Alli fossem com guardas observados ,
Athé , que a duraçã de hum tal tormento
Os podesse extinguir , ou conseguisse ,
Que a Cidade outra vez os consentisse.

XCVII.

Não póde mais soffrer o Genio claro ;
Que a guarda tem da gente Portugueza ;
E prompto implora o Sacrosanto amparo
Do Soberano Auctor da Natureza :
Supremo Deos , lhe diz , principio raro
Dos entes todos , immortal grandeza ,
A quem o Céu se prostra , a terra adora ,
Respeita o mar , e quem nas trevas mora .

Por

XCVII.

Por ti, Senhor, me foi em fórte dada
 A protecção da Lusá Monarchia,
 Por ti a firvo, por ti meumo amada
 He de mim esta gente: a vil porfia
 De huma guerra cruel, e dilatada
 A tem quasi perdida; mas soffria
 Este golpe o meu zêlo, porque os damnos
 De huma guerra sab fórte dos humanos.

XCXIX.

Porém, que as Furias do soberbo Inferno
 Façam guerra tambem á Lusá gente,
 He insulto, Senhor, que hum Deos Eterno
 Deve vingar com braço Omnipotente:
 Como póde, Senhor, o peito terno
 De hum Deos benigno, recto, e providente
 Consentir tal excessão? Acaço a terra
 Em si males bastantes não encerra?

C.

He preciso, que os Genios infernaes
 Se armem contra Lisboa? O duro effeito
 Da ambição, e vingança entre os mortaes
 Necessita de auxilio? O fero peito
 De hum Rey tyrano os meyo naturaes
 Ignora do rigor? Hum tal conceito
 Só o póde formar o Genio escuro,
 Que o campo infesta com influxo impuro.

CI.

A ti, Senhor, pertence a providencia
 Deste caso fatal: os teus projectos
 Não se podem mudar, que a Omnipotencia
 Não varia já mais os seus decretos:
 Por ti firmada foi a subsistencia
 Do Trono Portuguez; os indiscretos
 Empanhos, que se oppoem á tua mente
 Devem ser castigados duramente.

CII.

Ouvio o grande Deos o rogo puro
 Com benigna attençaõ, e socegado
 Lhe responde: Não póde o Genio escuro
 Alterar o destino; he bem frustrado
 O seu desvelo, o seu trabalho duro
 Contra as leys immortaes do claro fado;
 Mas a sua soberba, e falsidade
 Provaráõ do castigo a gravidade.

CIII.

Tu lhe vai intimar da minha parte,
 Que o campo largue, e no fatal momento
 Nova porçaõ de penas lhe reparte,
 Com que pague taõ louco atrevimento,
 E pois que as iras do cruento Marte
 Adoptaráõ taõ perfido instrumento;
 Provaráõ igualmente os Castelhanos
 De huma tal companhia os justos damnos.

Isto

CIV.

Isto dizendo, sem demora chama
 Hum dos Genios, a quem foi dado em sorte
 O fazer mal á terra, e que derrama
 Sobre os mortaes a dor, a peste, a morte;
 Vai, lhe diz, sobre o campo; alli te inflama
 De terrivel furor, de impulso forte
 Os teus golpes dispara sobre as tendas,
 Só do Rey a pessoa não offendas.

CV.

Voaõ ambos os Genios promptamente
 A cumprir seu destino, hum executa
 Sobre a Furia a sentença, outro inclemente
 Sobre as tendas inclina a resoluta
 Pesada mão, que os golpes tristemente
 Multiplica no campo sem disputa,
 Sendo de golpes taes rara a ferida,
 Que não custe a Castella alguma vida.

CVI.

Fez-se logo no campo formidavel
 Da dura peste o rapido progresso;
 Pois sem descanso a Parca inexoravel
 Se vê cortar das vidas o processo:
 Nem sómente no vulgo miseravel
 O contagio se observa, igual successo
 Tem os mais pobres, mais desamparados;
 Que os mais servidos, e mais bem tractados.

CVII.

Já o grande Toledo, o bravo Lara ;
 O nobre Sandoval, o bom Sarmento,
 O Famoso Thoar a vida clara
 Tem rendido, nem pôde o forte alento
 De Valasco evitar a forte avara,
 Nem Samora Varas de alto talento,
 A quem fez Alverneda companhia
 Com Benavides, Roxas, e Mexia.

CVIII.

Já vinte vezes cem bravos foldados
 Eraõ mortos no campo, e cada Aurora
 Mais duzentos mostrava separados
 Do commercio dos vivos, já devóra
 O funesto pavor os mais ousados;
 Já toda a tropa desmayada chora
 O seu triste destino; mas no peito
 Do Rey tyrano nada faz effeito.

CIX.

Conselhos, rogos, lagrimas, gemidos,
 Inutil tudo he, elle se obstina
 Cada vez mais, nem quer prestar ouvidos
 A's lamentaveis vozes da ruina:
 Nada lhe afroxa os odios concebidos;
 Porque a torpe ambição, que lhe domina
 O coração, os meyoos lhe embaraça
 De conhecer o peso da desgraça.

P

Mas

CX.

Mas o braço potente, que opprimia
 A soberba Hespanhota, e não cessava
 De tirar sobre as tendas, cada dia
 Os seus golpes fataes multiplicava;
 E fazendo mais certa pontaria
 Sobre a tenda Real, onde se achava
 A formosa Raynha, a fere attento
 De hum golpe não mortal, porém violento;

CXI.

Este tiro levou a liberdáde
 A famosa Lisboa; porque o fustro
 Pôde em fim dominar a crueldade
 No coração feróz do Rey injusto:
 Retirar-se resolve da Cidade
 No silencio da noite: o muro augusto
 Prova o doce focego, e o campo nobre
 Livre, a luz matutina em fim descobre.

FIM DO CANTO V.



A LIBERDADE

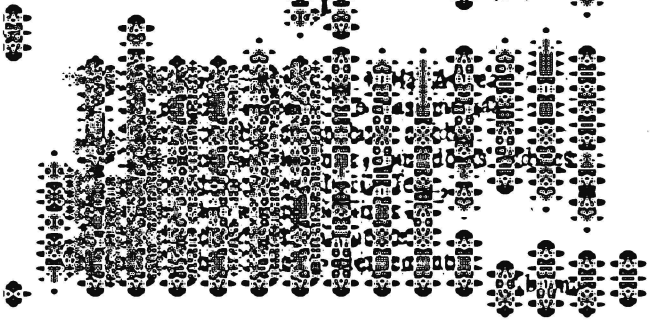
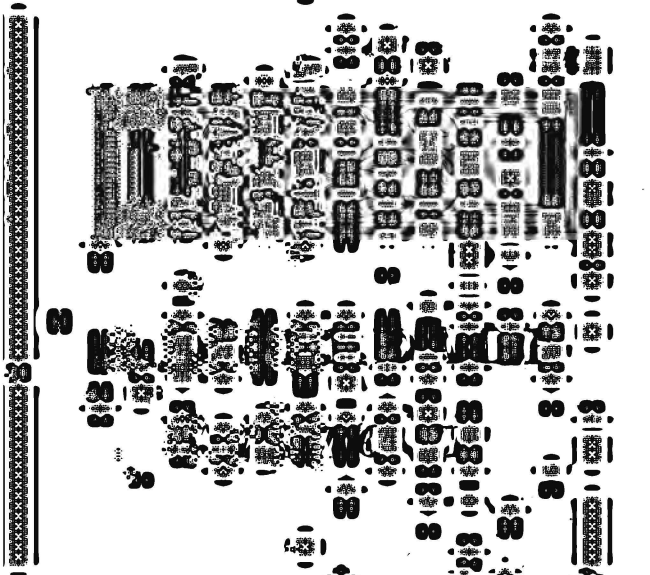
CANTO VI.

ARGUMENTO:



LEVANTADO o cerco de Lisboa, o porto alvorçado, com a liberdade, sabe ao campo a ver, e notar o sitio, em que estiverão os inimigos: mas no rio se conserva a Armada de Castella, e alli se ouvem tocar trombetas, que obrigão o Defensor; e os Soldados a concorrer á praya, donde observaõ, que o ruído vem todo de hum pequeno batel, que vem passando pelo meyo da Armada Castelhana, conduzindo muito pouca gente, e no meyo della hum Cavalleiro armado todo, e a cara coberta com a viseira do Elmo. Chega em fim á praya este Cavalleiro, que se reconhece ser o grande Nuno Alvares Pereira, que vai cortejar o Defensor, e dar-lhe parte das suas expediçoens. Conta-lhe como passan-

do ao Alemtejo , ajuntára hum pequeno Exército para soccorrer Fronteira ; fuzto dos Soldados , pratica de Nuno ; victoria dos Atoleiros , e soccorro de Fronteira. Parte Nuno a dar graças a Deos ao Templo de Assumar , que acha profanado pelos Castelhanos , que nelle havião feito Cavathariça , e o faz limpar. Passa a Evora , livra Alvaro Gonçalves da mão dos Castelhanos , e sabendo da Armada , que se aparelha no Porto , parte àquella Cidade para embarcar-se nella ; mas chegando a Coimbra , sabe ser já partida , e que arribára a Buarcos , onde pretende hir embarcar ; mas o General da Armada o não espera. Volta para o Alemtejo , e no caminho toma hum grande comboy de Castella. Chegado ao Alemtejo recupera a Praça de Monsaras. e desbarata Castanheda , General Castelhana , e depois deste , a outro chamado Sarmento. Marcha sobre Palmella , e toma esta Praça , onde recebe o aviso do aperto da Cidade ; e da resolução do Defensor , de atacar os Castelhanos no campo ; mas quando se prepara a passar , recebe a noticia de ser levantado o Cerco , e se mette com pouca gente em hum batel para passar a Lisboa de madrugada ; mas amanhecendo lhe no meyo da armada Castelhana , manda tocar as trombetas , o que mette em confusão os Castelhanos , e Nuno chega felizmente á praya.



II.

Abrem-se as portas , corre alvoroçada
 A gente Lusã , a ver desempedido
 O patrio campo , a terra aliviada
 Do peso duro do arrayal temido :
 Qual de ver as trincheiras mais se agrada ;
 Qual das tendas o sitio aborrecido ;
 E cada qual recorda em cada passo
 Hum passado perigo , hum embaraço .

III.

Aqui , dizia algum , me vi hum dia
 Cahido neste fosso , alli cercado
 De Castelhanos , outro respondia ,
 Me vi quasi perdido ; alli deixado
 Fui por morto , contente repetia
 Algum já livre , e sab , e do passado
 Perigo na lembrança mais gostosa
 Se faz a liberdade , que se goza .

IV.

Prefistia ; com tudo , inda o bloqueio
 Pela parte do mar , porque occupava
 Do crystalino Téjo o aureo feyo
 A Castelhana Armada , em quem durava
 A constancia primeira , sem receyo
 Dos perigos , que a terra ameaçava ,
 Insistindo no damno da Cidade
 Com insultos de toda a qualidade .

Ouvem-

V.

Ouvem-se neste tempo os eccos duros
Das trombetas soar naquella parte ,
Alvorocam-se os Lusos mal seguros ,
Novo risco suppoem do fero Marte ;
Fecham-se as portas, outra vez dos muros ,
Pelo recinto a gente se reparte ;
Mas para a praya vêm chegar sómente
Hum pequeno batel com pouca gente.

VI.

Hum Varaõ Magestoso se descobre
A bordo do batel , a quem parece ,
Que os outros obedecem ; porém cobre
De huma viseira o rosto , e não conhece
Alguem quem elle seja : hum talhe nobre
O distingue sómente , e lhe merece
As attenções dos Lusos , que pasmados
Pela borda da praya estaõ postados.

VII.

Já chega junto á terra , he Nuno , grita
O grande Defensor , he Nuno , he Nuno ,
Nem podia ser outro ; o affecto incita
O Varaõ a mostrar-se : o grande alumno
Apparece de Marte , e precipita
O corpo do batel taõ opportuno ,
Que saltou justamente , onde se achava
O Defensor , que os braços lhe alargava.

Bem

VIII.

Bem vê Nuno qual honra lhe destina
 Do Principe benigno o claro peito ;
 Porém cumprir primeiro determina
 Os sagrados deveres do respeito ;
 Para beijar-lhe a mão attento inclina
 Sobre a terra o joelho , mas já feito
 Era o laço feliz , com que a bondade
 Do Defensor lhe impede a liberdade.

IX.

Que pertendes , lhe diz interncido
 O Principe modesto ? Hum Varaõ forte
 De taes palmas , e louros revestido
 Se abate assim vendido desta sorte ?
 A mim , que nestes muros recolhido
 Não tenho obrado acção , que á Patria importe ?
 Esperavas que fosse tão ingrato ,
 Que te soffresse tão humilde trato.

X.

Não , meu Principe , não , torna gostoso
 O grande Nuno , em vós não ha defeito ;
 Nem o póde em mim ser o decoroso
 Empenho dos meus cultos : o respeito.
 Não me impede a ternura ; o fervoroso
 Ardor de vos servir , faz no meu peito
 Disputar-se com digna competencia
 A fé , o amor , o zêlo , a reverencia.

Vós

XI.

Vós deveis permittir, que eu satisfaça
 Hum taõ justo dever: do Luso Estado
 Vós sois hoje a cabeça, e na desgraça
 Em que o Reyno se vê despedaçado
 Por hum scisina infeliz, quem se embaraça
 Nos tributos da fé, mal declarado
 Deixa o seu sentimento, e não consente
 O meu zêlo desfar taõ indecente.

XII.

Disse, e quasi a pesar do generoso
 Modesto Defensor, a maõ augusta
 Reverente lhe beija; logo airoso
 Se levanta da terra, e dando a justa
 Attençaõ aos amigos; vai gostoso
 O terror dissipar, que o povo affusta;
 Fazendo ver a todos, que o rebate
 Incitava a prazer, não a combate.

XIII.

Volta depois já livre de embaraços
 A presença do Principe, que aperta
 Outra vez o Varaõ nos fortes braços,
 Com ternura mayor, mais descoberta;
 Mas depois que a soltar os doces laços
 O claro Defensor emfim acerta;
 Informar-se pertende dos progressos
 Das suas armas, e dos seus successos.

Vós

XIV.

Vós sabeis, lhe diz Nuno, que obrigado
 De hum zêlo puro, de hum desvelo ardente
 Pela gloria da Patria, acompanhado
 Mais de instrucçoens, e de ordens, que de gente,
 Partí desta Cidade encarregado
 De animar com soccorro diligente
 A Provincia, que fazem taõ ufana
 As correntes do Têjo, e Guadiana.

XV.

Fui pois, Senhor, daqui para a Cidade,
 Que algum dia Sertorio fez famosa,
 Allí fiz ajuntar com brevidade
 Alguma gente armada, e valorosa;
 E confirmado o povo na vontade
 De dar a vida pela fé gloriosa,
 Marchei para Estremóz, onde esperava
 Alguma gente mais, que allí chamava.

XVI.

Foi pouca, a que chegou, porque o receyo
 Do poder inimigo já vitinho,
 Tinha por toda a parte o povo cheyo
 De horror, e confusãõ; nem já caminho
 Havia algum seguro, pois no seyo
 Da Provincia, com torpe defalinho,
 Perturbava a perfidia petulante
 Dos fiéis nacionaes a fé constante.

XVII.

Alli tive noticia, que do Crato
Catalencas Cidade de algum dia,
Praça agora de Hespanha, por contracto
Contra a fé, que á Nação guardar devia;
Se avançava com bellico aparato
Muita gente inimiga, que entendia
Empregar-se no cerco de Fronteira
Villa nossa fiel, e verdadeira.

XVIII.

Affentei de impedir-lhe aquella empreza;
Bem que falto de forças competentes;
Mas o zêlo da gloria Portugueza
Me inspirava projectos taõ valentes:
Chamei a minha gente, e com pureza
Lhe expuz os meus intentos; fiz patentes
As razoens deste empenho, e dos motivos,
Que deviaõ fazer-nos mais activos.

XIX.

Representei-lhe as vidas, as fazendas
Expostas ao furor dos inimigos,
As confortes, os filhos, as vivendas,
A ruina do ferro, e dos castigos,
A patria liberdade, entre as horrendas
Sombras da escravidão, os bons amigos
De contrarios cercados; porém nada
Pôde animar a Trópa desmayada.

Hum

XX.

Hum silencio sombrio, hum pavôr triste
 Todo o Campo occupava, e sem effeito
 Me cansava em move-lo: elle presiste
 Largo tempo calado, e enfim desfeito
 Da vergonha o reparo, em que consiste
 Toda aquella inacção, o seu conceito
 Cada qual deixa ver, e claramente
 Se escusa de seguir-me a mais da gente.

XXI.

Eu notando, que o amor, que o zêlo parê
 Da patria liberdade não bastava,
 Que era inutil o rogo, e mal seguro
 O respeito; que o susto atropellava
 Os deveres mais santos, que era duro
 Forçar tantas vontades; mas que eu dava
 Hum terrivel exemplo, se cedia
 Do primeiro projecto, que emprendia;

XXII.

Vendo, acaso, hum regato, que bem perto
 De nós guiava a placida corrente,
 E traçava em redor do Campo aberto,
 Huma linha de prata transparente,
 Cortando do discurso o fio incerto,
 Passei ao lado opposto, e tendo em frente
 A desmayada Trôpa, desta forte
 Lhe fallei resolutô ao ferro, e á morte.

Eu

XXIII.

Eu não pretendo ser acompanhado.
Por corações forçados, esta empresa
He só digna de quem vive inflamado
De hum nobre ardôr de gloria. Portugueza!
Quem não sente este impulso, ou penetrado
Se vê de hum pavôr torpe, a fortaleza
Não perturbe dos mais; pôde afastar-se,
Vá bem longe de nós acautelar-se.

XXIV.

Mas te alguns Portuguezes verdadeiros,
Que eu sei, aqui os ha, querem ter parte
Na gloria desta acção, e companheiros
Querem ser no valôr, que o claro Marte
Me inspira neste instante, dos primeiros
Se affastem logo, cada qual se aparte;
Passe o regato, quem seguir-me intenta,
Fique, quem de ficar mais se contenta.

XXV.

Maravilhoso effeito da vergonha!
Que mais do que o valôr, mais do que o zêlo,
Pôde ás vezes nos homens! sem que eu ponha
Mais diligencia alguma por movê-lo,
O Campo passa inteiro; que eu disponha
Quer já do seu destino, e com desvelo,
Cada qual se adianta a persuadir-me
Do dezejo, que inculca de seguir-me.

Dei

XXVI.

Dei a todos mil graças, mil louvores
 Por tão briosa acção; mas brevemente
 Querendo aproveitar os seus ardores,
 Fiz pôr o Campo em marcha diligente;
 Já soavaõ trombetas, e tambores
 Na estrada de Fronteira, já contente
 A gente parecia, e desejava
 De aventurar a forte duvidosa.

XXVII.

Quando ao longe se mostra hum Cavalleiro;
 Que a toda a rédea para nós cortia,
 E na pressa, e no traje hum mensageiro,
 Ou Correio de Campo parecia;
 Chegou em fim a nós, e verdadeiro
 Postilhaõ disse ser, e que trazia
 Para mim hum recado; eu me adianto;
 Mas o vê-lo me faz horror, e espanto.

XXVIII.

De meu Irmaõ D. Pedro era hum criado;
 Com que vergonha, com que raiva o digo!
 De meu Irmaõ, que cego, e mal guiado
 Vinha mandando as armas do inimigo:
 Por ordem sua vinha encarregado
 De encarecer-me a força do perigo,
 A que expôr-me queria, e se podesse
 De tentar-me por parte do interesse.

Naõ

XXIX.

Naõ acabei de ouvir huma Embaixada
Taõ infame, taõ vil, taõ indecente,
Que igualmente offendia a fé sagrada,
Que insultava o valór do peito ardente;
Cortei-lhe o fio, e mal dissimulada
A colera, na voz impaciente,
O Mensageiro envio da proposta
Com esta breve, e solida resposta.

XXX.

Dizei a meu Irmaõ, que eu naõ pertendo
Seguir seus pareceres, nem preciso
Das suas compaixoens; que desfattendo
O seu torpe conselho, e seu aviso;
Que cuide mais em si, porque eu entendo
Fazer-lhe ver bem cedo o prejuizo
Da sua opiniaõ; e vós agora
Correi, porque eu vos sigo sem demora.

XXXI.

Affim o fiz; mas sendo o meu recado
Dos contrarios no Campo recebido,
Pelos Chêfes das Trópas ponderado,
E com votos diversos discutido,
Bem que fosse de muitos reputado
Hum ameaço vaõ, mal entendido,
Assentou-se por fim, que eu poderia
Sustentar a promessa, que fazia.

XXXII.

E julgando préciso anticipar-se
 A ganhar hum terreno, onde mais certa
 A vantagem podesse assegurar-se
 Do numero mayor, que desoverta
 No seu partido estava, e dilatar-se
 Em Campina mais rafa, mais aberta
 Abandonando o sitio, que formavaõ,
 Contra nós igualmente se avançavaõ.

XXXIII.

Duas milhas, ou menos de distancia
 De Fronteira se achava a minha gente,
 E com mostras de zelo, e de constancia
 Mais ousada marchava, mais contente;
 Quando a bellica rouca consonancia
 Das trombetas contrarias se presente,
 Acompanhada do tumulto vago,
 Com que Marte annunciava o fero estrago.

XXXIV.

Fiz alto, dei as ordens necessarias
 Para a proxima acção, e furiosa
 Se seguiu promptamente; porque as varias
 Soberbas gentes, que na pôrventosa
 Multidaõ confiadãs, as contrarias
 Bandeiras vem seguindo, a vaforosa
 Condição de tão poucos não têmendo,
 Sobre nós sem demora vem correndo.

No

XXXV.

No Campo, que se diz dos Atoleiros
 Se trava em fim a bellica disputa,
 Gonçalves de Sevilha entre os primeiros
 Mil estragos nos nossos executa;
 Eu o vi, de tres golpes, tres guerreiros
 Derribar com açãõ taõ resoluta,
 Que me pôde fazer a maõ pesada
 Se naõ invéja, emulaçãõ hourada.

XXXVI.

Puz-me diante delle ousadamente
 A pé, como me achava, e logo a lança
 Contra mim fulminando impaciente
 Atropellar-me intenta sem tardança,
 Mas, bem que foi o golpe taõ valente,
 Que a ferir-me no peito o ferro alcança,
 A resposta foi tal, que lança, e braço
 lhe foi cahir dalli naõ curto espaço.

XXXVII.

Alvorocou-se toda a gente Lusã
 Com a vista do golpe venturoso,
 Já naõ teme a vantagem, nem recusa
 Qualquer lance por forte, ou perigoso;
 Qual busca o mayor risco entre a confusa
 Competencia dos golpes, qual raivofo
 Pelos ferros se mete, e finalmente
 Cada qual vence, ou morre illustremente.

Q

Mas

242 A LIBERDADE.

XXXVIII.

Mas não menos nos peitos dos contrarios
Ardem chamas vorazes de vingança,
Obrando cada qual excessos varios;
Produzidos da raiva, e da esperança;
A vantagem lhe inspira os ordinarios
Esforços naturaes da confiança;
E desprezando as nossas ousadias,
Opprimi-las espera nas porfias.

XXXIX.

Indecisa a Victoria largo espaço
Hum, e outro partido attenta olhava;
Já benigna ao valôr do Luso braço,
Já propicia ao poder, que respeitava;
Quando vendo durar este embaraço,
O Gram Mestre gentil de Calatrava,
Com impulso feroz, e destemido
A quiz fazer entrar no seu partido.

LX.

Qual o bravo Leão, que encarniçado
O rebanho das tezes vai rompendo,
Deixando allí hum touro esquarterado,
Outro acolá nas guarras desfazendo,
Confunde, affusta, precipita o gado
No pavor mais funesto, mais horrendo,
E mais inda que o damno, faz sensivel
A desordem mais triste, mais terrivel.

Tal

XLI.

Tal o forte guerreiro enfurecido
 Pelos nossos Soldados vai entrando
 Hum deixando de hum golpe mal ferido,
 Outro de hum duro encontro atropellando,
 Revolve tudo, tudo confundido
 Precipita no horror, que vai causando,
 E cobrindo de horror a Trópa triste,
 Tudo lhe foge, nada lhe resiste.

XLII.

De fangue, e pó coberto, infaciavel
 De feridas, e mortes, cobicofo
 De vingança, e de gloria, impenetravel
 A golpes ordinarios, só gostoso
 De encontrar resistencia mais notavel,
 O Campo corre todo, e furioso
 Por toda a parte a plebe atropellando,
 Os Capitaens mais fortes vai buscando.

XLIII.

Encontrou-se comigo, o foi no acerto
 Mais ditosa, que a sua, a minha forte;
 Que eu hum golpe tirei só deste aperto,
 Elle tirou nad menos do que a morte:
 Seguiu-se a ella triste desconcerto
 Nos inimigos todos, que taõ forte:
 He hum golpe tal vez, se acafo tópa
 A cabeça do Chefe de huma Trópa.

XLIV.

Havia mais algũs nas Castellhanas
 De notorio valôr, mas neste dia
 Não poderá das armas Lusitanas
 Embaraçar a nobre valentia;
 Empenhada a fortuna, as mais ufanas;
 Mais patentes vantagens nos confia;
 Tudo cêde, declara-se a victoria,
 Dando novos troféos á Lusa gloria.

XLV.

Della foi prompto fructo a liberdade
 Da Praça de Fronteira, e mais formoso
 A conquista de Arronches, e a humildade
 De Alegrete, que rende obsequioso
 As portas, sem disputa, e na lealdade
 Se confirma do zêlo generoso,
 Que o nacional affecto lhe dictava,
 E que a força violenta embaraçava.

XLVI.

Chegava o dia grande; o fausto dia
 Ao mais alta Mysterio consagrado,
 Em que o Filho de Deos, e de Maria,
 Querendo ser por nós sacrificado,
 O proprio Corpo, e Sangue convertia
 Em suave manjar santificado,
 Para alentar os coraçoes mais puros
 Pela serie dos seculos futuros.

XLVII.

E Despertando tão feliz memoria
O Catholico zêlo em nossos peitos,
Conhecendo bem claro, que a victoria
Fôra favor do Ceo, que os seus effeitos
Eraõ do mesmo Ceo graça notoria;
Para render-lhe os mais fieis respeitos,
Buscando da piedade o norte justo,
Marchámos de Affumar ao Templo augusto.

XLVIII.

Mas qual horror á vista nós prepara
Aquelle lugar santo, confagrado
A Raynha dos Ceos, a Mãe preclara
Do mesmo Deos! O Templo profanado
Achamos dos cavallos: Quem pensára
Hum tão barbaro excessõ! allí formado
Tinha sido o quartel daquelles brutos,
Pelos nossos contrarios dissolutos.

XLIX.

De immundicias coberto o pavimento
Estava ainda todo: Enternecidos
O vâremos; porém com pensamento
De expiar algum dia enfurecidos
Com o sangue dos réos, tão torpe intento;
E limpo em fim o Templo, entre gemidos,
Allí rendemos reverentemente
Nossas graças ao Deos Onnipotente.

Voltei.

L.

Voltei logo a Estremoz, e desta Praça
 A' famosa Cidade de Sertorio,
 Onde o nobre motivo da desgraça
 Do bom fiel Gonçalves foi notorio,
 Livra-lo projectei por força, ou traça,
 Da prisã vil; mas era peremptorio
 O termo do remedio; porque della
 O queriaõ passar para Castella.

LI.

Mandei alguns Soldados escolhidos,
 Com ordem de espiar o dia, e hora
 Da mudança do preso, que escondidos
 Nos pinhaes, que a campina tem bem fóra:
 Já de Villa Viçosa, e prevenidos
 Para todo o successo, sem demóra
 Podessem surprender os esperados
 Conductores da preso descuidados.

LII.

E taõ ditosa foi, tam bem lograda
 A pensada interpreza, que supposto
 Huma escolta bem grande, e bem armada
 Fosse em guarda do preso; a penas posto
 Foi no sitio preciso da emboscada,
 Quando os nossos mostrando o féro rosto,
 Das maõs lho tiraõ, tudo desbarataõ,
 Ferem huns, prendem outros, outros mataõ.

Em

LIII.

Em tanto tive aviso dos preparos,
Que no Porto fazia o zêlo nobre
Daquelle povo, e dos Varoens preclaros,
Em que a fé nacional mais se descobre,
Soube como applicando esforços raros,
A que ajuda com gosto o rico, e o pobre,
Huma Armada formava-se destinada
Ao soccorro da Corte bloqueada.

LIV.

E desejando ter alguma parte
Na honra, e lustre desta nobre empreza;
A que incita igualmente o ardor de Marte,
E o desvelo da gloria Portugueza;
Só com duzentas lanças, que reparte
O meu empenho a penas da pobreza
De hum tab pequeno Campo, fui marchando
As correntes do Douro procurando.

LV.

Mas a penas pizava as graciosas
Celebradas / ribeiras do Mondego,
Avançando com marchas trabalhosas
Toda aquella distancia sem socogo,
A penas entre idéas gloriosas
Da risonha Coimbra á vista chego;
Quando certa noticia me foi dada
De ter levado ferro toda a Armada.

Senti

LVI.

Senti muito, confesso, ver frustrados
 Tantos desvelos, tantas diligencias;
 Porque entendi, que foraõ despresados
 Pela ambiçaõ de algumas precedencias;
 Mas como os meus projectos regulados
 Eraõ do zêlo, naõ de competencias,
 Occultando no peito o meu desgosto,
 Para voltar estava já disposto.

LVII.

Quando tive noticia, que obrigada
 De precizaõ de varios provimentos,
 De Buarcos nas prayas ancorada
 Se achava entaõ a Armada; e pensamentos
 Renovando da empreza desejada,
 Dei parte ao Capitaõ dos meus intentos,
 Prevenindo com prompto mensageiro
 Qualquer successo menos lisonjeiro.

LVIII.

Mas igualmente foi aqui perdido
 Todo o desvelo do meu zêlo ardente
 Servindo aquelle aviso recebido
 De apressar a partida taõ sómente;
 Soltou vélas á Armada, e foi sabido,
 Que de mim se apartava: eu justamente
 Satisfaçaõ pedira; mas naõ peço,
 Quero sô ponderar este successo.

LIX.

O General em Chêfe desta Armada
Era o Conde de Neiva, e de Faria,
Em quem fora por mim renunciada
Grande parte dos bens, que possuia:
Vós sabeis, que esta acção foi só fundada.
Na estimação da sua companhia;
Elle, por evitar a minha, agora
Duas vezes se ausenta, sem demora.

LX.

Voltei para Alemtejo, e no caminho
Soube junto a Punhete com cautela,
Que devia passar allí vilinho
Hum comboy importante de Castella;
Que constava de gado, pão, e vinho,
De dinheiro, de roupas, e baxella,
E que a gente de guerra, que trazia,
Pouca mais do que a minha ser podia.

LXI.

Imaginei, que o Ceo compadecido
Destinava com esta providencia
Supprir a grande falta, que soffrido
Tinha da minha gente a paciencia;
Porque havendo de todo consumido
Os provimentos, posta na indigencia
Mais manifesta, a penas se animava
Da constancia fiel, que professava.

De

LXII.

De forte, que a noticia deste aperto
 Deu motivo em Thomar, a que quizesse
 Algaduxe, hum Hebreo, tractante esperto;
 Tentar a nossa fé com interesse;
 E supposto que teve pouco acerto
 Naquelle suggestão, bem se conhece,
 Que lhe deu occasião para a ousadia
 A miseria fatal, em que nos via.

LXIII.

Querendo pois supprir de alguma sorte
 Aquella triste falta, e cubiçoso
 Da gloria de vingar com braço forte
 Tanto roubo cruel, e lastimoso,
 Dando á minha jornada hum breve corte;
 O retiro busquei de hum valle umbroso,
 Onde o corpo do monte mais visinho
 Me escufava ser visto do caminho.

LXIV.

E pondo sobre o cume deste outeiro
 Algumas sentinellas prevenidas
 Para darem aviso verdadeiro
 Da chegada das gentes pertendidas;
 Nas agradaveis margens de hum ribeiro
 Descançámos hum pouco das crecidas
 Fadigas da viagem, com vontade
 De alimentar a fraca humanidade.

Mas

LXV.

Mas a penas as meias preparadas
Com pobres ignarias, nos incitaõ
A refazer as forças quebrantadas,
Que os trabalhos continuos debilitaõ,
Quando algumas das guardas avançadas
Com instante fervor nos sollicitaõ,
Que passemos o monte; porque a gente
Inimiga se vê já claramente.

LXVI.

Naõ houve quem tivesse mais vontade
De comer, ou beber; cada qual corre
A's armas com a furia, e brevidade,
Que precisa no caso se discorre;
Montamos sem demora a extremidade
Da vizinha Colina, donde morre
A vista do Horizonte, e já bem perto
Todo o Comboy se mostra descoberto.

LXVII.

Entaõ rompendo repentinamente
O silencio por todos observado,
Mandei dar as trombetas vivamente
O signal de investir taõ desejado;
E dando prompta, mas compostamente
Sobre a Trópa, que a passo defenidado
Pela estrada marchava, a penas ver-se
Póde em fórma capaz de defender-se.

Mostrou

LXVIII.

Mostrou com tudo alguma resistencia;
 Bem que pôde durar pequeno espaço;
 Não lhe bastando toda a diligencia
 A deter o furor do Luso braço;
 Ficou-nos o Comboy por consequencia;
 E Castella tirou deste embaraço
 A perda delle, e os damnos effectivos
 De mais de oitenta mortos, e captivos.

LXIX.

Chegado em fim ás terras Transtaganas,
 Allí tive noticia, que o Castello
 De Monsarás ás armas Castelhanas
 Tributára infiel o seu desvelo;
 E vendo, que as fronteiras Lusitanas,
 Além do risco de hum tão máo modelo,
 Podiaõ receber daquella parte
 Insultos graves nas questõens de Marte.

LXX.

Recuperar tentei daquelle Forte
 O dominio perdido; mas tractavel
 Não era aquella empreza ao duro córte
 Do valor, ou da força mais notavel;
 O sitio do Castello he de tal forte
 Inaccessivel, duro, e inexpugnavel,
 Que seria perder o tempo, e gente,
 Fazer-lhe a guerra descobertamente.

Pro-

LXXI.

Projectei pois haver por manha, ou traça,
O que á força das armas não podia;
Que a destreza o valor não embarça,
Nem a subtil astucia he cobardia;
E sabendo, que então a sorte escaça
O Castello de carnes mal provia,
Huma noite lhe fiz lançar defronte
Algumas vacas no visinho monte.

LXXII.

E mandando marchar alguns Soldados
Com cautela, segredo, e diligencia
A ganhar os rochedos, que chegados
O Forte tem do monte na eminencia,
Lhe dei ordem, que nelles alojados
Esperassem da sorte a providencia,
E que vendo patente alguma entrada
A ganhassem com furia accelerada:

LXXIII.

Que eu em tanto de sitio competente
Acudiria prompto, e vigilante,
Com socorro mayor de armas, e gente,
A segurar-lhe o passo vacillante;
E sendo tudo obrado promptamente
Com zelo puro, com valor constante,
Foi tambem succedida esta interpreza,
Que foi recuperada a Fortaleza.

Tive

LXXIV.

Tive logo noticia , que chegára
 A Badajóz com grande companhia
 Castanhada Varas de fama clara ,
 Que encontrar-se comigo pertendia ;
 E quando o meu cuidado se prepara
 A cumprir-lhe o desejo , que trazia ,
 Por hum trombeta manda insinuar-me ;
 Que no dia seguinte vem buscar-me .

LXXV.

Respondi-lhe , que eu tinha prevenido
 Escusar-lhe o trabalho da jornada ,
 Que junto a Badajóz fosse servido
 Receber a visita insinuada ;
 E com esta resposta despedido
 O trombeta ; naquella madrugada
 Sahi de Elvas com toda a minha gente
 A cumprir a palavra promptamente .

LXXVI.

Naõ madrugavão tanto os Castelhanos ;
 Porque o recado naõ acreditavam ;
 Fundados na vangloria , e nos enganos ,
 Que as vantagens das forças lhe inspiravão ;
 Mas recebendo agora os desenganos
 Pela voz das trombetas , que esutavão ,
 Pelas portas sahindo da Cidade ,
 Se vêm mostrando em grande quantidade .

LXXVII.

Forã logo cumpridos cabalmente
 De huns, e outros os votos fervorosos;
 Castelhanos, e Lusos igualmente
 De provar-se parecem cubiçofos:
 Eu busquei Castanheda attentamente
 Entre os seus Capitaens mais valorosos;
 Mas não pôde lograr o meu cuidado
 Aquelle encontro de ambos desejado.

LXXVIII.

Accendeo-se nos peitos arrogantes
 De hum, e outro partido a chama activa
 Da raiva Marcial, que os fulminantes
 Pesados golpes mutuamente aviva;
 Qual se ajuda das forças importantes,
 Qual da destreza, que o valor cultiva,
 Qual fere venturoso, qual ferido
 Vingar procura o golpe recebido.

LXXIX.

Mas durou este ardor pequeno espaço
 Nos Castelhanos peitos, que cedendo
 Pouco, e pouco ao valor do Luso braço,
 Para os muros se forã recolhendo;
 Nós os fomos seguindo, em quanto o passo
 Achou livre o valor, athé que tendo
 Encerrados de toda na muralha,
 Para o campo voltámos da batalha.

Nes-

LXXX.

Neste campo postados novamente,
 Estivemos de frente da Cidade
 Largo tempo, por ver se aquella gente
 Tentaria da sorte a variedade;
 Mas conhecendo em fim bem claramente,
 Que não tinha da offerta já vontade,
 Nos recolhemos, conduzindo ufanos
 Por troféo vinte presos Castelhanos.

LXXXI.

Igual soberba, e menos valentia
 Encontrei em Sarmento, outro famoso
 Capitão de Castella, que regia
 Hum corpo de Hespanhoes mais numeroso;
 Este, e outros, que em sua companhia
 Se ajuntáram no Crato, onde raivoso
 Castanheda chegou do máo successo,
 Da vingança se empenha no progresso.

LXXXII.

E confiados orgulhosamente
 Na vantagem das forças, que mandava;
 Julgando intimidar-me indignamente
 Com ameaças vaons, que publicava;
 Me dirige Sarmento huma insolente
 Indecorosa carta, em que se achava
 Mais injurias, que letras, e a confia
 De hum Soldado, por quem me desafia.

Hu-

LXXXIII.

Huma espada por gage da batalha ;
 Pelo mesmo me envia , e me convida ;
 A que pouco distante da muralha ;
 A visita lhe aceite offerecida ;
 Accrescentando mais , que elle trabalha
 Por fazer tão breve , que duvida
 Receber já resposta do recado ;
 Se não dentro no campo inlinuado .

LXXXIV.

Não fiz caso da carta , que não tinha ;
 Por escripto resposta congruente ,
 Esperando de dar-lhe , na visinha .
 Occasião do combate , a competente ;
 Respondi-lhe sómente , que eu convinha
 Na proposta visita , e que patente
 Lhe faria no campo , cara a cara ,
 Quanto daquella carta me obrigára .

LXXXV.

E com esta resposta despedido
 O portador da carta , satisfeito
 Igualmente do termo comedido ,
 Que do firme valor do Luso peito ;
 Passei ordem , que tudo prevenido
 A qualquer invasão , qualquer effeito ,
 Ou da força , ou da astucia , a toda a hora
 Nos podesse encontrar dos muros fóra .

R

Com

LXXXVI.

Com effeito partido o mensageiro,
 Chegou logo noticia, que marchando
 Desde Arrayólos, com furor guerreiro
 Vinha Sarmento o campo devastando;
 E fazendo-se á vista verdadeiro
 Brevemente este aviso, fui postando
 A minha gente fóra da muralha,
 Disposta toda em fóрма de batalha.

LXXXVII.

Mas foi este prospecto só bastante
 A suspender taõ fortes ameaços;
 Sarmento taõ feróz, taõ arrogante
 Não se atreve a provar os Lusos braços:
 Confuso pára, e logo vacilante
 Esperando da noite os embaraços,
 Della se vale para a retirada,
 Sem chegar a tirar no campo a espada.

LXXXVIII.

Descarregou com tudo os seus furores
 Sobre os pobres paizanos desarmados,
 Commettendo mil roubos, mil horrores
 Pelos povos, que achou defamparados;
 Sobre os gados, e bens dos lavradores.
 Foraõ todos seus golpes fulminados,
 E com estas façanhas satisfeito,
 Para a Praça de Almada foi direito.

Era

LXXXIX.

Era Governador daquelle Praça,
E nella tinha a sua residencia,
Depois que pôde em fim a sorte escaça
Aparta-la da Lufa obediencia,
E nella agora á custa da desgraça
Dos paizanos, com torpe providencia
Se encerrou carregado de despojo,
Que podera causar vergonha, e nojo.

XC.

Foi-me logo presente o grave damão,
Que a Provincia soffrera deste insulto;
Mas já quando se achava o Castelhana
Nos fortes muros torpemente occulto,
Com tudo fez o estrago deshumano
Na minha indignaçãõ taõ grande vulto,
Que a pesar do trabalho, e do perigo,
Affentei de lhe dar algum castigo.

XCI.

E sabendo, que a Praça de Palméa
Sinco legoas distante só de Almada,
Que o partido seguia de Castella,
Mais por força, que affecto regulada;
Com menos attençaõ, menos cautela,
Da guarniçaõ se achava mal tractada,
Com ajuda de alguns dos habitantes
A quiz livrar dos ferros dominantes.

XCII.

E sendo tão feliz esta interpretação,
 Que chegar, e vencer não teve meyo;
 Sendo vista a bandeira Portuguesa
 No castello, primeiro que o receyo;
 Outro golpe tentei, outra surpresa
 Fulminar sobre Almada, em cujo seyo
 Desejava vingar os féros danos,
 Que Saramento causou nos Tránsitagos.

XCIII.

Com effeito marchando occultamente
 Entre as sombras da noite, acompanhado
 De huma boa porção da minha gente
 Com diversos pretextos disfarçado,
 Abandonada a estrada competente,
 Por não ser dos contrarios observado,
 Com varias contramarchas encoberto
 Apareci em fim de Almada perto.

XCIV.

Porém já neste tempo o Sol brilhante
 Pelas portas do Oriente apparecia;
 E nos muros, e campo circunstante,
 Qualquer objecto a vista distinguia;
 E sendo condição tão importante
 Para lograr o fim, que pretendia
 O segredo da marcha cautelosa,
 Logo julguei a forte duvidosa.

Mas

XCV.

Mas por não ver frustrado inteiramente,
 Todo o trabalho desta diligencia,
 E não voltar o rosto indignamente
 A' face do perigo, e resistencia;
 Em quanto a guarnição confusamente
 Do Castello dispoem a providencia,
 A's entradas da Villa me adianto,
 Onde mais fluctuava o horror, o espanto.

XCVI.

Alli era o clamor dos habitantes,
 O ruido das armas, e Soldados
 Também confusos, que os ecos penetrantes,
 Os ouvidos deixavam atoados;
 Mas a pesar dos gritos dissonantes,
 A pesar de mil golpes alternados,
 O valor Portuguez abriu entrada
 Pelas ruas da Villa perturbada.

XCVII.

Acudião com tudo os Castelhanos,
 A cada passo com mayor desvelo;
 Mas a furia dos golpes Lusitanos,
 Mais reparo não tinha, que o Castello;
 Nelle eui fua se recolhem, nelle os damnos
 Presencião da Villa, que o mais bello,
 Mais lustroso despojo nos guardava,
 Nos cavallos, e armas, que encerrava.

XCVIII.

Alli vi Castanheda ; mas agora
 De encontrar-me naõ tanto cubicofo ;
 Pois apenas me avista , sem demora
 Se retira com passo indecoroso ;
 Igual temor a muitos mais devora ,
 Cujõ nome no Mundo era famoso ;
 Só Sarmento naõ vi , dizem que estava
 Entaõ no campo , aonde ElRey se achava.

CXIX.

Outra vez a Palmela recolhido ,
 Alli me deu hum voffo mensageiro
 Huma carta , na qual sendo servido
 De fazer-me saber o verdadeiro
 Estado da Cidade , era incumbido
 De passar desta parte , em som guerreiro ,
 Para achar-me na vossa companhia
 Na gloriosa açcaõ , que se emprendia.

C.

Poucas vezes , Senhor , na minha vida
 Tive gosto mayor : O meu affecto ,
 O zelo Portuguez , a fé devida ,
 A' Naçaõ , a grandeza do projecto ,
 Tudo me inflamma , tudo me convida
 Com taõ vistoso , taõ brilhante aspecto ,
 Que naõ creyo , que as glorias mais formosas
 Possaõ ter attracçoens mais poderosas.

Defe-

CI.

Desejei partir logo ; mas devia ,
Segundo a mesma carta me ordenava ,
Novo aviso esperar do sitio , e dia ,
Que para a grande açcaõ se destinava ,
E quando a dilacãõ já mal soffria
Da noticia , que tanto me tardava ,
Outro aviso me chega acelerado
De fer o cerco em fim abandonado.

CII.

Não pude resistir á força unida
Do alvoroço , do gosto , e da fadade ,
Que me obriga , me incita , e me convida
A passar desta parte da Cidade ;
E supposto , que certa , e bem sabida !
Restava a principal difficuldade ,
Da passagem do rio , que guardada
Se achava do poder de toda a Armada.

CIII.

O fogo da payxãõ , que em mim se accende ;
Nãõ se apaga com sopros de receyo ;
Que he bem frõxo o desejo , que se rende
A's torpes sugestõens do medo feyo ;
E como o meu projecto só depende
Do meu risco , sem grave damno alheyo ,
O primeiro batel , que achei vasio
Me deu os meyo's de passar o rio.

CIV.

Cabia nelle muito pouca gente ;
 Nem eu quizera grande companhia ;
 Mas fazendo jornada taõ contente ,
 Quiz trazer instrumentos de alegria ;
 E passando no meyo da corrente ,
 Quando apenas a aurora descobria
 Os primeiros fulgores , que mal davaõ
 Huns indicios da luz , que annunciavaõ .

CV.

Vendo o grande focogo , que na Armada
 Dos contrarios reinava , sem cautela
 Dormindo a gente aliã taõ focogada
 Como se o rio fosse de Castilla,
 Lhe fiz dar de repente huma alvorada ,
 Pelas minhas trombetas , com taõ bella ,
 Taõ venturosa sorte , que sem damno
 Deixei tudo ho. fusta mais tirano .

CVI.

Buscando com prompta diligencia
 O dezejado porto , o Céu piedoso
 Concede á minha viva impaciencia
 Na vossa vista o fim mais venturoso ;
 Permitta agora a sua providencia ,
 Que o meu zelo vos seja proveitoso ,
 E que em vosses serviço e deste Estado
 Possa ver-se o meu nome acreditado .

-s.)

Assim

CVII.

Assim fallava Nuno , e novamente
Do Defensor nos braços apertado
A resposta recebe competente
Com justas expressoens de nobre agrado ;
E recolhidos ambos juntamente
A mais proprio lugar , mais retirado ,
Alli por varias vezes examinao
Varios pontos de guerra , que combinao.

FIM DO CANTO VI.

THE JOURNAL OF

THE AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION

PUBLISHED WEEKLY

VOLUME 100

NUMBER 1

JANUARY 1914

CHICAGO, ILL.

1914



A LIBERDADE.

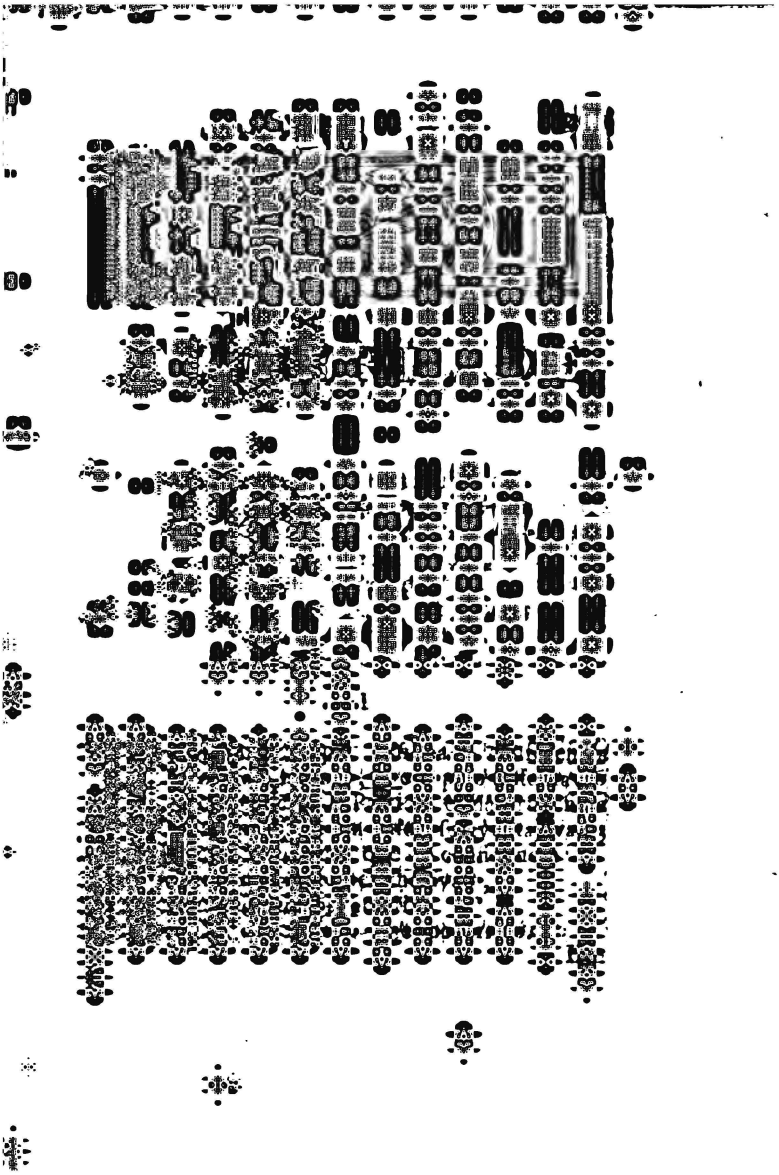
CANTO VII.

ARGUMENTO.



M quanto Nuno entretinha o Defensor, alguns Capitaens observadaõ da parte dalém do rio hum combate, de que não podéraõ bem notar as circumstancias, e sómente parecia não ser entre muita gente; mas dando conta disto ao Defensor, este se inquieta extraordinariamente e quer, que passe algum dos Capitaens mais atrevido, á parte opposta a saber a qualidade do caso: Nuno se offerece, e havendo passado, lhe envia hum mensageiro, que declara, que o caso observado fora huma escaramuça entre alguns Soldados de Nuno, e alguns Castelhanos, que excoltavaõ sinco presos, e huma Dama. Alvo-
taça-

roga-se muito mais o Defensor, manda apromptar gente, embarca, e marcha sobre Almada, para onde lhe disserão, que os Castelhanos leváráõ os presos. No Rio declara o Defensor a Vasconcellos a suspeita, que tem de que a prisioneira seja a bella Ignez. Conta-lhe os amores; que teve com esta Dama, e os embarços, que teve com seu Pay. Chega a Almada, toma a Villa, e acha dentro a bella Ignez; conta esta os seus successos, e se inflamma novamente o Defensor, tanto no seu affecto, que se descuida dos negocios mais importantes; mas o Genio Tutelar de Portugal, que receya as consequencias desta paixãõ do Principe, lhe prepara hum aviso por meyo de hum sonho. Descreve-se a habitaçãõ dos sonhos, e se declara a differença delles. Expõem-se a representação do sonho do Defensor, e a sua explicação, em qua se apontaõ as glorias de Portugal em todas as quatro partes do Mundo. Cede a paixãõ do amor á paixãõ pela gloria no coração do Defensor, que em fim recolhe a bella Ignez em hum Convento, e prosegue a gloriosa empreza da defensão do Reyno.



II.

Havendo attentamente examinado
 Alguns fortes, e postos importantes;
 Dõnde bem se observava o rio armado,
 E naõ menos as terras circumstantes,
 Em hum sitio naõ muito desviado
 Do caminho de Almada, fulminantes
 Armas vêm rutilar, confusamente,
 Correr Cavallos, combater-se gente.

III.

Mal podem distinguir-se as circumstancias
 Do combate, mas, hem se reconhece,
 A pesar dos enganõs das distancias,
 Que hum partido sobre outro prevalece,
 Naõ se enculca de grandes importancias
 Qualquer dos dois, no vulto, que apparece;
 Mas o furor, que nelles reluzia
 Algum caso bem grave promettia.

IV.

Qual seja aquelle caso, ou qual partido
 O favor da fortuna destructava,
 O mais vivo desvelo, o mais crecido
 Naquelles Capitaens estimulava;
 Mas o passo do rio defendido
 Pela Armada inimiga, embaraçava
 Examinar com mais fiel certeza
 Do presente successo a natureza.

Em

V.

Em tanta confusão embarçados,
O Defensor procura cuidadosos,
A quem fazem saber os observados
Movimentos, e passos duvidosos;
E sendo os sentimentos elevados
Daquelle coração, tão generosos,
Que o perigo maior, mais manifesto
Já mais pôde alterar-lhe o firme gesto.

VI.

Este pequeno caso, este incidente
Tão natural naquella conjunctura,
Que podéra julgar-se indifferente
A' força principal da guerra dura,
Commove agora tão tiranamente
Aquella alma sublime, que procura
De balde disfarçar o grande abalho
Com que esta relação pôde agitalo.

VII.

Que passe logo quer, á parte opposta
Algun dos Capitaens mais destemidos,
Com ordem de enviar prompta resposta
Sobre aquelles encontros mal sabidos;
Porém Nuno, que tinha já disposta
A vontade a partir, e prevenidos
Os meços da viagem, se offerece
A mandar-lhe a noticia, que apetece.

471 A LIBERDADES

VIII.

E partindo com prompta diligencia,
Brevemente chegou hum mensageiro,
Que se abona de ter certa sciencia
Do principio do caso verdadeiro;
Mas como o Defensor tanta impaciencia
Mostra neste negocio, quer, primeiro
Do que explique o successo, ser levado
A' presenca do Principe adorado.

IX.

Alli chegando, e delle recebido,
Com mostras de alvoroço, e de bondade,
Por Soldado de Nuno conhecido,
E por homem de esforço e de verdade,
Pelo Principe mesmo requerido,
Que fallasse com toda a liberdade,
Diante do concurso illustre, e forte
Principia a dizer-lhe desta forte.

X.

Vós, Senhor, já sabeis, que a Lusagente,
Que q grande Nuno trouxe sobre Almada,
Depois do grande caso, e da valente
Expedição de todo consumada,
Em quanto o General esteve ausente,
Em Palmela ficou aquartellada,
E que pelos contornos disgorria
Em pequenas patrulhas cada dia.

Hum

XI.

Hum destes pois, que havia huma partida
 Pela estrada de Almada adiantado
 Os seus passos, e tinha já vencida
 Mais de meya distancia, hum misturado
 Rumor de gente, e brutos, que convida
 A maior attençaõ foi escutado
 De hum caminho visinho, que embocava
 No mesmo, que a partida entrã levava.

XII.

O Commandanté desta por cautela,
 Bem que adornado de valór augusto,
 Receando, que fosse de Castella
 Algum corpo de Tropas mais robusto,
 Da estrada se apartou; mas junto della
 Dois Soldados deixou de menos fusto,
 Que podessem occultos sem perigo
 Reconhecer as forças do inimigo.

XIII.

E ganhando com sabia providencia
 Hum bosque mais espesso, e não distante,
 Que encoberto ficava da iminencia
 De hum outeiro, que havia dominante,
 Deixou ordem, que a toda a diligencia
 Qualquer dos dois Soldados, que o semblante
 Observasse da gente, que passava,
 Lhe levasse a noticia, que esperava.

XIV.

Eu fui, Senhor, hum destes dois Soldados;
 A quem coube por sorte aquelle empenho,
 E por isso dos riscos observados
 Certeza mais cabal, mais clara tenho:
 Estava-mos os dois já socegados
 Cadaqual por detrás de hum gróffo lenho
 De azinheira; cobertos da verdura
 Das estevas, carrafco, e sylva dura.

XV.

Quando pelo caminho prevenido
 Apparecem quarenta Cavalleiros,
 Que armados todos vêm de aço luzido
 Em cavallos soberbos, e guerreiros;
 No meyo trazem quasi sem sentido,
 Huma Dama com cinco prifoneiros,
 Que alguns peoens armados vem cercando
 A desmayada Dama sustentando.

XVI.

Fazia compaixão a maltratada
 Respeitavel belleza, em quem apura
 Neste mesmo desar de desmayada,
 Os seus mais ricos dons a formosura:
 A téz mimosa, a péle delicada
 Hé mais clara, que a neve na brancura,
 O nariz, bóca, frente, e sobrançellas
 Só na copia de Venus tem parellas.

XVII.

As desmayadas faces conservando
 Hum resto só da pura cor de rosa,
 Na candura o deliquio equivocando,
 A fazião mais bella, mais formosa;
 Os dourados cabellos fluctuando
 Pelas costas, e cinta melindrosa,
 Luzida emulação ao Sol fazendo,
 Eraõ risco aão menos estupendo.

XVIII.

Mas não era de todo descoberto
 O thesouro das graças mais brilhantes;
 Onde o poder de Amor seguro, e certo
 O preço tinha das paixoes amantes;
 Os olhõs finalmente havendo aberto,
 Da sua luz os rayos penetrantes
 Entre agrado, viveza, e compostura
 Mostraõ todo o valor da formosura.

XIX.

Os olhos abre em fim; que ao Ceo levanta;
 Os olhos; porque as maens ligadas tinha,
 Que a fereza dos guardas era tanta,
 Que em tyrannas prisoens atada vinha;
 E como quem do estado vil se espanta,
 Que taõ poneo por certo lhe convinha,
 Exalando hum suspiro magoado,
 Desta sorte accusava o duro fado.

XX.

- „ Que crime foi o meu, ou qual delicto
 „ Huma fraca mulher desamparada
 „ Póde fazer das armas no conflicto,
 „ Que deva desta fórte ser tractada?
 „ Eu por ventura a fama sollicito
 „ De Amazona feróz? Eu fui achada,
 „ Ou no Campo vestida de armas fortes,
 „ Ou nos congressos concitando mortes?

XXI.

- „ Eu tive algum perfidio, alguma praça
 „ Entregue a meu cuidado? Alguma gente
 „ Sujeita ás minhas ordens, com que faça
 „ Hum partido na guerra competente?
 „ Deu-me algum senhorio a fórte escaça?
 „ Algum poder? Ou fez-me algum valente
 „ Capitão, de quem possa o peito fórte
 „ Fazer da guerra vacillar a fórte?

XXII.

- „ Se o ser fiel á Patria, em que nascida,
 „ Em que educada fui, se o ser constante
 „ Nos primeiros affectos, na devida
 „ Observancia da fé me dá bastante
 „ Causa para a ruína, e perseguida
 „ Sou sómente por ser perseverante
 „ Em tão nobres cuidados, que tormentos
 „ Guarda o Ceo para peitos fraudulentos?

Ah,

XXIII.

„ Ah, meu Príncipe , e quando pensaria
 „ A tua firme Ignez , que o teu amparo
 „ Algum dia faltar-lhe poderia
 „ Nas suas afflicções ! Se o fado avaro
 „ Alguma vez....., Mas como profegia
 Na sua marcha o som já menos claro
 Da doce voz perdido na distancia ,
 Frustrou em fim a minha vigilancia.

XXIV.

Partimos promptamente a dar aviso
 Eu , e meu camarada ao Commandante ,
 Que julgou não só justo ; mas preciso
 O despique de acção tão petulante ;
 E querendo evitar o prejuizo
 De qualquer dilação , no mesmo instante
 Manda marchar do monte pela volta
 A pequena partida á redea solta.

XXV.

Com effeito chegamos justamente
 A ganhar o caminho desejado ,
 Quando vinha por elle a estranha gente
 Aparecendo a passo sosegado :
 Não sóffre mais a furia impaciente
 Do nosso Comandante arrebatado ;
 A elles , grita , e sem fazer demora
 Hum dos contrarios põe da sella fóra.

XXVI.

Outro, e outro depois; em breve espaço,
 Igual fórte tiveraõ, nem deixara
 Cavalleiro na sella o fórte braço,
 Se no terceira a lança não quebrára;
 Mas não mostra menor desembaraço,
 Depois que na mão toma a espada clara;
 Pois cada golpe féro, que fulmina,
 Ou despedaça, ou mata, ou arruína.

XXVII.

Seguimos todos com vontade accesa
 Do Commandante os passos valorosos;
 Cada qual quer mostrar naquella empreza
 Quanto valem seus brios generosos;
 A compaixão incita a fortaleza,
 Anima a dôr os peitos bellicosos;
 E da Dama infeliz a fórte dura
 Emmendar, ou vingar qualquer procura.

XXVIII.

Dos primeiros encontros vão rodando,
 Pelo campo não poucos inimigos,
 E da espada nos fios vão provando.
 Nada menos funestos os castigos;
 Mas em quanto se via fluctuando
 A victoria no meyo dos perigos,
 Do numero maior embaraçada,
 E do Luso valor folicitada.

XXIX.

Alguns dos Cavalleiros incumbidos
Do cuidado dos presos, ou zelosos
Da sua segurança, enfraquecidos
Vendo dos seus os peitos duvidosos,
Para os muros de Almada conhecidos
Se dirigem com passos cuidadosos,
E na praça recolhem por cautela
Os cinco presos, com a Dama bella.

XXX.

Naõ sofre o Defensor, que mais prosiga
Na triste relaçaõ o mensageiro;
Porque a viva paixãõ, que n'alma abriga,
Lhe accende a chama do furor guerreiro;
Naõ tem socego em quanto naõ castiga
Desacato taõ fero, e taõ grosseiro;
E julga por defár qualquer demõra
Na vingança, que o peito lhe devõra.

XXXI.

Qual a brava leõa, a quem roubára
Atrevido pastor algum filhinho,
Em quanto d'elle ausente procurára
O sustento, que tráz ao vago ninho,
Furiõsa do damno, que observára,
Bramindo parte, e segue no caminho.
Do roubador os passos, que no muro
Da cabana se julga já seguro.

Tal

XXXII.

Tal o fôrte Varaõ enfurecido
 Na noticia do caso lastimoso,
 Havendo nos signaes reconhecido
 A Dama, que o rigor sofre aleivoso,
 Das suas afflicçoens enternecido,
 E na vingança dellas furioso,
 Seguir quer, a pesar dos embaraços,
 Dos inimigos para Almada os passos.

XXXIII.

Apromptar manda a toda a diligencia
 Armas, embarcaçoens, e provimentos;
 Porque a gente se alista á competencia;
 Taes eraõ da Naçaõ os sentimentos.
 Felizmente, por alta providencia
 Da fortuna, que ajuda atrevimentos,
 Em quanto dos preparos se tractava,
 O maior embaraço se açabava.

XXXIV.

Porque as Nâus Castelhanas, que ancoradas
 Eraõ do Tejo no formoso seyo,
 E da guarda do rio encarregadas,
 A passagem cobriaõ de receyo;
 De repente das prayas apartadas,
 Sem que possa accusar-se impulso alheyo;
 Humas atráz das outras, sem demóra,
 Se vão nadando pela barra fóra.

XXXV.

Passa o rio já livre de perigos
O grande Defensor, acompanhado
Do zêlo nobre dos fieis amigos,
E de hum corpo de Tropas bem armado;
Mil estragos medita, mil castigos
Em vingança do caso relatado,
E com vozes, e premios lisonjeiros,
A diligencia anima dos remeiros.

XXXVI.

Mas em quanto do rio na corrente,
Em socego forçoso, se occupava
Nos motivos da raiva impaciente,
Que o bravo coração lhe devorava,
Vasconcellos, que mais attentamente
Os diversos affectos lhe observava,
E lograva constante no seu peito
Da mais pura amizade o doce effeito.

XXXVII.

Pretextando com zelo generoso
De cuidado fiel, de affecto puro,
O natural desejo ambicioso
De penetrar mysterio tão escuro;
Com instancia lhe pede obsequioso,
Que lhe queria dizer, se o fado duro
Algum risco maior lhe representa,
Com que o seu forte peito se atormenta.

Ah!

182. A LIBERDADE:

XXXVIII.

Ah! responde o Varão, e quanto engana
Huma apparencia van da fortaleza!
Tu me crês forte, e toda a dôr tyrana,
Que me atormenta, nasce da fraqueza:
Bem sei, que esta expressão talvez profana
A minha gloria; mas a natureza
Não isenta os Herões da triste sorte
De huma cega paixão, mais que elles forte.

XXXIX.

Deva-me o teu affecto a confidencia,
Que a ninguem mais fizera. Eu amo amigo;
E amo cegamente: huma imprudencia
Foi origem talvez do meu perigo;
Mas hoje he honra pura, he já decencia
O cuidado, que sinto; e no castigo,
Com que vingar de Amor offensas tracto,
Cumpro o dever do brio mais exacto.

XL.

Tu sabes, que eu vivi bastantes annos
Nas terras, que de nós divide o Têjo,
Em quanto as dissençoens dos Castelhanos
Não derão mais assumpto ao meu desejo:
Alli bem livre de odios inhumanos,
A que o briga das armas o manejo
Em passeyos, em jogos, e caçadas,
Tinha todas as horas occupadas.

Hum

CANTO VII. 283

XLI.

Hum dia de prazer, que os moradores
 De Veiros, com fervor solemnizavaõ,
 Nas Igrejas com Hymnos de louvores,
 E nas praças com festas, que ordenavaõ;
 Attrahido das vozes, e clamores,
 Que esta grande funcão annunciavaõ,
 Passei aquella Villa, bem alheyo
 Do mal, que me guardava no seu seyo.

XLII.

Mas apenas na praça disfarçado
 Entre mascaras mil, procuro attento;
 Dar á vista o recreyo costumado,
 Das bellezas no vasto luzimeato,
 Quando logo me sinto arrebatado
 Dos poderes do mais feliz portento,
 Que em debuxos de graça, e gentileza
 Põde idêar a sabia natureza.

XLIII.

Bem defronte do sitio, em que eu me achava;
 Este raro prodigio apparecia,
 E na graça, e decóro, que ostentava,
 No respeito os agrados confundia;
 Huma nuvem de nácar moderava
 Os excessos da luz, que difundia;
 Porque em cortina de brocado envolta
 Nem de todo se prende, nem se solta.

Eu

XLIV.

Eu não pretendo agora retratar-te
 Aquelle augusto magestoso vulto,
 De cujas perfeições a menor parte
 Excede a força do pincel mais culto;
 A luz da idea, os primores da arte
 Não são capazes de tão nobre indulto,
 E mais que empenho, fora sacrilegio
 Pertender tão ditoso privilegio.

XLV.

Quero só, que tu pusses no conceito:
 De huma egregia completa formosura,
 Desculpar as fraquezas do meu peito,
 Perdoar-me os excessos da ternura;
 Se tu já foste ás leys de Amor sujeito,
 Facilmente o farás, e se tão dura
 He tua condiçãõ, que amor não sente,
 Que sentirá nos males de outra gente.

XLVI.

Mas seja como for, eu sei que exposto
 A' vista deste assombro de belleza
 Me senti transportar de pasmo, e gosto,
 De alvorçoõ, de susto, e de fraqueza;
 Desejava de hum tão brilhante rosto
 De mais perto notar a gentileza;
 Mas hum timido péjo me prendia,
 E nem dar hum só passo me atrevia.

Im-

XLVII.

Immovel, qual estatua hum largo espaço
 Neste estado passei; porém vencendo
 Os primeiros receyos do embaraço,
 Foi o desejo os fustos excedendo;
 Ousado me adianto, e nada escaço
 Me foi o fado então; porque antevendo
 Quantos males Amor me prevenia,
 Quiz fazer-me mimoso neste dia.

XLVIII.

Pois chegando debaixo da janella,
 Que tão rico thesouro em si guardava;
 Da liberdade usando, e da cautela,
 Que o disfarce da mascara abonava,
 Pude notar não só da Nympha bella
 O brilhante esplendor, que me encantava;
 Mas gozar a maior felicidade
 Da sua voz na doce suavidade.

XLIX.

Acabou de encantar-me inteiramente
 A sua gravidade, o seu juizo,
 A mimosa pronuncia, a voz cadente,
 O gracioso olhar, o doce riso,
 E sobre tudo o estylo competente.
 A's materias, que tracta, ora conciso,
 Ora grave, ora alegre, e sempre nobre,
 Onde a graça, e decencia se descobre.

Apar-

L.

Apartei-me dalli sem liberdade,
 E sem saber quem della me privava;
 Porque o nome, a vivenda, a qualidade
 Deste affombro fatal, tudo ignorava;
 Mas querendo informar-me da verdade,
 Como os passos Amor me encaminhava,
 Antes de se acabar de todo a festa,
 De tudo tinha idéa manifesta.

LI.

De Pedro Esteves, hum d'bs mais honrados
 Moradores de Veirós, era filha
 Esta illustre belleza, e celebrados
 Seus dotes naturaes por maravilha,
 Ignez era o seu nome, a quem prostrados
 Os doutados sarpoens Amor se humilha,
 Porque na voz da fama era constante,
 Ser nada menos fera, que brilhante.

LII.

Mil' corações inutilmente accessos
 Dos seus olhos nas luzes se abrasárao,
 Mil alvedrios, sem arbitrio presos,
 A seus pés cegamente se prostrárao;
 Mas sómente rigores, e desprezos
 Por fructo dos seus votos alcançárao,
 Sem que entre tantos hum sómente houvesse,
 Que a mais leve attençaõ lhe merecesse.

Esta

LIII.

Esta mesma altivez, esta fereza;
Que podera servir de defengano
A meus nobres desvelos, na certeza
De hum peito duro, hum coraçã tyrano;
Foi maior incentivo da firmeza
Dos meus votos ardentés; porque o damno
Padecido dos mais, me promettia
Maior gloria no risco, que emprendia.

LIV.

Naõ te posso contar as diligenciãs;
Os trabalhos, desvelos, e cuidados;
Penas, sustos, desgostos, contingenciãs;
A que foraõ meus cultos obrigados;
Bastará só saber, que as consequenciãs
De excessos taõ feis, taõ porfiados,
Forã por fim taõ doces, taõ ditosas;
Quanto as primissias foraõ trabalhosas.

LV.

Algun tempo vivemos desfructando
Mutuamente do Amor os gostos puros;
Em suave descuido aproveitando
Da forte varia os mimos mal seguros;
Mas o tempo feliz passa voando,
Por decreto fatal dos fados duros,
Este tempo passou, e desta gloria
Só ficãrã as sombras na memoria.

LVI.

Já duplicado fructo occultamente
 O nosso amor havia produzido,
 Sem que fosse de Ignez o Pay sciente
 Deste commercio ás luzes escondido;
 Mas teve em fim suspeita, e claramente
 Sobre parte do caso succedido;
 Com que o seu nobre alento, sem tardança,
 Os canibos buscou para a vingança.

LVII.

Era Esteves honrado, e não queria
 Huma injuria vingar com outra injuria
 Lavar, sim com meu sangue pertendia
 O decóro da filha, a propria incuria;
 Mas hum fraco affaffinio parecia
 Indecente exercicio á sua furia,
 E com mais nobre idéa o seu desgosto
 Desafogo buscou mais bem disposto.

LVIII.

Sabendo, que eu passava incautamente,
 Por hum sitio não muito frequentado,
 Sem companhia alguma, e tão sómente
 Das ordinarias armas adornado,
 Assaltando-me nelle de repente,
 Com o ferro na mão já preparado
 Me expõem a sua queixa, e com a vida
 Que pague quer a offensa commetida.

Disput-

LIX.

Disput-me a defender-me, e foi forçoso
 Servir-me bem das maons aquelle dia,
 Contra as iras de hum homem valoroso;
 Que em despique da honra combatia;
 Mas se não mais valente, mais ditoso
 O meu braço sahio nesta porfia,
 Porque hum golpe tirado com ventura
 Lhe fez beijar por força a terra dura.

LX.

Julgou-se morto Esteves, mas eu vendô
 A victoria segura, e tão barata,
 E não menos tambem reconhecendo,
 Que he valente quem vence, não quem mata;
 A mão lhe dando, assim lhe fui dizendo,
 Levantai-vos, não queira a sorte ingrata
 Que eu cometta a vilieza de matar-vos
 Quando chego indefeso a contemplar-vos.

LXI.

Ficou immovel, mudo; e pensativo
 O bravo Esteves por hum largo espaço
 Depois de levantar-se, hum incentivo
 Sendo de outro incentivo estorvo, ou laço;
 Offendido se achava; e vingativo
 O brio de furor lhe armava o braço;
 Mas devia-me a vida, e não queria
 Ser tyrano com quem lha concedia.

T

Venceo

LXII.

Venceo em fim no seu honrado peito
 A virtude a paixão, e dominado,
 Da vingança feroz o duro effeito,
 Assim fallou valente, e socegado.
 O Ceo não quer, que eu seja satisfeito,
 Seja assim, viverei injuriado,
 Mas não hei de intentar ser homicida,
 De quem cortez poupou a minha vida.

LXIII.

Assim dizendo, com feroz semblante
 As costas me voltou precipitado,
 Deixando-me suspenso, e vacilante
 Entre mil confusões embaraçado:
 Depois na voz da fama foi constante
 Haver-se occultamente retirado
 Neste dia da Villa, e conduzido
 A bella Ignez a sitio não sabido.

LXIV.

Neste tempo por ordem de Fernando
 A' Corte fui chamado, e brevemente
 A guerra se rompeo, arrebatando
 Toda a minha attençaõ este incidente;
 E suposto que Amor no peito brando
 Accesa conservasse a chama ardente,
 O desejo da gloria, a que aspirava,
 A melhor parte d'alma me occupava.

Seguiu-

LXV.

Seguiu-se logo á guerra o casamento
Da Raynha de Hespanha, e logo a morte
De Fernando, da qual o sentimento
Inda agora me causa a dôr mais forte;
Depois della, tu tens conhecimento
Dos apertos crueis da minha sorte,
E bem vês, que mal posso ter sabido
O destino de Ignez qual tenha sido.

LXVI.

Mas pela relação deste soldado,
Que a noticia nos deu da gentileza
Daquelle prisioneira, o meu cuidado
Presume ser Ignez a Dama presa;
Agora julga tu se interessado.
Devo ser no successo desta empreza,
E se justo motivo tenho agora,
Para a cega afflicção, que me devora.

LXVII.

Aqui na sua historia internecido
O namorado Principe chegava,
Quando foi por hum grito interrompido;
Que Marcial festejo annunciava;
Era clamor da gente, procedido
De conhecer, que á terra já chegava,
Com que todos se encherão de alvoroço,
Superado do rio o largo fosso.

LXVIII.

Dispoz-se o desembarque promptamente ;
 Aproveitando aquelle ardor brioso ,
 Que he das victorias ordinariamente
 Quasi certo presagio venturoso ;
 E taõ activo foi , taõ diligente
 O valor dos soldados furioso ,
 Que por chegar á praya , que buscavaõ ,
 Muitos delles nas aguas se arrojavaõ.

LXIX.

Foraõ todos marchando , em diligencia
 Sobre a Villa , que logo foi entrada ,
 E rendida sem grande resistencia ,
 Sendo pelo presidio abandonada ;
 Porque a gente da terra a presistencia
 Desejando mostrar da fé guardada ,
 A pesar das desgraças neste dia
 A ditosa interpreza soccorria.

LXX.

Ganhada a Praça , socegada a gente ,
 Senaõ socega o peito cuidadoso
 Do namorado Principe , impaciente
 De defatar o laço rigoroso ,
 Que opprime a beila Ignez , e naõ consente
 O seu nobre desvelo attencioso
 Celebrar hum triunfo , em quanto chora
 Perdida a liberdade o bem , que adora.

Manda

LXXI.

Manda vir da prisã , em que gemiaõ
 Na fortaleza em ferros opprimidos
 Todos, quantos os damnos padeciaõ
 Dos Castelhanos odios procedidos ;
 E como os mais do caso não sabiaõ
 Os amantes mysterios escondidos,
 Vascoçellos amigo, e confidente
 Nesta aççãõ se mostrou mais diligente.

LXXII.

Partio correndo, como quem buscava
 O mais bello troféo desta victoria,
 Para o Príncipe amante, em quem notava
 Nada menos paixãõ de amor, que gloria ;
 E como, o beneficio conservava
 Da confiança impresso na memoria,
 Desejava pagar-lhe em diligencia,
 A fmeza daquella complacencia.

LXXIII.

Voltou em fim alegre, e acompanhado
 Dos presos todos, entre os quaes se via
 Rodeada do povo alvoroçado,
 Marchar a bella Ignez, que difundia,
 A pesar do rigor daquelle estado,
 Taõ brilhante fulgor, que a luz do dia
 Não he mais agradavel, quando apura
 Os seus rayos rompendo a noite escura.

Sahio

LXXIV.

Sahio a recebe-la enternecido
 O magnanimo Principe, occultando
 Nos disfarces de hum genio agradecido ;
 As finas attençoens de hum peito brando ;
 Porém logo depois de haver cumprido
 Este publico objecto, desejando
 Dar mais livre exercicio a seus affectos ;
 A Vasconcellos disse os seus projectos.

LXXV.

E procurando aquelle confidente
 Satisfazer-lhe o gosto, com cautela,
 Despedido o concurso brevemente
 Póz na sua presença a Dama bella :
 Allí qualquer dos dois tão vivamente,
 Em ternuras amantes se desvela,
 Que só quem já provasse hum tal effeito,
 Póde delles formar justo conceito.

LXXVI.

Mil cousas mutuamente os dois amantes
 Se perguntavaõ, mil se respondiaõ,
 E mil vezes nas mais interessantes,
 Com diversas questõens, se interrompiaõ ;
 Mas passados em fim alguns instantes
 Naquelle doce enlejo, em que se viaõ
 Confusos os sentidos ; os progressos
 Assim contou Ignez dos seus successos.

Depois

LXXVII.

Depois daquelle triste, infausto dia,
 Em que meu Pay, sabido o nosso tracto,
 Lavar com vosso sangue pretendia
 O manchado esplendor do meu recato,
 Buscando-vos no Campo, e na porfia
 Sendo mais infeliz, foi taõ ingrato
 Para mim sempre o fado, que o semblante
 Já mais vi da alegria hum só instante.

LXXVIII.

Por meu Pay conduzida occultamente
 Fui com cautela tal a huma herdade,
 Que nem da propria casa a mesma gente
 Teve mais de fallar-me a liberdade;
 Assim passei tres annos, lentamente
 Consumindo em chorar a minha idade,
 Até que as irrupçoens dos Castelhanos
 Fizeraõ recear maiores damnos.

LXXIX.

Entaõ meu Pay, que mais me não fallára
 Desde o ponto fatal do seu enfado,
 E que a barba tambem já mais cortára,
 Depois de se julgar injuriado;
 Podendo nelle mais da Patria chara
 O verdadeiro amor, que o genio irado,
 Entrando no meu quarto, sem que quyisse
 Outra pessoa alguma, assim me disse.

Ignez

LXXX.

- „ Ignez os teus delictos sab' taõ feyos ;
 „ Que me accusaõ da falta do castigo ;
 „ Mas se a fortuna me embaraça os meyos ;
 „ Nem por isso me abate o brio antigo ;
 „ Algum dia a pesar destes enleyos
 „ O Cæo mais liberal serã comigo ,
 „ Mas agora convém , que a minha furia
 „ A' Patria sacrifique a minha injuria.

LXXXI.

- „ Os Castelhanos , contra a fé jurada
 „ Nos solemnes Tractados , tem rompido
 „ A promettida paz , e declarada
 „ A guerra contra o Reyno enfraquecido
 „ Pela falta de Rey , e pela errada
 „ Fôrma do seu governo dividido
 „ Em partidos contrarios , que impugnando
 „ Huns a outros se vaõ debilitando.

LXXXII.

- „ A gente mais amante , e mais zelosa
 „ Da liberdade , e gloria Portugueza ,
 „ Segue o Mestre de Aviz , que agora goza
 „ De Defensor dos povos a grandeza ,
 „ E supposto , que a honra escrupulosa
 „ Deva delle apartar-me , a natureza
 „ Do negocio me obriga , a que prefira
 „ O publico interesse á propria ira.

Nesta

LXXXIII.

„ Nesta Provincia Nuno a liberdade
 „ Defende da Nação, e favorece
 „ Os intentos do Mestre, que a Cidade
 „ De Lisboa por Chéfe reconhece :
 „ Eu pertendo partir com brevidade
 „ A servir no seu Campo, e me parece,
 „ Que tu só ficas bem, de tua Tia
 „ Da Villa de Portel na companhia.

LXXXIV.

Assim se fez ; mas logo a Fortaleza,
 Por culpa da mulher do Commandante,
 Tomou voz por Castella, e da villeza
 A Villa toda fez participante ;
 Não por gosto do povo, que a tristeza
 Bem se via de todos no semblante ;
 Mas pela sujeição, que lhe causava
 A guarnição, que os muros occupava.

LXXXV.

Eu conhecendo em muitos moradores
 A repugnancia desta obediencia,
 Fundada simplesmente nos temores
 De alguma mais funesta contingencia,
 Lamentando com elles os rigores
 Desta dura oppressão, e com prudencia
 Tentando de alguns delles os affectos,
 Os dispuz a favor dos meus projectos.

Eraõ

LXXXVI.

Eraõ estes privar os Castelhanos
 Da posse de Portel, e metter nella
 Outra vez os expulsos Lusitanos,
 A pesar dos perfidios de Castella;
 Mas sendo taõ temiveis os enganos,
 Em materia taõ grave, esta cautela
 Suspendeo largo tempo o meu cuidado,
 Sem tomar confidente declarado.

LXXXVII.

Achava-se em Portel, de tempo antigo,
 Hum Sacerdote Portuguez zeloso
 Da honra da Naçaõ, que o seu perigo
 Despresava com peito generoso
 Em obsequio da Patria, e por castigo
 Contava aquelle jugo injurioso
 Dos Hespanhoes; por cujos sentimentos
 Só d'elle confiei meus pensamentos.

LXXXVIII.

Este ganhou com varias diligencias,
 Grande parte da gente, e disfarçando
 Com pretexto de algumas dependencias
 Huma breve jornada, despresando
 De hum taõ grave perigo as consequencias;
 A Evora passou, onde informando
 Nuno deste negocio; concertada
 Deixou com elle a empreza projectad.

LXXXIX.

Foi ella com tal arte conduzida ,
Com tal segredo , com taõ boa forte ;
Que a pezar da muralha defendida
De hum poder grande , de hum presidio forte ;
Foi a gente de Nuno introduzida
Dentro da Villa , sem custar-lhe a morte
De hum só Soldado , sendo mais gostosa
A victoria por menos trabalhosa.

XC.

Porém antes que fosse inteiramente
Ganhada a Fortaleza , foi sabido
Dos Castelhanos , como a Lusa gente
Convidada do povo tinha sido ;
E que eu fora motora , ou confidente
Daquelle occulto tracto , introduzido
Por meyo da jornada , que affectára
O Sacerdote , a quem o confiára.

XCI.

Com esta indignaçãõ não se atrevendo
A vingar-se de todos ; procuráraõ
Em mim descarregar o golpe horrendo
Da sua raiva , e presa me leváraõ ,
Com mais cinco pessoas ; mas temendo
Os furores de Nuno , se apartáraõ
Das estradas de Hespanha , e quiz a forte ,
Que esta Praça elegeßem por mais forte.

Assim

XCII.

Assim fallava Ignez, e transportado
 O Principe de gosto, e de ternura;
 Novamente no peito namorado
 Sente crescer de amor a força dura;
 Qual incendio, que em cinzas sepultado
 Algum tempo se occulta, e desfigura;
 Mas com mais furia as chamas multiplica;
 Se inflamavel materia se lhe applica.

XCIII.

Tal no peito do Principe escondido
 O fogo da paixão impetuoso,
 De cuidados, e sustos opprimido,
 Ausente ardia menos luminoso;
 Mas de novo nos olhos accendido
 Da bella Ignez, se inflamma furioso,
 E nas chamas, que até a lua tyrana,
 Da prudente cautela o véo profana.

XCIV.

A Lisboa paixão; mas igualmente
 Ignez passou tambem, que a paixão viva
 De qualquer dos amantes não consente
 Provar mais da distancia a pena esquivã:
 Allí suave, mas inutilmente
 Nos vaons desvelos, que este ardor motiva
 Entretido do Principe o cuidado,
 De tudo o mais vivia descuidado.

Mas

XCV.

Mas o Genio, que tem da Lusã terra
 A direcção por sorte, e que zeloso
 Assiste a seu governo em paz, e guerra;
 Sempre constante, sempre officioso,
 Vendo quanta paixão no peito encerra
 O claro Defensor, e que forçoso
 Seria corromper-lhe o grande alento
 A duração daquelle encantamento.

XCVI.

Querendo precaver os tristes damnos;
 Que hum tão grave descuido ameaçava
 A's nobres pertençaens dos Lusitanos,
 Que o Ceo tão favoravel abonava;
 Na mesma escura fragoa dos enganos
 Hum aviso fiel lhe preparava,
 Pelo meyo de hum sonho, que em figura
 Lhe mostrasse da gloria a face pura.

XCVII.

Ha na casa do Sôno hum aposento
 Vasto, espaçoso, porém mal formado;
 Sem luz, sem ordem, sem repartimento;
 De indigestas materias fabricado;
 Altas torres lhe servem de ornamento
 Feitas de fragil vidro, mas lavrado
 Com tão irregular, tão varia norma,
 Que a luz nellas em sombras se transforma.

As

XCVIII.

As paredes se adornaõ do edificio
 Dos mais altos trofeos da gloria humana ;
 Confundidas , com raro desperdicio ,
 As insignias da sorte mais ufana ,
 As Tôgas , e Bastoens no frontespicio
 Pendentes livremente a maõ profana ,
 E Tiaras , e Ceptros ; mas sómente
 Hum momento toca-los se consente.

XCIX.

Igualmente os metaes mais preciosos ,
 As mais luzidas pedras , mais brilhantes ,
 Ouro , prata , topazios luminosos ,
 Esmeraldas , safiras , e diamantes
 Por varias partes mostraõ sumptuosos
 Desperdicios , thesouros arrogantes ;
 Mas , promptamente os muda , e desfigura
 Hum toque de razaõ livre , e segura.

C.

De outro lado se mostraõ rodeadas
 As paredes de objectos formidaveis ,
 Desgraças feyas , afflicçoens pesadas ,
 Riscos funestos , odios implacaveis ;
 Lobos crueis , Serpentes enroscadas ,
 Tigres feroes , Leoens infaciaveis ,
 Tudo alli se devisa , mas a tudo
 Hum só rayo de luz serve de escudo.

Gep-

CI.

Spektros disformes, espantofos vultos,
Gigantescas figuras, monstros feyos,
Errantes almas, corpos insepultos
Se vêm girar em rapidos passieyos;
Mas igualmente vaons os seus insultos,
Igualmente faõ vaons os seus enleyos,
Porque todo o terror, toda alegria
He sómente illuzaõ da fantasia,

CII.

Neste aposento o Sõno tem guardado
Os filhos, que lhe pare a Noite escura,
Que Sõnhos dos mortaes foraõ chamados,
Entes de varia côr, varia figura;
De enganos taõ sómente alimentados,
O fingimento he sua compostura;
Mas entre estes tambem a Divindade
Sõnhos guarda, que nutre de verdade.

CIII.

Hum destes pois, que o Genio bem conhece
Entre a turba dos Sõnhos ignorantes,
Por verdadeiro Sõno, e que merece
Ser correyo de avisos importantes,
Da prisãõ solta, e manda, que viesse
Visitar o Varaõ, que dos amantes
Desvelos todo o peito tinha cheyo,
Athé do Sõno ne quieto seyo.

Vem

CIV.

Vem o Sonho voando, e toma assento
 Sobre a mesma almofada, em que recliná
 A cabeça o Varaõ, e no aposento
 Mil engenhosas fabricas maquina,
 Figuras fingé, finge sentimento
 Nos fantasticos vultos, que illumina;
 Porque os sonhos ou bons, ou falsos sejaõ,
 Fingem qualquer figura, que desejaõ.

CV.

Quatro Damas de corpo agigantado,
 De côr, figura, e trajes diferentes,
 No prospecto de hum câmpo dilatado,
 Julgava o Varaõ claro ver presentes;
 Huma dellas, que quasi rodeado
 O tinha de seus braços reverentes,
 E mais bella de todas parecia
 Na côr, semblante, e traje, que vestia,

CVI.

De Tiaras, e Ceptros guarnecida
 A clara frente tinha, e sustentava
 Hum vaso de Amalthea, que em florida
 Confusaõ a maõ bella equivocava;
 Roupas de rica seda entretecida
 De ouro fino, que a prata matizava,
 Lhe serviaõ de adorno; mas no gesto
 Daya de dôr indicio manifesto.

Ou-

CVII.

Outra se via hum pouco mais distante,
 De côr escura; de feiçoens grosseiras,
 De grandes membros, de feróz semblante;
 De aççoens soltas; e pouco lifonjeiras:
 A cabeça adornava de hum Turbante;
 O corpo meyo nú, e nas ligeiras
 Maons hum arco trazia, e copia clara
 Do metal, que idolatra a gente avára.

CVIII.

A terceira mais longe apparecia,
 Dama gentil, mimosa; e delicada;
 Que ao terno melindre bem se via;
 Ser a brandas delicias costumada;
 Rica, vistosa touca lhe cingia
 Os formosos cabellos, matizada
 De peregrinas plumas, onde o ventô
 Se recreava em doce movimento.

CIX.

A garganta de perolas formosas
 Rodeada mostrava; os pés, e braços
 De brilhantes, e pedras preciosas
 Ligados todos com custosos laços,
 Roupas vestia ricas, e pompofas
 Bordadas de ouro; e feitas em pedaços
 Aromaticas plantas sustentava
 A bella maô, que o preço lhe augmentava.

CX.

Da figura da quarta mal divisa
 A luz dos olhos, turva nas distancias,
 Mais que a grande estatura, que indecisa
 Deixa a vista nas suas circumstancias:
 De côr baça parece, e na precisa
 Compostura taõ livre de jaçtancias,
 Que de folhas, e penas taõ sómente
 Cobre parte do corpo, e cinge a frente.

CXI.

Mas a pesar daquelle traje inculto,
 A pesar destas mostras de pobreza,
 Nas maõs se observaõ do distante vulto
 As mais raras insignias da riqueza:
 Enlaçados, e juntos em tumulto
 Os mais mimosos dons da natureza
 Alli se viaõ, pedras preciosas,
 Ricos metaes, e fructas faborosas.

CXII.

Taes eraõ das matronas apparentes
 Os simulados vultos, taes as bellas
 Insignias, que ostentavaõ; mas patentes
 As mostras do pesar, em todas ellas
 Se deixavaõ notar, athé que ardentos
 Suspiros exalando, e sem cautelas
 Soltando tristes vozes, entoáraõ
 Altos gritos, que o Principe acordáraõ.

Rom-

CXIII.

Rompia neste tempo a luz do dia
 As funebres prisoens da sombra escura,
 E nos primeiros rayos difundia
 Sobre os mortaes os dons da chama pura;
 Larga o Principe o leito, a fantasia
 Occupada do sonho, e mal segura
 Dos mysterios, que encerra, e que pertende
 Ancoioso entender, mas naõ entende.

CXIV.

A Barrocas expôr o seu cuidado
 Determina, com pio pensamento,
 Da virtude nas luzes confiado,
 Que he da sciencia o firme fundamento;
 Mas o Genio, que o tempo accommodado
 A' conclusãõ notou do seu intento;
 De Barrocas mudado na figura,
 Lhe apparece naquella conjunctura.

CXV.

E depois que o Varaõ lhe communica
 Toda a serie do sonho portentoso,
 As matronas lhe pinta, o traje explica;
 As distancias, e grito pavoroso;
 Com repetidas ancias lhe supplica,
 Que lhe interprete o caso duvidoso,
 E lhe diga se deve despreza-lo,
 Ou por alto prodigio respeita-lo.

CXVI.

Eu venho , diz o Genio , conduzido
 Por impulsos do Ceo a procurar-te,
 Que das tuas franquezas condoído
 Quer de mais feyos erros libertar-te ;
 Por mim ferás , se queres , instruido
 Nos emblemas do sonho ; mas guardar-te
 Deves de provocar o Ceo clemente ,
 Que nem sempre será tão paciente.

CXVII.

As mulheres , que viste , sab figura
 Das quatro divisoens da terra inteira ,
 Que bem , que hoje só tres a conta apur-
 Outra tem nada menos verdadeira ;
 Aquella , que nos braços te segura ,
 Europa representa , que a guerreira
 Lusa Nação por meta reconhece
 Na parte Occidental , onde fenece.

CXVIII.

Por isto nos seus braços te sustenta ;
 Como Mãe , que no feyo te creára ,
 E das tuas franquezas se lamenta ,
 Porque a mais altos fins te destinára ;
 Ella tinha no brio , que te alenta ,
 E na prole , que o fado te prepara ,
 A mais alta esperanza ; e se lastima
 De ver , que Amor teus brios defanima.

A que

CXIX.

A que pouco distante se mostrava
 De semblante feroz, e mal vestida,
 Africa ardente alli significava,
 Terra de gente inculca, e desabrida;
 Contra ti justamente se indignava,
 Porque sendo-te a gloria concedida
 Da conquista de terra tão famosa,
 Amor te prende em rede verganhosa.

CXX.

Tu mesmo, contra ti seguramente
 Te indignarias, se as futuras glorias
 Poderes bem notar á luz fulgente,
 Que há de acender a chama das victorias;
 A mim, já por favor do Ceo clemente,
 Algumas destas cousas são notorias,
 E só por contemplar acçoens tão bellas,
 Mil graças dou a Deos, origem dellas.

CXXI.

A soberba de Ceuta já rendida
 A's tuas armas vejo; vejo os braços
 De teus netos, com furia repetida,
 De outras Praças vencer os embaraços;
 Alcacer forte, Arzila defendida,
 Azamor, Mazagaõ, dos torpes laços
 Do Mauritano jugo libertadas,
 A's Lusos Quinas vejo já prostradas.

Cabo

CXXII.

Cabo Verde, Guiné, Angóla, e Mina;
 Moçambique, Quiloa, com Mombaça,
 E toda a negra Costa, que illumina
 O Sol visinho, com luz nada escaffa,
 A' Lusa gloria vejo, que destina
 Os mais claros trofeos; se huma desgraça
 Os não escurecer; mas profigamos
 Nas figuras do sonho, que explicamos.

CXXIII.

A terceira, que adorno mais pomposo
 Em mayores distancias ostentava,
 Da fertil Asia o nome glorioso
 Nas sombras da visã representava;
 Nesta parte do Mundo, o mais formoso
 Esmalte á Lusa gloria preparava
 A sabia mã do fado, e justamente
 Teus indignos descuidos Asia sente.

CXXIV.

Ah! se poderes as açõens preclaras
 Dos vindouros fazer; o nobre alento
 De hum Gama, e de hũ Almeida, as obras raras
 De hũ Albuquerque, e hũ Cunha, o soffrimento
 De hum Mascarenhas, e hũ Sylveira, as claras
 Emprezas de hum Pacheco, o luzimento
 Dos Ataides, Castros, e Menezes,
 E de outros grandes nomes Portuguezes!

Ah!

CXXV.

Ah! se pudeses ; . . . mas a natureza
 Dos miseros mortaes já mais alcança
 Entre as sombras escuras da incerteza ,
 Dos incertos futuros a bonança ;
 Baste, para animar-te na firmeza
 De tanta gloria, a justa confiança
 Nos avisos do Ceo, e com tal guia
 Profigamos do sonho na porfia.

CXXVI.

A quarta das matronas, que encoberta
 Em lugar mais escuro, que distante,
 De folhas, e penachos mal coberta,
 Ostentava a riqueza mais brilhante ;
 Era nesta visão imagem certa
 De outra parte do Mundo, que ignorate
 A desconhece agora ; mas que deve
 Fazer nelle figura nada breve.

CXXVII.

Agora não tem nome, mas chamada
 America sera do nome claro
 De hum sabio Florentino, que a roubada
 Gloria de hum Portuguez, por modo raro
 Deixará, se não pura, bem vingada,
 Frustrando felizmente o voto avaro
 Da atrevida ambição de outro Estrangeiro ;
 Que há de aspirar ás honras de primeiro.

Nesta

CXXVIII.

Nesta parte do Mundo tem guardado
 A providente mão da natureza
 O seu maior thesouró destinado
 Pelos fados á gloria Portugueza,
 As pedras finas, o metal prezado
 Por insignia do fausto, e da riqueza,
 A cana doce, e as plantas mais formosas
 Alli teráo as gentes cubiçosas.

CXXIX.

Mas toda aquella luz, aquella gloria,
 Que há de illustrar o nome Lusitano,
 Depende do trabalho, e da victoria,
 Da virtude, e valor mais soberano;
 O teu se perde em distracção notoria
 Entre vans illusoens. de Amor tyrano,
 E desta fonte podem ser frustradas
 Todas estas venturas esperadas.

CXXX.

Se te não move o nobre sentimento
 Da tua propria gloria; se esquecer-te
 Podes tanto de ti, no abatimento,
 A que Amor te reduz, possa mover-te,
 Pelo menos o claro luzimento,
 Que a teu sangue se espera, e merecer-te.
 Possa em fim Portugal, que á sua fama
 Sacrifiques o fogo, que te inflamma.

Alim

CXXXI.

Affim fallou, e logo arrependido
O Varas do descuido, em que vivia ;
A Barrocas abraça agradecido
A's santas instrucçoens, que lhe devia ;
O Genio se retira ; Amor vencido
Cede á gloria o lugar, que lhe impedia ;
Em clausura decente Ignez se encerra ;
Profegue com fervor a dura guerra.

FIM DO CANTO VII.

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for ensuring transparency and accountability in financial operations. This section also highlights the role of internal controls in preventing fraud and errors.

2. The second part of the document focuses on the implementation of robust risk management strategies. It outlines various risk assessment techniques and provides guidance on how to identify, measure, and mitigate potential risks. The text stresses the need for a proactive approach to risk management to protect the organization's assets and reputation.

3. The third part of the document addresses the importance of effective communication and reporting. It discusses the need for clear and concise communication channels and the role of regular reporting in keeping stakeholders informed. This section also touches upon the importance of maintaining accurate financial statements and providing timely updates to investors and other interested parties.

4. The fourth part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for ensuring transparency and accountability in financial operations. This section also highlights the role of internal controls in preventing fraud and errors.

5. The fifth part of the document focuses on the implementation of robust risk management strategies. It outlines various risk assessment techniques and provides guidance on how to identify, measure, and mitigate potential risks. The text stresses the need for a proactive approach to risk management to protect the organization's assets and reputation.

6. The sixth part of the document addresses the importance of effective communication and reporting. It discusses the need for clear and concise communication channels and the role of regular reporting in keeping stakeholders informed. This section also touches upon the importance of maintaining accurate financial statements and providing timely updates to investors and other interested parties.

7. The seventh part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for ensuring transparency and accountability in financial operations. This section also highlights the role of internal controls in preventing fraud and errors.

8. The eighth part of the document focuses on the implementation of robust risk management strategies. It outlines various risk assessment techniques and provides guidance on how to identify, measure, and mitigate potential risks. The text stresses the need for a proactive approach to risk management to protect the organization's assets and reputation.

9. The ninth part of the document addresses the importance of effective communication and reporting. It discusses the need for clear and concise communication channels and the role of regular reporting in keeping stakeholders informed. This section also touches upon the importance of maintaining accurate financial statements and providing timely updates to investors and other interested parties.

10. The tenth part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that proper record-keeping is essential for ensuring transparency and accountability in financial operations. This section also highlights the role of internal controls in preventing fraud and errors.

A LIBERDADE

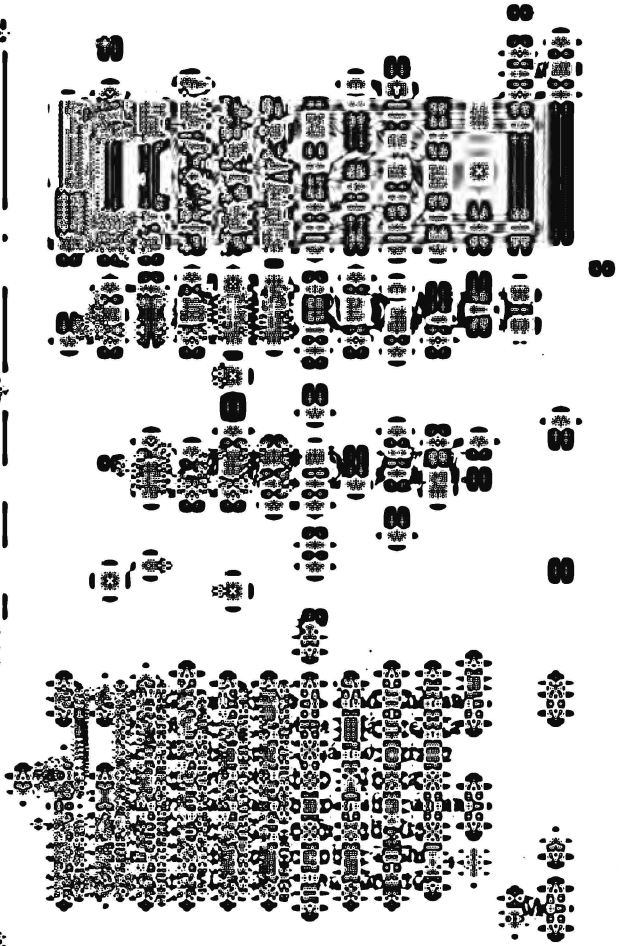
CANTO VIII.

ARGUMENTO.



*A*Õ satisfeito o Heróe de haver defendido Lisboa, pertende libertar todo o Reyno, e marcha sobre Alenquer, que se lhe rende a partido; mas depois se torna a rebellar. O Defensor a torna a ganhar, com Torres Vedras, Torres Novas, Sintra, Peniche, Leiria, e a maior parte da Provincia da Extremadura. A do Alentejo segue já quasi toda o seu partido. Na Beira muitos Lugares, e Villas lhe obedecem, com alguns de Tras os Montes. O Porto o serve, e algumas Praças do Minho se lhe rendem; mas vendo o Rey de Castella quanto se augmenta o partido do Defensor, e temendo, que os Portuguezes o acclamem seu Rey, pertende tirar-lhe a vida, por meyo de huma traição, para que se vale do Conde de Trastamara, que servia em Portugal. Descobre-se a traição ao Defen-

Defensor, que busca ao Conde só no campo, onde lhe declara a noticia, que tem do seu projecto, lhe offerece a commodidade para executar a sua commissaõ, e juntamente lhe afeya a sua perfidia, e o despede para Castella, sem querer vingar-se. Descobrem-se complices na traiçaõ alguns Fidalgos Portuguezes, de que huns fogem, outros se prendem; mas assustado o Reyno com estes perigos, pertende tomar mais prompta, e segura providencia sobre o Governo, e se ajuntãõ em Coimbra os Prelados, a Nobreza, e os Procuradores das Villas, e Cidades, para celebrarem Cortes, a que vem assistir o Defensor, com os principaes Officiaes do seu Exercito, e junto á Cidade saõ recebidos por hum grande rancho de meninos, que clamaõ todos vivã ElRey D. Joaõ. Em quanto naõ chegaõ alguns Deputados dos lugares mais remotos, vai o Defensor gastar alguns dias na caça, e vai parar humia noite a casa de hum Cavalheiro, que vive retirado em hum Aldeia, chamado Camillo. Descreve-se Camillo, e a pratica que teve com o Defensor; as instancias do Principe, e resposta do mesmo Camillo. Despede-se o Herõe hum pouco commovido das idéas Filosoficas; mas em sondos lhe apparece a figura do Senhor D. Affonso, q̃ lhe expõem as glorias da Casa de Bragança, e animado de novo parte para Coimbra.



II.

Marcha sobre Alenquer praça vizinha,
 Que o partido sustenta de Castella,
 Como terra, que fora da Raynha,
 Que o Genro introduzio na posse della;
 E como a seus projectos não convinha
 Fazer grande demora, por cautela,
 Com partidos tentou primeiramente,
 A Villa sujeitar suavemente.

III.

Governava Camoens a Fortaleza,
 Cavalheiro Hespanhol bem conhecido,
 Mas notado de alguma ligeireza
 Em mudar facilmente de partido;
 E mostrando por fusto, ou por destreza
 Na presença de risco taõ crescido,
 Estimar a proposta, em fim se rende;
 Mas faltar brevemente á fé pretende.

IV.

Porque apenas as armas Portuguezas
 Os muros de Alenquer desahombráraõ,
 E sobre Torres Vedras mais accensas
 Da guerra as feras chamas se atáraõ,
 Quando Camoens com torpes subtilizas,
 Que muitos dos seus mesmos reprováraõ,
 Outra vez o partido Castelhano
 Perteceo preferir ao Lusitano.

Mas

V.

Mas este, e outros mais apaixonados
 Pela causa de Hespanha, que intentavaõ
 Abater os troféos continuados,
 Com que as Lusas emprezas se illustravaõ,
 Serviaõ só de dar mais avultados
 Esmaltes ás victorias, que alcançavaõ,
 Cada vez com ventagens mais famosas,
 Do Defensor as armas gloriosas.

VI.

Porque a pesar dos grandes embaraços
 Do poder Hespanhol, e da porfia
 De muitos Portuguezes, que entre os laços
 Da servidaõ hum vil temor prendia,
 Do grande Defensor os fortes braços,
 E dos seus parciaes a valentia
 Triunfaõ sem cessar por toda a parte,
 Onde o vulto descobre o fero Marte.

VII.

Alenquer outra vez o jugo acceita,
 Torres Vedras se rende, Sintra cede
 A' força dos combates; já sujeita
 Se mostra Torres Novas; já despede
 Peniche os Castelhanos; já respeita
 Leiria o Defensor, e já se mede
 Quasi toda a Provincia com socego,
 Desde as margens do Tejo ás do Mondego.

Igual-

VIII.

Igualmente a Provincia , que se estende
 Entre as agoas do Tejo, e Guadiana
 Do Defensor a voz segue, e defende,
 Contra o poder da gente Castelhana;
 Da Beira a maior parte a fé lhe rende,
 O Porto, o ferve, Chaves, com Vianna
 Se sujeitam por força, com Linhares,
 E varias outras Villas, e Lugares.

IX.

Mas vendo o Rey contrario quanto cresce
 Cada dia o poder do Varão forte,
 E como a Lusa gente lhe obedece
 Desprezando o castigo, o risco, a morte;
 Temendo, que huma vez se resolvesse
 A conferir-lhe em fim mais alta fórte,
 Tirar-lhe, a vida intenta ambicioso
 Pelo meyo mais vil, mais horroroso.

X.

Andava em Portugal refugiado;
 Por dissabores, que em Castella houvera;
 Do mesmo Rey hum Primo, nomeado
 De Trastamara Coãde, a quem fizera
 O Defensor mil honras, e abonado
 Por prendas pessoas de todos era
 No Campo Lusitano, onde servia,
 Com mostras de afeiçãõ, e valentia.

Des-

XI.

Deste se vale o Rey para instrumento
 Da traição vergonhosa, que medita,
 E persuadir-lhe o torpe pensamento,
 Com promessas, e rogos folicita;
 Que mate o Defensor hé seu intento,
 Com disfarce de amigo: a tanto incita
 Huma cega paixão precipitada,
 Quando não hé por gloria motivada.

XII.

E sendo facilmente convencido
 O Conde das promessas, foi buscando
 Companheiros, de quem fosse assistido
 Nos perigos de empenho tão nefando;
 Nelle foi brevemente socorrido
 Por Beça, e por Baldez, que militando
 Em Portugal andavaõ, por cautela,
 Como o Conde fugidos de Castella.

XIII.

Porém sendo por todos ajustado
 Matar o Defensor em qualquer hora,
 Que podesse encontrar-se descuidado,
 Ou na propria barraca, ou della fóra;
 Quiz o Conde, que o Rey fosse avisado
 Deste ajuste por carta, e nella implora
 Assistencia de gente, e Praça certa
 Para depois da morte descoberta.

X

Mas

XIV.

Mas esta carta, ou fosse por desgraça,
 Ou por culpa talvez do mensageiro,
 Que com pouca cautela á vista passa
 Da guarda de hum valente Cavalleiro,
 Foi tomada bem perto já da Praça,
 A que marchava, sendo prisioneiro
 O portador, e logo confessado
 O negocio de que era encarregado.

XV.

Por ella o Defensor foi instruido
 Das feyas intençoens do Rey tyrano;
 E do projecto infame, que emprendido
 Havia o falso Conde Castellhano:
 Mas tendo justamente concebido
 Todo o devido horror daquelle engano,
 Pôde mais no seu peito a bizarría,
 Que a vingança, ou temor da aleivosia.

XVI.

Pois sabendo, que o Conde passava
 Do arrayal hum pouco separado,
 Ou porque assim melhor aliviava
 O desvelo cruel do vil cuidado,
 Ou porque allí noticias esperava
 Do portador, que havia despachado;
 A'quelle mesmo sitio ousadamente
 Se dirige com animo valente.

XVII.

E disfarçando o justo sentimento
Com mostras de brandura, e de alegria,
Os obsequios do Conde aceita attento,
Que se apressa a fazer-lhe companhia;
Mas depois que ambos fôz, com vario intento,
Apartados se vêm, e já podia
Cada qual livremente, e sem disfarce
Da ventagem do sitio aproveitar-se.

XVIII.

O Defensor os passos suspendendo,
E voltando com gesto socegado
Para o perfido Conde, que entretendo
O hia do seu zêlo, e seu cuidado,
Assim lhe diz: Eu Conde conhecendo
As vossas intençoens, e confiado
Na discriçaõ, que o Ceo com vós reparte,
Quero de hum grave caso dar-vos parte.

XIX.

Eu fei quem infiel á minha vida
Traiçoens maquina com infame engano,
Abusando da honra, e fé devida
Com descredito seu, para meu damno;
Eu posso castigar este homicida;
Mas não quizera parecer tyrano;
Dizei-me vós o que em taõ grande aperto,
Imaginaiis acçaõ de mais acerto.

XX.

Dar-lhe morte cruel, lhe diz o Conde ;
 Não he ponto, que seja duvidoso ;
 E a mesma morte apenas corresponde
 A delicto tão vil, tão aleivoso :
 A tyrania só se accusa adonde
 He injusto o castigo, ou suspeito ;
 Mas hum traidor, que offende a fé sagrada ;
 Toda a pena, que soffre he moderada.

XXI.

Vede bem, continúa o Varão forte,
 O que dizeis, o que me aconselhais,
 Que na sentença, que dictais de morte,
 A vós proprio talvez vos condemnais ;
 A mim, responde o Conde, e de que forte ?
 Pois acaso, Senhor, imaginais,
 Que eu possa ser traidor ? Se infamemente
 Alguem o diz, eu mostrarei que mente.

XXII.

Vós o dizeis, prosegue socegado
 O Defensor, a carta descobrindo,
 Vede quem vos accusa, e se informado
 Estou bem das traiçoens, que andais ordindo ;
 Nós estamos em sitio accommodado
 Para o fim, que intentais, pois prevenindo
 Este vosso desejo, eu mesmo venho
 A dar prompta occasião ao vosso empenho.

Aqui

XXIII.

Aqui me tendes só ; dai cumprimento
 A' vingança, que tendes prometido ;
 Que hum homem, como vós, para instrumento
 De hum golpe occulto foi mal escolhido :
 Isto dizendo com brioso alento,
 Da cinta arranca o ferro esclarecido,
 E com elle na mão espera ousado
 A resposta do Conde rebellado.

XXIV.

Mas vendo, que emmudece, e que abatendo
 Os olhos, qual de pedra estatua fica,
 E perturbado do delicto horrendo,
 Nem se defende, nem se justifica ;
 Com gesto irado o ferro suspendendo,
 Que pensais, lhe pergunta ? assim se explica
 Hum homem, como vós, quando arguido
 He no Campo de haver mal procedido.

XXV.

Onde está o furor, onde a arrogancia,
 Que inculca este papel ? Se a companhia
 De Béça, e de Baldéz, he circumstancia
 Precisa para o golpe ; a cobardia
 Faz mais feya a traição, e sem jactancia,
 Se souberem, que em vós falta ousadia,
 Qualquer delles dirá, que o seu alento
 Era só quem vos dava atrevimento.

Con-

XXVI.

Conde se o vosso zêlo , e o vosso affecto
 Por El-Rey de Castella , vos provoca,
 A ser executor do seu projecto ,
 O risco deste empenho a vós só toca ;
 E se o temor vos fáz tão circunspeccto ,
 Que as vossas iras em pezaes troca ,
 O Campo he livre agora , a estrada aquella ,
 Que vos pôde guiar para Castella .

XXVII.

Pois se entre os Portuguezes for sabida
 A vil traição , a feya indignidade ,
 Com que intentaveis usurpar-me a vida ;
 Não será facil dar-vos liberdade :
 Eu não quero vingança mais luzida ;
 Salvai-vos , se quereis , com brevidade :
 Isto dizendo as costas foi voltando ,
 E pela estrada o Conde foi marchando .

XXVIII.

Porém logo no Campo divulgada
 Foi do Conde a fugida , e logo Bêça
 Suppondo a vil traição examinada ,
 De salvar-se tractou a toda a pressa ;
 O mesmo quiz Baldéz ; mas mal lograda
 Foi deste a diligencia ; e sendo expressa
 A sua culpa , logo foi punida
 Com a pena de morte merecida .

Mas

XXIX.

Mas quando o Defensor imaginava
Haver cortado o fio dos enganos ;
Porque delles capazes só julgava
Os falsos coraçoes dos Castelhanos ,
Se fez patente , que a traiçãõ grassava
Entre alguns dos mais nobres Lusitanos,
E que della tractavaõ com segredo,
Dom Gonçalo , Dom Pedro , e Figueiredo.

XXX.

Dom Pedro segue logo os mesmos passos
Do Conde desleal para Castella ,
Os outros dois temendo os embarços
Da fugida , disfarçãõ por cautela ;
Mas rôtos do segredo os cegos laços,
Facilmente o mysterio se revêla ,
E conhecida a pertençaõ perjura
Forãõ metidos em prisaõ segura.

XXXI.

Causou geral horror este successo ,
Geral indignaçãõ na Lusa gente ,
E fez accrescentar com grande excessõ
Da gloria Nacional o zêlo ardente ;
Pois fazendo mais rapido progresso
No coraçãõ de todos , o prudente
Receyo de hum Governo estranho , e injusto ;
A providencia se exaltou no fusto.

E

XXXII.

E congregados todos os Prelados ;
 Toda a Nobreza , e grande quantidade
 De gente Popular , determinados
 A tratar da suprema authoridade ,
 A' risonha Coimbra saõ chamados ,
 Para mais regular solemnidade ,
 O Defensor , e quantos Cavalleiros
 O seguiaõ com fama de guerreiros.

XXXIII.

Mas chegando já perto da Cidade ;
 De meninos hum rancho copioso ,
 Que em jogos proprios da innocente idade ;
 Se entretinhaõ no campo deleitoso ,
 Correndo com gentil velocidade ,
 Encontrar vêm o Defensor famoso ;
 Todos juntos clamando em vóz festiva
Viva ElRey Dom Joaõ , Dom Joaõ viva.

XXXIV.

Nuno se anima , o Defensor adora
 Da Providencia os passos , observando ,
 Como o successo corresponde agora
 A's palavras do Velho venerando ;
 Hum santo susto o peito lhe devóra ,
 De Barrocas nas vozes contemplando ,
 Com quanta luz profetizou seguro
 Os contingentes casos do futuro.

XXXV.

E sendo na Cidade recebido
Com mostras de afeiçãõ, e de respeito,
E com publicos cultos aplaudido,
Do gosto universal notorio effeito,
A' morada Real foi conduzido,
Entre obsequios do povo satisfeito,
Que movido de impulso mais que humano
O contemplava já por Soberano.

XXXVI.

Mas em quanto dos povos mais distantes
Alguns dos Delegados não chegavaõ
Para votar nos pontos importantes,
Que as attenções de todos occupavaõ;
Por divertir desvelos penetrantes,
Que o bravo coraçãõ lhe atormentavaõ;
Quiz o Varaõ da caça no exercicio
Fazer de algumas horas desperdicio.

XXXVII.

E procurando os montes mais fragosos
Da Provincia da Beira, onde esperava
Lograr golpes mais bellos; mais vistosos
Nas bravas feras, que o paiz criava,
Profeguindo os empenhos deleitosos
Por distancia maior, do que pensava,
O surpredeo a noite em hum deserto
De matos cheio, de arvores coberto.

XXXVIII.

A penas com trabalho, e diligencia
 Póde ganhar hum monte, donde alcança
 A vista já confusa na apparencia,
 De huma casa, ou cabana a similhança;
 Não póde distinguir com evidencia,
 Ser aprisco, ou casal; mas na esperanza
 De haver casa de gente allí vizinha,
 A'quelle sitio os passos encaminha...

XXXIX.

Hum pastor o seu gado recolhia
 Na rustica choupana, e perguntado
 Se por estes contornos haveria
 Alguma Villa, Aldeia, ou Povoador;
 Lhe responde, que pouco distaria
 Hum pequeno Lugar; mas se o cuidado,
 Accrescenta o pastor, de achar abrigo
 He quem vos moye, a muito mais me obrigo.

XL.

Eu vos irei guiar a huma Quinta,
 Onde achareis albergue mais seguro,
 Bem que o corpo cansado mal consinta
 Andar descalço por caminho escuro;
 Mas eu conheço a gente pela piata,
 Vós mereceis o bem, que vos procuro:
 Assim fallando com grosseiro estilo,
 O foi guiando á Quinta de Camillo.

Era

XLI.

Era Camillo cavalleiro honrado
 Por nascimento, e proprias qualidades,
 Que de esperanças vans defenganado,
 Se ausentára da Córte, e das Cidades;
 Neste sitio vivia retirado
 Do tumulto do Mundo, e nas verdades
 Da solida moral Filosofia,
 Os agravos da forte divertia.

XLII.

Huma casa sem fasto, mas decente;
 Hum adorno nem vil, nem precioso;
 Huma familia parca, mas contente,
 Hum vestido nem pobre, nem pomposo;
 Huma mesa modesta, mas patente,
 Hum proceder sincero, e officioso;
 O fazia a todos agradavel,
 E nos vizinhos pévos respeitavel.

XLIII.

Chegado o Defensor, foi recebido
 Com civil attençaõ, com grande agrado;
 E sendo brevemente conhecido,
 Com distinctos obsequios cortejado;
 Camillo, que algum dia tinha sido
 Nos estílos da Córte doutrinado,
 Soube mostrar no gosto, e no respeito
 Do mais vivo alyoroço o claro effeito.

XLIV.

Alli passou a noite, e conhecendo
 A candidez do genio de Camillo,
 Alli passou dois dias entretendo
 As hoſtas todas por ſincero eſtylo;
 Ora fruſtas, e flores eſcolhendo
 Das meſmas plantas, ora o ſom tranquillo
 Das fontes obſervando, ora a verdura
 Do jardim, da campina, e da eſpeſſura.

XLV:

Mas neſtes meſmos ruſticos recreyos,
 Nas hortas, nos jardins, e nos pomares,
 Nos viveiros, nos boſques, nos paſſeyos,
 E nos meſmos trabalhos mais vulgares
 Notou o Defenſor alguns aceyos,
 Algumas proporçoens particulares,
 Que davaſ no ſeu tanto idéa clara
 Do bom goſto, de quem as fabricára.

XLVI:

E combinado aquelle pensamento
 Com varias reflexoens, que ponderava
 Nas açoens de Camillo, a quem attento
 Deſde a noite primeira contemplava,
 Sabendo que o ſeu claro nacimiento
 A mais altos empregos convidava,
 Não podia adaptar aquelle eſtado
 A's idéas de hum homem cultivado.

Affim

XLVII.

Assim o disse por diversas vezes,
Censurando de inutil, e ociosa
Aquelle vida, que entre os montanhezes
Desfructava Camillo em paz gostosa;
Dava, razoes valentes, mas cortezes
Contra aquella inacção indecorosa,
A que sempre Camillo respondia;
Que o seu destino mais não permittia.

XLVIII.

Mas huma noite, que mais vivamente
Foi notado do Principe guerreiro
Aquelle tom de vida de indecente,
Dos deveres de hum nobre cavalleiro;
Rompendo da cautela o véo prudente,
Que occultava o motivo verdadeiro
Da supposta inacção, em fim Camillo
Se resolve a fallar por este estylo.

XLIX.

Não queiras, não, meu Principe, as idéas
Formar dos homens pelos seus estados,
Que repetidas vezes sab alheas
As suas proffissoens dos seus cuidados;
Estão os Tribunaes, e Tropas cheas
De Ministros venaes, fracos Soldados;
Lavra a rustica terra alguma gente
De peito puro, de animo valente.

Algun

L.

Algum tracta do publico interesse,
 Que despreza no fundo do seu peito;
 Outro, que pensar nelle não parece,
 Sente talvez do zêlo o nobre effeito;
 Hum negocios conduz, que não conhece;
 Outro mais habil vive sem conceito,
 Hum alcança grandezas, que não busca,
 As diligencias de outro a sorte offusca.

LI.

Eu fui por largos annos combatido
 De hum desejo de gloria extraordinario;
 E para ser no Mundo conhecido,
 Obrei quanto entendi ser necessario:
 Estudei, porém fui mal attendido,
 No conceito da Côrte sempre vario;
 Quiz dedicar a Marte o meu socego;
 Mas não pude nas armas ter emprego.

LII.

Desenganado em fim, que não podia
 Distinguir-me do Mundo no tumulto;
 Que os meus nobres projectos abatia,
 Com desprezo fatal, com triste insulto;
 Vendo como a fortuna aborrecia
 Os sacrificios deste indigno culto,
 Levado de hum ardor impaciente,
 As costas lhe voltei grosseiramente.

Deste

LIII.

Deste modo julguei, que me vingava
Dos seus cegos caprichos ignorantes,
Crendo, que as atenções, que lhe negava;
Eraõ nos seus altares importantes;
Tanto naquelle tempo me cegava
O juvenil ardor, taõ arrogantes
Saõ os discursos da primeira idéa,
Com que amor proprio a todos lifongea!

LIV.

Porém hoje, que o genio já maduro
Pelo decurso de mais largos annos,
E pela luz de algum estudo puro
Sobre as paixões mais proprias dos humanos,
Pode fazer juizo mais seguro,
Pode alcançar mais claros defenganos,
Outras taõ as razões, porque prefiro
A's grandezas do Mundo o meu retiro:

LV.

Sei, que os homens na summa Providencia
Tem o proprio destino assignalado,
E que a pesar de toda a diligencia
Devem cumprir os termos de seu fado;
Sei, que da forte a varia contingencia
Ninguem pôde emendar acautelado;
Mas que tudo o que ordena o Ceo propicio,
He certamente em nosso beneficio.

He

LVI.

He preciso, que o Mundo se divida
 Em varias condiçoens, que mutuamente
 Se soccorraõ, e ajudem com devida
 Proporçaõ no trabalho competente;
 Não pôde ser a todos concedida
 A distincçaõ de hum grão mais eminente;
 Mas pode cadaqual no seu estado
 Alcançar dignamente hum nome honrado.

LVII.

O Monarca no Trõno repartindo
 A justiça nos póvos, que domina,
 O General no Campo difundindo
 O terror nas Provincias, que arruina;
 O Ministro na Côrte discutindo
 Os negocios, que a Patria lhe destina;
 Todos saõ grandes, todos saõ famozos
 Se cumprem seus encargos gloriosos.

LVIII.

O Poeta, que em vivas apparencias
 Retrata dos Heróes as aççoens claras,
 O bom Historiador, que as evidencias
 Das memorias conserva mais avaras,
 O Filosofo douto, que as sciencias
 Explica, e adorna de noticias raras,
 Tambem saõ grandes, tambem saõ louvados
 Pela nobre attençaõ dos seus cuidados.

LIX.

O Cidadão, que educa dignamente
 A familia, que á Patria sacrifica,
 O Lavrador, que a terra diligente
 Em proveito geral rompe, e fabrica,
 O Artista, que á obra competente
 A fim util, e justo se dedica,
 Saõ tambem dignos, saõ tambem louvaveis
 Nos seus mesmos trabalhos inçansaveis.

LX.

Não saõ sómente as armas quem produzem
 As honras, que os Varoens eternizaraõ;
 Nem sómente a batalhas se reduzem
 As accoens, que seus nomes conservaraõ;
 Varios meyoos á gloria nos conduzem,
 Que Alexandre, nem Cesar não gozaraõ;
 Mais constante respeito, mais sincero,
 Doque goza Virgilio, e goza Homero.

LXI.

Em qualquer condiçãõ, qualquer estado,
 Ou humilde, ou sublime, a gloria pura
 Descobre a sua luz; hum peito honrado
 A segue sempre na mayor altura,
 Ou na mais baixa sorte, e o mesmo agrado,
 A pesar da desgraça, ou da ventura,
 Tem sempre nos seus olhos revestida
 De nobre adorno, ou por si só despida.

LXII.

A virtude, que faz o fundamento
 Necessario da gloria verdadeira,
 Nem póde nas fortunas ter augmento;
 Nem se abate na sorte mais grosseira,
 Invariavel sempre o sentimento
 Da hoara pura, da verdade inteira
 Regula o coraçã do Varã forte,
 Em qualquer condiçã da mesma forte;

LXIII.

Ama o Rey, ama a Patria, ama a Justiça;
 Ama os seus semelhantes, e aborrece
 Os insultos, as fraudes, a cobiça,
 A vil vingança, o fordido interesse;
 Detesta o ocio torpe, a vã perguça,
 As intrigas infames não conhece,
 Nem offenta ambiçã, nem desalento,
 A' sua obrigaçã sómente attento.

LXIV.

Satisfesto da sorte concedida,
 Nella vive gostoso, e focegado;
 Nem inveja fortuna mais luzida,
 Nem procura lugar mais sublimado;
 Nos seus proprios deveres entretida
 Toda a sua attençaõ, o seu cuidado
 He sómente obrar bem, e não repara
 Nas cegas illusõens da gente avara.

Em

LXV.

Em quanto a mim não tenho por castigo
 Este modo de vida, que aqui passo,
 Antes como favor do Ceo amigo,
 Deste estado me alegre, e satisfação;
 Aqui vivo mais longe do perigo,
 Da desordem, do engano, e do embaraço;
 Com que as Côrtes enredas tristemente
 Hum peito puro, hum animo innocente.

LXVI.

Aqui não vejo o torpe fingimento
 Do vil adulator, o feyo engano
 Do traficante astuto, o soffrimento
 Do triste pertendente, o ar tyrano
 Do soberbo Ministro, o desalento
 Do pobre desprezado, o gesto insano
 Não vejo do disfarce, com que illude
 A falsidade os passos da virtude.

LXVII.

Aqui da propria côr da natureza
 As paixoes se revestem, vêm-se os peitos
 Nôz semblantes pintados; a fraqueza
 Apparece tremendo, os seus effeitos
 Não encobre a vingança; e com pureza
 Se annuncia despresos, e respeitos,
 Se manifesta a boa, ou má vontade,
 Os impulsos do odio, ou da amizade.

LXVIII.

Aqui se passa o dia sem cuidado,
 Aqui a noite sem temor se passa,
 No puro, natural, sincero estado,
 Que o candido prazer não embaraça:
 Aqui contemplo o campo matizado
 De flores naturaes, com tanta graça,
 Que o mais habil pincel já mais figura
 Tantas côres diverſas na pintura.

LXIX.

Vejo nascer a fonte graciosa,
 O regato formar, que fertiliza
 A vizinha campina deleitosa;
 Vejo como se augmenta, e formaliza
 Já ribeira mais grossa, e caudelosa,
 E rio em fim, que as margens tyraniza;
 Vejo vestir de folha o tronco bruto
 Brotar a flor, e produzir o fructo.

LXX.

Vejo das plantas no secundo feyo
 Por destra mão aberto subtilmente,
 Crescer, sem repugnancia, o ramo alheyo;
 Adornar-se de pomo incompetente;
 Vejo romper a terra sem receyo,
 Pelo curvo instrumento, e brevemente
 Cobrir de verde a face da lavoura,
 Crescer, e sazonar-se a espiga loura.

Vejo

LXXI.

Vejo das aves, vejo dos insectos
 Os polidos trabalhos regulados
 Por mão da natureza, e tão complexos,
 Que podem ser dos homens invejados;
 Os curiosos ninhos, os secretos
 Artificios dos fios delicados,
 E os exemplos fieis, com que aconselha
 A prósvida formiga, a sabia abelha.

LXXII.

Vejo dos lavradores as fadigas,
 Com agradáveis lucros alternadas;
 Ouço dos pegureiros as cantigas,
 Com sylvestre cadencia moduladas;
 Observo de huns, e de outros as intrigas;
 Sómente a fins honestos ordenadas;
 E me entretenho em ver suas disputas,
 Suas trovas, seus jogos, suas lutas.

LXXIII.

Eu mesmo, nestes jogos innocentes,
 Nestas disputas vans, rústicas trovas,
 Incito emulação nos combatentes,
 Ministro a seu desvelo ideas novas;
 Elles me ouvem sinceros, e contentes,
 E me rendem de amor gostosas provas,
 Com verdadeiras mostras de respeito;
 Mas deste em seu favor só me aproveito.

LXXIV.

Se succede talvez que a venenosa
 Semente da discórdia o fructo puro
 Opprime da innocencia, se a raivosa
 Vingança, ou vil cobiça o vulto escuro
 Aqui descobrem, logo a cuidadosa
 Providencia lhe applico, e lhe asseguro
 A perturbada paz, sem mais violencia,
 Que mostrar-lhe a razão com evidencia.

LXXV.

Eu reprimo com pura liberdade
 Os orgulhos de alguns mais atrevidos,
 Sem valer-me de mais auctoridade,
 Que dos meus bons desejos conhecidos:
 Todas sabem, que eu tracto com verdade
 A todos igualmente; e convencidos
 Deste conceito, quasi sempre alcança
 O meu arbitrio a sua confiança.

LXXVI.

Já mais tomo partido, ou interesse
 Nos negocios do povo, ou da justiça;
 Esta respeito, aquelle não merece
 Os foccorros da luz, que desperdiça;
 Do poder da razão, que não padece
 Os ultrajes da força, ou da cobiça,
 Sómente me auctorizo, e neste estado
 Vivo contente, vivo socegado.

Mas

LXXVII.

Mas hum homem, que pensa nobremente,
 Responde o Defensor, não imagina
 Ser nascido no Mundo simplesmente,
 Para viver inutil; nem destina
 Os seus talentos ociosamente
 A passar sem cuidado: a honra ensina,
 Que a Patria, que nos deu o nascimento,
 Pedê de nós hum zelo mais attento.

LXXVIII.

A honra, diz Camillo, he sem disputa
 inimiga do ocio; mas detesta
 Não menos as intrigas; quem escuta
 seus dictames, nunca manifesta
 vergueira a servir; mas não tributa
 obediencias ao zelo, e com modesta
 industria, e trabalho se habilita
 para os cargos, mas não os sollicita.

LXXIX.

de o caracter generoso
 alma grande, de hum illustre peito,
 e do estylo indecoroso,
 e do enio da Corte está sujeito;
 e hum culto infame, e vergonhoso
 e não vota o seu respeito
 em cousas indignas da vaidade,
 e do poder, da dignidade.

NÃO

LXXX.

Não se sujeita á cega irreverencia
 De incensar a perfidia, a tyrania,
 A vil ingratitude, a insolencia,
 A torpeza, o engano, a hypocresia;
 Não se abate aos excessos da indecencia.
 De adular a familia, a companhia,
 E servos dos Ministros; e sem isto
 Ninguem pode dos Grandes ser bemquisto;

LXXXI.

Eu assisti na Côrte de Fernando
 Alguns annos com firme pensamento.
 De render-lhe serviço, acreditando
 A virtude por base, e fundamento;
 Mas o tempo me foi defenganando;
 E depois de maior conhecimento,
 Vi, que a virtude, a honra, e probidade
 Não serviaõ allí de utilidade.

LXXXII.

O favor cegamente dispensava
 Os despachos; e graças, sem respeito.
 A costumes, ou prendas: quem lograva
 Alguma protecção, tinha direito
 A quantas pertençaõs solicitava,
 Quem a não tinha, estava no conceito
 De inutil, e incapáz dos beneficios,
 Dos empregos, das hoaras, dos officios.

LXXXIII.

As intrigas, funesta consequencia
 De hum Governo remisso, e descuidado,
 Grassavaõ sem limite, e da indecencia
 Das ilfusoens o Solio era cercado:
 A vil mentira, a cega complacencia,
 A fervil sujeiçãõ, o descarado
 Fingimento, e ambiçãõ mais importuna
 Eraõ só os degrãos para a fortuna.

LXXXIV.

O meu genio fiel, sincero, e puro;
 Apaixonado amante da verdade,
 Naõ podia firmar passo seguro
 Neste abisõ de horror, e falsidade;
 Perdi-me sempre neste engano escuro,
 Por seguir da razaõ a claridade,
 Fui desprezado, e hoje naõ me pêsã
 Desse desprezo, e desta fingeza.

LXXXV.

Venturoso mortal, que sem inveja;
 A tua sorte julgas por ditosa!
 Exclama o Defensor, o Céu te seja
 Sempre propicio; o teu socego goza;
 Pois que tanto te agrada: em ti se veja
 Na constante alegria, e pas formoza
 Hum exemplo feliz, de que a ventura
 No desprezo das honras se assegura.

Isto

LXXXVI.

Isto dizendo ; nos robustos braços
 Aperta de Camillo o puro peito,
 E lhe assegura nestes doces laços
 Hum eterno penhor do bom conceito :
 Communica-lhe os grandes embarços,
 A que o seu nobre emprego está sujeito ;
 E no resto da noite largamente
 Discorrem no passado, e no presente.

LXXXVII.

Mas apenas os nitidos fulgores
 Da matutina lúz se divisáraõ,
 E das aves os musicos clamores,
 A chegada da Aurora annunciáraõ,
 O grande Defensor, a quem maiores
 Pensamentos o são embaraçáraõ,
 Despedir-se pertende, o beneficio
 Agradecendo do sincero hospicio.

LXXXVIII.

Quiz Camillo fazer-lhe companhia ;
 Mas o Varaõ illustre o não consente,
 E partindo com mostras de alegria,
 A Coimbra caminha diligente ;
 Mas occupada a clara fantasia
 Das rascocas de Camillo, e da prudente
 Conducta, com que a sua independencia
 Dominava do fado a influencia.

LXXXIX.

Contemplando nos sustos, e cuidados,
 Nos perigos, e riscos furiosos,
 Nos trabalhos frequentes, e pesados,
 Nos precipicios varios, e espantosos,
 A que estavaõ sujeitos, e obrigados
 Os seus grandes projectos gloriosos,
 E na triste inconsistancia dos successos
 A pesar dos mais prosperos progressos.

XC.

Hum pouco commovido, e vacilante
 Nas illustres ideas, que tractava
 No grande pensamento; e que a brilhante
 Influencia da gloria lhe inspirava,
 Comfigo mesmo incerto, e a cada instante
 Mais duvidoso o ponto disputava,
 Se devia seguir a fama incerta,
 Ou buscar do focogo a porta aberta.

XCI.

E fatigado destes pensamentos
 Se entregou de Morfeo nos doces braços
 Entre quatro carvalhos corpulentos,
 Do Sol ardente frescos embarços;
 Mas o Genio, que tracta dos augmentos
 Da gloria Portugueza, e sempre os passos
 Observa do Varaõ, a quem presente
 Acompanha, e soccorre diligente.

Em

XCII.

Em sonhos lhe apresenta o vulto amado
 Do terno Affonso, fructo delectoso
 Dos amores de Ignez, acompanhado
 De outro vulto, mas feyo, e pavoroso ;
 Estava o claro Infante ameaçado
 Dos ultrajes do monstro indecoroso ;
 E quando no seu risco se affigia ,
 Huma voz escutou, que assim dizia.

XCIII.

Se te não move a gloria promettida
 A' nobre descendencia, que o Ceo claro
 Te destina; mas hoje conhecida
 Não póde ser de ti; se em seu amparo.
 Não queres arriscar a fragil vida,
 Os vaons prazeres, o socego avaro,
 Mova-te o Filho, que aqui vêz presente,
 Que a sorte tem da tua dependente.

XCIV.

Com elle o fado liberal se ostenta,
 Se tu mesmo não frustras as bonanças ;
 Pois que nelle, e seus filhos accrescenta
 A firmeza das Lusas seguranças ;
 Na sua descendencia o Ceo sustenta
 A Portugal segundas esperanças
 De liberdade contra o vaõ projecto
 Do poder Hespanhol já mais completo.

XCV.

Outro João não menos venturoso
 Delle procederá, que o Trono Lusó
 Há de livrar do jugo injurió,
 Do tyrano poder já nelle intruso;
 Mas em quanto no Solio poderoso
 Não for do teu Affonso o sangue incluso;
 Não menos gloria a fórte lhe prepara
 De Bragança na Casa sempre clara,

XCVI.

Esta será não só na Lusá terra;
 Mas nos Reynos eſtranhos respeitada
 Com quantas preeminências goza, e encerra
 A grandeza mayor, mais elevada;
 Esta sempre será na paz, na guerra
 Com egregios Varoens condecorada;
 Mas para acreditar o seu destino
 Basta sómente o grande Constantino;

XCVII.

Constantino, por quem o Indo eſpera;
 Damaõ se affusta, treme o Reyno injusto
 De Jafanapataõ, por quem se altera
 O Gentio feróz, o Mouro adulto;
 A cega geraçã, a gente fêra,
 Que os Altares confagra a torpe busto;
 A quem ha de ensinar no desperdicio,
 A pia execraçã do sacrificio.

XCVIII.

Vê tu, se queres, no socego indigno
 De huma vil inacção, indecorosa,
 Frustrar tanto favor do Céu benigno,
 Mal lograr tanta fama gloriosa:
 Esse que vês alli Monstro maligno,
 Que acesa de Affonso a luz mimosa,
 He o triste Descuido, que a ventura
 Mais brilhante converte em sombra escura.

XCIX.

Segue agora, se queres, seus ditames
 Em desprezo da gloria concedida,
 E do vil ocio nas prisoes infames
 Consume tristemente a chara vida;
 Mais Defensor da Patria te não chames;
 Nem da prole te lembres promettida,
 Se tanto teus desejos lisonjea
 Huma triste inacção escura, e fea.

C.

Calou-se a voz: os vultos apparentes
 Se desvanecem, qual a sombra escura
 Se desfaz entre os rayos refulgentes,
 Na presença do Sol, ou da luz pura,
 O Varão despertou; mas taó presentes
 As fingidas imagens lhe figura
 A fatigada idéa, que acordado
 Jáda busca de Affonso o vulto amado.

CI.

E supposto que em fim se defengana
Ser tudo sonho, tudo fingimento,
Nem por isso do fusto a dôr tyrana
Em páz lhe deixa o claro pensamento;
Já lhe parece, que o valor profana
Com brandas illusoens de abatimento,
Já se accusa de froxo; porque déra
Attençaõ de Camillo á voz sincera.

CII.

E de novo nas chamas abrazado
Do desejo da gloria, e fama eterna,
Que he quem sempre no risco mais pesado
Os pensamentos dos Heróes governa,
Nãõ soffrendo demoras no cuidado,
Que lhe accrescenta inspiraçaõ superna;
Monta a cavallo, e cheio de ousadia
A' risonha Coimbra os passos guia.

FIM DO CANTO VII.

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that this is essential for ensuring transparency and accountability in the organization's operations.

2. The second part of the document outlines the various methods and tools used to collect and analyze data. It highlights the need for consistent data collection procedures and the use of advanced analytical techniques to derive meaningful insights from the data.

3. The third part of the document focuses on the role of technology in data management and analysis. It discusses how modern software solutions can streamline data collection, storage, and analysis processes, thereby improving efficiency and accuracy.

4. The fourth part of the document addresses the challenges associated with data management, such as data quality, security, and privacy. It provides strategies to mitigate these risks and ensure that the data remains reliable and secure throughout its lifecycle.

5. The fifth part of the document concludes by summarizing the key findings and recommendations. It stresses the importance of ongoing monitoring and evaluation to ensure that the data management processes remain effective and aligned with the organization's goals.

A LIBERDADE.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

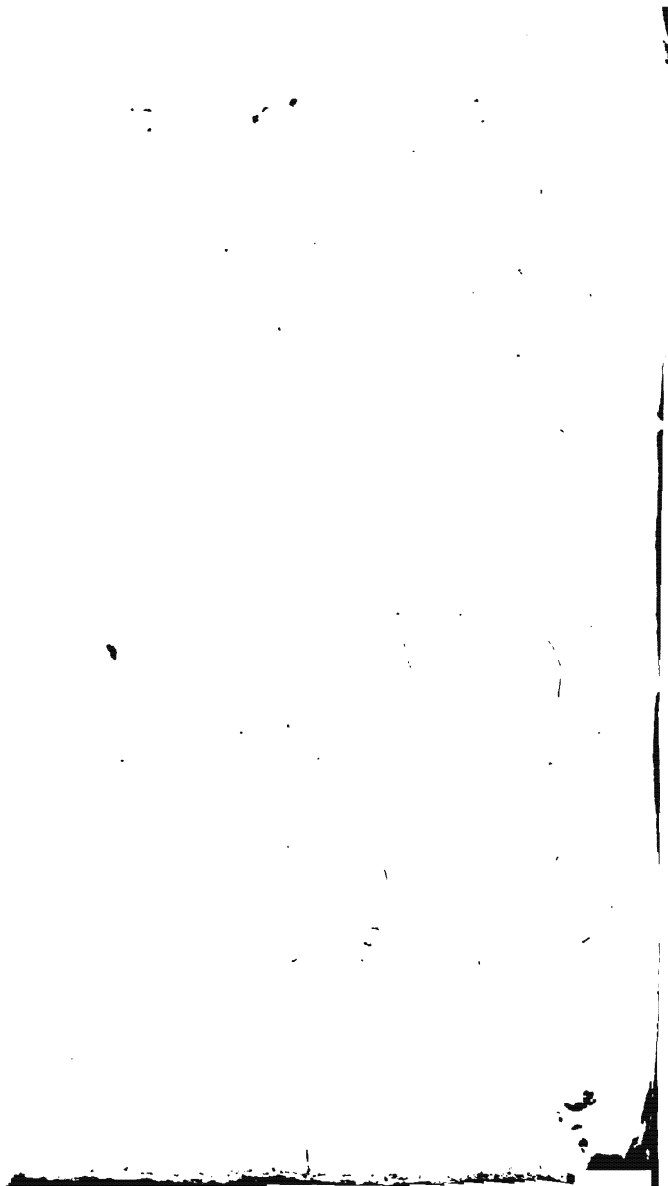


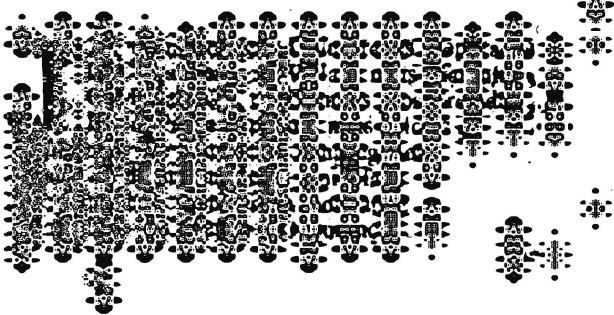
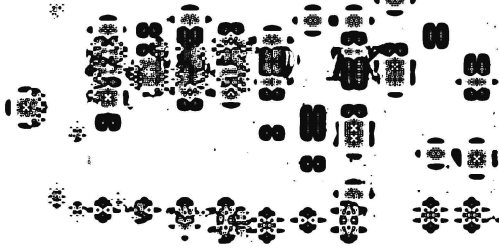
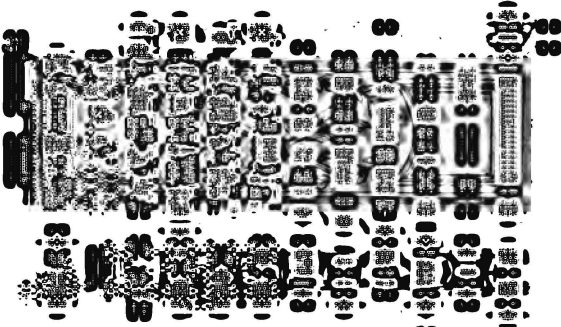
CONGREGADOS os Prelados, a Nobresa, e os Procuradores dos Povos, e junta a Nação em Côrtes, João das Regras, famoso Jurisconsulto faz huma larga falla ao Congresso, em que explica os principios da Sociedade Civil, a origem do Poder Soberano, as diversas qualidades delle, as varias Constituições dos Estados, e a particular de Portugal. Mostra que este Reyno he de legitima successão; mas pertende provar, que não ha legitimos Successores dos ultimos Reys, que devam justamente pertender a Corôa Portugueza. Para isto impugna o Direito do Rey de Castella, e da Raynha sua Mulher: intenta mostrar, que esta

Z

esta não he Filha legitima do Senhor Rey D. Fernando, pela nullidade do casamento de sua Mãe, e por outras razões: que esta Princeza não he legitimamente casada com El-Rey de Castella; e que no caso de saltarem todas estas nullidades, tinhão perdido aquelles Reys toda a justiça, que podessem ter á successão de Portugal; pelos mesmos Tractados, em que fundavaõ a sua pertençaõ; pois haviaõ faltado as condiçoens ajustadas, e incorrido nas penas, que ellês mesmos se impozerão. Depois pertende o Doutor provar, que os Príncipes Filhos da Senhora D. Ignéz de Castro, não forão legitimos Filhos do Senhor Rey D. Pedro, e para isto intenta impugnar a realidade do casamento dos Pays, e mostrar, que ainda no caso de ter sido effectuado, seria nullo o tal casamento; tirando por conclusãõ de todo o seu discurso, que o Trono Portuguez se acha verdadeiramente vago, que o direito de eleger Rey pertence aos Povos, e que o Estado alli congregado pôde eleger a seu arbitrio. Depois aponta as bellas qualidades, e prendas do Defensor, as obrigaçoens, que lhe deve o Reyno, e as esperanças, que nelle pôde fundar. A mayor parte do Congresso parece aplaudir esta opiniãõ; porem Martim Vasques falla a favor dos

dos Filhos da Senhora D. Ignez com valente resolução, e se alteraõ taõ variamente os animos, que nada se pôde rezolver por aquilla vez. Em tanto o Geniõ infernal, vendo a occasiã opportuna, se vale da Discordia para que vá perturbar as idéas do Congresso. Falla a Discordia a Martim Vasques, e havendo inflâmado o coração de Vasques, e seus partidarios, passa a commover o peito do grande Nunõ, a quem irrita de sorte, que projecta matar a Vasques, e para isto fallã ao Defensor, que detesta similhante proposta; e o reprehende de taõ baixo pensamento. Ajunza-se de novo o Congresso, e se embarça cada vez mais a duvida; mas chegando a fallar Affonso Domingues de Aveiro, Procurador de Coimbra, pondéra as razoes de hum, e outro partido; abona humas, e impugna outras; considera o estado presente do Reyno; e mostra finalmente a precisaõ indispensavel de eleger hum Rey, e que este deve ser o Defensor.





II.

Dizia-se com plena liberdade,
 Que o Trono estava vago; que o direito
 De conferir a Regia Dignidade
 Era proprio do Estado, e que em defeito
 Da legitima antiga auctoridade,
 Aquem o Reyno todo era sujeito,
 O poder, que dos Povos procedera,
 Aos mesmos outra vez se revertera.

III.

Destas grandes idéas possuidos,
 E do zêlo da gloria Portugueza,
 Ou de occultos influxos commovidos,
 Com que animava o Céu a dura empreza,
 Em severos Juizes erigidos,
 Da pertençaõ mais alta da grandeza,
 Os Povos inquietos fluctuavaõ
 Sobre a nova eleição, que meditavaõ.

IV.

Huns nos Filhos de Ignez justiça bella
 Descobriaõ, com fortes fundamentos;
 Outros têm na Raynha de Castella
 Occupados os altos pensamentos;
 Huma parte da gente se desvela
 Em frustrar da contraria os argumentos;
 Mas os mesmos partidos mais oppostos
 No Defensor os olhos tinhaõ postos.

Che-

V.

Chegado em fim o tempo, em que devia
 Disputar-se a questão publicamente
 Na Assembleia geral, que pertendia
 Ser Tribunal no caso competente;
 Joab das Regras, Varão em quem se unia
 Huma vasta sciencia ao mais patente
 Zêlo pela Nação, com firme aspecto,
 Assim rompe o mysterio do projecto.

VI.

Ferrissimos Varões, em quem o nobre
 Amor da Patria, e publico interesse
 Taõ constante, taõ puro se descobre,
 Que as antigas façanhas escurece;
 Se hum peito fraço, se hum discurso pobre
 De hum Cidadão fiel, que reconhece
 Os seus deveres, e prezar protesta
 O nome Portuguez, vos não molesta.

VII.

Permitti, que eu exponha sem disfarce,
 A's vossas attençoens, o desamparo,
 Em que o Reyno se observa, se explicar-se
 He necessario hum mal, que está taõ claro,
 Ponderemos se pôde acautelar-se
 O tyrano rigor do fado avaro,
 Que pareceç destina a Lusã gloria
 A perder-se das gentes na memoria.

Vos

VIII.

Vós sabeis todos, nem alguém duvida;
 Que todo o corpo para ser perfeito,
 Cabeça deve ter, em que rezida.
 De reger os mais membros o direito;
 Este corpo, que Estado se appellida,
 Segue a regra geral, e no conceito
 De Político Corpo, huma cabeça
 Precisamente he força, que conheça.

IX.

Em quanto os homens poucos, e grosseiros
 Viverão livres, e sem ley, formava
 Cada Familia hum Corpo, e dos primeiros
 Respeitos, como Chefe, o Pay gozava;
 Porém logo depois que os verdadeiros
 Principios da Policia, a gente brava
 Conheceo com mais luz, foi necessaria
 Novos Corpos formar por modo vario.

X.

Nelles todos os membros congregados
 Em commum beneficio mutuamente,
 Para serem servidos, e abonados
 Huns dos outros, em fórma competente;
 Nos illustres objectos occupados.
 De huma vida civil, conveniente
 A doce condiçãõ de gente amiga,
 Foi preciso alterar a regra antiga.

XI.

O receyo dos riscos iminentes,
A' triste solidad, falta de amparo,
Na soberba cruel dos insolentes,
Na vil cobiça de hum visinho avato,
Nas impunes açoens dos delinquentes,
Nos insultos, e fraudes, sem reparo,
Foi a causa primeira, ou fundamento
Deste Corpo, ou civil ajuntamento.

XII.

E sendo indispensavel, que tivesse
Hum tal Corpo Cabeça respeitavel,
Que dirigir, que regular podesse
Os progressos da vida Sociavel,
Foi preciso, que nella depozeisse,
Com pura demissã inalteravel,
Cada qual o poder, que possuia
Sobre si, sobre os filhos, que regia.

XIII.

Foi preciso çeder da liberdade
Do estado natural, e do direito
Da primitiva origem da igualdade,
Que competia a todos, no conceito
Procedido da propria dignidade
De homens livres, fazendo mais perfeito
Aquelle sacrificio a nobre idéa
De abonar mutuamente a forte alhea.

Da

XIV.

Daqui vem o poder illimitado
 Das Republicas, Reys, Imperadores;
 E de outros Chefes de qualquer estado
 Reconhecidos nelle por Senhores;
 Com qualquer destes nomes respeitado
 O supremo poder dos Regedores
 Constitue a Cabeça veneravel
 De todo, e qualquer Corpo Sociavel.

XV.

Esta Cabeça, ou seja simplesmente
 Hum só homem, ou seja mais unidos
 No supremo Poder independente,
 Hé quem governa os membros repartidos
 Sem ella não se anima a competente
 Aura vital dos Reynos mais luzidos,
 Sem ella os membros de qualquer Estado
 Tem todo o seu vigor defalentado.

XVI.

Nella consiste a força Soberana;
 Que premea, castiga, e determina
 As acçoens principaes da especie humana;
 Que a viver civilmente se destina;
 Nella têm protecção a vil cabana,
 O Palacio dourado, a seda fina,
 O rustico burél, o pastor pobre,
 O Ministro, e Soldado, o Grande, o Nobre.

Del-

XVII.

Della depende toda a economia
 Do Politico Corpo, que descança
 Na sua providencia, e lhe confia
 Os cuidados da propria segurança;
 Ella goza o Poder, que competeia
 A todos geralmente, e que a esperança
 De ser mais justamente praticado,
 Lhe fez ceder por bem de todo o Estado.

XVIII.

Esse grande Poder foi conferido
 Variamente, conforme a natureza
 Do Governo; por muitos repartido,
 Ou entregue á prudencia, e fortaleza
 De hum só homem; só deste possuido;
 Ou vinculado com maior firmeza,
 Na sua descendencia, mas constante
 Irrevogavel, firme, e dominante.

XIX.

Os que tem só por annos, ou por vida
 Este Poder, e fica dependente
 A successão da honra concedida,
 Dos suffragios do Povo novamente,
 Saõ Cabeça do Estado conhecida;
 Mas no termo prescripto simplesmente;
 Passado o qual, o Povo tem direito
 A pôr no seu lugar qualquer sujeito.

XX.

Os que alcançãõ aquella dignidade
 Por successãõ, e gozãõ do direito
 De transmittir a summa auctoridade
 A' sua descendencia, sem respeito
 A suffragios do Povo, a faculdade
 Tem de imperar seguros no conceito,
 De que devem achar nos seus Estados
 A mesma sujeiçãõ, que os seus passados.

XXI.

Deste numero sãõ os gloriosos
 Monarchas Portuguezes sem disputa,
 A cujo sangue os cultos respeitosa
 Da fé mais puta o nosso amor tributa;
 A legitima prole dos famozos
 Reys primitivos, sem questaõ, desfructa
 O Governo do Estado; mas agora
 Em confuzãõ mais triste se labora.

XXII.

Qual' seja aquella prole, ou se em verdade
 Hoje alguma se dá, que justamente
 Se attribua taõ alta qualidade,
 He o ponto da duvida presente:
 Eu direi o que sei, com liberdade;
 Com essa cada qual diga o que sente,
 Que em materia taõ grave naõ he justo,
 Que se attenda amizade, ou odio, ou susto:
 Por

XXIII.

Por morte de Fernando, extinta a linha
 Dos augustos Varoens, a quem fiado
 O leme do Governo o Reyno tinha,
 Do grande Affonso o fangue venerado;
 Resta só de Castella na Raynha,
 Ou nos filhos de Ignez; porém manchado
 Com sombras taes, defeitos taõ patentes,
 Que pouco, ou nada abona os pertendentes.

XXIV.

No que tóca á justiça da primeira,
 Por Filha de Fernando, he cousa clara;
 Que ella fora a mais certa, e verdadeira,
 Se dignamente della se abonára;
 Ser a Filha dos bens do Pay herdeira
 Não he cousa taõ nova, nem taõ rara;
 Que podesse metter-se em argumento
 A justiça daquelle fundamento.

XXV.

Mas a forte fatal desta Princesa,
 Digna de melhor Mãe, melhor Marido;
 Lhe embaraça o direito, que á grandeza
 Da sua qualidade era devido:
 Ella o perde primeiro na incerteza
 De legitima Filha haver nascido;
 E depois no Conforcio incestuoso,
 Que contrahio com inconcesso Esposo.

Que

XXVI.

Que a Raynha de Hespanha se não deva
 Legitima dizer, hê taõ patente,
 Que duvido, que alguem já mais se atrevê
 Hum ponto a contestar taõ evidente;
 Não será necessario, que se escreva
 Dilatado papel, ou que eloquente
 Orador, com discursos elegantes,
 Manifestê verdades taõ constantes.

XXVII.

Vós Senhores sabeis, que b. casamento
 De Fernando só teve na apparencia
 O sagrado valor de Sacramento,
 Sendo hum simples rebuço da violencia;
 O cego amor, que fez o fundamento
 Deste absurdo fatal, desta indecencia
 Romper podia as Leys; mas não podia
 Legitimar á força, que fazia.

XXVIII.

A Raynha no tempo, que Fernando
 Por Mulher a tomou, era casada,
 E bém elaro se mostra, que durando
 O pr primeiro Conforcio, embaraçada
 Para segundo estava, e que abusando
 O Rey do seu poder, contra a jurada
 Fé do laço Sagrado, escurece-lo
 Podia sim, mas nunca dissolve-lo.

XXIX.

Set casada a Raynha he taõ constante ;
 Taõ notorio , taõ certo , e taõ sabido ,
 Que naõ creyo , que alguem haja ignorante
 De hum taõ publico facto ; e se arguido
 Foi de alguns , como nullo , e repugante
 A's Canonicas Leys , por contrahido
 Entre parentes ; estes dispensados
 Foraõ da Santa Sé nos grãos vedados ;

XXX.

Naõ fallo do pretexto impertinente
 De naõ ser consumado este Contracto ;
 Que a Raynha affectou astutamente
 Por fazer seu amor ao Rey mais grato ;
 Pois Alvaro da Cunha aqui presente ,
 Fructo deste Conforcio , o mais exacto
 Testemunho he daquella circumstancia ,
 Abonada do Rey sem repugnancia .

XXXI.

Mas quando ser podesse dissolvido
 O primeiro Contracto , ou Sacramento ;
 O que ser naõ podia , he bem sabido ,
 Que restava com tudo impedimento :
 O primeiro Marido conhecido
 Primo de El Rey , fazia o casamento
 Segundo incestuoso , e mal podia
 Hum taõ torpe Contracto , ter valia .

Podé-

XXXII.

Podéra accréscentar á nullidade
 Daquelle Matrimónio algum defeito
 Na Princeza, que a pouca lealdade
 Da Mãy descobre; mas no meu conceito
 Não tem valor a vil malignidade:
 Das calumnias do Povo, e sem respeito
 A torpes detracçoens, direi sómente
 Os defeitos do laço incompetente.

XXXIII.

O Rey de Hespanha Tio em grão terceiro
 Era desta Princeza, nem podia
 Contrahir Matrimónio verdadeiro
 Taes parentes, que bem se conhecia;
 E supposto, que o voto lifongeiro
 Dos que aquelle Conforcio defendia,
 Allegue a seu favor certa dispensa,
 Nada pôde servir-lhe de defenſa.

XXXIV.

Esta graça não he de algum proveito
 Para a firmeza do Sagrado laço,
 Porque falta o poder, falta o direito
 Em quem soltar queria este embaraço:
 O legitimo Papa, que o defeito
 Só podia emendar com forte braço,
 Armado do poder do Omnipotente,
 Nem dispensou, nem se lhe fez patente.

Do

XXXV.

Do intruso Antipapa aquella graça ;
 Ou fantástico indulto foi firmado,
 Porque aquella Monarcha por desgraça
 Se fez feu partidario declarado,
 E bem longe de que ella satisfaca
 Aquelle impedimento ponderado,
 Outros novos lhe argue, e manifesta
 Contra o direito, que orgulhoso attestar

XXXVI.

O mesmo Papa em pena deste crime,
 E do Scisma nefando, que protege.
 Este Principe cego, nos exime
 Da sua sujeição; e como herege
 Nos seus proprios Estados lhe supprime
 O dominio supremo, com que rege
 Erradamente os Povos; mas tractemos
 Das queixas. pelloaes, que delle temos.

XXXVII.

Das infollencias fallo, que soffrido
 Temos deste perjuro Rey de Hespanha
 Inimigo do Estado, e conhecido
 Como tal no theatro da Campanha;
 Elle fôra por nós sempre excluido
 Só por Principe ser de gente estranha;
 Mas as suas acçoens abominaveis.
 Nos ministraõ razoens mais respeitaveis.

Aa

Este

XXXVIII.

Este Príncipe injusto, ambicioso
 Desprezador das Leys, e da verdade;
 Inquieto, feróz, duro, e orgulhoso,
 Sem fé, religião, nem probidade,
 Instrumento tem sido rigoroso
 Das desgraças de toda a qualidade,
 Que chora a nossa Patria, e com que affusta
 A nossa liberdade a sorte injusta.

XXXIX.

Todos vós testemunhas oculares
 Sois das promessas, fôis dos juramentos
 Tributados na face dos Altares,
 A's condições, que forão fundamentos
 Do contracto dotal: vós pelos ares
 Levar os vistes dos ligeiros ventos,
 Vós vistes converter em tyrania
 As esperanças doces da harmonia.

XL.

Nos Contractos solennes celebrados
 Nas nupcias deste Rey, e da Princeza,
 De que elle quer, que seja derivado
 Os direitos, que ostenta com fereza,
 Expressamente forão declarados
 O tempo, as condições, a natureza
 Da successão do Reyno, a qualidade
 Do Dominio, governo, e auctoridade.

XLI.

O mesmo Rey com grandes aparatos
 Na presença do Augusto Sacramento
 Duas vezes firmou estes contractos,
 Com Sagrado solemne juramento,
 Elle se impoz, nos termos mais exactos,
 A pena deperjuro, e perdimento
 De todos seus direitos, se algum dia
 Faltasse ás condiçoens, que promettia.

XLII.

Que tem faltado a todas, alterando
 O tempo, a fórma, e ordem promettida,
 Desde a morte funesta de Fernando,
 He verdade patente, e bem sabida:
 Todo o Reyno opprimido está clamando
 Contra tanta infolencia commettida,
 Porém bastava a guerra, que tem feito
 Para perder de todo o seu direito.

XLIII.

Por ella tem perdido não sómente
 Esse direito, se algum teve antigo;
 Mas incorrido rigorosamente
 Nas penas, que se impoz para castigo;
 Ellas são muitas; mas presentemente
 Basta só dever ser por inimigo
 Conhecido do Estado, e reputado
 Perjuro inhabil, falso, e reprovado.

XLIV.

Resta ver se a justiça favorece
 Mais os filhos de Ignez, e Pedro Augusto;
 Em quem parte do Povo reconhece
 A' successão direito claro, e justo:
 He bem certo, que nelles resplandece
 Dos Lusos Reys o sangue, e que o robusto
 Sexo lhe dá mais firmes fundamentos,
 Para abonar aquelles pensamentos.

XLV.

Mas o triste problema, em que labora
 O matrimonio da infelice Dama,
 Menos solida, e firme faz agora
 Aquella opinião, que o Povo acclama;
 Eu reconheço, nem alguém ignora,
 Que o Rey o attestou; porém a fama
 Em contrario, tem provas tão valentes;
 Que abona bem as duvidas presentes.

XLVI.

El Rey posto que Rey, era sujeito
 A naturaes paixões da humanidade;
 De que não vive izento o grande peito
 Dos mais claros Varoens na herocidade;
 Amor, como fabeis o tinha feito
 Commetter erros de alta qualidade,
 E não lhe offende o culto reverente
 Examinar o caso attentamente.

Em

XLVII.

Em dois pontos consiste o fundamento
 Da disputa, que deve examinar-se,
 Hum se foi certo aquelle casamento,
 Outro se sendo, deve bom julgar-se;
 Na balança do nosso entendimento
 Com prudente exacção, devem pesar-se.
 As razões com que impugna, ou favorece,
 Qualquer destas questões, quem as conhece.

XLVIII.

No tempo, que do Reyno o duro freyo
 Affonso Pay de Pedro moderava,
 Quando o Principe amante o terno seyo
 A' mais viva paixão sacrificava,
 Tendo o prudente Pay algum receyo
 De que este amor do Filho (que já dava
 Escandalo ao Reyno) ter podesse
 Raiz, que ser cortada não devesse.

XLIX.

Em seu nome mandou dois Conselheiros,
 Hum dos quaes he Pacheco, aqui presente,
 A saber os progressos verdadeiros
 De huma paixão tão cega, e tão vehemente;
 E ponterando aquelles mensageiros
 A materia da duvida presente,
 Como ponto, do qual dependeria
 A conducta, que o Pay tomar devia.

Na

L.

Na presença do Príncipe amoroso
 Com instancias, e rogos porfiados,
 A certeza do caso duvidoso
 Pedirã pelo Rey auctorisados;
 Mas prevendo, que o Filho receoso
 De occasionar desgostos mais pesados,
 Poderia por fulto, ou por cautela
 Occultar a verdade, ou parte della.

LI.

Lhe attestáraõ debaixo da firmeza
 Da palavra Real, que o Pay faria
 Tractar a bella Ignez como Princeza,
 Se por sua mulher a conhecia;
 Que a sincera verdade com certeza
 Saber delle sómente pertendia,
 Para bem regular os seus projectos,
 E focegar rúmorez indiseretos.

LII.

Mas a pesar daquelle segurança,
 A pesar dos impulsos da ternura,
 Que podéra vencer-se da esperança
 De lograr o seu gosto em paz mais pura,
 O Principe inflexivel na bonança,
 Como nos riscos da fortuna escura,
 Naõ só negou aquelle casamento,
 Mas que já mais tivesse hum tal intento.

Vede

LIII.

Vêde pois, como pôde accreditar-se
 O que depois de Rey quiz dar por certo,
 Pertendendo com sustos desculpar-se,
 De ter hum caso tal sempre encoberto;
 Se este susto podeffe concordar-se
 Com as feyas acçoens, que em campo aberto
 Obrou contra seu Pay, ao menos fora
 Mais verosimil esta escusa agora.

LIV.

Mas hum filho que pôde sem receyo,
 Tomar as armas, declarar a guerra
 Contra o Pay, contra o Rey, romper o freyo
 Das regras todas, que o dever encerra;
 Ostentar de inimigo o nome feyo,
 Devastar cruelmente a Patria terra,
 Não se atreve a dizer, que está casado,
 Porque teme do Pay o triste enfado?

LV.

E que razões de susto, ou de embaraço,
 Depois de morto Affonso, haver podia,
 Para não publicar o Santo laço
 Se legitimo, e firme o conhecia?
 Em tres annos não teve hum Rey espaço
 Para tratar materia, que pedia
 Tão prompta providencia? Não lhe dava
 Cuidado a prole, que tão terno amava?

LVI.

Só quasi já no fim de quatro annos
 Depois que o Regio Ceptro manejava
 Se lembrou este Principe dos damnos ;
 Que esta triste incerteza occasionava ;
 E corrida a cortina dos arcanos ,
 Que do publico os olhos affombrava ,
 Foi facil de provar o casamento
 Com alheios , e proprio juramento.

LXVII.

Porém , que vale aquella diligencia
 No juizo dos homens mais prudentes ?
 Que se póde julgar da inconsequencia
 Das mesmas asserçoens dos assistentes ?
 O Rey diz , que não tem certa sciencia
 Do dia , nem do mez : hum dos presentes
 Affirma com certeza , que sabia
 Ser de Janeiro no primeiro dia.

LVIII.

Ora vede , que dia , e que successo
 Para ser esquecido , ou mal notado !
 O dia o mais solemne , o mais expresso ;
 O successo o mais digno de cuidado ;
 Quem credulo será com tanto excessso ,
 Que em taes contradicçoens embaraçado ,
 Não duvide da fé daquella prova ,
 Que a suspeita não tira , sim renova.

Mas

LIX.

Mas não podia ser solidamente
Celebrado o Conforcio pretendido ;
Porque o Príncipe augusto era parente
Da contrahente esposa em grão prohibido ;
Era seu Tio , e era juntamente
Seu Compadre , e no caso de haver sido ,
Seria sempre nullo o despoſorio ,
Por mais que fosse certo , e bem notorio ;

LX.

Nestes termos extincta a descendencia
Do grande Affonso , he certo , que o direito
De dar ao Trôno nova providencia ,
He só proprio do Estado ; e que Sujeito
Pode mais merecer a preferencia
Dos affectos , do gosto , e do respeito
Dos Póvos , doque o mesmo , que tem sido
Por Defensor do Reyno conhecido.

LXI.

Vós todos conheceis o grande alento ;
O pobre coração , o zelo puro ,
O genio doce , o claro entendimento ,
O constante valor , o braço duro ,
A justiça , a piedade , o sofrimento ,
O generoso amor , e bem seguro
Deste illustre Varão , que em nosso amparo
De si tem dado testemunho claro.

LXII.

Vós sabeis, que por nós tem padecido
 Trabalhos grandes, riscos horrorosos,
 Que nos tem governado, e dirigido
 Sabiamente nos casos duvidosos;
 Sabeis, que em suas veias transmitido
 Dura o sangue dos Lusos Reys famosos,
 E com taes qualidades me parece,
 Que os sufragos de todos bem merece.

LXIII.

Disse, e todo o Congresso alvorçado:
 Parecia apaludir gozofosamente
 Aquella opiniaõ; mas focgado
 O primeiro rumor da baixa gente,
 Martim Vasques, varaõ acreditado
 Por cortezã discreto, e por valente,
 Que dos filhos de Iguez, de tempo antigo
 Fôra sempre fiel, e certo amigo.

LXIV.

Levantando-se em pé; com fero gesto,
 Com impulso arrogante, e mostras de ira,
 Inculcando desgosto manifesto
 Do discurso, que Regras proferira,
 Desta forte fallou: Eu não contesto
 Do Defensor as prendas; mas não tira
 O seu merecimento á minha idéa
 A luz brilhante da justiça alhea.

Na

LXY.

Na minha opiniaõ he sem disputa,
 Legitima de Iguez a prole clara,
 E nesta opiniaõ, quanto executa
 Em prejuizo feu a forte avara,
 Me parece injustiça; quem lhe imputa
 Defeitos nesta parte, ou naõ repara
 No respeito, que deve á Magestade,
 Ou naõ quer convencer-se da verdade.

LXVI.

Alterou-se o Congresso variamente;
 Segundo cada qual favorecia
 Os diversos partidos, que igualmente
 Com razocens bem fundadas defendia;
 E porque o tempo breve naõ consente
 Decidir-se a questãõ naquelle dia,
 Dissolveo-se a Assembleia, transferido
 Para segundo, o ponto debatido.

LXVII.

Mas o Genio cruel, que naõ cessava
 De maquinar desordens, e perigos
 A' gloria Portugueza, e que buscava
 Os meyo de exercer odios antigos;
 Achando agora, como dezejava,
 Desunidos os animos amigos,
 Se propöz conseguir desta porfia
 A ruina total da Monarquia.

Com

LXVIII.

Com este horrivel pensamento digno
 Das idéas do Pay da falsidade;
 A Discordia buscou, Monstro maligno;
 Filha cruel da barbara maldade;
 Esta Furia, que o peito mais benigno.
 He capaz de inflammar em crueldade,
 Promptamente o soccorre, e sem focogo.
 Voa ligeira ás margens do Mondego.

LXIX.

Alli Vasques, com grande companhia
 De parentes, e amigos passava,
 E com elles o ponto confavia,
 Que o cuidado de todos occupava;
 Cada qual variamente discorria
 Sobre a questáo, que Vasques propugnava;
 E já muitos com zelo descoberto
 Alguns meyos propunhaõ de concerto.

LXX.

Quando a feya Discordia se apresenta
 Na figura de hum velho reverente,
 Que no semblante, e no vestido ostenta.
 Apparencias de hum homem penitente,
 A companhia nelle achar intenta
 Conselhos santos, instrucçáo prudeate;
 E com animo pio lhe declara
 O motivo, que alli os ajuntára.

Mas.

LXXI.

Mas a Furia fingindo o zêlo puro ;
 Que detesta no fundo de seu peito ;
 E disfarçando a raiva , e odio duro ;
 Que sab do seu furor preciso effeito ,
 Desta sortè lhe falla : Eu não procuro
 Lizonjejar alguem ; o meu conceito
 Tem só por fundamento invariavel
 A justiça , a verdade inalteravel.

LXXII.

O Trono não he vago ; o claro Infante
 Filho de Ignez he Rey por nascimento ;
 Vós não podeis faltar á fé constante ,
 Que lhe deveis por justo rendimento .
 Qualquer nova eleição não he bastante
 A soltar-vos do firme juramento
 Prestado pelos vossos ascendentes
 Na pessoa de Affonso , aos descendentes

LXXIII.

Disse , e cada palavra articulada
 Pela lingua do Monstro furioso ,
 Deixava a companhia invenenada
 Do mais cruel ardor , mais fervoroso ;
 Cada qual a favor da confirmada
 Opinião protesta escrupuloso
 De não mudar já mais deste conceito ;
 E defender do Principe o direito.

Em

LXXIV.

Em tanto o monstro fero prostrando
 Completar o projecto abominavel,
 Nos coraçoes mais nobres derramando
 O contagio da raiva infaciavel,
 O grande Nuho busca, que ordenando
 Andava com desvelo incomparavel
 Os meynos de attrahir a seu partido
 O suffragio de Vasques atrevido.

LXXV.

Na figura de hum bravo Cavalleiro
 Seu camarada antigo; e confidente
 Lhe apparece a Discordia, e no guerreiro
 Coraçao lhe ministra a fuzia ardente;
 Como pode, lhe diz com tom grosseiro,
 Soffrer vosso valor, que abertamente
 Embarasse só Vasques atrevido
 Do vosso empenho o fructo apeteido.

LXXVI.

Hum homem só he justo que pertenda
 Contra nós, contra toda a qualidade
 De votos, sustentar esta contenda
 Excitado por propria authoridade?
 Soffrereis vós, que exponha; e que defenda
 Outra vez no Congresso a dignidade
 Dos Infantes, que a sua confiança
 Legitima com tanta segurança?

Onde

LXXVII.

Onde está vosso zelo, e vosso affecto
Pelo Mestre de Aviz? Eu não soffrera
Deixar engrossar mais este projecto,
Se como vós, tão claro procedera:
Todos sabem, que o vosso grande objecto
He fazer acclamar com paz sincera
O Defensor; vós mesmo claramente
Fazeis gloria de ser seu confidente.

LXXVIII.

O Reyno todo alegre, e satisfeito
Se dispoem a cumprir nossa vontade;
E com mostras de affecto, e de respeito;
Todos tem por geral felicidade
Esta digna eleição, que por direito
O corpo da Nação tem liberdade
De fazer em tal caso, nem duvida
Alguem desta verdade tão sabida.

LXXIX.

Só Vasques arrogante he quem disputa
A feliz conclusão do nosso intento,
E na face de todos executa
Tão feroza, tão soberbo pensamento;
Porém se elle tão bravo se repura,
Que se julga capaz de dar alento
A contrarias facçoens, eu imagino,
Que he facil de curar tal defatino.

LXXX.

Não disse mais; porém inficionando
 Com venenoso influxo o peito forte
 Do constante Varão, foi derramando
 Por outros corações da mesma forte
 O contágio cruel, insinuando
 Nos bellicosos filhos de Mavorte
 Desconfianças, odios, e vinganças,
 E nos Letrados sustos, e mudanças.

LXXXI.

Confundio-se o projecto, que devêra
 Os animos unir: já variamente
 Cada qual discorria; já não era
 A gloria Nacional o fim decente.
 Dos cuidados de todos; já fizera
 Da Discordia cruel a peste ardente
 Desmayar com fraqueza, em mais de hum peito
 Do zelo Portuguez o elaro effeito.

LXXXII.

Nuno vivo por genio, e mal soffrido,
 E pela Furia horrenda alucinado,
 Vendo nesta inacção quasi perdido
 O fructo de hum trabalho porfiado,
 E julgando, que tudo procedido
 Era das suggestoens, com que alterado
 Havia Vasques orgulhoso, e cego
 Dos ignorantes Povos o socego.

Com

LXXXIII.

Com animo feroz, e mal disposto
 Contra quem pertendia; que incentivo
 Era das dissenções, e do desgosto,
 Que tanto lhe opprimia o peito altivo;
 O Defensor procura, e tendo exposto
 Dos seus nobres peñares o motivo,
 Desta sorte com vivo sentimento
 Lhe declara o seu bravo pensamento.

LXXXIV.

Vós, Senhor, conheceis o zelo puro
 Com que vos sirvo, com que me interessô
 Na vossa exaltação; o bem seguro
 Affecto, a diligencia; o grande excessô
 Do desvelo, e attenção, com que procurô
 Franquear-vos o Trono, que confesso
 Ser premio diminuto; mas devido
 A's penas, que por nós haveis soffrido.

LXXXV.

Toda a Nação em corpo congregada
 A tão gostoso empenho concorria,
 E no rosto de todos retratada
 Brillhava a doce imagem de alegria;
 Tudo nesta função bem concertada
 O mais feliz successo promettia;
 Hum homem só de espirito imprudente
 Se oppoem á voz de todos insolente.

LXXXVI.

Só Vasques arrogante he quem sustenta.
 O partido contrario, ou por excesso
 De antigas afeiçoens, ou porque ostenta
 Altiva independencia: eu vos confesso,
 Que o vshemente pesar, que me atormenta
 Na duvida cruel deste successo,
 Me perturba de forte a cega mente,
 Que já meos suaves não consente.

LXXXVII.

Se vós me permitiis a liberdade
 De cortar a raiz deste embaraço,
 Eu prometto soltar com brevidade
 Os duros nexos deste cego laço;
 Hum só golpe a fatal ambiguidade
 Fará desvanecer em breve espaço;
 Extincto Vasques, fica sem patrono
 A facção nova, que vos nega o Trono:

LXXXVIII.

Profegia a dizer; mas suspendido
 Foi pelo claro Heróe, que horrorizado
 Do projecto por Nuno concebido,
 Assim lhe falla firme, e socegado:
 Eu tenho em todo tempo conhecido
 O vosso grande affecto, bem provado
 Com acçoens gloriosas, e de alento
 Digno do vosso illustre nascimento.

Po-

LXXXIX.

Porém nunca esperei , que vos podesse
 O zêlo alucinar de tal maneira ,
 Que em materia tão grave vos fizesse
 Incauto discorrer com tal cegueira ;
 Hum homem , como vós tanto se esquece
 Da virtude , e da gloria verdadeira ,
 Que pretende abonar o seu partido
 Por meyo de hum delicto aborrecido.

XC.

Se eu quizesse abufar do vosso alento
 Para tão torpes fins , ou consentira
 Fazer-se o vosso arder , vil instrumento
 Da indecente ambição , da feroz ira ,
 Eu mesmo horrorizado deste intento ,
 Também indigno do Solio me sentira ,
 Que me fora mais pejo , do que gloria
 O caracter do Rey , com tal memoria.

XCI.

O fervoroso impulso , com que inflamma
 A fiel amizade o vosso peito ,
 He bem digno de vós , e de quem ama
 Os deveres de zêlo mais perfeito ;
 Mas se podesse fer , na voz da fama ,
 Injusta causa de hum tão vil effeito ,
 Seria mancha indigna da grandeza
 Do vosso coração , e fortaleza.

Bb 2

Hum

XCII.

Hum taõ nobre, taõ puro sentimento
 Nãõ deve produzir huma indecência,
 Nem das luzes de hum claro pensamento
 Podem nascer as sombras da violencia;
 Se a Naçaõ com geral contentamento
 Me escolher para Rey, a preferencia
 Me serã sempre grata; mas sómente
 Sendo prestada voluntariamente.

XCIII.

Eu nãõ pertendo com açõens atrozès
 Tyranizar da Patriã a liberdade;
 Empresa sò de espiritos ferozes
 Inimigos crueis da humanidade;
 Da barbara ambiçaõ as torpes vozes
 Nãõ me illudem já mais; se a dignidade
 De ser Rey, hum delicto infame custa,
 Seja Rey, quem do crime nãõ se assusta.

XCIV.

Diffe, e logo de novo congregado
 O Corpo da Naçaõ, foi novamente
 O ponto da questaõ examinado
 Pelos membros do Estado attentamente;
 O partido maior, mais avultado
 O Defensor acelama abertamente;
 Porém Vasques, e todos seus sequazes
 Se lhe oppoem com razõens muito effiquazes.

Outros

XCV.

Outra vez o Congresso irresoluto
Nã sabe decidir, e se embaraça;
E na triste incerteza o Povo bruto
Jã maiores desordens ameaça,
Da Discórdia feroz o genio astuto
Inspira fedicoens, odios enlaça,
E já quasi se applaude do successo,
Com que alterado tem todo o Congresso.

XCVI.

Quando chega a fallar hum Cavalleiro,
Da famosa Coimbra Deputado,
Em quem da vil Discórdia o som grosseiro
Jã mais pôde illudir o zêlo hoarado,
Este Affonso Domingues he de Aveiro;
Na Cidade bemquisto, e reputado
No Congresso por sabio, justo, e forte,
E propoem o seu voto desta fórte.

XCVII.

Da presente materia a gravidade,
A grandeza das suas consequencias,
A triste confusã, a variedade
Dos affectos, razoens, e diligencias,
Com que os mesmos amantes da verdade
Tem perturbado as suas evidencias,
Nos enleão de fórte, que he preciso
Sobre tudo formar novo juizo.

XCVIII.

O discurso de Regras, que pertende,
 Que o Trono está vacante, em tal supposto
 Mostra bem, que dos Povos só depende
 Acclamar Rey, que seja do seu gosto;
 Mas as outras razoens, com que defende
 A certeza daquelle presuppuesto,
 Por mais que sejam todas elegantes,
 Não são todas seguras, e bastantes.

XCIX.

Vasques, que têm diversos pensamentos;
 E cabeça se faz de outro partido,
 Não explica as razoens, ou fundamentos
 Porque deve o seu voto ser seguido
 Guiado só dos proprios sentimentos,
 E de antigos affectos commovido,
 Quer, que os nobres impulsos da amizade
 Sejam provas bastantes da verdade.

C.

O Doutor justamente dá por certo,
 Que o direito do sangue só poderá
 Ver-se nos Reys de Hespanha descoberto,
 Ou na prole de Pedro, que nascera
 Da tal lograda Ignez, se longe, ou perto
 Em qualquer dos projectos não houera
 Impedimentos graves, que elle explica,
 Latentêa, e suppoem, que justifica.

Mas

CI.

Mas nem sempre consegue o seu desejo
 Por excesso talvez de diligencia,
 Que até das mesmas luzes o sobejo
 Póde ser embaraço da evidencia,
 Em alguns dos defeitos, eu não vejo
 A pesar dos adornos da eloquencia,
 Aquellas nullidades, que elle aponta,
 E por offensas do direito conta.

CII.

Por exemplo, quem póde seriamente
 Convencer-se, que hum erro de doutrina
 Deva privar os Reys expressamente
 Dos direitos, que o sangue lhe destina?
 Que seja inaptidão de hum pertendente
 A's honras seculares a ruina,
 Que nos membros da Igreja tem causado
 A cegueira de hum Scisma desgraçado?

CIII.

Por ventura não são reconhecidos
 Por legitimos Reys hereditarios
 Os Monarchas de França esclarecidos,
 De Navarra, Aragoã, e outros varios?
 São dos seus Povos menos attendidos,
 Porque são de Clemente partidarios?
 Que tem de ver do Scisma as dissenções
 Com o pleito das Regias Successões.

CIV.

A' que fim a noticia indecorosa
 Dos crimes de Leonor, mal disfarçada,
 Com d'estra reticencia industriosa,
 Só para ser de todos mais notada?
 A' Raynha não he perniciosa
 A desordem da Mãe, mal reputada,
 Essa infamia, ou injusta, ou merecida
 Foi depois da Princeza ser nascida.

CV.

Similhantes razoens daõ mais idêa
 De huma cêga payxaõ incorrigivel,
 Defordenada, cêga, iniqua, e fea,
 Que da recta justiça irreprehensivel;
 E para que he buscar materia alhea
 Da proposta questaõ, sendo infalivel
 A justiça dos outros fundamentos,
 Em que firma o Doutor seus pensamentos?

CVI.

Quem pôde duvidar, que saõ bastantes
 Para negar no Rey qualquer direito,
 As nullidades claras, e constantes
 Dos matrimônios, o geral conceito
 De inimigo do Estado, as importantes
 Infolencias, e faltas, que tem feito
 Nas promessas juradas, nos Tractados,
 E na fé dos deveres mais Sagrados?

Ago-

CVII.

Agora no que toca á prole augusta
Da mal lograda Ignez, mais duvidoso
Me parece o negocio, e menos justa
A sentença, que julga fabuloso
O consorcio dos Pays; porque me affusta
O respeito de hum Rey taõ glorioso,
Taõ justiceiro, e amante da verdade,
Como Dom Pedro foi na realidade.

CVIII.

O Doutor meõmo accusa o juramento
Deste Principe augusto, em que declara
A certeza daquelle casamento,
Que por justos motivos occultára;
Elle confessa, que este sentimento
Geralmente no Povo se espalhara,
E que fora aboado legalmente
Com a familia, e Bispo entaõ presente.

CIX.

Eu naõ sei como provas mais patentes
Possã dar-se de factos semelhantes,
Quando para faze-los evidentes
As testemunhas sós forão bastantes:
Aqui duas depoem, que ambas presentes
Forão no casamento, ambas constantes,
Ambas dignas de fé, hum por honrado,
Outro pelo caracter de Prelado.

Que

CX.

Que importa, q' hum se lembre, outro se esqueça
 Do mez, e dia, se ambas na substancia
 Do negocio concordão? Que interessa
 A noticia daquella circumstancia?
 He possível, que nella estabeleça
 Algum homem prudente a repugnancia
 A' sua fé, notando a identidade,
 Com que se abona o fundo da verdade?

CXI.

Mas que necessidade, ou dependencia
 Há de taes testemunhas, para effeito
 De reduzir ás luzes da evidencia
 Este ponto dos doutos no conceito;
 Depois de ElRey tomar a providencia
 De attestar pelo modo mais perfeito
 A certeza do caso, he bem sabido,
 Que sem mais prova, fica decidido.

CXII.

Nestes termos, se algum dos dois Infantes
 Filhos de Ignez, e Pedro aqui se visse,
 Ou por outras razoes mais importantes
 Impedido talvez senão sentisse,
 A pesar dos defeitos mal soantes,
 Que a malicia insolente presumisse,
 Este só fora Rey no meu conceito
 Por todas as razoes do bom direito.

Mas

CXIII.

Mas o triste destino, que parece
 Da desditosa Mãy herança escura,
 Com funestos influxos desvanece
 Dos claros Filhos a justiça pura;
 Elle primeiramente lha escurece
 Nas infaustas razoens, com que procura
 Em vida de Fernando desgosta-los,
 E dos paternos Reynos separa-los.

CXIV.

Hum delles por altivo, outro obrigado
 Do temor do castigo merecido,
 Por hum crime de todos reputado
 Com o effeito de hum genio enfurecido;
 Qualquer delles das furias agitado,
 De hum bellicofo ardor mal entendido,
 Se expatriou, tomando cegamente
 As armas contra o Estado, e propria gente:

CXV.

Nós ouvimos com o ferro vingativo
 Ferozes assolar nossas Fronteiras,
 Talar os campos do paiz nativo,
 Lançar o fogo ás patrias sementeiras;
 Nós os vimos fervindo de incentivo
 A' Vingança das armas estrangeiras,
 Ostentar-se no campo varias vezes
 Inimigos cruéis dos Portuguezes.

De-

CXVI.

Depois de hum erro tal, continuando.
 O triste influxo da maligna estrella,
 Logo depois da morte de Fernando,
 Forão presos na Côrte de Castilla;
 Alii sem liberdade estão chorando
 A pouca discripção, pouca cautela
 Da passada conduta; mas sem meyos
 De evitar, ou romper os grilhoens feyos.

CXVII.

Odiosos á Patria, e despojados
 Da propria liberdade, o seu direito
 A pesar dos principios mais provados,
 Não pôde produzir algum effeito;
 A lembrança dos Povos magoados
 Inimigos os pinta; e no conceito
 De captivos, ou presos, a desgraça
 O caminho do Trono lhe embaraça.

CXVIII.

O Reyno pede prompta providencia;
 Que não pôde esperar de hum prisioneiro;
 Que em si mesmo, dos ferros na violencia,
 Não pôde exercitar dominio inteiro,
 Conferir-lhe de Rey a preeminencia
 Fora só confirmar-lhe o captiveiro,
 E perder sem alguma utilidade
 Elle, e nós para sempre a liberdade.

Nes-

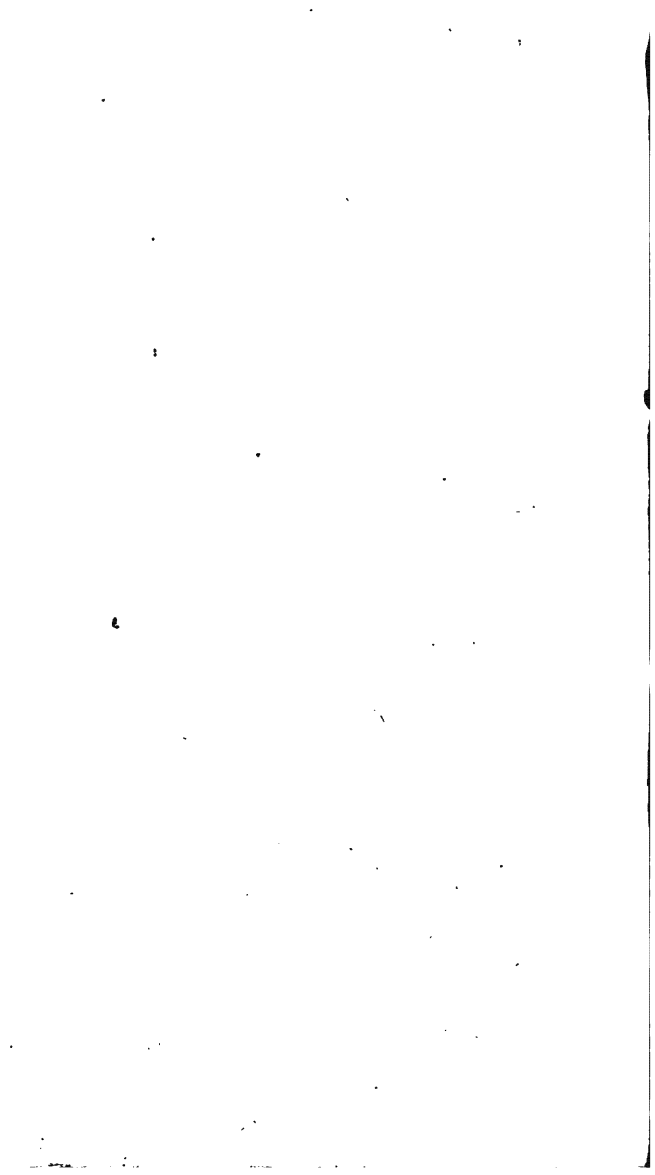
CXIX.

Nestes termos , parece indispensavel
Eleger outro Rey ; mas se o patenté
Risco geral do Estado he quem louvavel
Faz esta acção , sem elle incompetente ,
Nã he de sorte alguma desculpavel
Demorar com disputa impertinente
O remedio de hum damno , que ameaça
Em qualquer dilação fatal desgraça.

CXXI.

No Defensor nos dá o Ceo piedoso
Hum Rey , qual nos convém , do sangue Augusto
Dos antigos Monarchas , glorioso
Pelas próprias acções , valente , justo ;
Sabio , pio , prudente , generoso,
Amante da Nação , forte , e robusto ;
Se a luz do patrio zêlo he quem nos guia ;
Aclama-lo devemos à porfia.

FIM DO CANTO IX.



A LIBERDADE.

CANTO X.

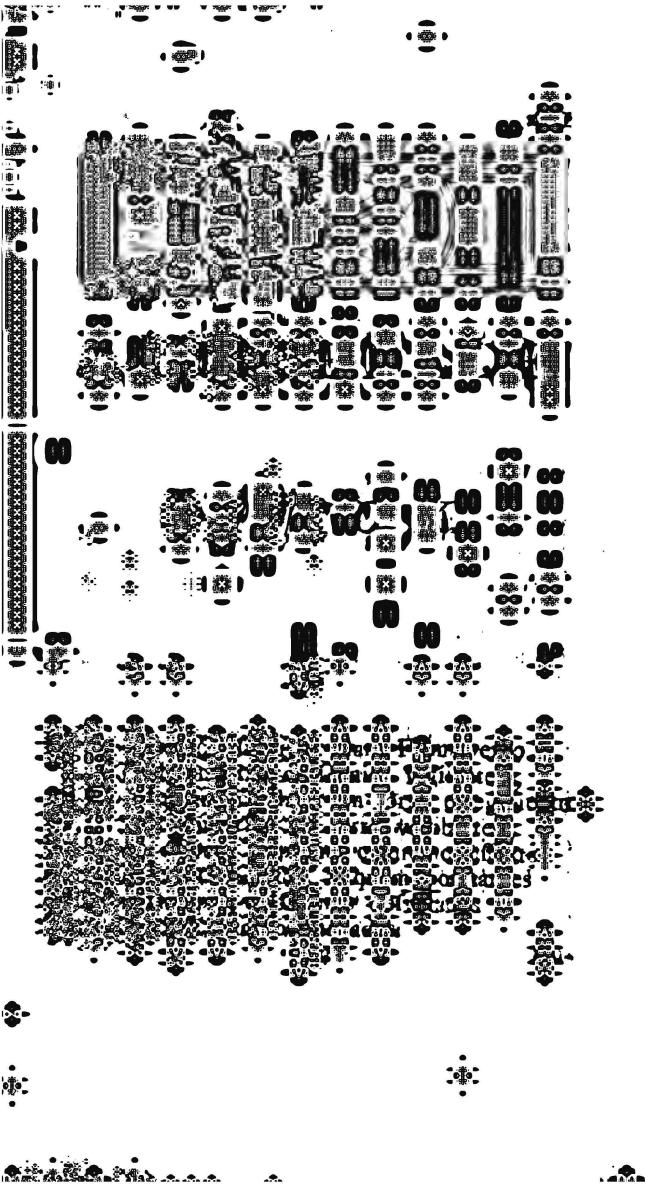
ARGUMENTO.



N quanto nas Côrtes de Coimbra se tractava a disputa sobre a eleição de Rey, o Genio Tutellar de Portugal representa ao Supremo Deos o miseravel estado da Nação, e se queixa de que se empenhem na sua ruina, não só os ordinarios instrumentos do castigo dos Estados, a guerra, e a desunião; mas que as mesmas Furias do Inferno se conjurem descobertamente, no seu estrago, incedendo frustrar as promessas feitas pelo mesmo Deos ao Reyno Portuguez, e supplica efficazmente a Divindade, que confunda taõ soberbos projectos, e ampare os Portuguezes. Assim o concede o Deos Supremo; e acabando de fallar neste

neste tempo o Procurador de Coimbra, todò o Congresso applaude o seu parecer, e com gosto geral se aclama o Defensor, Rey de Portugal. Passa o novo Rey ao Porto, toma Guimaraens, Braga, e Ponte de Lima; mas em tanto, que o Rey restaura a Provincia do Minho; entraõ os Castelhanos na Beira, onde fazem damno consideravel, pela desuniãõ dos Cappitaens Portuguezes; mas Pacheco os concorda, e junto com elles desbarata os inimigos. Entra em fim em Portugal ElRey de Castella com poderoso Exercito, e atravessando a Beira, passa a Estremadura. Relaçãõ do Exercito Castelhana. Marcha o novo Rey Portuguez do Minho, e chega à Abrantes, onde faz revista da sua gente. Arrogancias de alguns Portuguezes, e Voto temerario de Vasco Martins de Mello. Encontram-se os Exercitos no Campo de Aljubarrota, e se dá batalha. Acçoens valerosas do novo Rey Portuguez, do grande Nuno, de Vasconcellos, de Almada, e de outros Portuguezes. Foge ElRey de Castella; morre Vasco Martins no seu alcãce, triunfa o novo Rey Portuguez, e com esta victoria estabelece firmemente a independencia da Coroa, e a Liberdade de Portugal.

A



II.

Onde os casos mais graves desta vida
 Se decidem com firme segurança;
 Se distribue a sorte concedida,
 Ou da triste desgraça, ou da bonança:
 Na presença tremenda, e apeteçida
 Do Grande Deos da paz, e da vingança;
 O Genio Tutellar do Luso Estado
 Assim fallou de zelo penetrado.

III.

Omnipotente Pay, principio eterno
 De toda a natureza, Deos Amavel,
 Deos Temivel, Benigno, Brando, Terno;
 Justo, Recto, Severo, e Respeitavel;
 Deos Unico, e Deos Trino, Rey Supremo
 Dos Monarchas, Senhor Incontestavel
 Dos Imperios, por quem os Reys da terra
 Reynaõ, porquem lhe he dada a paz, e guerra!

IV.

O Lusitano Estado, que incumbido
 Me foi por vós, em triste desamparo
 Sem Cabeça se vê, mal repartido
 Em diversas facçoens: o Vataõ claro,
 Que lhe estava dos fados promettido,
 Para digno Monarcha, sem reparo
 Nos seus grandes talentos, e fadigas,
 Contrastado se vê com mil intrigas.

Naõ

V.

Não bastarão as armas Castelhanas ;
 O furor, e ambição dos inimigos,
 Maquinadas traições, forças tyranas,
 Successivos trabalhos, e perigos ;
 Não bastarão cruezs paixões humanas,
 Oppostas pertenções, odios antigos ;
 Também do mesmo Averno o Genio irado
 Vem perturbar o Reyno desgraçado.

VI.

Elle foi suscitár do torpe feyo
 Das Furias infernaes a venenosa,
 Implacavel Discórdia, que tem cheyo
 O coração da gente bellicosa
 De invencivel ardor, de orgulho feyo ;
 Contra a gloria da empresa generosa,
 Que o zelo da Nação tinha disposto
 Para acclamar Monarcha de seu gosto.

VII.

Se esta empresa, Senhor, he fabricada
 Contra as ordens da vossa Providencia,
 Se he injusta, insolente, ou mal fundada
 Na ambição, na soberba, e na violencia,
 Pague a culpa a Nação mal regulada,
 Confunda o máo successo a diligencia,
 E sirva o seu castigo de escarmento
 A qualquer temerario, altivo intento.

VIII.

Mas se foraõ por mim bem entendidos
 Vossos altos Decretos adoraveis,
 Se os Lusos povos devem ser régidos
 Por proprios Reys, se nelles immutaveis
 Haõ de ver-se os prodigios promettidos
 A' pro genie de Affonso, e se culpaveis
 Naõ saõ nos vossos olhos os projectos,
 Que tem vossos disignios por objectos.

IX.

Como soffre o respeito magestoso
 Da vossa Omnipotencia independente,
 Que das trevas o Espirito orgulhoso
 Frustrar pertenda' os fados desta gente?
 Vós só podéis o curso duvidoso
 Do destino reger com maõ potente;
 Vós só sabeis o tempo, e circumstancias,
 Em que podem mudar-se as observancias.

X.

Se a soberba de Lucifer lhe inspira
 Taõ altivos projectos, se a vingança,
 Os furores, e os odios, que respira
 Lhe ministrãõ taõ louca confiança,
 Conheça o torpe Pay da vil' mentira,
 Que o seu perdido engano naõ alcança
 Algum fructo das suas diligencias,
 Contra a ordem das vossas Providencias.

Assim

XI.

Affim será, responde o Pay Sublime,
 E desta voz á força o Ceo rendido,
 Com susto santo, que o respeito exprime,
 Tremeo de Polo a Polo estremecido:
 O torpe Genio, que a Nação opprime,
 Se sepulta nas trevas atordido,
 Foge a Discórdia do Congresso Luso,
 Cessa das gentes o rumor confuso.

XII.

Acabava de orar naquelle instante,
 Da risonha Coimbra o Deputado;
 E logo na Assembléa em voz constante
 Foi seu vota por todos abonado,
 Nuno sempre affectivo, e vigilante,
 Vendo o caso no ponto desejado,
 Elle primeiro clama em voz festiva,
Viva El-Rei Dom Joáo nosso Rey, viva.

XIII.

Viva, responde em grito lisonjeiro
 A turba popular, viva mil vezes
 O nosso grande Rey Dom Joáo primeiro
 Para gloria immortal dos Portuguezes;
Viva, viva repete o Corpo inteiro
 Do Congresso, com termos mais cortezes
 Emendando dos cultos na observancia
 O desfar da passada repugnancia.

Con-

XIV.

Confuso o Defensor na repentina
 Afluencia de obsequios tão attentos,
 Adora reverente a mãe Divina
 Na prompta execução dos seus intentos ;
 Mas os mesmos prodigios , que imagina
 Na concordia dos varios pensamentos ,
 O fazem ponderar com mais prudencia
 Os encargos da Regia preeminencia.

XV.

Affustado do peso glorioso
 Da grandeza de hum Ceptro , em cujo amparo
 O cuidado do Todo Poderoso
 Se interessava com favor tão raro ;
 E dos proprios talentos duvidoso
 Para reger Imperio tão preclaro ,
 Se escusava modesto com excesso
 A's brilhantes ofertas do Congresso.

XVI.

Mas o Povo affectivo , e alvorçado
 Com instancias , e rogos porfiava ,
 Que sem mais dilacão fosse aclamado ,
 A pesar do receyo , que ostentava ;
 E sendo o claro Heróe certificado ,
 Que hum repudio modesto não bastava
 Para abrandar do Povo a viva idea ,
 Assim fallou no meyo da Assembleia :

Valo-

XVII.

Valorosos, illustres companheiros
Dos trabalhos, e riscos padecidos
Pela gloria da Patria, verdadeiros
Defensores do Estado esolapecidos,
Vós me prestais os nomes visongeiros
De Senhor, e de Rey, nomes luzidos;
Mas temiveis por certo, a quem reflecte
Na grande obrigação, que lhe compete.

XVIII.

Eu me obrigo de mostras tão brilhantes
De amor, de confiança, e de respeito,
Que existirá seguras, e constantes
Eternamente impressas no meu peito;
Mas tão pesados são, tão importantes
Os encargos de hum Rey no meu conceito,
Que não julgo meus hombros competentes
A' grandeza de pesos tão valentes.

XIX.

Proseguia a dizer; mas não permite
A ternura do Povo alvoroçado,
Que complete o discurso, sem que grite
A favor do projecto desejado:
Todos clamaõ, que he força, que exercite
O poder conferido, e que obrigado
Pelo zelo da Patria liberdade,
Deve aceitar a Regia-diguidade.

Mil

XX.

Mil vozes variamente articuladas,
 Mas acordes no mesmo sentimento,
 Com razões pelo zelo ministradas,
 Combatem do Varão o pensamento:
 Elle cede por fim ás porfiadas
 Expressões de tão puro rendimento,
 E penetrado de paixões mais nobres,
 O ditoso consenso assim descobre:

XXI.

Generoso Congresso, respeitavel!
 Simulação da Patria; a quem dedica.
 O meu peito, com zelo inalteravel,
 Toda a sua attenção; e sacrifica
 Todas suas acções; indisputavel
 Obrigação de hum filho, que se applica
 A cumprir dignamente os seus deveres
 A' Mây geral, nas penas, e prazeres.

XXII.

Se he preciso, que eu seja revestido
 Do Supremo poder, se dispensar-me
 Não devo deste empenho, e se o luzido
 Regio caracter devo apropriar-me;
 Se he preciso ceder agradecido,
 A' vontade, que tendes de exaltar-me,
 Eu me rendo com grata complacência:
 A's intenções da vossa providencia.

Serei

XXIII.

Serei Rey, se convem á dignidade
 Da Nação ter hum Rey de sangue Luso;
 Serei Rey, mas do Trono a Magestade
 Gozarei livre do vulgar abuso;
 Todos vós apesar da authoridade
 Do supremo Poder, que não recuso,
 Me achareis sempre o mesmo sem mudança
 Na amizade, no zelo, e confiança.

XXIV.

Vós não me servireis; vós juntamente
 Comigo servireis á gloria pura,
 A' doce liberdade, á permanente
 Justiça da Nação, contra a perjura
 Sacrilega ambição; vós propriamente
 Sereis filhos regidos com ternura:
 Assim disse o Varaõ, e no seu gesto
 Se via o grande zelo manifesto.

XXV.

Qual no fim de huma larga, e duvidosa
 Navegação por climas ignorados,
 Depois da raiva, e furia procelosa,
 Do mar cruel, e ventos indignados,
 A maritima gente cobiçosa
 De recobrar os pórtos defcançados
 Com a vista da terra apetecida
 Grita gostosa, e chora interneçada.

Tal

XXVI.

Tal na grande Assembléa a gente Lusa,
 Que nos riscos da Patria fluctuava,
 E nos varios successos taõ confusa,
 A gostosa esperança imaginava,
 Vendo, que o Defensor já naõ recusa
 O lugar, que a Nação lhe destinava,
 Entre lagrimas doces de alegria
 Mil festivos clamores repetia.

XXVII.

Cada qual neste instante a liberdade
 Crê de novo cobrar, crê ver segura
 Do Trôno Portuguez a dignidade,
 Do nome Lusitano a gloria pura:
 As mais altas lisonjas da vaidade,
 Já cada qual sem custo se figura,
 E com tal Rey, qualquer dos Lusitanos
 Já naõ teme o poder dos Castelhanos.

XXVIII.

Daõ-se as ordens precisas no Congresso
 Para formalizar decentemente
 A conclusãõ feliz de hum tal successo,
 Com acto proprio, e pompa competente;
 Concorre o Povo alegre com excessõ
 A ver o novo Rey; faz-se patente
 A todo o Reyno o caso com presença,
 Executa-se em fim a grande empreza.

Accla-

XXIX.

Acclama-se o Varão, a frente Augusta
 Cinge o sacro Diadema, o Regio manto
 Os fortes membros cobre, a mão robusta
 Impunha o Ceptro antigo, e sobre o Santo
 Respeitavel compendio da Ley justa
 Do Salvador do Mundo o Reyno em tanto
 Jura guardar-lhe fê, tendo primeiro
 Jurado o Rey ser justo, e verdadeiro.

XXX.

Com festivos obsequios de alegria
 Se desvela Coimbra; mas no peito
 Do novo grande Rey nada podia
 Interromper do zêlo o nobre effeito:
 O bravo coração lhe não soffria
 Viver em ocio alegre, e sem respeito
 A's coortezes lisonjas dos amigos,
 Deixa Coimbra, e busca os inimigos.

XXXI.

Persistião no Réyno alguns Lugares,
 Que o partido de Hespanha sustentavaõ,
 E no meyo das furias militares
 A confusão da Patria accrescentavaõ;
 Na Provincia do Minho mais vulgares
 Estes feros empenhos se observavaõ,
 E nas mesmas Cidades mais famosas
 Se notavaõ conductas tão damnosas.

Hu-

XXXII.

Huma destas he Braga, Braga Augusta,
 Taõ famosa nos factos Lusitanos,
 Em quem iguaes trofeos a fama ajusta
 De successos Sagrados, e profanos;
 Braga, cuja memoria o Porto assusta,
 Que fez hum tempo a gloria dos Romanos,
 Que regulou da Igreja os ritos puros
 No dominio dos barbaros mais duros.

XXXIII.

E vendo o novo Rey, que tal Cidade
 Se escuzava do zelo, que devia
 A' Luza gloria, á patria liberdade,
 A' fama antiga, e propria valentia,
 Querendo reprimir com brevidade
 Os exemplos da triste rebeldia,
 Passa do Douro a rapida corrente,
 E fáz juntar no Porto a Marcia gente.

XXXIV.

Sobre Braga destina o golpe irado
 O bellicoso Rey; mas suspendido
 Foi por novo successo, que empenhado,
 Deixou o seu valdr sempre advertido;
 Por secretos avisos incitado
 A tomar Guimaraens vai sem ruido,
 Guimaraens Povo antigo, e glorioso,
 Do Trono Portuguez berço ditado.

Com-

XXXV.

Commandava na Villa por Castella
 Ayres Gomes da Silva, hum Cavalleiro
 De Sangue Portuguez, e da mais bella
 Nobreza deste Reyno, a quem primeiro
 Servio em guerra, e páz; mas que atropello
 Agora o Patrio zelo, ou lisonjeiro
 A Castelhana esposa, ou porque entende
 Ser mais segura a causa, que defende.

XXXVI.

Este vendo, que alguns dos moradores
 Conservavab no peito sem mudança,
 Os affectos dos seus antecessores,
 Pela gloria do Estado; que a lembrança
 Dos antigos Monarchas, e Senhores
 Inspirava no Povo a confiança
 De aplaudir as virtudes, e justiça
 Do novo Rey, que graças desperdiga.

XXXVII.

Sabendo, que Carvalho hum dos honrados
 Habitantes da Villa, e que contava
 Grande copia de amigos, e criados,
 Que hum franco proceder lhe grangeava,
 De huns, e de outros, sem causa congregados
 Em passeyos talvez se acompanhava,
 Lhe ordenou, que da Villa se ausentasse,
 Ou sem sequito nella se ostentasse.

Des-

XXXVIII.

Desgostou-se Carvalho, e cobriçofo
 De vingar-se, e servir á Patria chára
 Com cautela, e disfarce artificiofo,
 A mudar de Governo se prepara;
 É disposto o projecto indústrioso
 Com o novo Monarcha se declara,
 Promettendo da Villa a porta aberta
 Para dia ajustado, e hora certa.

XXXIX.

Com este aviso patte sem demora
 Do Porto o novo Rey, e justamente,
 Quando as trevas rompia a luz da Aurora,
 Sobre a Villa se mostra diligente;
 Esperava Carvalho o dia, e hora
 Com desvelos de zelo impaciente,
 Tendo aberta huma porta, e por cautela
 Alguns amigos seus naõ longe della.

XL.

Estes, tanto que dellas foi sabida
 A chegada do Rey, com maõ armada
 Se lançaõ sobre a guarda, que rendida
 Se vio no mesmo tempo, que atacada;
 Porque sendo por elles sorprendida,
 Estando de tal caso descuidada,
 Primeiro se vio presa, que podesse
 Reconhecer o damno, que padece.

XLI.

Ganhada a porta, a gente bellicosa
Se mostra sem disfarce, e discorrendo
Pelas ruas visinhas furiosa,
Mil estragos, e damnos vai fazendo;
A guarnição confusa, e temerosa
Se atropella fugindo, não sabendo
Inda bem de que foge, e finalmente
Entra sem resistencia o Rey potente;

XLII.

Mas quando já completa, e bem lograda
A ditosa interpreza se entendia;
E na fé da victoria descansada
A vencedora Tropa se aplaudia;
Pelas casas desertas espalhada,
Onde a preza cedida recolhia,
Tordesmos Valente Castelhana
Intenta refarcir o grave damno.

XLIII.

Armado de armas fortes se apresenta
Na boca de huma rua, onde procura
Fazer formar a gente, que afujenta
Do ferro Portuguez a força dura,
E tanto brio, tanto zêlo ostenta,
Que infundido valôr na gente efeura,
Não só suspende o curso da victoria;
Mas ameaça ofusado a Lusa gloria.

XLIV.

E lograra talvez os seus intentos,
 Supposta a distracção dos vencedores,
 Que esquecidos dos nobres sentimentos,
 Se empregavam do roubo nos horrores,
 Se Rodrigues Varão de pensamentos
 Alheios de cobiça, e dos melhores
 Cavalleiros d'El-Rey, não acudira
 A'quella parte, e os passos lhe impedira:

XLV.

Mas vendo o bom Rodrigues a arrogante
 Soberba do Hespanhol, e commovido
 De hum impulso de gloria mais brilhante,
 Ou de cega paixão enfurecido,
 Com gesto bravo, com feróz serablante
 Elle só de armas ricas guarnecido,
 Domando de hum ginete o féro alento,
 Lhe vai frustrar o nobre pensamento:

XLVI.

Porque a bótes de lança furiosos,
 Abatendo, ferindo, e destróçando
 Quantos contrarios vê mais orgulhosos;
 Foi o passo das ruas franqueando,
 E dos ecos dos golpes ruidosos
 Chamado o grande Rey vaõ fulminando
 Ambos juntos taes mortês, e feridas,
 Que saõ poucos despojos tantas vidas.

Acode

XLVII.

Acode o Commandante acompanhado.
 De toda a guarnição ; mas aproveita
 Pouco todo o valôr, todo o cuidado
 Contra a furia do Rey, que não respeita
 Nem armas, nem perigos, indignado
 Da forte resistencia, e que sujeita
 A Villa finalmente, que lhe cede
 Sylva, e para Castella se despede,

XLVIII.

A noticia da grande novidade
 Amotina de Braga os moradores ;
 Toma as armas a gente da Cidade ;
 E com vozes confusas, e clamores,
 Gritando *Portugal, e Liberdade*
 Ataca a guarnição, que entre os horrores ;
 De hum susto repentino com desvelo
 Póde apenas salvar-se no Castello.

XLIX.

E sendo sem demora o Réy sciente
 Por aviso do caso succedido,
 E chamado do Povo impaciente,
 A tomar o Castello defendido,
 Manda Nuno com marcha diligente,
 A sustentar dos Lusos o partido,
 Em quanto se dispõem com mais prudencia
 A render do Castello a resistencia.

Dd

Po-

L.

Porém o grande Nuno, a quem parece
 Facil qualquer empreza trabalhosa,
 E que sempre nas armas reconhece
 Favoravel a sorte duvidosa,
 Entendendo que o caso não merece
 Taõ grande prevençãõ, com venturosa
 Oufadia combate a fortaleza
 Do Castello, que rende com presteza.

LI.

E sabido do Rêy o bom successo
 Dos empenhos de Nuno, e que a fortuna
 Se mostrava, das armas no progresso,
 A conquista das Praças oportuna,
 Vendo que da presteza o vivo excesso
 He das grandes emprezas a columna,
 Sem mais perda de tempo a gente anima
 Para reivindicar Ponte de Lima.

LII.

Era Lira da Praça Commandante
 Cavalleiro valente, e respeitado
 Por seu sangue, e valor, mas arrogante
 Por genio, e por costume; apaixonado
 Partidario de Hespanha, e taõ constante
 Na sua opiniaõ, que arrebatado
 De hum excesso de zêlo reputava
 Por infiel, quem de outra se ptezava.

LIII.

E foi nelle tão forte este conceito ;
 Que a pensar de branduras ; e rigores ;
 Nem fez nelle o perigo algum effeito ;
 Nem promessas de graças ; e favores ;
 Firme , duro ; obstinado ; e sem respeito
 A' fortuna ; e poder dos vencedores ,
 Só depois de abraçada a Fortaleza ,
 Cedeo em fim das chamas á braveza.

LIV.

Mas em tanto ; que o Rey com mão armada ;
 A Provincia do Minho submettia
 A' sua dependencia , e restaurada
 A gloria Nacional nella se via ;
 A Provincia da Beira ; devastada
 Pelas armas de Hespanha ; padecia
 Graves danos , e perdas importantes
 Nas pessoas , e bens dos habitantes.

LV.

A Discordia cruel se introduzira
 Nos corações de Cunha ; e de Coutinho
 Capitaens da Provincia , em quem respira
 Igual emulação ; sem que o vizinho
 Perigo os concilie , ou que perira
 Algum deles , da gloria no caminho ,
 O serviço da Patria ameaçada
 A' propria estimacão mal regulada.

LVI.

Desta sorte sem fúro, nem perigo
 De alguma opposição, ou resistência,
 A fereza, e cobiça do inimigo
 Augmentava os excessos da insolencia;
 Mas Pacheco Varas de sangue antigo,
 De honra sublime, e solida prudencia,
 Em quem da Patria o zelo mais se accende
 Impedir tanto damno em fim pertende.

LVII.

Governava Ferreira, mas não tinha
 Na fraca guarnição daquella Praça,
 O bom Pacheco a gente, que convinha
 Para desvanecer tanta desgraça;
 E sabendo que o damno se avizinha,
 E que o justo remedio se embarça
 Na cega competencia, que alimenta
 Dos dois queixosos a paixão violenta.

LVIII.

Com ambos igualmente se interessa
 A fim de concorda-los; mas duvida
 Qualquer dos dois ceder, sem que haja expressa
 Satisfação da queixa pretendida;
 E vendo, que a paixão feróz não cessa
 De offuscar da razão a luz perdida,
 A Cunha menos duro, ou mais prudente,
 Assim fallou deliberadamente.

Se

LIX.

Se o publico interesse, se o cuidado
 Da patria Liberdade, e se o receyo
 Da ruina total do Lusó Estado
 He dos vossos desvelos taõ atheyo,
 Se hum cego pundonor, se hum triste casado,
 Huma torpe ambiçaõ, e hum zêlo feyo
 Da propria utilidade he só bastante
 A reger vosso espirito arrogante.

LX.

Pelo menos a vossa propria gloria,
 A vossa opiniaõ, e o luzimento
 Desse brio, que tanto na memoria
 Se horroriza de hum leve soffrimento,
 Vos sirva de incentivo em taõ notoria
 Lastimosa occasiaõ de abatimento;
 E já que o patrio amor vos naõ inflamma,
 Sirva o vosso valor á vossa fama.

LXI.

Os insultos cruéis, e feros damnos,
 Que a Provincia padece á vossa vista,
 Na soberba invasaõ dos Castelhanos,
 Sem que alguem se lhe opponha, ou lhe resista,
 A pesar da begueira, e dos enganos
 Dessa altiveza vã, que vos ma'quista,
 Saõ mancha essencial da dignidade
 Do vosso nome, e vossa qualidade.

Ini-

LXII.

Inimigos, e amigos igualmente
 Accusará a vossa paciencia
 De cobarde temor, ou de indecente,
 Suspeitosa, culpavel, negligencia;
 E qualquer das suspeitas tristemente,
 Basta para deixar em contingencia,
 Para sempre das gentes na memoria,
 Vossa fé, vossó alento, e vossa gloria.

LXIII.

Ambos vós igualmente interessados
 Sois no caso presente, igual injuria
 Vos resulta dos damnos tolerados,
 Por falta de valor, ou por incuria;
 E se hum sómente os meynos adequados
 Não tem para abater do risco a furia,
 Aquelle, que se escusa em tal conflicto,
 Inculca claramente o seu delicto.

LXIV.

Se entre vós, e Coutinho algum motivo
 Há de queixa, desgosto, ou rompimento,
 Tempo resta a vingar; que hum peito altivo
 Não perde tão depressa o sentimento:
 Mas não sirva a vingança de incentivo
 A' vileza de hum torpe abatimento,
 Que igualmente nos dois deixa manchada
 A fama do valór, e fé sagrada.

Assim

LXV.

Affim fallou Pacheco, e convencido
O nobre Cunha das razoens forçofas,
Ou da propria virtude commovido,
Para abraçar idéas generofas,
Altamente protesta, que esquecido
Das passadas queftoens escrupulofas,
Se ajuntará com toda a sua gente
A Coutinho, se disso for contents.

LXVI.

E suppondo Pacheco mais tractavel
A Coutinho, depois desta certeza,
Novamente com zelo incomparavel,
Intenta convencer sua dureza;
Mas a cega vaidade inexoravel
A's vozes da razaõ, e da nobreza,
Se obtina aos escrupulos altivos,
Que protesta com frivolos motivos.

LXVII.

Entre elles vê Pacheco claramente
A causa principal da repugnancia,
Procedida de hum fusto impertinente
Sobre huma melindrosa circumstancia;
Receaya Coutinho justamente
Ser mandado por Cunha, e na arrogancia
Do seu genio feróz, estes receyos
Frustravaõ da uniaõ todos os meyos.

Mas

LXVIII.

Mas informado Cunha do embarço,
 Que impede a conclusã deste concerto,
 E que suspende totalmente o passo
 A's providencias de tão grave aperto,
 Depois de reflectir hum breve espaço
 Nos effeitos daquelle descerto,
 Assim falla a Pacheco desgozoso
 De ver frustrado o zelo generoso.

LXIX.

Vós sabeis a ventagem conhecida,
 Que em Soldados, amigos, e parentes
 Tenho sobre Coutinho, e nem duvida
 Elle mesmo de abonos tão patentes;
 Mas se a sua ambição mal dirigida
 Só se agrada das honras apparentes
 De Chefe principal; eu me sujeito
 Pela Patria a zeder-lhe o meu direito.

LXX.

Com tanto que se logre o grande intento,
 De salvar a Provincia, eu não procuro
 Outra gloria, nem tenho sentimento
 De perder essas honras; bem seguro
 De não ser menos nobre o pensamento,
 Que me leva a servir Soldado escuro
 No perigo commum, do que a grandeza,
 A que aspira Coutinho nessa empreza.

Assim

LXXI.

Assim disse o bom Cunha, e dissipada
 A disputa fatal, sem mais demora
 Se dispõem cada qual com maõ armada
 Para a viangaça, que a Provincia implora ;
 Porque a Tropa inimiga confiada
 Nas tristes dissengoens, que nãõ ignora,
 Assolada Vizeu, se recolhiu
 Acompanhando a preza, que trazia.

LXXII.

E sem susto de alguma resistencia,
 Pela estrada marchava de Trancozo,
 Augmentando os estragos da violencia
 Com sacrilegios de hum horror pasmoso ;
 Mas dos Lufos Varoens a diligencia,
 Animada do zelo glorioso,
 Meya legoa da Villa lhe prepara
 O justo premio da impiedade avara.

LXXIII.

Porque unidos os fortes Cavalheiros
 Com todos seus amigos, e parentes,
 Alguns poucos Soldades, mas guerreiros ;
 Alguns pobres paizanos, mas valentes,
 Os contrarios atacaõ taõ ligeiros,
 Taõ ferozes, taõ vivos, taõ ardentes,
 Que de hum prompto combate nos horrores
 Saõ mais os mortos, do que os vencedores.

Quasi

426 A LIBERDADE.

LXXIV.

Quasi não resta quem dos feros damnos
Vá dar parte a Castella; taõ notoria
Foi a perda fatal dos Castelhanos,
Taõ completa dos Lusos a victoria;
Apenas de ameaços taõ tyranos
Os despójos ficáraõ por memoria
Dos terriveis horrores do perigo,
E dos bravos effeitos do castigo.

LXXV.

Mas já do Rey tyrano a permanente
Obstinada ambiçaõ, mal reprimida
Nas passadas desgraças, novamente
De numerosas Tropas prevenida
Nas fronteiras se mostra; cegamente
Contra a Lusa constancia enfurecida,
Ameaçando estragos mais funestos
Com signaes, de rigor mais manifestos.

LXXVI.

Havia convocado á guerra injusta
O fero Rey, não só dos seus Estados
A melhor Tropa, a gente mais robusta,
Mas hum grande soccorro de Alliados;
Assim debaixo da bandeira angusta
Da soberba Castella congregados
Varoens se viaõ de alta confiança,
Não só de Hespanha tola, mas de França.

AU

LXXVII.

Allí entre os primeiros se mostrava
 O Marquês de Vilhena commandando
 A gente de Castella, em quem durava
 O vivo affecto á prole de Fernando :
 Oito mil combatentes animava
 De notorio valôr, acreditando
 No zêlo, e promptidaõ a fama nobre,
 Que a vaidosa arrogancia não lhe encobre:

LXXVIII.

Junto deste Toledo apparecia,
 Esperança segunda de Castella,
 Que o seu nome da Patria deduzia,
 E da Patria a lisonja era mais bella;
 Sinco mil Castelhanos conduzia
 Do Toletano Reyno, e se desvela
 Em mostrar, que não he Castella-Nova
 Menos forte, que a Velha a toda a prova:

LXXIX.

Depois destes se vêm os Leonezes,
 Precursorês primeiros do castigo.
 Da Mauritana gente, a quem mil vezes
 Rendêraõ com valor em tempo antigo :
 Mil Soldados contavaõ sinco vezes,
 Homens bravos, sem susto do perigo,
 Á quem o forte Sandoval mandava,
 Que em forças corporaes se avantajava,

Logo

LXXX.

Logo depois se vêm os habitantes
 De Vandália, Paiz sempre fecundo
 Em cavallos ligeiros, e arrogantes
 Conhecidos por bons em todo o Mundo;
 Eraõ seis vezes mil Varoens constantes
 De valôr grande, de saber profundo
 No militar officio, a quem regia
 Arelhano, que a terra já sabia.

LXXXI.

Com estes vem os claros moradores
 Da Patria do bom Canio, taõ famosa
 Pelas duas columnas, que louvores
 Saõ da fama de Alcides gloriosa;
 Oito centos se contaõ, soffredores
 Do trabalho, e fadiga rigorosa,
 Taõ expertos no mar, como na terra,
 Dêstros para o commercio, e para a guerra.

LXXXII.

Depois destes marchava a fêra gente
 De Cantabria, que rege Maldonado,
 Gente ferôz, de genio impaciente
 Com braço a duro ferro costumado,
 Seis mil Soldados saõ Tropa valente,
 Que de obras mais, que vozes tem cuidado;
 Com quem de Guipuscoa, e das Asturias,
 Vem os Povos provar de Marte as furias.

Pou-

LXXXIII.

Pouco depois Sarmento se diviza
 Conduzindo tres mil, e setecentos
 Habitantes do Reyno de Galiza,
 Terra de homens grosseiros, e avarentos;
 Terra que só na fama se eterniza
 Dos illustres antigos monumentos,
 Que a tradiçãõ conserva, sem estrago
 Das reliquias do Grande Santiago.

LXXXIV.

Alem destes, naõ poucos Cavalleiros
 De Catalunha, de Aragaõ, e França,
 Em quantidade só d'aventureiros
 Augmentavaõ do Campo a segurança;
 De Ric hum bom Francêz, e dos guerreiros
 De mais fama, mais alta confiança,
 Era seu Capitaõ, e delles conta
 Mil Estrangeiros, gente ousada, e prompta.

LXXXV.

Nem faltaõ Portuguezes, que esquecidos
 Do zêlo Nacional, da gloria clara
 Do nome Portuguez, e dos luzidos
 Troféos, que a fama antiga consagrara,
 Por errados principios conduzidos,
 De affectos varios, de cobiça avara,
 Contra a Patria se ostentaõ furiosos,
 Obstinaõs, ingratos, e orgulhosos.

Tacs

LXXXVI.

Taes sab os dois Pereyras, indecêntes
 Irmãos do grande Nuno; os mal seguros
 Azevedos, e Castros; os ardentes
 Botelhos, e Ataides; os perjuros
 Porcalho com Douzel, os descontentes
 Oliveiras, e outros mais escuros,
 Que por seu Capitão reconheciao
 O Conde de Barcellos, que seguiao.

LXXXVII.

Desta gente, e de alguma menos forte,
 Mas em numero grande acompanhado
 O Rey feróz, tentar de novo a forte
 Das armas determina, aconselhado
 Da raiva, e da ambição, que estrago, e morte
 Annunciaõ em todo o Luso Estado,
 A quantos a favor da Liberdade
 Ostentavaõ do zelo a dignidade.

LXXXVIII.

Affim vai pela Beira devastando
 Campos, Cidades, Villas, e Lugares;
 Da natureza as leys sacrificando
 A' licença das furias militares;
 E da Beira os limites franqueando,
 A pesar dos clamores populares,
 Já do estrago tyraõ a frente dura
 Na Provincia se vê da Estremadura.

Mas

LXXXIX.

Mas o Rey Portuguez, que não conhece
 Nem fusto, nem fadiga, e que procura
 Mostrar qué desempenha, e que merece
 A distincção da Regia Investidura,
 Mais ligeiro, qué o rayo quando desce
 Precipitado da officina escura,
 Desde as margens do Lima vem voando
 A's do Tejo, o remedio anticipando.

XC.

E chegado de Abrantes á campina,
 Onde os seus Capitaens juntar mandára,
 Alli passar revista determina
 A' gente, que a servi-lo se prepara;
 O bom Nuno, que já se denotava
 Condestavel, e sempre se mostrava
 O mais fiel, conduz tres mil soldados
 A vencer Castellhanos coltumados.

XCI.

De outros tantos o Rey se acompanhava;
 Gente forte, fiel, e bellicosa,
 Que animada, e disposta se mostrava
 Para qualquer empreza duvidosa;
 Gente escolhida, gente que se'ava
 Do proprio nome a fama já lustrosa,
 Gente que alista o zêlo, o amor, o brio,
 Em quem não tem poder o medo frio.

Outros

XCII.

Outros dois mil conduz o forte Almade ;
Soldados novos , feros , e arrogantes ,
Que em defenſa da Patria ameaçada
Das Provincias concorrem mais diſtantes ;
Quaes da ferra da Lua celebrada ,
Quaes dos montes Hermiaios habitantes ,
Quaes das margens do Tejo , qual viſinho
Do Douro , do Sabor , Mondego , e Minho.

XCIII.

Mil conduz Vaſconcellos , eſcolhidos
Dos mais altos , mais bravos Cavalleiros ,
Que de viſtoſas armas guarnecidos ,
Em qualidade vem de aventureiros :
Todos ſab por façanhas conhecidos
Entre a turba famoſa dos guerreiros ,
E das Damas no culto taõ verſados ,
Que a tropa ſe chamou dos namorados.

XCIV.

Deſtes muitos com raro attevimento
Arrogantes promeſſas conſagraraõ
A' fama do ſeu nome , e o cumprimento
Com temerarios votos abonaraõ :
Algumas diſſipou o leve vento ,
Mas outras com rigor ſe executaraõ ,
Sendo do nobre Mello a mais famoſa ,
Poſto que foſſe menos venturoſa.

Era

XCV.

Era Mello mancebo bem disposto,
 De idade juvenil, de genio vivo,
 De elegante estatura, alegre rosto,
 De força não vulgar, de peito altivo;
 Seguia por amor, por zelo, e gosto
 O novo Rey, servindo de incentivo
 A' força natural dos seus ardores
 A memoria dos seus antecessores,

XCVI.

E cego da paixão; ou mal guiado
 Dos impulsos da propria confiança,
 Prender o Rei contrario vota ousado;
 Ou fazer-lhe provar a dura lança:
 O successo pendia só do fado,
 Que tanto a força humana não alcança;
 Porém Mello julgava, que podia
 No Campo executar quanto emprendia.

XCVII.

O Lusó Rey sabendo que chegava
 A Leiria o soberbo Castelhana,
 E que sobre Lisboa destinava
 O mais funesto, mais horrivel damno,
 Como provar no Campo desejava
 Da volúvel fortuna o desengano,
 De Abrantes sobre Ourém volta ligeiro,
 E pela estrada marcha em tom guerreiro.

Eé Dias

XCVIII.

Duas leguas distante de Leiria
 O campo Portuguez em fim se assenta,
 E nas mostras de gozho, e de alegria,
 Da victoria o presagio a gente ostenta:
 Capitaens, e Soldados á porfia
 Estimula o valor, o zelo alenta,
 E cada qual nas mostras da arrogancia,
 Abona de alvoroço a circumstancia.

XCIX.

Mas quando com mais zêlo, e diligencia
 Se dispunha do campo a formatura;
 E das tendas com sabia providencia
 Se ordenava a singella architectura;
 Hum pequeno successo, que apparencia
 De notavel fô tem na conjunctura
 Dos acafos, de novo a confiança
 Accrescenta do povo na esperanza.

C.

Hum Gamo dê grandeza extraordinaria
 Se levanta no meyo dos guerreiros,
 E com leve carreira incerta, e varia,
 A' palastra convida os Cavalleiros;
 Seguem muitos com furia temeraria
 Do veloz animal os pés ligeiros;
 Mas elle á Regia tenda em fim se atreve,
 Onde a vida rendeo a golpe breve.

CI.

A turba popular sempre disposta
 A contemplar successos portentosos,
 Os casos naturaes; e que só gosta
 De ideas vans, conceitos espantosos,
 Crê que a sorte figura a gente opposta
 No rendido animal, e que os ditos
 Progressos do Rey Luso annunciados,
 Com este caso, estab dos altos fados.

CII.

Com este van conceito se acrescenta
 O natural ardor da tropa forte,
 A quem o fanatismo representa
 Já certa da victoria a clara sorte:
 Qual de vencer sómente se contenta
 O Castelhano Rey, quasi dar-lhe a morte;
 Ou prende-lo imagina; mas notoria
 He na mente de todos a victoria.

CIII.

Neste tempo se deixab ver distantes;
 Mas claramente as armas Castelhanas;
 Com que de novo os peitos arrogantes
 Se alvoroçab das tropas Lusitanas:
 O grande Rey, que effeitos importantes
 Sabe titar das cousas mais insanas,
 Em quante o fanatismo o povo agita,
 Assim lhe falla, assim os felicita.

A

Ee 2

Valen-

CIV.

Valentes Portuguezes, companheiros
 Da minha sorte, dignos camaradas
 Dos meus trabalhos, filhos verdadeiros
 Da Patria, que em disputas desgraçadas,
 Entre a torpe ambição dos Estrangeiros,
 E paixões nacionaes interessadas,
 Só em vós, só na vossa heroicidade
 Acha o zêlo da antiga liberdade.

CV.

Vós me elegestes Rey, por vosso amparo
 Sacrifico o meu sangue, a vós compete
 Ajudar-me a romper o laço avaro,
 Que a soberba Castilla nos promette:
 O dia em fim chegou, que o Ceo preclaro
 O destino da Patria nós commette;
 Do nosso braço pende a fatal sorte
 Da doce liberdade, ou grilhaõ forte.

CVI.

A grande multidão dos inimigos
 Nos não deve causar espanto, ou susto,
 Pois já mais desde os tempos mais antigos
 Triunfou Portugal a pouco custo:
 A vantagem mais certa nos perigos,
 Da força só provém de hum pleito justo;
 Nós vamos defender a propria terra,
 Elles vem-lhe fazer injusta guerra.

CVII.

Eu não quero de vós mais sacrificio,
Que o mesmo, que eu preparo á gloria pura
Do nome Portuguez, em beneficio
Da patria liberdade mal segura;
Todos vós já das armas no exercicio
Tendes usada ao ferro a dextra dura,
Todos bravos, e fortes vos contemplo,
Mas siga cadaqual o meu exemplo.

CVIII.

Diffe; e logo por todos os soldados;
Hum pequeno susurro precedendo,
Respondido lhe foi com altos brados,
Que se morresse, a Patria defendendo;
E sem perder instante, os alentados
Alvorocos da tropa conhecendo,
Faz signal de investir o Rey valente,
E conduz á batalha a brava gente.

CIX.

Ouvio naquella dia, a vez primeira,
Portugal, entre assombros temerosos,
Do falitrado enxofre a voz grosseira,
Do metal duro os ecos pavorosos;
Espanto fez á gente mais guerreira
Ver em novos inventos bellicosos,
Os trovões no ruido copiados,
Nos effeitos os rayos imitados.

Mas

CX.

Mas a pesar do espanto, e dos perigos,
 A pesar das vantagens excessivas
 Do numero mayor dos inimigos,
 As Lusos Quinas voab vingativas;
 Já mais se ouvirab nos annos antigos
 Das Campanhas de Troya, ou nas esquivas
 Guerras do Lacio, golpes mais valentes,
 Que os das lanças dos Lusos combatentes.

CXI.

Mais de mil Cavalleiros derribados
 Pelo campo rodando, vaõ feridos,
 Outros tantos cavallos desbocados
 Sem dono vaõ fugindo confundidos;
 Peitos abertos, rostos mutilados,
 Pernas quebradas, braços divididos
 Se vêm, com triste horror por toda a parte,
 Sacrificio cruel do duro Marte.

CXII.

O grande Nuno, Achilles Lusitano,
 Que na frente da Tropa se mostrava
 Mais faminto do sangue Castelhana,
 Ou mais cheyo do zelo, que inculcava;
 O destrôço, a ruina, o estrago, e o damno
 De seu braço pudentes ostentava;
 Onde quer que a fortuna o conduzia,
 Ou que a dura vingança o compellia.

Da

CXIII.

Da sella faz voar tres Cavalleiros,
 Antes que a lança rompa, e fulminando
 A coruscante espada, oito guerreiros
 A seus pés prostra, as vidas exalando;
 E com golpes pesados, e ligeiros
 O terrivel caminho franqueando,
 Por entre os esquadroens dos inimigos
 Vai semeando mortes, e castigos.

CXIV.

Na direita do Campo se descobre
 Vasconcellos, naõ menos valoroso,
 Que animado de ardor naõ menos nobre,
 Igualmente se mostra furioso;
 E desprezando altivo o peito pobre
 Dos Soldados do vulgo temeroso,
 Os Capitaens mais claros só procura,
 Em quem prova impaciente a força dura.

CXL.

A's suas meons as vidas entregáraõ
 Oropeza, Marzuelto, e Mondoneo,
 E mal feridos dellas escapáraõ
 Salvières, Servantes, e Toledo;
 Nem contra o seu furor aproveitáraõ
 As vaidades do bravo Reboledo,
 Que ousando provocar o Varã forte,
 De hum golpe recebeo a triste morte.

Pela

CXVI.

Pela esquerda se mostra o nobre Almada,
 Iguaes brios, e forças ostentando,
 Com a voz, com a lança, e com a espada
 Os bisonhos mancebos animando;
 A seus pés mal ferido cahe Lozada,
 Salazar, Escovar, e Vilalpando;
 E sem susto, ou temor, se arroja ardente
 Por entre as armas da contraria gente.

CXVII.

Accende-se a peléja, e confundidos
 Se ouvem por toda a parte entre a poeira
 Golpes, clamores, gritos, e gemidos,
 Do triste Averno copia verdadeira:
 Huns mortos sobre a terra, outros feridos;
 Aqui hum elmo, alli huma bandeira,
 Além rôtas se vêm insignias varias,
 Divisas vaas, empezas temerarias.

CXVIII.

Aqui cedem as armas Castelhanas
 A' furia das feridas, alli cedem
 A' vantagem da gente as Lusitanas,
 Que os empenhos do brio mal impedem;
 Ora cresce o temor, ora as ufanas
 Esperanças da gloria lhe succedem,
 E se alternaõ com lances repetidos
 A esperança, e temor nos dois partidos.

Nas

CXIX.

Nas partes onde anima, e fortalece
 A presença dos Reys os seus Soldados,
 Cada qual a vantagem reconhece,
 A petar dos contrarios esforçados;
 Mas o Chefe dos Lusos, que escurece
 Em valór os presentes, e passados,
 Com mais altas açoens se solemniza,
 E nos écos da fama se eterniza.

CXX.

Elle mesmo combate os mais famosos,
 Mais bravos Capitaens, e Cavalleiros,
 E do seu ferro os golpes furiosos,
 Saõ os sustos maiores dos guerreiros;
 Elle ensina com passos valorosos
 Os caminhos da gloria verdadeiros,
 Elle abate, destróça, fere, e mata,
 Desconcerta, arruina, e desbarata.

CXXI.

Qual na secca estaçã do Estio ardente
 O dèstro segador com mãõ robusta
 Abate da seara a loura frente,
 A que o curvo instrumento attento ajusta;
 Tal no Campo Mavorcio o Rey valente,
 A quem, perigo algum já mais affusta,
 Com dura mãõ cabeças inimigas
 Abate, e corta com crueis fadigas.

Guti-

CXXII.

Gutierrez, com Mendocça o fero alente
 Quasi juntos renderão ; cahê ferido.
 De hum furioso golpe o bom Sarmento,
 A quem segue Godoi moço atrevido ;
 Nem teve melhor fórte o bravo intento
 De Manrique, que havendo pertendido
 Ferir a fórte Rey, de hum golpe oufado
 Foi por elle com morte castigado.

CXXIII.

Tovar, Hortiz, Gonzales, e Bertando,
 Valasques, e outros mais, de quem o duro
 Longo tempo as memorias devorando,
 Deixou na luz da fama, o nome escuro :
 Por seu braço rendidos vão deixando
 Nesta parte o caminho mais seguro.
 A' victoria, que já do Rey valente
 Com verde rama adorna a clara frente.

CXXIV.

Mas onde o grande Nuno combatia,
 Muito diversa a forte se mostrara ;
 Porque a fama da sua valentia
 Allí mais inimigos ajuntára ;
 O Rey contrario allí com mais pórta
 Os mais fórtes guerreiros convocára,
 E com sua presença havia posto
 O grande Nuno em risco de desgosto.

Com

CXXV.

Com este aviso o Rey dos Lusitanos
 Corre prompto a salvar o charo amigo,
 Sacrificando os louros mais ufanos
 A' gostosa esperança do castigo;
 Allí de novo os odios mais tyranos,
 Os mais certos horrores do perigo,
 A raiva, a furia, os damnos, e feridas
 Se repetem com furias mais crescidas.

CXXVI.

Castelhanos, e Lufos tristemente
 Huns sobre outros em montes vão cahindo;
 Os Reys ambos em fórma competente,
 A braveza nos seus vão influindo;
 Mas do Luso Monarca a mão potente,
 Donde os golpes mortaes partem rugindo;
 Tantas mortes fulmina, em breve espaço,
 Que rompe da porfia o cego laço.

CXXVII.

Alli perdem as vidas mal logradas
 Os mais altos, mais bravos Cavalleiros,
 Que de Castella as armas desgraçadas
 Neste dia seguirão lisofneiros;
 E vendo o Rey de Hespanha já prostradas
 As forças principaes dos companheiros,
 Por salvar sua vida as costas volta,
 E se ausenta fugindo á redea solta.

Porém

CXXVIII.

Porém o bravo Mello , que intentava
 Cumprir o grande voto , que fizera ;
 E para o triste Rey se avizinhava
 Sobpefando na mão a lança fera ;
 Vendo como do Campo se apartava
 Com marcha mais veloz , do que quizera ;
 Ardendo em chamas vivas de honra illustre ;
 Quer que a nobre promessa se não frustrre.

CXXIX.

Sobre hum bruto ligeiro , que regia
 Atravessando o Campo dos contrarios ,
 Elle só huns matava , outros feria ,
 Dando golpes cruéis , e temerarios ;
 Mil feridas , passando , recebia ,
 Mil estorvos achava , e risços varios ;
 Mas elle firme sempre em seu projecto ,
 A morte só do Rey tem por objecto.

CXXX.

Athé que em fim chegando , onde apressado
 Fugia o triste Rey da certa morte ,
 De infinitos dos seus acompanhado ,
 Que escapáraõ das iras de Mavorte ;
 Sendo Mello por todos rodeado ,
 A pesar do valor do braço forte ;
 Entre espantos da turba espavorida ,
 Cançado de matar , perdeo a vida.

Ditoso

CXXXI.

Ditoso, se da fama nos altares,
Póde ser sacrificio de algum vulto,
Entre o fumo de encensos não vulgares;
Do meu pletro sincero o puro culto:
Por elle entre os arrojios militares,
Gozará Mello de immortal o indulto,
E lhe será talvez de alguma gloria
Dever ao próprio sangue esta memoria.

CXXXII.

Em tanto Sandoval com bravo alento
Sustentava a batalha duvidosa,
Animando com digno atrevimento
Os empenhos da gente temerosa;
Mas levado do louco pensamento
De querer com disputa ambiciosa
Oppor-se ao Luso Rey, de hum golpe duro;
A clara vida entrega ao sono escuro.

CXXXIII.

Com sua morte, e sendo geralmente
A fugida do triste Rey notoria,
Se desanima a Tropa, e claramente
Favorece a fortuna a Lusa gloria;
O campo larga em fim a estranha gente,
Vence o Rey Lusitano; e esta victoria
Lhe confirmou a Regia dignidade,
E deu a Portugal a Liberdade.

F I M.

O Autor deste Poema, dezejanido que elle não padecesse muita alteraçãõ na imprensa, escolheo a da Universidade de Coimbra para poder assistir pessoalmente á impressãõ, e poz todo o cuidado para evitar-lhe os erros; mas elle se não lifongea de conseguir o seu dezejo: Os descuidos sãõ quazi inevitaveis em huma composiçãõ dilatada, a pesar de todo o desvelo dos officiaes, e de quem revê o seu trabalho; e a incoherencia da Orthografia Portugueza he hum embaraço terrivel. A Officina da Universidade tem adoptado a do Madureyra, e foi perciso acomodar a ella, não obstante a sua inconsequencia, e a impertinente multiplicidade de letras insignificantes de que usa: Os feitores sabios desculpem este irremediavel defeito, e supraõ os outros com as luzes da sua intelligencia.

58594305

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

...

•